This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

**Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

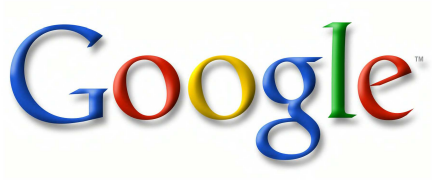
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

**About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

**Diretrizes de uso**

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

**Sobre a Pesquisa de Livros do Google**

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 3 9015 00390 616 4
University of Michigan - BUHR

Brazil

# O Brazil Mental

# LIVRARIA CHARDRON, de
# Lello & Irmão—PORTO

(CASA FUNDADA EM 1868)

Premiada nas Exposições de Paris de 1878, 1889 e 1900, com 2 **GRANDS PRIX** na Exposição do Rio de Janeiro de 1908 e com o grande diploma de honra na Exposição da Imprensa em Lisboa.

**Editora das obras de:**

Eça de Queiroz, Camillo Castello Branco, Coelho Netto, Theophilo Braga, Sylvio Romero, Guerra Junqueiro, Bazilio Telles, Euclydes da Cunha, Abel Botelho, José Sampaio (Bruno), João do Rio, João Grave, José Caldas, Julio Brandão, Garcia Redondo, Thomaz Lopes, Luiz Murat, Bento Carqueja, Pinto da Rocha, Alcides Maia, Anthero de Quental, Carmen Dolores, Alfredo Pimenta, Teixeira Bastos, Rocha Peixoto, Thomaz Ribeiro, Padre Antonio Vieira, Padre Manoel Bernardes, Flaubert, Shakespeare, Renan, Strauss, Haeckel, Buchner, Darwin, etc., etc.


VNIVERSITY OF MICH

O CATALOGO GERAL da Livraria Chardron, consta das seguintes obras:

I — *Litteratura:* romances, poesias, etc.

II — Bibliotheca racionalista.

III — Estudos philosophicos e critica religiosa.

IV — Assumptos economicos e estudos sobre Portugal e Brazil.

V — Galeria com os retratos dos principaes auctores editados pela Livraria.

VI — Reedições de obras primas da litteratura portugueza.

VII — Livros religiosos.

VIII — Panegyricos, sermões, discursos e conferencias de caracter religioso.

IX — Livros escolares, educação e ensino.

X — Legislação e direito.

XI — Livros de commercio.

XII — Agricultura, veterinaria e industria agricola.

XIII — *Livros uteis e instructivos:* medicina, indicações e receituarios ás industrias e artes.

XIV — *Leitura util e recreativa:* Livros que tratam de cosinha, jogos de prendas, jogos diversos, prestidigitação, cartas amorosas, magica e magnetismo, etc.

XV — *Bibliotheca theatral:* dramas, comedias, monologos, etc.

XVI — *Bibliotheca para o povo:* Historias, contos, autos, entremezes, farças, lôas, etc.

**Envia-se gratis o CATALOGO GERAL a quem o requisitar**

# O BRAZIL MENTAL

ESBOÇO CRITICO

## DO MESMO AUCTOR:

*Analyse da crença christã.* 1 volume. Porto, 1874. Typ. de Arthur José de Sousa.

*A Geração Nova* — Os Novellistas. 1 volume. Porto, 1886. Magalhães & Moniz, editores.

*Manifesto dos emigrados da revolução republicana portugueza de 31 de janeiro de 1891.* Opusculo. Paris, 1891. Imprimerie Schiller.

*Notas do Exilio* — 1891-1893. 1 volume. Porto, 1893. Lugan & Genelioux, editores.

### NO PRÉLO

*Os publicistas portuguezes contemporaneos.* 1 volume. Lello & Irmão, editores.

### EM PREPARAÇÃO

*Depoimento d'um vencido.*
*O theatro nacional.*
*Theoria da evolução portugueza.*

BRUNO

# O BRAZIL MENTAL

ESBOÇO CRITICO

The office of mind is
to direct society...

LESTER F. WARD.

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello & Irmão, editores
1898

Todos os direitos reservados.

1
1041
.518

Propriedade dos editores

*Porto — Impren*

Nota preambular convinha que, aqui exarada, ella registrasse que no decorrer das paginas que vão seguir alguns lapsos de revisão se encontram, em detrimento da perfeita transcripção ou de vocabulos de linguas estranhas ou do sentido de passagens no, mesmo, texto.

Mas, confessado isto, insistir, organisando qualquer pormenorisada resenha, seria ingenua impertinencia, affrontosa, aliaz, para a especie de publico á sentença de cuja cultura se propõe a obra.

Lá-fóra, a primeira coisa que faz o compradôr de um livro, depois de lhe haver cortado as folhas, é transportar da tabella as erratas para as respectivas paginas. Em Portugal, até hoje só deparamos com uma pessoa tendo esse habito e exercitando essa pratica. Assim, na praxe de nossa leitura, o rol repositivo resulta sempre inutil. Nos compendios de aulas é que se sentem effeitos maus, ou inoculando absurdos nos que aprendem ou, por inadvertencia, obrigando-os a um trabalho de rectificação escusado, que tome o tempo

que, precioso, poderia aproveitar-se no avance de progressivas acquisições.

Mas aqui os alumnos estão sabidos. Elles é que são os mestres, afinal. Elles é que tem de julgar e decidir, constituindo o jury, espontaneo, de exame: — ao auctor admittindo-o ou reprovando-o. Por isso, a frisada tarefa era, mais que muito, dispensavel. Dispensou-se.

De resto, os enganos que, n'este volume, escaparam são, de si, quasi todos, insignificantes. *

Porto — Fevereiro, 1898.

*J. Pereira de Sampaio.*

---

* Á hora, final, de entregar este seu novo trabalho ao mercado, o auctor deseja cumprir o dever que, em seu precedente volume, NOTAS DO EXILIO, no lance analogo, cumpriu já tambem. O mais honroso logar cabe, de direito, á leal solidariedade de quem quer que proporcione ao tarefeiro as condições moraes em que sua actividade se exerça. O auctor encontrou essa penhorante *cumplicidade* psychica. Para com tres distinctos cavalheiros, entre outros, sua gratidão o força a um indiscreto procedimento, melindrando-os, mercê de irresistivel impulso, no escrupuloso timbre de sua modestia; mas a audacia derivou da confiança em que, relevando-o da falta, lhe deem venia os seus prezados e distinctos amigos Eduardo de Paiva, José Maria de Carvalho e dr. José Ventura dos Santos Reis, cujos nômes lhe é immensamente grato inscrever em paginas que mui lhe devem, por ao seu auctor as tornarem, da arte dita, possiveis.

Assim volve o rythmo da nota das primeiras laudas do preambulo do volume de 1893. Poisque nem sempre o exilio seja desterro; e a proscripção se exerça, mesmo, a dentro de fronteiras.

# ADVERTENCIA EXPOSITIVA

Conhecer as condições especificas e proprias da sociedade politica e economica brazileira: não é para o publico culto portuguez um escusado dillettantismo de ociosidade litteraria; antes, importa interesse decisivo, desde que esteja demonstrado que Portugal não possa, na phase historica não só ainda não conclusa mas apenas esboçada, prescindir da tradiccional correlacionação com o Brazil.

O asserto produzido legitima-se, de golpe, pelas naturaes considerações que brotam d'um simples relance sobre elucidativos quadros estatisticos.

Assim, para 1893, um negociante illustrado da praça do Porto, o snr. Cálem junior, registrou, n'um estudo commercial, que o Brazil nos levara, pela *exportação nacional*, productos na importancia de 7.155 contos. Ora, sendo o total d'aquella, em identico exercicio, de 23.408 contos, seguia-se, logicamente, que similhante paiz contribuira com quasi um *terço*, ou sejam 30,5 por cento, ao passo que apenas do Brazil receberamos *para consummo* 2.428 contos, ou sejam 6,30 da totalidade da importação.

Ás considerações de ordem geral economica cum-

pre additar aquellas que, mais particularmente, se reportam do feitio psychologico das populações americanas com as quaes havemos de entreter um forçoso commercio de amizade. E, dada a natural reciprocidade de relações, se a Portugal convem saber o que seja o Brazil e como é que elle pensa, analoga noticia ao Brazil interessa, egualmente, pelo que a nós se refere e pelo que nós d'elle ajuizamos.

Inspirado n'este criterio, o brazileiro Augusto de Carvalho publicou em Portugal um farto volume de informação, que promoveu os encomios dos portuguezes Alves Mendes, Innocencio Francisco da Silva, Camillo Castello Branco. Tambem no Brazil, não só explicando Portugal como rehabilitando os luzitanos, de cá e de lá, das accusações que alli lhes assacam, por vezes têm sahido a lume obras especiaes e, quando não seja senão pelo intuito, meritorias. No Rio-de-Janeiro, em 1857, publicava João Antonio de Carvalho e Oliveira *A defesa dos portuguezes na provincia do Maranhão*. No mesmo anno apparecia tambem na capital do Imperio um opusculo, curioso, em cujas laudas *Um brazileiro* sustentava o caracteristico thema de *A utilidade dos portuguezes no Brazil*.

De então para cá, apezar de tudo, se o Brazil mal aprecia Portugal, Portugal, em certa maneira, completamente ignora o Brazil.

Entendemos verdadeiro serviço publico o tornar-lh'o, na medida do pouco que sabemos e podemos, conhecido. E, para conseguir o scopo a que convergimos, deliberamo-nos pela adopção e uso d'um processo que fizesse nossa lição não só mais accessivel como menos fatigante. Isto é: em vez de agglomerarmos uma copiosa missanga de miudas informações, entendemos que melhor conviria desenhar as grandes correntes criticas geraes alli dominantes. O Brazil mental, implicitamente contendo-o, explicaria, interpretativamente, o

Brazil social. Essa precedencia pareceu-nos não sómente logica como indispensavel.

É claro que este criterio se presta a objecções, facilmente emergindo. Póde, com effeito, dizer-se que elle tende a dar a prevalencia ás funcções superiores do espirito, attribuindo uma predominancia abusiva aos factores sociaes mais altos, incontestavelmente, mas de influxos mais intermittentes, menos efficazes. Este modo-de-vêr é muito trivial; a sua expressão mais corriqueira está em certo logar, excedentemente, commum.

É aquelle que corre expressando-se pelo conceito de que a pratica valha mais do que a theoria, pois que só os praticos sejam que governem effectivamente, emquanto os theoricos outra coisa não façam senão cahir em abusões e enganos, que até os tornam ridiculos.

Sob este criterio, se pinta os philosophos a cahirem em poços, embevecidos na contemplação das estrellas. Assim se rabiscam comedias a caricaturar os mathematicos e as suas famosas distracções. Ora, a proposição orientadora, de que originariamente se deriva, não é exacta rigorosamente, ou antes ella confunde duas coisas dissimilhantes, estando, mais ou menos, na verdade a certos respeitos, mas encontrando-se completamente em erro a outros.

Com effeito, toda a pratica presuppõe uma theoria anterior, visto que o que é praticar? É, por definição, realisar uma idéa previamente concebida. Por isso, não ha senão theoricos, no rigor da palavra e feição miuda da analyse. Todos o são. O caso é de quantidade. Uns são-o sufficientemente; outros, insufficientemente. Toda a differença está aqui; mas sómente aqui.

D'isto se deduzem consequencias valiosas. Uma d'ellas é que não ha conflicto essencial entre sciencia e arte. Refutando a classificação hierarchica de Augusto Comte, o philosopho inglez contemporaneo Herbert Spencer viu, *com penetrante* perspicacia, que cada scien-

cia, cada parte da sciencia representa ou póde representar para todas as outras o papel servil de instrumento.

Elle estabelece a irrefragavel certeza de que ninguem negará que a arte seja o conhecimento applicado. Assim, tal parcella da investigação scientifica que consiste em conhecimento applicado é arte. De sorte que podemos dizer que, logo que uma previsão em sciencia sahe do seu estado originariamente passivo e é empregada na obtenção de outras previsões, passa da theoria á pratica, torna-se sciencia em acção, transforma-se em arte.

N'esta conformidade se vê, segundo Spencer, quanto a destrinça ordinaria entre a sciencia e a arte é puramente de convenção; e, ao contrario, a difficuldade que ha em lhes descriminar um real separatismo.

Na verdade, não só a sciencia e a arte resultam unas na origem; não só, de perpetuo, as artes se assistem uma d'outra; não só as sciencias e artes se prestam incessantemente mutuo soccorro — mas ainda as sciencias representam o papel de arte uma para a outra, e a porção estabelecida de cada sciencia volve-se n'uma arte para a porção que crescendo vae.

As considerações preliminares, e incontestaveis, justificam, em cheio, o programma d'este volume. Com effeito, a inspecção d'uma doutrina resulta, por completo, utilitaria, visto como toda a doutrina seja tendencialmente um acto. No Brazil se exhibe o exemplo integralista da objectivação de similhante affirmativa. Uma corrente mental concretisou em instituições politicas; e o republicanismo fluminense é a simples applicação do positivismo parisiense. De resto, escusado era o ensino do facto, pois que, quando o pensamento se move na esphera sociologica, a evidencia da intuição do prolegomeno torna-se então flagrante.

Para avaliarmos o grau de civilisação, a prosperi-

dade effectiva, as presumpções de futuro d'uma sociedade determinada, cumpre saber qual seja a doutrina alli dominante nos espiritos. Pelo momento, sem investigarmos mesmo as origens d'essa doutrina, ha, comtudo, que inquirir do processo de esquivar uma possivel petição-de-principio, qual a que exigisse o entendimento de phenomenos sociaes pelo exame de criterio, já de per si, destacando-se d'esses phenomenos mesmos.

A difficuldade immanente é irresoluvel dentro da categoria, consuetudinaria e fixa, a que os logicos allemães chamam: a metaphysica. A solução só póde comprehender-se caso se acceite o processo de evolução, de desenvolvimento, de complexidade e continuidade, que esses mesmos tudescos denominam: a dialectica.

Na sequencia das doutrinas que se succedem na posse do mando sobre a alta mentalidade d'um qualquer aggregado culto, cumpre ir distinguindo esta fluctuação continua. No Brazil moderno, ella se apercebe nos traços que caracterisam a mudavel physionomia do positivismo francez, do monismo allemão, do evolucionismo britannico.

E, pela consideração ainda, fundamental e previa, que estabeleça a forçosa correspondencia entre a sciencia e a arte, convem attentar em que, com esse exame, nós entendemos o porquê subjacente das mudanças, politicas e sociaes.

O conceito é geral, e, mesmo, correntemente intelligivel; todavia, se é preciso, elle se exhibe com destaque imperativo quando o enxerguemos no seu aspecto restrictamente economico. Então, ahi, a doutrina em geral professada pelos philosophos e acceite pelos dirigentes d'um povo, redunda no corpo-de-delicto de toda a chronica da nacionalidade.

Se fôsse opportuno o lance, Portugal exemplificaria aqui; e a primeira coisa que houvesse, assim, a apurar para comprehender e decidir sobre a pavorosa

crise, patente, luzitana seria de que geito se amostrasse o caracter da elaboração mental synthetica que presidiu até agora ao desenrolar da vida economica collectiva. Mais comesinhamente: nos dominios da economia politica, que doutrina hemos professado, com que trabalhos orientadores nos hemos atido?

Não seria facil a tarefa de o determinar, com as devidas peças justificativas em comprovante documentação; pois, como para todas as coisas em Portugal, os empecilhos abrolham debaixo dos passos, desde o primeiro instante. Não existem entre nós tabellas analyticas, indices methodicos, bibliographias racionaes. Está tudo a monte; e quem quizer trabalhar ha-de fazer tudo, a começar por descobrir e ajuntar os materiaes.

Iniciadores, pela descoberta do caminho maritimo para as Indias, do movimento mercantil e industrial moderno; creadores do systema colonial; fundadores, com nossas descobertas, do regimen capitalista que attinge o alto momento ascencionante de sua curva evolutiva em nossos cançados dias, não nos fatigamos, aliaz, com estudos, e descuramos, por completo, a nossa educação como commerciantes e industriaes. Não desmentimos os assertos do embaixador Caverel e do viajante Linschoot, quando, um e outro, a distancia no tempo e no espaço, ou em Goa, sobre palanquins, ou, no Terreiro do Trigo, bifurcados em mulas pomposas, descrevem os negociantes portuguezes d'essas epochas como o typo da indolencia, do fausto, dos addiamentos e da embofia.

A nossa litteratura economica é pobrissima; e não se tem cuidado em organisar uma resenha por ordem de auctores ou por ordem de assumptos.

Ha-as (mesmo) n'esta visinha e, parallelamente, tão decadente Hespanha. Sem nos reportarmos ao artigo *Economistas españoles* do *Diccionario* de Arguelles, coteje-se a preciosa *Biblioteca de los economistas*

*españoles de los siglos XVI, XVII y XVIII*, compendioso archivo de Colmeiro.

Entre nós não apparecem mais do que monographias isoladas, como a excellente, aliaz, que, depois de Lopes de Mendonça, consagrou ao publicista portuguez Oliveira Marreca outro illustre publicista, Rodrigues de Freitas.

Estudos systematicos sobre os arremedos da superior especulação economica luzitana antigamente entretecidos, não deparamos mais do que com os ensaios estampados nas columnas do *Instituto*, revista de Coimbra, pelo professor da cadeira de finanças na nossa Universidade, snr. dr. José Frederico Laranjo. Este foi um, senão o unico, representante do socialismo de cathedra no alto ensino entre nós. Isto até o advento da nova, ultima geração, em que se distinguem, principalmente, os snrs. Affonso Costa, com o seu livro de analyse critica da encyclica pontificia « De conditione opificum », de 15 de Maio de 1891, e o snr. Silva Mendes com a abundante e excellente exposição, que fez, da historia e doutrina do socialismo libertario ou anarchismo.

Mas (revertendo), como vista de conjuncto, não nos chegaram á outiva, sobre o painel schematico da nossa litteratura economica, mais do que as copiosas paginas que ao thema dedicou o snr. José de Arriaga em um dos capitulos de introducção á sua *Historia da Revolução de 1820*, á qual o critico politico francez Seignobos qualificou de prolixa em demasia.

Se esse trabalho preparatorio estivesse feito, nós marcariamos com rigôr as datas do advento successivo das doutrinas economicas que teem orientado os nossos estadistas... para nossa calamidade e ruina.

Com effeito, Portugal parece destinado a esgotar os absurdos, como em justo castigo das suas depredações, *violencias e injustiças* seculares. E d'ellas não foi

o Brazil, de que óra nós occupemos, das victimas a que menos soffreu.

Fartamo-nos, então, de viver do monopolio; e estamos, hoje, ameaçados de morrer da concorrencia. Depois de nos empobrecermos pelos effeitos do erro implicito no systema mercantilista, agonisamos agora sob as garras do systema industrialista.

Feriu-nos a protecção e fere-nos o livre-cambio. Poz-nos o destino á beira dos labios gretados o calice das contradições economicas. Proudhon enchera-o do vinho amargo das antinomias kantianas. A nossa febre sorveu-o até ás fezes.

Dos sophismas de alguns candidos proveio a derradeira illusão. Victimou-nos a espantosa mystificação da eschola oriunda de Manchester. Descendentes dos antigos orthodoxos do catholicismo, depositamos a mesma intolerancia e, apaixonada, fanatica superstição em outros dogmas, menos veneraveis, os do economismo chamado liberal.

Na sua accessibilidade, a apparente clareza do simplismo da theoria seduzia-nos. Era moda sêr-se livrecambista, como reacção contra os botocudos calças-de-coiro que pitadeavam o seu simonte ás ramalhoças dos lenços de Alcobaça. Cobden foi biographado; narraram-se as campanhas da *anti-corn-law league;* e o humôr, de bôa feição e excellente companhia, de Frederico Bastiat deslumbrou.

Os *Sophismas economicos* são, das obras typicas da economia classica, uma das raras vertidas em portuguez. A coexistencia d'esta sympathia com a ausencia de transplantes para livros decisivos, fundamentaes, como o d'um Adão Smith ou o d'um Ricardo, demonstra, ao mesmo tempo, a mediocridade da cultura e a corrente da ideação.

Seguia no plano indicado, que era, de resto, sym*pathico á in*dolencia nacional. Para que haviamos de

ser industriaes, se a industria estrangeira nos fornecia melhor e mais bárato? Para que haviamos de ser navegadores, se os paquetes estrangeiros eram maravilhas de conforto que nunca attingiriamos? Para que haviamos de sacrificar o consumidor aos tentamens imperfeitos da producção? Porque esta era a preoccupação: o *consumidor*. Como se houvesse consumidor que, para o ser, não tivesse de ser, de per si ou de per outrem, préviamente productor!

Pela ladeira, fômos resvalando. Empurraram-nos, com suave sabôr, João-Baptista Say, Michel Chevalier, Garnier, toda a scientifiquice que grulha nas publicações postas em vasta circulação pela casa Guillaumin. Resume-se no *Diccionario* de Coquelin, condensadôr notorio que nos saturou, a todos, de chimeras e embalou de visões, quando, moços, preludiavamos, no officialismo das aulas, themas aridos em importunas dissertações de aguadas férias.

Ao movimento não se oppuzeram obices idoneos. Podia sêl-o o excessivo exaggero d'um Gouraud, tambem vertido, aliaz, para nossa linguagem, por quem quer que converso das corredias prelecções do livrecambio, á emigração, em Inglaterra, manhosamente ciciado? Podia sêl-o convenientemente? Não, decerto.

De modo que a conclusão resultou esta tremenda realidade historica: a crise, financeiro-economica, actual.

Eis como é bom e como convém estudar as doutrinas e eis, ainda, por que cumpra aturar as massadas. Vae ahi o melhor e maior dos nossos interesses.

E não se pense que, assim julgando, contrariamos a intuição, geral, conhecida pelo designativo nome de «a concepção materialista da historia», á qual, no corpo do volume, ao diante, nos haveremos de reportar.

Porque, do que, aqui, nos occupamos é do corollario pratico *do theorema* abstracto e não da origem

concreta do axioma elementar de que esse theorema derive.

N'este sentido, o effeito da idealidade sobre a realidade, da transcendencia sobre a immanencia, do subjectivo sobre o objectivo, não só é primacial como não póde ser nem sequer diminuido, quanto mais, contestadamente, negado.

Cumpriria exemplificar? Decerto que seja escusado. Mas desde os tentamens (não obstante, entendendo-os, os reparos de Menendez Pelayo), desde os tentamens do capitão Blasco de Garay, em 1545, no porto de Barcelona, passando pelas amostras da nobre mancha psychopathica de Salomão de Caux, ao rudimentar apparelho seguindo-se successivamente os outros, mais e mais aperfeiçoados, de Worcester, de Papin (o inventor da valvula de segurança), de Thomaz Savary e de Newcomen, adregou que um rapazito, por nôme Humphry Potter, encarregado do devido trabalho em uma machina de Cornwalles, ideou atar as valvulas por meio de barbantes que passassem, atravez de roldanas, ao balancé por tal maneira que este, no seu movimento alternativo, abria e cerrava as valvulas, sob infallivel exactidão, nos momentos precisos. Com este invento ficou aberto o caminho ao definitivo Jayme Watt, do qual a serie abundante de maravilhosas descobertas se fundamenta na, imprescindivel, que deriva de 1749, pela construcção famosa do cylindro fechado em ambas as extremidades, havendo-se garantido o escrupulo de, em vez de mandar baixar o embolo pela pressão do ar atmospherico, fazel-o tambem com o vapor, ordenando-lhe que entrasse no cylindro alternativamente, por baixo e por cima do embolo; com o que a machina resultou de effeito duplo.

Todos os que vivemos hoje em dia, exclama o germanico Otto von Leixner, havemos já nascido n'esta *éra, a do* vapor, e não podemos figurar-nos toda a mu-

dança que similhante invenção produziu na vida do homem.

Concomitante e consequentemente é que a deliberativa graça preestabelecera que fôsse Jorge Stephenson, natural de Wyglam, na Northumberland, onde nasceu em 1781, o destinado a ser o fundador dos caminhos de ferro, depois que Blanket fôra o primeiro que teve o valor de fazer opposição aos dictames dos sabios e á preoccupação geral do publico, provando que com certa quantidade de pezo da machina se attingia o bastante para a adherencia entre os carris e as rodas lisas, de molde a dispensar qualquer genero de engrenagens ou alavancas, realisando sem attrictos, simples e naturalmente, a propulsão. Apezar de tudo, foi uma pessoa leiga em machinaria quem deu a Stephenson o conselho de inverter o principio atélli incontrariado, e de atravessar a caldeira com tubos de pouco diametro, por meio dos quaes, em vez da agua, circulasse a chamma da fornalha. Dito e feito; a nova disposição surtiu resultado, consentindo na extraordinaria rapidez com que a nova locomotora produzia vapor facilitando uma velocidade que Stephenson jámais havia sonhado conseguir.

« Desde Papin, quantos genios haviam tido (exclama o Leixner citado) que applicar as suas faculdades, sacrificar o seu tempo e seus recursos para que se chegasse á locomotora pratica, que tão colossaes mudanças provocou na vida e modo de ser das nações !»

Sem embargo, tanto Watt como Stephenson se não preoccupavam nem attendiam mais do que a questões de engenharia de machinas, cujo repercussivo effeito (economico, politico, social, juridico e moralista, religioso e esthetico) lhes escapava inteiramente. Faziam um mundo novo, de cima a baixo, sem darem por isso. Na Escossia, o companheiro e amigo de Adão Smith não poderia prever que, das suas simples congemina-

ções ácerca do meneio de embolos em gavetas de vapor, houvesse de irromper, mais tarde, o incendio das Tulherias, arrazadas pelos batalhões federados que, na praça da Casa da Camara, proclamaram, em Março de 1871, a Communa de Paris.

Mas, nem por isso, ao ensaista critico deixa de caber a responsabilidade de inquirir da fonte analytica dos successos, afim de, desenhando o caracter das nações, retratar a physionomia dos tempos. E' a obriga que, consoante dissemos, mais relevantemente se antolha para o que toca á orientação generica superior da marcha das sociedades civilisadas.

Depois, a necessidade, imprescriptivel e fundamental, de se apurar a doutrina por que se orientaram, syncreticamente, os estadistas que geriram os negocios d'um paiz—é condição indispensavel para, mesmo, se lhes derimir, com equidade, o grau de suas responsabilidades moraes, quer n'uma obra de utilidade quer n'uma marcha de desastres.

Seria injusto que se tomasse á conta de deslealdade civica ou de traição patriotica o erro que redundou, todavia, em prodigiosos desastres collectivos. Pode acontecer que um homem seja funesto, com a melhor sinceridade no coração; poisque já a carolice professa de que de boas intenções esteja o inferno vestido e calçado.

Poderiamos citar exemplos de casa, celebres por mais de um motivo. Assim: o diplomata nefasto que negociou o tractado da India e o tractado de Lourenço Marques. São dois diplomas de tal natureza que só se explicariam por inepcia irremissivel ou por má fé manifesta. Ora, como ninguem é vil por prazer, a não ser em casos de degenerescente aberração, deduzir-se-hia que o ministro se vendeu.

A democracia é desconfiada, de seu natural; e, infelizmente, a experiencia historica tem demonstrado

que, por via de regra, possue para isso razões de sobra.

Comtudo, muitas vezes se engana, como o infeliz delirante que perseguem hallucinações, auditivas ou visuaes. Discutindo a theoria da balança do commercio, enganou-se Proudhon, attribuindo á seducção do oiro inglez a sympathia doutrinaria provocada áquem do canal pelos sophismas manchesterianos. Illudir-se-hia a critica lusitana que imaginasse inconsciencia da parte do estadista, homem de illustração vasta e de ampla cultura. Enxovalhar-se-hia na presumpção de moveis infamantes, desde que do leito resvalou o diplomata para a sepultura, desabonado e pobre, consoante vivera.

Quer dizer que estamos em presença d'um phenomeno typico, d'um caso perfeito da situação, moral e mental, que pretenderamos definir.

Victima da sua doutrina, o motivo que levava Andrade Corvo a assignar o tractado de Lourenço Marques era o mesmo que o levava a não assignar o relatorio da exposição industrial, elaborado, com tanta profundeza e segurança de vistas, por Oliveira Marreca. Era a theoria que altamente proclamaria a dentro do parlamento, nas palavras dogmaticas que recolheu o snr. Luciano Cordeiro e poz de alicerce ao seu livro que da circulação fiduciaria se occupa.

Não causa espanto, de resto, que o estadista referido se embaraçasse em malhas ostensivas e reluzentes. Com as suas aptidões litterarias e o seu saber technico, vistas as coisas de alto, no fim, não passava de um mediocre.

Por isso, da alôrpada indiscripção de suas ingenuas sabedorias se aproveita a ambiciosa esperteza, sem escrupulos, do estranho. E aos seus quatro tomos de *Estudos sobre as provincias ultramarinas*, o bretão rapace, rapozadoramente, os desbulha. Funda-se na sua auctoridade (triste coisa para um auctor portuguez!), na sua — *por elle deploranda* — auctoridade se funda

J. Scott Keltie, como os rotos de Tolentino, já distribuindo fatias para a sonhada bambocha que vota a *The partition of Africa*. Em aguçar os appetites, recorre a seus informes J. Theodoro Bent, quando no reconcavo felpudo das orelhas cabelludas do tijoloso amigo John Bull já tilinte o ouro, imaginado escorrendo das proximas e decisivas excavações e explorações da ophiresca região onde uma archeologia interesseira esquadrinhe *The ruined cities of Mashonaland.*

Quanto, porém, ao absurdo critico de cujo conspecto, analyticamente, derivamos, elle não deve, de resto, grandemente, estranhar-se, pois que n'uma abusão similhante, n'um engano do mesmo genero, proveniente de identico erro, cahiu nada menos do que um verdadeiro genio, o fundador incontestado da economia politica, promovida, tão só, por elle, ao rigor d'uma sciencia regular e definitivamente constituida: Adão Smith, em duas palavras, para que esse grande nôme registremos.

De sua obra na secção em que debate o schema dos tractados de commercio, assombra a candura theorica, a ingenuidade doutrinaria do eminente escossez.

Ahi, pretende elle provar que o tractado de Methwen foi uma enorme desgraça... para quem? Para a Inglaterra! E que, graças a esse incomparavel erro dos estadistas britannicos, Portugal floresceria sobre as ruinas de Albion sacrificada...

Eis um exemplo da incapacidade historica do methodo, deductivo, peculiar do economismo classico. Não póde ser mais flagrante nem mais decisivo.

Comtudo, veja-se o que seja o aferro ás doutrinas e quanto o fanatismo scientifico céga, como o fanatismo religioso!

Depois que Adão Smith escreveu aquellas barbaridades, a evidencia dos factos mettia-se pelos olhos dentro, conforme vulgarmente sóe dizer-se. Despidos de

preconceitos sectaristas, os simples historiadores, relatando a decadencia successiva de Portugal e o successivo engrandecimento concomitante da Inglaterra, referiram o connexo phenomeno ao duplo effeito, progressivo e regressivo, do tractado de Methwen. Tornou-se truismo na polemica dos jornalistas e nos estudos dos publicistas. Um norte-americano, Carey, demonstrou minuciosamente que a Inglaterra é uma creação de Portugal. Um allemão, Hartmann, proclamou essa demonstração como irrefutavel.

Pois bem! Abra-se o *Diccionario de Economia politica*, da casa Guillaumin, valhacouto de quantos castanhas-piladas, genero Molinari, brotam ainda da safara leiva do egoismo conservantista. Nas ultimas, mais recentes edições, busque-se o artigo especial, e pasme-se. Porque, em suas bojudas columnas, um sarrafaçal qualquer, solerte, papagueia ainda, no serviço da burguezia mercantil, a tantos centimos por linha, ácerca do tractado de Methwen, os mesmos desconchavos, sediços do ranço de todo um seculo.

Pois menos conviria ao criterio gaulez supposição similhante, desde que, por egual, applicasse ao vinho do Porto, todo, o phantasmagorico juizo contra elle asseteado por Michelet quando lhe chamou «essa famosa tinta de escrever tão grata ao paladar dos inglezes.»

Se o dislate mereceria sarcasmos congeneres aos que homologam os autos do processo por Camillo Castello Branco movido contra analoga «bestialidade ingleza», não se comprehende como profissionaes—visto que em tudo os haja—attribuam as adulterantes falsificações ao corollario supposto do supposto embuste do referido convenio por Methwen, em Lisboa, negociado a prol da industria dos lanificios londrinos.

Assim occorre na, naturalmente tão curiosa e proveitosa para o leitor inglez, *History and description of modern wines, com* uma insinuante competencia de

copo, escripta pelo snr. Cyrus Redding, já, em 1833.

Mas este caso typico e famoso do tractado de Methwen demonstra bem a exacção do asserto de que procedemos em estas perfunctorias considerações. Mette a verdade pelos olhos, dissemos. Brutalmente. A' maneira anglica. A *box*.

Mostra, irrefragavelmente, que, como escrevemos, cumpre não perder de vista as doutrinas que professem os que governam, poisque o mal e o bem de cima veem, diz o nosso povo, aquecendo-se á lareira, nos dias chorudos de matança de porco, ou, no adro, pela quadra calmosa, refrescando da soalheira.

Certo é que possa contestar-se o conceito, poisque, pelo que toca á symbolisação d'uma sociedade, no que ella tenha de basilar, intimo e profundo, no que significa a sua ordem de raiz (o modo economico, a lei civil, a affectividade moral, o estimulo religioso), todo o governo é representativo. Pelo suffragio indirecto, tão representativo é, n'este sentido, Felix Faure como, pelo absurdo do nascimento, Nicolau II.

Mas entenda-se bem. Só n'este sentido; de certa maneira amplo, e restricto á vez. No processo geral politico, a necessidade da ordem, a tendencia a obedecer (isto é, a inercia do atomo, no grave a affinidade para o repouso), a ignorancia e dispersão das massas entregam-as aos governantes, que são, effectivamente, n'esse tanto, dirigentes. Ora, esse tanto, assim como póde conduzir á gloria, póde tambem guiar para a catastrophe. D'ahi, as responsabilidades dos governos e a justiça das revoluções.

Na verdade, é facil e commodo dizer que os povos teem o governo que merecem. Isso, como indignadamente o observa o moderno sociologo belga Guilherme de Greef, justifica todas as reacções, garante todas as palinodias.

*Todavia*, com effeito, na serie das causas e suas

consequencias, a consequencia reage sempre sobre a sua causa, e é, assim, causa da causa. Em politica, os governantes dependem do caracter dos governados; mas, por sua vez, actuam sobre estes e modificam-os a seu geito e similhança.

D'aqui succede que não só a sua importancia cresce, como a sua responsabilidade se avoluma.

Por este desvio, eis-nos de regresso. Isto é, assentamos (parece-nos que sem ensejo de duvidas ainda) que do caracter das doutrinas, as mais abstractas, as mais theoricas, as mais confinadas no seu isolamento scientifico, póde, para os povos, governados por homens cujo cerebro essas doutrinas, até méramente especulativas, mandem — advirem calamidades ou beneficios, segundo o caracter particular (racional e exacto) d'essas doutrinas alludidas.

São banalidades, verdadeiros truismos? E estivemos com o afan de ennegrecer as tiras, collocadas deante de nós, para, no fim de contas, attingirmos similhantes logares-communs?

Mas, banalidades-banalidades, o facto é que, n'ellas, e em seu effeito salutar, se não attenta. Por intermedio d'ellas não vêmos, por exemplo, esmerilhar a explicação do caracter especifico da evolução, financeira e economica, da historia portugueza. Sem embargo, cumpria. Não é verdade?

Todavia, o exemplo estava dado, e o ensino iniciara-se. No final do quarto volume da sua *Historia de Portugal nos seculos XVII* e *XVIII*, Rebello da Silva promovera, modernamente, a analyse historica do estado economico e social da monarchia.

Ahi votara promptos e pegados capitulos ás theses concernentes á população e agricultura; á industria fabril; ao commercio até ao XV seculo, nos seculos XVI e XVII.

Mas, com a *pompa* desenxabida do seu estylo, no

seu academismo tam perfeito (tam perfeito que não presta para nada), o nosso illustrè correligionario extincto Latino Coelho — cuja erudição era prodigiosa — dedicou-se, mais restrictamente, a, ao effeito das doutrinas preconcebidas, o observar na physionomia, moral e social, das culminantes figuras politicas. São excellentes, por similhante motivo, as paginas que, em sua *Historia politica e militar de Portugal, desde os fins do XVIII seculo até 1814*, elle consagra á legislação economica do marquez de Pombal; aos principios em que se firmava; ao conceito do Estado considerado como emprezario e fabricante universal: aos monopolios etc.

Ainda assim, repetimos, a este aspecto da nossa questão collectiva, não se tem attendido com o minucioso melindre que elle exige. Salvo se exceptuarmos, na aliaz curta bibliographia provocada pela crise financeiro-economica actual, o volume, que passou despercebido, do snr. Silva Cordeiro, e que archiva reaes meritos, aliaz, para o tornarem mui notorio.

As illusões de um doutrinarismo criticamente inconsistente mantiveram-se, comtudo, atravez das fluctuações das crises politicas successivas, formando substancialmente a trama (apezar de todas as intermittentes divergencias de detalhe) do programma commum dos dois grandes partidos conservadores em Portugal, os chamados progressistas e os regeneradores chamados.

Estes abdicaram provisoriamente, é certo. Abdicaram á força, mercê do estimulo creado pelas reclamações n'um instante de perigo commum, sentido, por egual, na opulencia e na penuria, homologas, de industriaes e de operarios. Em collectivos comicios, requereram, com effeito, pela reforma — n'um sentido de protecção ás industrias nacionaes — das pautas vigentes, á *data, na* metropole e nas colonias.

Mas era á sobreposse. Viu-se.

Regressaram.

Encontram-se, pois, de vez, parece, como quando rebentou o debate theorico entre o seu *leader* periodiqueiro, Duarte Gustavo Nogueira Soares, na *Revolução de Setembro* dissertando, e o defensor estrenuo do trabalho nacional, impolluto Joaquim Henriques Fradesso da Silveira, no *Jornal do Commercio* combatendo.

Vencedor em Inglaterra, Cobden avançava sobre o continente. Era a consequencia logica, o desfecho da sua campanha no interior. Conferenciara com Michel Chevalier. No seu chimerico anglicismo, o imperador escrevera ao ministro-de-estado a famosa carta que iniciou a nova politica commercial da França. Lunaticamente, rebusca n'ella os seus principios queridos o obstinado Fradesso da Silveira; e o opusculo, valioso como documento historico, encerra-se com curtos artigos de Sebastião Bettamio d'Almeida, notabilidade da epocha.

Conclusão:

O bom filho a casa torna. A Regeneração não olvidara os seus precedentes. Breve recahimos no fatal barranco em que afocinhara, de bruços, o conde de Casal Ribeiro, quando, em 1867, negociou o tractado commercial com a França.

Mas então este rhetorico tinha desculpa. A economia politica classica estava no apogeu do seu triumpho. Quem diria — a essa hora já remota — que poderia ser presidente do conselho de ministros um estadista, *illuminado*, que, em materia de pautas, professasse as ideias do snr. Méline? List era um retrogrado; e o *zollverein* uma chimera.

Todavia, o snr. Hintze Ribeiro, esse, volveu a lêr hoje pela cartilha do padre-mestre Adrião Forjaz.

Como pela mesma voltou a soletrar o snr. José *Luciano de Castro*, comminativamente endereçando ao

C.

trabalho nacionalista (e, por consequencia, ao futuro, politico e economico, de Portugal) o cartel tremendo que se dissimulou nas blandicias do retirado, attenuado projecto de lei ao exclusivo da montagem de fabricas em a nossa Africa Occidental referente.

Estes casos concretos, os trouxemos, todos, em nossa corroborante confirmação. Elles mostram o rigor do thema que, tomando philosophos e estadistas como succedaneos representativos do paiz, demonstram que as nações (consoante a phrase contracta de Littré) não aperfeiçoam nunca o seu estado mental sem aperfeiçoarem concorrentemente o seu estado social.

Concluindo: ficou, parece-nos, provado que preliminarmente cumpria, para o caso, conhecer, pois, o Brazil mental.

No proposito, justificar-nos-hia uma lição famosa. Foi a de m.me de Staël, com respeito á Allemanha. Chegou esta dama insigne até ás minucias psychologicas sobre a influencia do espirito cavalheiresco sobre o amor e a honra, e discorreu ácerca da acção do enthusiasmo sobre o que, ao tempo, se chamava « as luzes » e sobre a felicidade.

Na revertencia symetrica, do conceito social incidindo sobre a ideação personalista, o critico romantico Schlegel deixara estabelecido como é que o ponto-de-honra explica o theatro hespanhol. Fechando o cyclo, o moderno Forneron comprehende na amplitude do criterio toda a sociedade hespanhola, quando resenha a historia de Philippe II.

Da mesm'arte se devem apreciar as previsões politicas, conforme as chimericas do ultramontano Montalembert, gisando o futuro da Inglaterra. Mesmo as, mais positivas, conjecturas economicas, como quando, a proposito de Sydney Smith, o snr. Chevrillon, em nossos dias, estuda o renascimento das ideias liberaes, *no seculo XIX, na Inglaterra* tambem.

Póde, até, o criterio orientador desenrolar-se em corollarios de feitio immediatamente pratico.

Com effeito, em 1889, como consequencia d'um concurso aberto na Eschola das sciencias politicas em Paris, informa-nos o snr. Emilio Boutmy que o antigo alumno d'essa eschola Max Leclerc fôra encarregado d'uma missão especial na Inglaterra.

Ora, o assumpto do inquerito que lhe haviam sollicitado emprehendesse póde resumir-se n'isto, a saber: que cumpria elle apurasse quaes as correntes mentaes sob cujo influxo, do outro lado da Mancha, as classes superiores e medias se formam e constituem, ellas, essas camadas prevalecentes onde (pensava-se e diz-se) a politica recruta os seus parlamentares e os seus diplomatas, a administração os seus funccionarios, a guerra e a marinha os seus officiaes, a industria os seus directores technicos, o commercio os seus agentes, a philosophfa tão profundos pensadores, a litteratura, a historia e a sciencia tantissimos talentos originaes e intensivos.

De conta propria, nos démos a inquirição analoga pelo que toca á grande republica transatlantica que fala a nossa lingua e onde pullula a gente de nossa estirpe.

D'ahi, *O Brazil Mental.*

Incompleta assim, a obra cumpriria que, logicamente, terminasse por *O Brazil Social.*

Se nos seja licito, ou não, abalançar-nos á escriptura d'esse novo volume, é ao publico de Portugal e do Brazil que (com o genero de acolhida a este dispensado) compete decidir.

# I

# INTRODUCÇÃO

Das coisas, da intelligencia ou da acção, é signal curioso que nós outros, portuguezes, das classes cultas, nos não interessemos senão restrictamente pelas que nos vêm de França e mais particularmente á França se referem.

Não podemos negar a nossa procedencia, e a gratidão inconsciente da origem sobreleva a todos os conceitos que uma observação critica ou uma reflexão inaffectiva possam e tenham tentado erigir contra essa sympathia, que resulta irresistivel, porque, como vulgarmente se diz, nos está na massa do sangue.

Nenhumas relações de conveniencia economica, de affinidade ethnica, de contiguidade territorial ou de proximo parentesco, até, logram vencer essa preerente prevalencia da França, nas nossas sympathias em nossas meditações.

Assim é que o visinho de ao pé da porta nos não merece o cuidado de uma attenção escrupulosa; e, odiando-a, nós ignoramos a Hespanha. Debalde, a especulação mercantil tentou, por vezes, vulgarisar, no nosso publico ledôr, o conhecimento da litteratura do pretendido inimigo tradiccional. Tomou, é certo, a obra de fancaria dos *faiseurs* madrilenos; mas essa, era, naturalmente, a mais de prompto accessivel, visto como o grande publico, em toda a parte do mundo, se deixa arrastar melhor pelas visualidades d'uma phantasmagoria extreme. Mas, ainda assim, o effeito surtido não correspondeu á espectativa.

As bibliothecas populares, de Lisboa e Porto, quasi que esgotaram o repertorio. Traduziam-se as novellas sentimentaes de D. Wencesláo Ayguals d'Izco, de D. Antonio Neira de Mosqueira; transplantou-se para mascavado lusitano a invenção, já com intuitos democraticos, de Fernandez y Gonzalez ou francamente intencional de Tarrago y Mateos.

Foi-se mais longe e abordou-se os dominios da arte pura, ainda que em forma elementar e modelo primévo. Assim, o *Archivo Pittoresco,* da capital, encetou a ingenuidade montanheza de D. Antonio Trueba; e um empregado da alfandega do Porto, o snr. Castro Monteiro, consagrou os ocios da repartição a organisar um volume com alguns dos contos mais agrestes e saborosos do insigne improvisador navarro. Houve um momento fugitivo em que parecia querer acclimar-se definitivamente entre nós a inventiva poetica dos nossos visinhos. Deu-se quando principiaram a circular as cadernetas das edições baratas do livreiro Mattos Moreira. Todos se recordam

do prodigioso successo da *Mulher adultera*, por Perez Escrich. Foi durante alguns mezes verdadeira maravilha o attractivo beato d'estas combinações heteroclitas, em que o bedum do sangue dos assassinios se casa com o incenso mystico da liturgia catholica. Afinal, porém, houve uma reacção de bom-senso e o fundo voltairianista das novas gerações portuguezas rebellou-se victoriosamente contra essa invasão derradeira da incorrigivel superstição castelhana. Escrich passou, o que foi magnifico; mas ninguem o substituiu, o que resultou pessimo.

Infructiferos destacaram, tambem, os esforços realisados por vezes para proporcionar ao leitor lusitano uma vista de conjuncto da arte hespanhola, dada á palavra *arte* a ampla expressão que lhe convem e entendendo a litteratura no sentido, vasto e profundo, que lhe cabe. Todavia, alguns dos trabalhos effectuados com a mira em alvo similhante eram, na verdade, excellentes. Citaremos, por memoria, o livro do snr. José Simões Dias, intitulado *A Hespanha Moderna*. Elle propoz-se representar, para nós, o papel util dos volumes congeneres estampados em França por Ch. de Mazade, por Antonio de Latour, mais modernamente por Gustave Hubbard. Primitivamente dados á estampa nas columnas da revista litteraria conimbricense, *A Folha*, os capitulos de que se compõe o livro do snr. Simões Dias são, em geral, completos, sempre exactos na informação e alumiados por luz critica, senão intensa, pelo menos nitida e clara. A obra, porém, seguiu quasi despercebida, não obstante as suas qualidades reaes e sem embar-

go dos serviços que poderia prestar á nossa cultura, restricta e insufficiente.

Com respeito á Hespanha, póde, talvez, allegar-se, para desculpa da nossa exquisita incuriosidade e incrivel desleixo, o facto da antipathia historica, que recorda de continuo os perigos da absorpção receada e se repasta das lembranças crueis de Aljubarrota e de Montes-Claros. Mas, se para nos garantir da Hespanha, é que nos lançamos nos braços da Inglaterra, trespassando-lhe Tanger e Bombaim; se o nosso amôr pela gente britannica nos esteve, por um fio, a fixal-a de vez em casa, cedendo-lhe, como depois de Rebello da Silva nol-o registra, em sua preciosa collecção de nossos tratados, o snr. Judice Biker, cedendo-lhe nada menos do que Setubal; se, de pés e mãos, a ella nos entregamos, pelos convenios commerciaes, no typo d'esse famoso de Methwen cujos perniciosos corollarios se solveram já n'um logar-commum da rhetorica jornalistica; se tudo isto se deu e se a influencia ingleza em nossa politica e vida social, no que de indestructivelmente organico ella possue, continúa a ser preponderante, como ininterruptamente até aqui: parece que nos deveria ser thema de estudo persistente e duradouro a existencia mental da Inglaterra. Nas suas manifestações mais interessantes e agradaveis, ao menos; já que a frivolidade do nosso cerebro meridional não nos concedesse alcandorar-nos ás culminancias das especulações philosophicas ou das investigações scientificas.

Tal, porém, não succede, como é notorio; o mesmo idioma inglez é aqui raro e mal conhecido, até da *classe* mercantil, que quasi não negoceia, aliaz, seu tra-

fico exterior mais do que com as praças de Londres, de Manchester, de Birmingham, de Liverpool. Esta contradicção feriu, em tempos, o ensaista Carlos de Mazade, que a archivou entre os soporiferos doutrinarismos da *Revista dos dois-mundos*. Não surge, de resto, viajante, d'estes que legislam sobre a psychologia d'um paiz, com a habilitação de quinze dias de residencia pelos hoteis da sua capital,—que não consigne em seus calepinos similhante surpreza, exhibida logo de chofre pelos portuguezes aos olhos do forasteiro mettediço e intromettido.

Tudo estará dito, quando se disser que Portugal é das raras nações civilisadas que não possue uma versão completa de Shakespeare. Mais: só muito modernamente é que começaram a ser transplantadas para nosso vernaculo algumas das peças do colossal poeta. Abriu a carreira o eterno traductor Castilho, mestre incomparavel da linguagem. Natureza incompleta, infelizmente, elle possuia como ninguem o instrumento; mas, não vencendo a ingenita difficuldade da ideação, assimilhava-se a um Dusautoy esthetico, alfaiate eximio, que só a alheio figurino, inerte e immovel, hirto e gelido, podésse tomar as medidas, fazendo envergar a um manequim vestimentas luxuosas, mas desageitadas, por subjacentemente as não afeiçoar a vida intrinseca. Seguiram a iniciativa o fallecido rei Dom Luiz e o poeta Bulhão Pato; porém, por ahi se ficou e as composições de Shakespeare postas em portuguez não excederam a conta minima de cinco ou seis, se tanto.

Quanto aos escriptores contemporaneos, nem é bom *fallar*. Nas collecções de romances, innumeros

mandados correr pelas bibliothecas economicas das duas grandes cidades do norte e do sul do paiz, não se descobre, para amostra, o nôme de um unico litterato que, indigena, houvesse recebido a consagração do publico londrino.

Em epocha affastada, alguem tentou acclimatar Carlos Dickens, cuja notoriedade se insinuara seu tanto, mercê da meiga popularidade de Julio Diniz. Comparava-se um com o outro, graças a esta balda esteril dos parallelos, que constituiram detestavel genero litterario no ensino classico. Como quer que o romancista portuense houvesse escripto o seu livro typico de costumes da sua terra, *Uma familia ingleza*, cuidou-se, logo-logo, de pôr em relevo a personalidade do auto-biographo de David Copperfield. Mais achegada pareceria a lembrança de *As memorias de Pisistrato Caxton*, de Bulwer-Lytton; mas este appellido barbaro é que era justamente ignorado ou desdenhosamente se refugava, consoante o merecia o seu ar intonso, apezar do aristocratismo de sua progenie, estylo, maneiras e costumes. Ficamos por Dickens; traduziram-se algumas das suas enternecidas lôas do Natal, essa commovente historia de Scrooges, o avaro cuja dureza um sonho moralista converte e diverte, o que é o interessante. Mais tarde, a intelligente esposa do publicista Oliveira Martins illustrou o rodapé, como se diz no Brazil, do *Commercio do Porto* com a exhibição de algumas das physionomias caracteristicas do mestre eximio, quaes sejam Nicolau Nickleby e Oliveiros Twist. Com a anterior versão da bizarra novella anonyma de *Ginx's baby*, que, da *penna de Ramalho* Ortigão, foi dada em brinde pela

gazeta portuense *A Actualidade*, de Anselmo de Moraes,—é quasi tudo; com pouco mais, póde descer o panno.

Ora, não admira que este abandono se verifique para com a Hespanha e para com a Inglaterra: quando um paiz existe que, naturalmente, parece que deveria captar, desde o primeiro momento, todas as attenções e promover entre nós as mais vivas e permanentes curiosidades, por isso que a elle tudo nos prende e com indissolubilidade liga. Esse paiz, evidentemente, é o Brazil; escusado seria que o nomeassemos; prolixo resulta fazel-o. Bastaria, com effeito, designal-o; mas, explicita ou implicitamente, o facto é que a nossa ignorancia a respeito d'elle corre parelhas, se não méde meças com a de que soffremos ácerca das duas nações por cuja lição encetamos as tiras brancas que se amontoam diante de nós.

Do Brazil nada se sabe em Portugal, senão que venceu o Lopez, do Paraguay, que exporta café e que possue o condão especialissimamente mimoso de uma arvore das patacas, a qual, sacudida a tempo e horas, desata em fructos de dobrões e cruzados, desprendidos sem fim e sem termo, n'uma prodigalidade tropical luxuriante e absurda.

Quanto á vida espiritual do Brazil, nada ou quasi nada se apurara.

Sabia-se, sim, mas vagamente, que florescia no Rio um romancista de invenção e descripção, por nome José de Alencar. Este homem escrevera uma especie de poema em prosa, chamado o *Guarany*, o qual fôra musicado por um mulato Carlos Gomes. *Soubera-se que a obra* recebera a consagração das *plateias entendidas da Italia*; e, quando nos come

tos, ou pelas bandas regimentaes nos jardins, se ouviram trechos da opera, conveio-se em que *o raio do macaco* tinha sua habilidade.

Mais ao deante, n'um dos barracões que no Porto usurpam o titulo de theatros, a aúdacia emprehendedôra de Cyriaco de Cardoso poz em scena a peça do maestro paulista. Houve certo assombro, depois da primeira audição. A frescura da melodia, a graça e a paixão de que a obra palpita surprehenderam e commoveram. Admirou-se a notavel sciencia de composição de que o moço auctor déra provas cabaes. Concordou-se em que elle tinha logar distinctissimo entre os compositores de segunda plana, perfeitamente ao par d'um Marchetti ou d'um Ponchielli.

A novella, porém, que o librettista versificara era desconhecida. O enredo da opera sabia-se pelos folhetos achamboados que, a dinheiro de contado, se distribuem no camaroteiro, antes de romper o espectaculo. Ainda estava longe a data em que, entre nossa gente, havia de circular o elegante opusculo, redigido n'um lexico turgido pelo talentoso e mallogrado periodista portuguez, Francisco Pacheco.

Se o romance de José de Alencar, sem embargo da toada europeia que lhe facultou a dramatisação lyrica de Carlos Gomes, era desconhecido, que dizer do tam ignorado quam abundante Joaquim Manuel de Macedo?

Todavia — caso raro, unico talvez — uma das obras iniciaes, e das mais typicas, de Macedo fôra reproduzida, quiçá por contrafacção, em Portugal.

Com effeito, n'esta nobre e sempre leal cidade *da Virgem*, o editor da *Bibliotheca das Damas*, José

Lourenço de Sousa, intercalava na sua collecção, pelos annos de 1855-1856, em dois tomos bojudos, o *Moço loiro*. Eis aqui um facto que só muito mais tarde se havia de repetir quando os periodistas portuenses Emygdio de Oliveira e Gualdino de Campos reproduziram, respectivamente, nas suas gazetas, *Folha Nova* e *Jornal da Manhã*, o primeiro: *As Memorias posthumas de Braz Cubas*, por Machado de Assis: o segundo: *Philomena Borges*, por Aluizio de Azevedo.

Nenhuma tentativa analoga á do snr. José Simões Dias relativamente á Hespanha se esboçou com respeito ao Brazil senão muito moderna, isto é em nossos actuaes instantes e graças precisamente á iniciativa intellectual dos mesmos benemeritos editores que, com menos acerto, este volume tambem publicam.

Alludimos ao opusculo do snr. Teixeira Bastos, ácerca dos *Poetas brazileiros* contemporaneos. Comprehende cuidadosos estudos de personalidades insignes, taes como Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Valentim de Magalhães, Fontoura Xavier, Theophilo Dias, Mucio Teixeira, Isidoro Martins Junior, Sylvio Romero, Filinto de Almeida e Hugo Leal. Esta obra tem a data de 1895; e antes circulara, um pouco, em Portugal um volume impresso em Campinas em 1888. Pertence ao padre, batalhador e inquieto, Senna Freitas, e intitula-se *Observações criticas e descripções de viagem*. É o primeiro volume, *Critica*, d'uma série implicitamente annunciada. Encerra um capitulo que condiz com o assumpto n'estas paginas ventilado. É o XXVII; denomina-se: *Uma revoada de litteratos brazileiros*. São elles: Filinto de Almeida

(que, aliaz, é portuguez e portuense), Raymundo Corrêa, Luiz Guimarães, Luiz Murat, Theophilo Dias.

O sacerdote-jornalista extrema-se pelas galas de uma oratoria emphatica e pela virulencia d'um temperamento brigão e injurioso. Nada mais repugnante do que a phrase pejorativa que endereça ao seu antigo condiscipulo Anthero de Quental. Ninguem havia que ignorasse que esse homem estava soffrendo cruelmente de enfermidade tarde reconhecida, a qual o fizera andar em penosa carreira pelas clinicas de Portugal e da França. D'ahi, o seu retrahimento; a sua abstenção litteraria; o silencio, só d'onde a onde interrompido pelos gritos funebres dos seus desolados sonetos. Pois, com christã caridade, o saudavel, rijo Senna Freitas declara julgar que elle não tractava mais de fazer philosophia nem poesia, mas simplesmente boa hematose ou boas carnes.

Habitando o Brazil, o atrabiliario sacerdote menos cura de fazer-lhe a critica do que de fazer-lhe a côrte. Reserva as suas grosserias para os distantes litteratos luzitanos; todavia, os seus panegyricos dos jovens poetas brazileiros nada de novo ou original nos ensinam. Não passam de declamações pomposas, pelas quaes se não fica fazendo ideia de seus meritos peculiares e especificos.

Quanto ás obras, expositivas, de largo folego, ellas são, conhecidamente, o *Brésil litteraire*, de Fernando Wolf, e o *Resumo de historia litteraria* pelo conego doutor Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.

O livro do erudito austriaco tem ainda hoje utilidade real para o estudioso, sem embargo dos sar*casmos de Tobias* Barreto, cuja eschola o snr. José

Verissimo, na *Revista brazileira,* qualifica de pessima. A elle se refere elogiosamente o snr. Theophilo Braga, que no seu *Parnaso portuguez moderno,* editado em Lisboa, em 1877, encerra composições dos vates brazileiros Alvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire, Gonçalves de Magalhães, Fagundes Varella, Castro Alves, Joaquim Serra, Sousa Pinto (o qual é portuguez e portuense, tambem, aliaz), Bernardo Guimarães, Machado de Assis, Bruno de Seabra, Lucio de Mendonça, Narcisa Amalia, Bettencourt Sampaio, Dias Carneiro, Vieira de Sousa, F. de Mattos, Franco de Sá, Filgueiras Sobrinho, Gonçalves Crespo (que adoptou a nacionalidade portugueza), Quirino dos Santos e Octaviano Hudson. No estudo da poesia moderna portugueza, que precede a collecção referida, o sabio lente de litteraturas modernas no Curso superior de lettras de Lisboa dedica o seu segundo capitulo á analyse da poesia lyrica do Brazil, a qual considera superior em vehemencia sentimental e em novidade de fórmas ao lyrismo portuguez. Ahi fixou, segundo elle, o motivo da persistencia da serranilha portugueza na modinha brazileira e no seu lyrismo moderno. Esta secção de alta critica litteraria foi retomada e desenvolvida pelo epigono José Antonio de Freitas, no seu trabalho especial sobre o *Lyrismo brazileiro.*

Todavia, publicações como esta ultima e a do conego Pinheiro teem, para sua comprehensão, o defeituoso contra de presuppôrem conhecido o assumpto. Referem-se a obras, que imaginam já lidas, e apreciam escriptores, cujo texto consideram previamente *adquirido.*

Quando a hypothese, porém, não se confirma, o ensino de livros taes resulta inteiramente perdido e a sua leitura torna-se d'um fastio mortal. É por isso que os modernos criticos additam uma selecta de trechos das melhores composições, em prosa e verso, pertencentes aos auctores julgados. Assim o fez o já citado Fernando Wolf, cujos quilates ainda ultimamente, na *Revista da Sociedade de Instrucção do Porto,* a vasta competencia de D. Carolina Michaelis de Vasconcellos cotejou e aferiu. Todavia, similhante processo destaca como artificial e superficial; elle desarticula as composições e onde o seu empirismo resalta flagrante é pelo que toca ás narrativas seguidas, historicas ou de ficção.

Os ensaistas contemporaneos recorreram ao, mais simples e natural, procedimento da demonstração successiva, de par e passo que se vai expondo e referindo. Estudando Carlos Dickens, por exemplo, o insigne Taine desenha o plano schematico da sua analyse. Estabelece, perante os olhos do leitor, que, primeiramente, elle se propõe tractar da lucidez e intensidade da imaginação em Dickens; depois, da audacia e vehemencia da sua phantasia. Elle dirá como é que no inglez os objectos inanimados se personificam e se apaixonam. Logo deduzirá como a sua concepção se avisinha da visão. E, consequentemente, em como se approxima da monomania. Para isso, exemplificará, comnosco aprendendo como é que elle pinta os allucinados e os doidos.

Ora bem. Havendo d'est'arte bosquejado o seu plano, Taine principia de desenrolar diante de nós o *tecido fino de* sua especula[illegible]ração. E desde

que um momento ideativo, preciso e recortado, determinado e categorico, se defina, elle tracta, immediatamente, de comprovar o asserto que adeantara mostrando, por um exemplo do seu auctor, que o critico d'este não inventa nem desvaira.

Assim, vai intercalando no proprio texto as transcripções que de Dickens entende idoneas e opportunas. Não se contenta; isto lhe não abasta. E, em notas, põe no original inglez as passagens aproveitadas. Para que não possa restar sombra de duvida, concernentemente á fidedigna exacção que se pretende. Desfilam, pois, da acurada edição Tauschniz, os personagens fundamentaes nas situações decisivas, aqui Martinho Chuzzlewit, logo o banqueiro Dombey.

Entre nós, uma obra d'esta especie, regular e systematica, não se tentou sequer. Pelo contrario, um livro surgiu, que, involuntariamente porventura, tendeu para falsificar o criterio portuguez ácerca da producção litteraria brazileira.

Estamo-nos recordando do *Cancioneiro alegre*, de Camillo Castello Branco. Foi uma compilação arranjada precipitadamente, em hora amarga da amarga caligem moral que entenebreceu os ultimos annos do primacial escriptor. Elle riu alli um riso cruel, que cerce dissimulava muitissimas dôres. As suas apreciações fôram injustas quasi sempre, como injustissima a que, precisamente mais desastrada, foi mais intensamente sarcastica. Calcula-se que nos referimos ás linhas votadas a Fagundes Varella, cujo impeto lyrico é de soberba pujança. D'uma idealidade maravilhosa, o estro de Fagundes Varella tem a pureza transcendente do conceito platonista, aquecido, hu-

manado na incarnação do genio sul-americano. Todo o avatara é, etymologica e ontologicamente, uma descida. Mas a intuição tornou-se-nos affim, abandonando a fria immobilidade da rasão pura. Recebeu a transfusão do sangue das paixões:

*O que eu adoro em ti não são teus olhos.*

Para que confesse:

*O que eu adoro em ti, ouve, é tu'alma.*

O volume de Camillo Castello Branco provocou no Brazil uma tempestade de coleras; gemeram os prélos com a pressa de folhetos, mais ou menos arrieirados, remettidos á sobranceira maestria do solitario de S. Miguel de Seide. D'aqui resultou essa opulenta serie de objurgatorias contra *Os criticos do «Cancioneiro alegre.»* Nunca a invectiva attingiu tam vibrantes, extremes effeitos; raramente, o desprezo encontrou nota litteraria mais perfeita, em sua enxovalhante mira. Essa collecção é uma obra-prima de insolencia: ella marca, na triste historia dos desmandos da polemica indigena.

Mas o conhecimento da physionomia mental brazileira é que escapara; antes, os traços se confundiram e a perspectiva se falseou.

Entretanto, o editor David Corazzi, de Lisboa, engenhoso e constante, iniciara a publicação da sua *Bibliotheca Universal, antiga e moderna,* copiada, manifestamente, do plano da *Bibliotheca Nacional*, franceza; mas com outra probidade, reproduzindo

os textos em sua integra exacção e sem os mutilar, como os livreiros parisienses não escrupulisam de fazer, para que, no numero de paginas prefixo, caibam. N'esse archivo se topa com o *Poema do frade,* de Alvares de Azevedo; com as *Sextilhas de Frei Antão,* de Gonçalves Dias; com os *Poemas eroticos,* de Alvarenga; com a *Iracema,* de José de Alencar.

A breve trecho, porém, a empreza sossobrou; e, mais uma vez, a idea de tornar conhecido o Brazil a Portugal se perdeu, pelo insuccesso connexo.

Confessemos, francamente, no lance, que, até 1889, isto é até á data da proclamação da republica no Rio-de-Janeiro, de banda da gente portugueza não despontara o maior interesse por inquirir do desenvolvimento mental brazileiro. E o motivo residia em que —para a intelligencia— o Brazil não contava. Não se suppunha que brazileiros fôssem capazes de mais do que de vigiar pelos engenhos do assucar. Recentemente, já frisamos este ignaro desdem ao discorrermos a proposito de Carlos Gomes.

Aqui relembraremos, só, um episodio anedoctico, que é eminentemente significativo.

Quando em Portugal se soube que um litterato brazileiro, de nome arrevezado, Sylvio Romero, escrevera e publicara uma especie de historia da *Philosophia no Brazil,* em Portugal foi, após o pasmo, um successo de gargalhadas. «Ora isto?!» dizia-se ás mezas dos cafés, nas palestras dos jovens curiosos de espirito. «Com que então: a philosophia do Brazil? Hein? Esta nem ao diabo lembra! Se fôsse a carne-secca do Brazil, ou a feijoada do Brazil... Mas, agora,

a philosophia do Brazil. Valha-nos Deus!» E riam, jubilosos da sua sufficiencia.

Com effeito, o *brazileiro* tornara-se para o portuguez o typo de um grotesco infinito. De longe se lhe attribuiam todos os vicios, todos os dislates, toda a sordidez possivel e impossivel, de alma e corpo. Dava-se esta coisa insensata: Portugal não tomava a sério o Brazil.

Podia, mesmo, o Brazil aventurar-se nas temeridades de vastas guerras, como essa do Paraguay, que inflammou a musa patriotica de Tobias Barreto e de toda a nova geração poetica de Pernambuco. As sympathias, reaes, verdadeiras, sinceras dos portuguezes estavam com o Lopez. E o jornalista portuense Urbano Loureiro publicou uns pamphletos semanaes, de irrisão e troça ás glorias brazileiras, ás suas batalhas navaes, aos seus ataques consecutivos de Humaitá. Inventaram-se historietas picarescas, pondo em duvida a capacidade, o méro bom-senso dos generaes brazileiros. Foi celebre essa do: *Bôa idea, sô Soares,* que rehabilitou um credito litterario. Injustamente (pelo erro apreciativo, proprio dos condiscipulos estudiosos, isto é decoradôres) um moço talentoso fôra até então conhecido pela alcunha do *Braguinha Asneira.* A chacota de Urbano Loureiro havia, de resto, tomado proporções taes que o consul geral do Brazil em Lisboa, Porto-Alegre, um dos iniciadores do romantismo no Brazil, julgou cumprir-lhe intervir. Escreveu uma carta ao desabusado satyrista tripeiro, que d'ella fez a base d'um folheto caustico contra o Brazil e os seus nacionaes. Apropriou-se um titulo de Alphonse Karr; chamou-lhe *Um punhado de verdades.*

Quando o imperador veio á Europa pela primeira vez, os seus ridiculos naturaes fôram complacentemente exaggerados. Causou pessima impressão o seu pedantismo scientifico; e todo o mundo sorriu da sua aptidão para o hebraico. Por outro lado, a sua familiaridade amesquinhou-o; tornou-o trivial. Vendo-o de mala sempre na mão, correndo para as gares, sobrio de gorgetas; ou galhofeiramente contemplando-o sentado mano-a-mano com as regateiras da praça da Figueira, na barraca, a calar melancias, — o prestigio da sua situação social sumiu-se. O seu plebeismo chocou, porque se sentiu falso; conheceu-se-lhe uma *pose* de exportação. Em França representava-se, ao tempo, uma farça de tramoia, engendrada por Victorien Sardou: *Le roi Carotte*. Quando D. Pedro foi á Sorbonna, os estudantes acclamaram-o hilaremente como *o rei Cenoura*. Subrepticiamente, uma lhe dependuraram das abas da casaca. O bom-homem não se zangava, dentro do seu papel de democrata intermittente.

A caricatura apoderou-se, incontestandamente, do personagem. Bordallo Pinheiro empregou o seu lapis nos cartões dos *Apontamentos da viagem do imperador do Rasilb*.

É que no autocrata se consubstanciaram todas as deformidades do typo, pouco sympathico, do *brazileiro*. Elle foi um symbolo vivo. A antipathia ia-se, até, aggravando, envenenando-se em animadversão, desde que o pobre principe, no Porto, moido das bajulações dos cortezãos, por officio, beneficio ou simples disposição de animo — poisque se nasça creado de

servir —, ousou manifestar o seu desgosto e não se deu a esconder o seu tedio.

Accusaram-o de menos primôr no trato, o que não deixava de ser certo mas o que se explicava e desculpava á face do motivo que assignalamos. Quando, finalmente, elle se despediu com o deploravel incidente da recusa do pagamento da conta da estalagem, por a achar salgada, ninguem reparou na cynica exploração da estalajadeira, mas todos os olhos se fixaram na figura triste d'um tam grande principe regateando miserias de azeites e vinagres.

Emfim, foi um desastre pezado essa viagem ingenua; e ella mais confirmou a presumpção, já radicada, ácerca do Brazil e dos brazileiros.

Já radicada dissemos; nada contribuira para esse effeito como a longa novellistica de Camillo Castello Branco.

O personagem central dos seus romances, aquelle á roda de quem gravita todo o systema da acção é: o *brazileiro*. D'aqui, procede, mesmo, certa monotonia, que a critica, nas horas combatentes, se não esqueceu de lançar em rosto ao mais significativo representante do condicionalismo subjectivo portuguez n'este nosso tempo de agora.

Por 1869, o snr. Luciano Cordeiro exercia a analyse no sentido pretencioso e infantil do mestre-escholà, que offerta corôas ou dá palmatoadas. Estava-se na concepção primordial, que Gustave Planche consubstanciara na integra em França modernamente. Elle era, positivamente, quem dava as cartas. Ora, justificando o que considerava um dos grandes defeitos de

Camillo, já então, no seu *Livro de critica*, notava elle que difficil seria encontrar obra do romancista minhoto cujos caracteres não comprehendessem primacialmente o ricasso, labrêgo, cynico e commendador.

Reputa Luciano Cordeiro este typo falso: chama-lhe «o pseudo-brazileiro.» A mesma intuição teve mais tarde o snr. Luiz de Magalhães, o qual foi bem longe. Cahiu na ingenuidade opposta. Pretendeu rehabilitar o typo do brazileiro. Para isso, escreveu um romance de these, com exterioridades, de dialogo e descripção, naturalistas; no fundo, o que os russos chamam uma obra de tendencia.

Esta novella, mais falsa estructuralmente do que as suas antagonicas, é, como ellas, em sua generalidade representadôra, tam insignificativa e improvante como as outras. Intitula-se *O brazileiro Soares*, e tem um prefacio de Eça de Queiroz, cautelosamente parco de encomios. Com ardil jesuitico, refugia-se no conceito moralista; não diz ao auctor que elle escrevesse um bom livro, limita-se a confidenciar-lhe que elle praticara uma bôa-acção. *Oh! le bon billet qu'a La Châtre!*

Mas, bôa ou má-acção (o que vem pouco para o caso), o que é certo é que o brazileiro Soares de Luiz de Magalhães é excepção idealista, como os brazileiros de Camillo Castello Branco são excepções de caricatura.

E, sendo-o, os brazileiros de Camillo Castello Branco não são os brazileiros de José de Alencar: quer dizer, os brazileiros de Matto-Grosso ou de Minas-Geraes não são os *nossos* brazileiros. Isto o frisou *nitidamente o mesmo* snr. Eça de Queiroz no

memoravel numero das *Farpas* que (com o snr. Ramalho Ortigão, cuja collaboração n'esse fasciculo deve ser pequena, se alguma é, mesmo) consagrou á digressão do imperador pela Europa, particularmente na sua passagem por Lisboa.

O *nosso* brazileiro—assim lhe chamamos, porque *nosso* seja. Nosso, pela origem, pelas inclinações, pelos costumes. É o portuguez repatriado. É o torna-viagem.

Portanto,—não discutindo por agora a valia pessoal e o effeito social d'este elemento das nacionalidades portugueza e brazileira—, a ironia, quer fundada quer erronea, passa de lado do brazileiro, não o attinge, não o toca, não lhe embarra sequer. Porque o brazileiro é, naturalmente, o brazileiro legitimo, o brazileiro-nato, aquelle que, pela mãe (raramente pelo pae), pertence á terra brazileira.

Ora, este, desconheciamol-o nós.

Algumas vezes, tão só, destacou em frente da nossa comprehensividade; mas, d'essas, sempre, revestiu um aspecto que não nos tornava nada agradavel sua contemplação, bem como se nos não fazia facil seu exame. Umas d'essas feitas, elle era temeroso para nós, como quando se acordava, em lugubre rebate, a reminiscencia das insurreições anti-portuguezas. O nome de Nunes Machado e a sua dedicação heroica esquivavam-se-nos; mas as fuziladas de Pernambuco ainda nos agitavam no sobresalto de que perdessem a partida as tropas fieis ao governo constituido, e que para os nossos conterraneos, alli residentes, representavam a garantia da segurança. Outras vezes, a hostilidade apresentava-se patente e aberta, *como nos momentos* recentes da propaganda desca-

bellada do Nery maratista que redigia a *Tribuna* do Pará. Só então é que appareciam, timidamente, nas nossas livrarias folhetos concernentes aos brazileiros-brazileiros, suas aspirações, juizos, vicios e virtudes. Comprehende-se que, na angustia do lance apremiante, o retrato não fôsse favorecido; e entendem-se os clamôres de alarme, soltos pelo snr. Gomes Percheiro, por exemplo, quando do insulto da bandeira portugueza, arrastada pela lama das ruas, entre uivos de assoldadados capangas.

Mas, logo passada a crise, tudo volvia á indolencia consuetudinaria; e ninguem se affligia por apurar, afinal, quem era e o que pensava esse brazileiro, a cujo aggregado politico a rhetorica dos sermões de gala adregara chamar, d'onde a onde: *a nação irmã*. Fallar brazileiro, era mau. Mas pensar brazileiro, como de alguem que de lá voltara se lamentava alguem que cá ficara, era pessimo.

Quanto aos portuguezes que de vez tornavam do Brazil, não escreviam tomos de viagens. Eram homens do trabalho, que regressavam a descançar de longos annos de um labôr indefesso. A sua obrigação não era negociar cartapacios. E os litteratos, de condição ou profissão, que iam ao Brazil: por via de regra, por lá se deixavam ficar. Que isto de morrer de fome pelo gaudio de pingar borrões de tinta sobre quadrados de almasso só seduz quem é irreductivelmente maluco, solemne e incuravel. Por lá se deixaram ficar, pois, Ernesto Cibrão, Augusto Emilio Zaluar e o mais eminente de todos, o conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha.

De modo que a informação permanecia insuffi-

ciente. Não lhe corrigiam os defeitos aquellas obras que, apezar de suas qualidades, se resentiam dos preconceitos já levados d'aqui, como o volume *No Brazil*, do snr. Silva Pinto. Só nos nossos ultimos dias é que principia a brotar um genero que até hoje era impossivel: o de livros ácerca do Brazil que não desobedeçam aos mandados da simples justiça imperativa. Ainda ha pouco appareceu o opusculo do snr. João Chagas, intitulado: *De bond.* É precioso de ligeira vivacidade; chronica despretenciosa e corrente, dissimula um grande serio, que faz o seu fundo. A sua leitura, prompta e facil, impressiona, aliaz, pelo incisivo dos conceitos. É um folhetim que diz alguma coisa.

Entrementes, pois que só agora começamos a conhecer o Brazil, temos vindo phantasiando um Brazil de convenção — nada attrahente, valha a verdade. A culpa era nossa; poisque o typo do brazileiro, se o não creamos, o deformamos nós.

E aqui se consigne o erro do snr. Luciano Cordeiro, quando parece suppôr producção exclusiva, e da só responsabilidade de Camillo Castello Branco, essa figura do brazileiro, cuja repetição no quadro o embaraça e aborrece.

Nada mais inexacto. O brazileiro dos romances de Camillo Castello Branco corresponde ao que, na technica das peças de theatro, se chama o centro dramatico; elle constringe o nodulo da acção.

Porque?

Porque seja quem tenha o desfecho das crises na mão, sendo o detentôr do sentido economico da peça. Elle é o homem do dinheiro, e nenhuma apostrophe

tam verdadeira e eterna, como o verdadeiro, eterno Mephistopheles:

*Dio dell'oro, del mondo signor!*

Assim, considere-se a vivida interpretação da fervilhante comedia humana moderna. Realisou-a a sagacidade critica de um Taine, desde que estuda Balzac nas camadas profundas do seu talento inquisitivo. Retenha-se a importancia que elle attribue ao dinheiro na confecção do drama actual; note-se o cuidado que põe no desenho dos seus avarentos, um Gobseck, um Grandet.

Objectar-se-ha, porém, que estes não constituem classe social á parte; não formam, por assim dizer, nacionalidade na nacionalidade. Mas esquece quem tal allegue a figura proeminente de Nucingen, destacada n'um departamento tão áparte que a algaravia insonte do seu francez tudesco torna quasi immanuseaveis os livros por onde elle perpassa.

Figura de chave, em romance de chave, Nucingen, ou o barão Rothschild, representa o judeu afrancezado. No sentido de possuidor do capital, tam só, entenda-se, — o que significa o judeu em França significa-o o brazileiro em Portugal. Elle é, pois, nota indispensavel no agenciamento da novella portugueza contemporanea.

E não exclusivamente na vida minhota, como o pretende o snr. Eça de Queiroz, illudido pela preferencia do domicilio, uma vez aqui fixado o brazileiro. Essa preferencia determina-se, com rigôr, pela origem da procedencia. Comtudo, na continua absorpção que

as cidades exercem sobre as aldeias, o brazileiro tende tambem a deslocar-se para os grandes centros. O snr. Eça de Queiroz falla patuscamente da sympathia d'elle pelo «Pedro Alexandrino», casarão amarello ao caes do Sodré, onde, em tempos idos, havia um hotel, frequentado, de escolha, pela gente que embarcava ou desembarcava, visto ficar alli perto, a geito de partir. O mesmo snr. Eça de Queiroz, nos *Maias*, allude, de passagem, rapidamente, mercê do escabroso da situação, ás pretendidas influencias degenerescentes, nos costumes lisbonenses determinadas pelo brazileiro. É quando Carlos da Maia, na Avenida, pergunta ao Ega pelo Charlie, menino escrophuloso e loiro, «que andava então muito com um brazileiro.»

Se não é regional, o brazileiro tambem não é, estrictamente, contemporaneo.

N'aquella peça que Sismonde de Sismondi não considerava como uma obra regular destinada para a scena, lá nos mostra já o velho Garção o nosso amigo brazileiro. Intitula-se a comedia *O theatro novo;* e, representada no palco do Bairro Alto, (por uma nota manuscripta do compilador Caminha) informa o snr. Theophilo Braga o novo editor prestimosissimo de Garção, snr. Azevedo, brazileiro, esse, nado e creado lá, que ella foi pateada e assobiada pelo publico. O snr. Azevedo, em nota idonea, espanta-se d'esta irreverencia. Fôra soez, com effeito, mas para o caso o que importa é que o personagem central da composição é o brazileiro, vindo então de Minas, no apogeo da sua feraz producção de ouro e diamantes. A elle é que é preciso que habilmente faça a côrte a menina de olhos azues e bolsa escorreita, que pretende

casar, pois que elle é que póde dispôr do dinheiro necessario para levantar a charola.

Assim o annuncia, logo de começo, o enthusiasta Aprigio Fafes:

*Para a despeza do theatro novo*
*O dinheiro me empresta meu compadre,*
*O grande Arthur Bigodes, que na frota*
*Veio ha pouco do Rio, e vem potente,*
*Traz infindo dinheiro, papagaios,*
*Ardras e bugios: traz mil cousas.*

Pela sua idade, pelos seus haveres, pela sua consequente respeitabilidade social, o mineiro é o motivo do entrecho; por isso, justamente, na vida facticia da imaginação theatral, o poeta o propõe e aponta para *barbas*, que era a designação coeva do nosso *centro* actual. Mas aqui a vaidade do brazileiro, que se não quer sentir, muito menos reconhecer, velho, reage, provoca a desordem, desmancha todas as combinações, tolhendo, egoisticamente, a renovação do theatro nacional.

O romantismo accentuou o traço caricatural. Orienta-nos, no conceito critico, o folhetim por Almeida Garrett votado ao desenho do personagem grotesco e da situação comica de *O brazileiro em Lisboa*. Na sua redacção definitiva, ficou em fórma de carta, escripta, da capital lusitana, por um brazileiro á sua amada. Eis como principia: «Cajú da minha vida, banana da minha alma, beija-flôr dos meus pensamentos, oiro-preto de minha saudade.» O adonis assigna-se *Jacaré-Paguá*.

O juizo de Garrett (ácerca do supposto ridiculo

incorrigivelmente subsistindo no brazileiro) permanece fixo durante toda a sua carreira litteraria. Ainda no termo e ao cabo. Assim, no capitulo III do romance *Helena*, que ficou incompleto, por morte do escriptor na epocha em que o andava elaborando, lê-se o nome de Spiridião Cássiáno di Mello i Matoss, farçolamente abrazileirado. É o preto mordomo, que teria importante papel na parte romanceada. Ora, o mais curioso é que aquelle nome exquisitorio não pertence á inventiva de Garrett; elle o tomou da realidade. Com effeito, o *Diccionario popular*, dirigido por Pinheiro Chagas, traz no logar idoneo:— *Mello e Mattos* (Cassiano Espiridião), magistrado brazileiro.—Ao lance, não parece a Gomes de Amorim que o acaso collaborasse tam admiravelmente na obra do poeta, para dar dois nomes eguaes. Explica que certamente se namorou o auctor da combinação, adoptando-a «sem malevolencia». De seguro; mas não sem malignidade.

Parece, pois, á face do exposto, que não se póde exigir uma documentação litteraria mais completa da permanencia do typo brazileiro entre nós; mas o snr. Eça de Queiroz erra, por fórma diversa, quando lhe imprime uma generalidade que elle não comporta. Assim, na sua espirituosa monographia do *brazileiro*, o «humour» do redactor capital das *Farpas* extravasa. Por um exaggero de imaginação logica, proprio das nossas raças hyperbolicas, elle insinua que a gargalhada com que acolhemos o brazileiro foi tam clamorosamente estrepitosa que se ouviu por essa Europa fóra. Um tam grande riso chamou as attenções cosmopolitas. Repararam e ri-

ram logo, tambem. De modo que «em França, em Hespanha, em Italia, o Brazileiro penetrou triumphantemente, de guarda-sol azul em rolo e chapeu na nuca, entre uma hilaridade pasmosa — na região dos grotescos. E o Brazileiro tornou-se assim para a raça latina, essa caduca sabia da ironia, — o deposito do riso.» Com effeito. O riso é communicativo, e a expansibilidade do escarneo promove a imitação, é certo.

O peor é que tudo isto é radicalmente falso.

O snr. Eça de Queiroz confunde o brazileiro, de interesse restricto, com o americano, que é uma curiosidade universal. No seu typo yankee, é que o americano feriu, pelo seu mercantilista utilitarismo. Hypertrophiando ainda os traços antipathicos da physionomia ingleza, o americano irritou; a propria caricatura indignou-se. O riso azedou e a comedia derimiu em satyra quasi pessoal, com etiquetas e endereços, á laia classica aristophanesca.

Alguns escriptores dramaticos inquietaram-se com o inaproposito do *Oncle Sam*, de Victorien Sardou. As opiniões politicas do auctor desagradavam, pelo seu tom carregadamente reaccionario. Assim, as censuras choveram, inflingidas ao leviano francez, o qual poderia concorrer para desviar as raras affeições que ainda quedavam restando, em seu infortunio, á patria abatida e humilhada.

Mas a coisa vinha detraz. A mesma comedia incriminada não passava, afinal, d'um evidente plagiato da novella dos *Butterfly* de Alfredo Assolant. E este escriptor, original e pittorescamente estranho, creara-se uma especialidade, da satyra dos costumes e habitos americanos.

Na sua collaboração cryptonima da *Vie Parisienne*, Taine não olvidara de flagellar o materialismo da condição moral dos yankees: compendiara, mais tarde, em volume essas duras, esparsas troças de Frederico Thomaz Grão-de-cevada, negociante de porcos salgados, no Massachusetts.

Sizudamente, elle explicara já o phenomeno extravagante da feitura do credo doido dos mormons como uma reacção desorbitada contra o grosseiro positivismo prevalecente nos Estados da União.

Já antes o formidavel Balzac, querendo transformar, explicativamente, o typo do tarimbeirão, perseguido de chascos desde Plauto até Smolett, o que é que faz? Não se limita a collocar o seu militar depravado, Philippe Brideau, official aos dezoito annos, na eschola das traições e das debandadas da campanha de Waterloo; manda-o para o Texas, a fim de o pôr em contacto e sob a immediata acção do espectaculo do «egoismo e da brutalidade americana», commenta o mesmo Taine.

Emquanto que com o Brazil, nada d'isto. Se as republicas sul-americanas promovem a tristeza das criticas pelo exemplo das suas perturbações constantes, nenhum d'esses sentimentos depreciativos com respeito ao Brazil. Os novellistas, que o tomam para habitaculo de suas invenções, empenham-se em o honrar, pintando-o, coisas e pessoas. Até nas producções mediocres, como as dos *faiseurs* Emilio Carrey ou Augusto Matthey *(Arthur Arnould)*, a observação não se desmente. Tanto o conceito preside, assente, em sua generica amplitude.

Quem sabe? É possiv[illegible] parti-

cularista distingisse o conceito collectivo e que a moderação do tom, no juizo esthetico do americanismo, de causa similhante ou analoga derive. Temos o typo de Clarkson, que se encarrega de dar sancção á theoria, de sciencia phantasista, explanada com respeito aos vibriões por Dumas filho, nas incongruencias da sua ultima maneira. Temos a improvisação bonhommica do *Tio da America*, em que Julio Verne encontra a situação da familia portugueza com o brazileiro.

Como quer que seja, e revertendo ao ponto-de-partida, o brazileiro que a nossa litteratura debuxou não é o brazileiro que nos importa conhecer. Houve aqui erro. E o que é curioso é que tanto se enganaram os portuguezes natos, talhando a carapuça, como enfiando-a os nativistas brazileiros, em cujas cabeças ella não entra, aliaz.

Assim, quem, em bôa-verdade, tinha rasão de se irritar com os sarcasmos da litteratura, alfacinha ou minhota, eram os portuguezes da colonia, poisque para elles, quando de regresso, é que as chufas se remettiam. Tal é a contradicção das coisas!, esses fôram quem applaudiu e transportou, mais tarde, o snr. Ramalho Ortigão em triumpho pelos gabinetes de leitura e clubs de gymnastica, entre salsifrés e alteres.

Quem se irritou, sob symetrico contrasenso, fôram os brazileiros-natos.

Indignaram-se, ao mais alto ponto; excederam-se em invectivas; fôram comicos, na desproporção de suas arremettidas; prestaram o cachaço ás floridas rrochas. *Como aquelle* que a Eça de Queiroz pro-

metteu recebel-o, na praia de Pernambuco, com um cipó de Petropolis. Como aquell'outro Thomaz Junior, que, na substituição brazileira de Filho, outhorgou o nome ás offensivas cabriolas obscenas do azedume de Camillo Castello Branco.

É que, povo novo, com toda a frescura primaveril (o impeto, a confiança, o orgulho) o brazileiro não supporta a ironia. Magoa-se, como d'uma grave injuria, pela mais somenos brincadeira. É ingenuo e altivo. E, pois que a adolescencia seja o tempo do buço, para os individuos como para as nações, o Brazil é, um pouco, *pelludo*. Dá sorte; encavaca, zanga-se. E logo lhe acodem, em replica, as palavradas, punhos cerrados, ameaças.

Isto que prova? Que é joven e que tem brio. Honra lhe seja.

Não theorisamos arbitrariamente; criticos, subtis e argutos, de nascença brazileira, deram fé d'este peculiarismo da idyosincrasia moral dos seus compatriotas.

Assim, n'um dos numeros, recentes, da ultima serie da *Revista Brazileira*, o snr. José Verissimo verifica que «a ironia, como o «humour», mais ainda talvez que elle, é estranha á indole brazileira.» Generalisa e explica em como a ironia é insupportavel ao brazileiro. «A ironia, define, é o insulto do civilisado.» «Por isso, conclue, as naturezas primitivas, ao invez do que se suppõe commummente, são extraordinariamente sensiveis á ironia. Incapazes de lhe comprehenderem os matizes, a sua sensibilidade exaggera-lhe os intuitos e o alcance.»

*Postas, assim,* as coisas, comprehende-se como

inoffensivas *boutades* de folhetinistas lisbonenses se transformassem em coisa grave e séria. Vê-se por que fôsse considerado aggressões formaes o que não passava de debiques, mais ou menos aprimorados no gosto. E entende-se o motivo d'um corollario pessimo, o qual consistiu em distanciar mais a mentalidade portugueza da brazileira.

Com effeito, os nossos *irmãos de além-mar* começaram de antipathisar comnosco cordealmente. Mais francos, não occultaram a sua hostilidade. Proclamaram-nol-a rudemente, sem ambages. Não careceram de procuração; não nol-o mandaram insinuar por outros. Disseram-nol-o *carrément*, na bochecha.

As novas gerações extremaram-se, então, no desprezo, que timbraram de exhibir, por nossa especulação esthetica, philosophica, critica. Pagaram-nos de desdens; orgulharam-se de nos dizer coisas feias; e, como creanças amuadas, déram em nos chamar nomes. Despicaram-se, não tem duvida nenhuma.

Na multiplicidade dos seus desconnexos ensaios, atravez dos quaes a educação precipitada de um espirito poderoso se vae contradictoriamente operando, uma caracteristica ha que em Tobias Barreto se não desmente. É o tedio pela cultura portugueza; affecta sempre uma soberba repulsa pelos grandes nomes da nossa evolução litteraria, ainda pelos culminantes.

Resulta curioso, como modelar exemplo, o estudo ácerca da reedição dos *Opusculos* de Alexandre Herculano. Elle tem a data de Julho e Dezembro de 1873 e pertence á collecção subordinada ao titulo generico de *Ensaios e estudos de philosophia e critica* («primeira *livração*» *(sic)*, segundo o abominavel galli-

cismo brazileiro). Coincide com as analyses congeneres portuguezas, de Ramalho Ortigão, nas *Farpas;* de Theophilo Braga, na *Bibliographia critica de historia e litteratura,* dirigida concomitantemente com Adolpho Coelho. Nada adeanta, em sua facil demonstração das contrariedades insanaveis do espirito de Alexandre Herculano, pouco apto á dialectica. Sua cultura, como seu entendimento, era essencialmente, de transição. Mas o que é significativo é o malevolo empenho com que o brazileiro procura revelar que o portuguez não é um historiador digno de pertencer á categoria dos considerados primaciaes e relevantes.

Nada encontra de especialmente notavel na *Historia de Portugal,* de Herculano, que engrandeça e illumine, fóra do commum, o vulto do seu auctor. Pergunta se será a expulsão do milagre. E encarrega-se de responder que nada resta para Herculano, poisque o milagre de Ourique já tinha sido expulso, crê elle, pelo allemão Schæfer. Vê-se que não conhece o trabalho do professor de Giessen e que cita de citação: poisque, alargando-o, lhe erre o titulo da obra; e visto como inscreve dubitativamente o asserto primordial.

Comtudo, Schæfer não teve a coragem de eliminar o relato da tradição miraculosa. Registra-a; e, se invalida o diploma que a impostura, estribando-se em tradição similhante, forjou, pelos fins do seculo XVI (para impôr, diz elle, á credulidade e ao orgulho de uma nação supersticiosa); se tal faz, tem de basear-se sobre os trabalhos de portuguezes doutos e esclarecidos. Elle mesmo confessa que o critico lusitano João Pedro Ribeiro concorda e que é modo

ingenuo do dizer orgulhoso, poisque elle, Schæfer, é que concorda com o auctor das *Dissertações,* que o precede.

Finalmente, com a timidez germanica e a indecisão peculiar do seu *cant,* Schæfer deixa vaga a questão do quer que fôsse com respeito ao milagre. Quanto ao diploma, convem candidamente em que, se bem que se haja demonstrado por muitas vezes a falsidade de similhante documento, resta, comtudo, digno de nota que uma tradição, que remonta até aos primeiros tempos da monarchia, attesta esse prodigio e cita circumstancias que não differem essencialmente das indicadas no diploma referido.

Sem embargo, uma das victorias de Herculano consistiu precisamente em demonstrar que essa tradição não remontava tal até aos primeiros tempos da monarchia. Assim, isto, pelo menos, resta para Herculano; mas muito mais resta ainda, no proprio lance, que não vem para o caso desenrolar.

Agora, o que cumpre é pôr em evidente flagrancia a má-vontade que deprava a critica e transforma a analyse apreciativa n'um libello faccioso.

Assim, Tobias Barreto, pretendendo esterilmente diminuir a capacidade historiographica de Alexandre Herculano, insiste na carencia de *retratos* em sua obra.

Diz que debalde se buscaria ahi alguma cousa de analogo e comparavel á caracteristica de Sylla, ou á de Cesar, em Mommsen; o quer que, longe ou perto, seja similhante ao retrato de Innocencio III em Hurter:—ao de Luthero, em Ranke; ao de Carnot, em Sybel.

Aqui, ha dois erros. O primeiro — e fundamental — consiste em despedir a competencia d'um historiador, porque elle não seja um certo genero de historiador.

Não queremos acreditar que Tobias Barreto recusasse entrada no concilio dos divinos ao inglez Hallam — poisque, guarda-portão do Olympo, carrancudo, ao *guichet*, reclame as senhas.

E, todavia, onde, na obra de Hallam, encontraremos os retratos de Carlyle ou as scenas de conjuncto de Macaulay? Um historiador colorista e narrativo como Thierry póde acaso medir-se pela craveira philosophica d'um Guizot? E a energia evocatriz de Michelet não é differente coisa da habilidade vulgarisante de Thiers?

Depois — o segundo erro. Para fazer o retrato de Sylla, é preciso que pouse deante de nossas reminiscencias Sylla. Mas se não fôr o ensejo de retratar Sylla? Caso Mommsen tivesse de desenhar João Fernandes, as suas paginas vibrariam, na nossa retentiva romantica, com a intensidade de que vivem as que a Cesar consagrou? Ora, onde tinha Herculano, para no marmore sagrado lhes talhar as estatuas, os Lutheros e os Carnot? As figuras que desfilavam por deante d'elle não exhibiam mais que as mascaras exiguas de principiculos medievaes, de solarengos anonymos quasi, de bispos esquecidos, mesmo á data de suas façanhas — ignorados.

Todavia, quando alguma personalidade de mais poderoso relevo destacava, não lhe faltavam na paleta tintas. Que o diga a lembrança do fundador da *monarchia*. Até, aspero e abrupto, é de admirar como

a Herculano não escasseiam as meias côres, para cobrir as physionomias pardas, equivocas, que se escoam, qual essa do negociador Duarte da Paz, na *Historia da Inquisição.*

Mas Tobias Barreto não buscava desinteressadamente a verdade. Apaixonado, procedia para conclusão já predeterminada.

Assim, cascalha da pretenção que, assevera, tinha Alexandre Herculano de ser em sua terra o que foi na Allemanha Leopoldo Ranke, isto é chefe de escola, mestre insuperavel.

Attenta a miseria da nossa decadencia, não póde dizer-se, infelizmente, que Alexandre Herculano fôsse chefe de escola, poisque raros discipulos logrou. Todavia, não desaproveitados, de todo.

Se de Rebello da Silva não merecem contar-se senão os dois ultimos volumes da sua *Historia* e a sua, valiosa, *Memoria sobre a agricultura,* em nossos dias, compensando, appareceu uma d'estas composições capitaes que não deshonram os modelos e enobrecem a epocha em que surgem. Referimo-nos á *Historia da administração publica,* do snr. Gama Barros, trabalho para nossa vergonha, mais conhecido e justamente reputado em Hespanha do que entre nós. D'elle, todavia, com acerto disse Oliveira Martins que é «um livro digno de hombrear com os do grande Herculano, e que por signal seria impossivel fazer se o nosso historiador não tivesse desbravado o campo.» Por isso, memora «como tributo de respeito» essa «obra fundamental.»

De resto, o desastramento de Tobias Barreto avulta *completo; poisque,* d'entre todos os historia-

dores allemães contemporaneos, vai, para, em doloso confronto, amesquinhar Herculano, escolher precisamente aquelle que mais affinidade offerece com o nosso portuguez.

Visto que pareça quiçá exaggerado encomio o que em nossa bôcca não transcende os limites da vulgar equidade, buscaremos em estranho juizo a confirmação do que allegamos.

Assim, com effeito, um critico britannico, tractando de caracterisar o alto particularismo do talento de Herculano, de quem é que o approxima, para que o leitor, desprovido do conhecimento do idioma portuguez, o possa aferir? De Ranke, exactamente.

Diz elle, fallando das influencias exoticas no espirito de Herculano: «... in later life he was attracted to the new German School of historians founded by Ranke; and perceived that his thrue vocation was scientific history.» Seguidamente, julga do modo como Herculano realisou sua vocação. Escreve: «His chief work has been the disentanglement of the early history of Portugal from the mass of legends which had clustered round it, and his *History of Portugal* and *The origin of the Inquisition in Portugal* are lasting monuments of industry and criticism.» Note-se que este critico londrino não é o da *New Quartely Review,* que Barreto refusa.

Mas Tobias não julga qualificavel Herculano, porque os seus queridos allemães, d'elle se não occupam elogiativamente. Mesmo ignoram-o. Haja vista o *Staatsworterbuch,* de Bluntschli: art. *Portugal,* por Schubert; art. *Pombal,* por Baumgarten; art. *Inquisição, por Dove.* Parece-lhe singular e digno de nota que

auctores allemães, na epocha presente, e em artigos consagrados ao desenvolvimento historico de Portugal, sob as suas diversas relações, demonstrem não conhecer os trabalhos de Herculano, deixando de mencional-os ao lado de outros, pertinentes ao assumpto.

É espantoso. É espantoso que esta carencia de citação de Herculano prove contra Herculano e não prove contra os allemães. Como se no diccionario politico de Bluntschli, no artigo *Brazil,* se não citasse Varnhagen e isso provasse contra Varnhagen. É espantoso, realmente. Ou, antes, não é, desde que Tobias Barreto estranha que, n'um artigo sobre Pombal, não appareça citado Herculano, que não possue trabalho algum ácerca de Pombal. Herculano ácerca de Pombal! Por que carga de agua? Por môr da Inquisição? Mas a historia da Inquisição de Herculano só tracta de sua origem e estabelecimento em Portugal. Então por que seria que o snr. Baumgarten, que pelo nome não perca, se havia de desvairar, á cata de forragcamentos impossiveis, pelos meandros herculanescos?

Não. A questão é outra. O que importa é que fique bem estabelecido que ao nome de Herculano não quadra o acatamento das novas gerações brazileiras.

Por isso, o companheiro, dissidente discipulo e amigo dedicado de Tobias Barreto, o snr. Sylvio Romero não hesita perante o mau-gosto de confrontos com illustrações congeneres brazileiras. O nome que, naturalmente, lhe acode é o de Francisco Adolpho Varnhagen. Em cada mão sopeza os meritos. Balancea. Mas a verdade é *por tanta* maneira flagrante que

lhe não resta senão ceder. Bate em retirada, porém resalvando.

Declara: «Si (é como elles escrevem), si a *Historia do Brazil* de Varnhagen não é comparavel á *Historia de Portugal*, Herculano, por sua vez, nada possue que se possa comparar ao trabalho do nosso historiador: *Les origines touraniennes des Americains Tupi Caribes.*».

Pois, apezar de tudo, no primeiro volume da sua *Historia da litteratura brazileira*, o mesmo snr. Sylvio Romero combate a theoria que se encontra expendida n'essa obra, a qual reputara, aliaz, magnifica. Ahi accusa o snr. Theophilo Braga de a haver plagiado, quando é certo que, no capitulo em o *Parnaso portuguez* consagrado ao lyrismo brazileiro, o illustre professor lisbonense, por duas vezes, que não uma, se reporta ao trabalho de Varnhagen. Seria talvez de lhe não citar o nome, resto da animadversão antiga, quando a vaidade hierarchica do historiador brazileiro provocou o justo riso do critico portuguez, que — lhe não tinha dado «senhoria».

Manifestamente, era e é um proposito. As notoriedades consagradas da litteratura portugueza não mereceriam perdão aos nossos continuadores ethnicos na America.

A nada olhavam. Perdiam todas as medidas. Cegavam-se.

Assim, quando appareceu *O primo Bazilio*, de Eça de Queiroz. O folhetinista Machado de Assis, que escreve um portuguez castigado, translucido, perfeito, esqueceu-se ao ponto de, em catilinaria, anonyma, *de resto*, proclamar o famoso desconchavo (descon-

chavo sim, mas calumnia tambem) de que o *Crime do Padre Amaro* não passava de uma traducção da *Faute de l'abbé Mouret,* de Émile Zola. Não se ficou por ahi. Accrescentou que o *paraiso* do *Primo Bazilio,* baiuca do Bairro-Alto em Lisboa, casa-de-passe infecta, era a reproducção do *paradou,* cheirosa floresta, miniaturando uma edição-diamante do Paraiso genesico. Não se ficou ainda por ahi. Declamou contra a immoralidade indecente da scena da «sensação nova.» Mas não se recordara da escandalosa orgia em que a *Luciola* de Alencar se degrada tanto como não se permittiria jámais a mesma *Fanny* de Feydeau.

Assim, quando appareceu a *Patria,* de Guerra Junqueiro — se da vulgaridade do quadro de costumes é licito revoar para as zonas transcendentes da epopêa.

A profunda significação d'esse livro escapou inteiramente aos criticos brazileiros. Á força de malignidade, chegaram a ser sandeus. Não conseguiram confugir da mediocridade dos reparos propriamente constructivos, plasticos, de technica e carpinteiragem. Ficaram, irreductivelmente, litteratos. Faltou-lhes a emoção moral, que, unica, as torna intelligiveis, a obras d'esta alta categoria.

Assim, o que, a proposito do poema maravilhoso de Guerra Junqueiro, se permittiu escrever o snr. Valentim de Magalhães foi, inteiramente, deplorando. Elle, na sua futilidade de janota da rua do Ouvidor, não percebeu o immenso alcance, historico e politico, da ideação do poeta. E, todavia, certa obrigação, maiórmente que os seus conterraneos, tinha para isso, após uma *vê-se que* inutil mas recente peregri-

nação pela terra lusitana, que fôra a de seus paes.

De resto, o simples prodigioso successo-de-livraria, em Portugal alcançado, pela obra de Guerra Junqueiro — successo que não deveria ser, por certo, ignorado no Rio e que demandava uma explicação — o tinha de elucidar, a elle, pseudo-critico, prompto na invectiva e facil em ricanar.

Ora, esse successo foi, na verdade, tam vasto que elle constituiu uma fulminante excepção na modorra tradiccional do nosso mercado.

É interessante e ensinativa a coincidencia; testemunha do avance do espirito publico. Foi um documento de psychologia collectiva muito para orgulhar a faina d'aquelles que, por diversa maneira, se tinham atélli empenhado em promover uma consciencisação crescente do juizo popular.

Fôra o caso que, havia trinta e quatro annos, um triumpho analogo no negocio de livros se consummara no balcão da lusitana livraria.

Deu-se quando do apparecimento do romance-poema *Dom Jayme,* de Thomaz Ribeiro, livro menos que mediocre, como factura artistica, e lastimoso, então, como thema concepcional.

Era uma emphatica declamativa contra o jugo castelhano dos sessenta annos, sem verdade historica. O auctor esquecia, consoante em geral ainda acontece, que nós nunca estivemos annexados consubstancialmente á Hespanha, mas, tão só, constituimos com ella, segundo os compromissos das côrtes de Thomar, uma especie de dualismo politico, sob a simples unidade da dupla corôa em uma mesma cabeça, con-

forme succede hoje com a Suecia-Noruega e com a Austria-Hungria.

Como realisação esthetica, o poema não podia ser um documento mais desgraçado da decadencia da nossa imaginação creadôra, se é que alguma vez a tivessemos.

O mau-gosto do seu cultismo, no frivolo encadeamento das rimas, na vaidade da multipla alteração do seu metro, mudança sem correspondencia intima com o lance sentimental — assombra hoje, quando se recorda a coarctada, sublime de incomprehensão, do visconde Castilho, pontificando que aquelle volume deveria substituir, no gosto publico poisque na lição das escholas, os *Luziadas*, de Camões.

O successo, parallelo, do livro de Guerra Junqueiro explica-se graças aos immensos progressos obscuros, effectuados pelo intellecto nacional durante os ultimos cyclos, mentaes e politicos, da sociedade portugueza.

Elle seria absolutamente impossivel ha meia duzia de annos, no dominio, agudo ainda, d'um dos stadios da illusão, acceite a terminologia pessimista de Hartmann. Consiste em crear o espirito certa cega fé patriotica, que exclue toda a critica e, n'uma especie de autolatria collectiva, prohibe, pela sufficiencia ignara das multidões, qualquer progresso e impede a somenos melhoria. Com esta demencia exulta o inimigo. Ninguem applaudiu mais as absurdas retumbancias da musa de Belmontet do que a critica tudesca, espionando, do talude de seus panegyricos, o momento da desforra de Iena, Wagram, Eylau, Austerlitz. É *tam conhecida* e caracterisada a espe-

cie morbida que os francezes, aquelle povo que mais soffre da enfermidade, lhe puzeram nome differencial. Chamam-lhe *chauvinisme.*

Entre nós, ao tempo do apparecimento da *Patria,* declararam-se seus symptomas da doença nos commentarios, mais ou menos sinceros, aos versos do grande poeta e á ampla e percuciente annotação terminal, em prosa, que os acompanha. D'esses commentos malevolos, é curioso que os vamos reencontrar, a alguns milhares de legoas de distancia, nas apreciações da critica brazileira.

Um d'elles, por seu tanto repetido e porque para o Brazil revista sentido especial, dada homologia de frisadas circumstancias, um d'elles merece que, de passagem, o levantemos. É o que se referia ao juizo feito ácerca do nosso exercito, que, consumindo enormemente, o escriptor assegura pouco valer.

O exercito não é o senhor-papa, que é infallivel, segundo o concilio do Vaticano. Nem o senhor-rei, que é sagrado, segundo a letra do anterior artigo tantos da *Carta.* E, se o exercito portuguez se esgota em paradas e em procissões, de quem é a culpa? Se elle contempla inerte a derrocada da patria, deveremos entoar-lhe hosannas? Se a espada mais lhe parece roca á cinta, diremos que ella flammeja ao sol das batalhas?

Ha quem aos militares portuguezes, nas conversações encobertas, chame *os frades modernos.* Compara-se-lhes a marmita do rancho ao caldeirão do refeitorio. Dizem que estão na ceva, á laia, salvo seja, de bestas á argola. Que passeiam uma madracice, *sustentada* de custa alheia, a qual seja tanto mais

odiosa quanto o contribuinte, que trabalha para os nutrir, vive, elle, nas palhas e dá os tarecos á penhora do fisco.

Isto se diz á socapa. Não exultamos com tal, por certo. Mas que muito que ás claras o dissesse Guerra Junqueiro?! Elle não faria mais do que ser o verbo, individualista e publico, do sentimento collectivo e solapado.

Comtudo, assim se não expressou. Limitou-se a assegurar que, em suas condições actuaes, o exercito portuguez pouco valia..

Que ha, n'esta affirmativa, de menos respeitoso para o brio dos nossos officiaes ou para o valor dos nossos soldados? Não é esse o thema de estudos especialistas de escriptores fardados, como o tremendo volume do coronel Mesquita Carvalho?

O poeta fundamenta-se, combatendo a insufficiente e erronea organisação das nossas forças de terra e agua. Elle não fez outra coisa do que condensar, sob uma d'essas incisivas formulas syntheticas que são um dos traços peculiares do seu poderoso talento, as observações espalhadas nos artigos e livros dos homens de profissão, nas propostas dos deputados militares, nos relatorios dos ministros de guerra e marinha, que vêm alvitrando, desde que o mundo é mundo, a urgente necessidade de necessarias reformas. Urgencia que nunca urgiu e successão que jámais succedeu, aliaz.

A mesma campanha, á data, recente, e bem lograda, em Africa testemunhava, em suas victorias, da exactidão d'aquelle asserto do vate, poisque os queixumes contra os enganos e desleixos da adminis-

tração não cessaram um só momento. Seu dolorido echo ainda hoje vibra entre nós.

Mas houve recriminação mais grave. Foi a de que o poeta aproveitara, para o seu quadro formidavel, tão sómente as desgraças collectivas e os historicos desdoiros. A accusação é irrisoria, dado o espirito da composição mesma, obra de flagellação e de vingança. Resulta tam inepta a exigencia, como seria a do frisamento de calamidades n'uma cantata academica, festiva, de congratulações e jubilos.

A censura sahir-se-hia, sem embargo, procedente; ella, em certo modo, seria admissivel, se um azedume systematico desvairasse o criterio do artista, não lhe permittindo fazer justiça aos periodos historicos ou ás personalidades differenciadas que, por sua benemerencia, merecessem a publica consagração posthuma das sympathias.

Ora, tal não é. E o d'ess'arte não ser infirma a capciosa maldade do critico da *Revista brazileira*.

Ahi se diz que é com as idéas de Oliveira Martins que seja feito todo este livro, *Patria*, «no que ha n'elle de ideas». E não se attende a que a obra historica de Oliveira Martins concernente a Portugal é decisivamente negativa, o que a destaca profundamente do poema de Guerra Junqueiro. Quanto á comprehensão pessimista de certos periodos da historia portugueza; quanto ao juizo moral ácerca de determinadas individualidades, evolutivamente marcantes; quanto ao desenho de umas tantas figuras — a quem pertence a patente? Vivo, Oliveira Martins poderia reclamar privilegio de invenção?

Considerar o dominio portuguez na India como

um mixto de fanatismo e pirataria — é propriedade, porventura, de Oliveira Martins, na sua *Historia de Portugal,* ou fôra já de Lopes de Mendonça, nos *Apontamentos* exarados nos *Annaes* da Academia, «secção de bellas-lettras»? Debuxar a alienação de Affonso VI não foi, de certo, phantasiar, para Oliveira Martins. Ou teria elle o monopolio da leitura da *Catastrophe,* da *Anti-catastrophe,* de Southwell, de d'Ablancourt? Pelo contrario; as reminiscencias de aproveitadas leituras não conduziriam Oliveira Martins, até, ao litteralismo das méras reproducções das copias? O seu — aliaz esplendidamente bosquejado — painel da casa dos Marialvas, por exemplo, nada deverá a Beckford?

Parece que sim. Oliveira Martins, no decalque sobre informes coevos, termina por esborratar o inicial desenho de transporte. A sua descripção do auto-de-fé em tempo de D. João III baseou-se n'uma *lista,* archivada no *Summario* do dr. Ribeiro Guimarães. Que distancia, porém, da ingenuidade barbara da folha de barbante á amplificação culta do oitavo de livraria! A isenção, pois, de Guerra Junqueiro duplamente se inscreve, e a sua ideação de artista não lhe preceitua que se exima de basear-se n'um texto positivo.

É de um compendiador moderno? É, directamente, das fontes (como cabalmente o provaria a sciencia da velha linguagem, revelada nas estancias do Condestabre, as quaes o critico da *Revista Brazileira,* incritica, se bem que justamente, admira)?

Pouco importaria, para este aspecto da questão.

Aqui, ao asserto inicial supra, releva repuxal-o *com illustração adequada.*

Ora, todos sabem que, no tempo, correu a imprensa lusitana, em transcripções enthusiasticas, uma pagina idonea.

É a do admiravel desenho, tam commovente, no seu sabôr, acre e são, de campestre idyllio, do primitivo Portugal burgonhez, arando e lavrando: retinem, como pomposos clarins d'uma guerra em festa, as estrophes recuperativas, em que o pendão lusitano se desenrola á face dos astros do céo, dos povos da terra e das ondas do mar.

Se o juizo dos instantes collectivos póde revestir estes caracteres de apotheose, a apreciação das individualidades não obedece a um plano incongruente de methodico acinte. Sabe-se a que luz, ineffavel, são considerados o Condestabre, Camões, o rei D. Pedro v, cuja evocação torna pallida a perfeição virgiliana do rememoramento de Marcello.

Ha, todavia, que descobrir a razão, intima, profunda, essencial, que constitue a structura raciocinante da obra e que nulla parece, sem embargo, á perspicacia de certos aristarchos, qual o da *Revista Brazileira,* aliaz propositadamente miudos e adrede meticulosos.

É que o mysticismo humano do poeta se affirma pela combatividade. Sua religiosidade, immensa, resolve-se no lemma superior da justiça, immanente ou transcendente, mas sempre fatal e irremediavel. Por seu fiel impeccando, elle confere as passadas glorias, que, frequentemente, com razão, se lhe antolham infamias e vergonhas, de salteador e de assassino, de pirata e de bandoleiro.

Conhecem o trecho *Expiação* dos «Châtiments»? *É o caso.*

Como Napoleão Bonaparte, pela sua felonia de 18 brumario, aqui um povo inteiro soffre, na serie das gerações, as consequencias dos seus crimes ancestraes, perpetrados á hora cruel e inexpiavel do triumpho.

É isto erro de critica historica? Injustiça para as camadas anteriores? Iniquidade retroactiva?

Affirmal-o, já não seria caso de facciosismo; mas sim repto de ignorancia. Só quem não conhece os protestos, arrancados das almas nobres e puras, no mesmo paroxysmo da tyrannia e do aleive, é que póde suppôr interpretações novas, no sentido de factos, vistos e reduzidos já, de largo tempo, á disciplina de um criterio orientador.

Quer-se a, inconscientemente lutulenta, narrativa das ominosas façanhas, sobre que assente ulterior, ponderado juizo? É folhear, em sua rude simpleza, as laudas ensinativas das *Lendas da India*, de Gaspar Corrêa, publicadas, em nossos dias, pelo acurado academismo do snr. Felner.

Deseja-se, no ponto-de-vista do interesse portuguez, a critica systematica dos desafôros e dos attentados? Pois ignora-se o pamphleto coevo do *Soldado pratico*, de Diogo do Couto, estampado por Antonio Caetano do Amaral? Não se léram essas interessantes *Memorias d'um soldado da India*, — Rodrigues da Silveira —, as quaes, d'um manuscripto da bibliotheca londrina, o erudito par do reino Costa Lobo extractou para edição da casa Bertrand?

Deve-se, porém, moralistamente subir. E, assim, acabaremos pelo *Primor e honra da vida soldadesca no Estado da India*. Prefacia esta obra um sacerdo-

te, Antonio Freyre; ella é, em certa maneira felizmente, rara. Poucos serão, pois, os portuguezes com espirito de justiça aos quaes, de sua lição, assome o rubôr aos rostos, por seus antepassados.

Como se ha-de, n'estes termos, qualificar, pois, de falsa a synthese poetica de Guerra Junqueiro? Como incriminar de abusivo o panorama odioso de que deriva a punição inflingida pelo seu juizo ethico?

Então, toda a faina historica de Rebello da Silva, por exemplo, deve ser refugada como apocrypha? Isto para nem fallar de estrangeiros. Isto para nem fazer citações senão de corpos organicos de doutrina seguida, comprehendendo vasto espaço e alcançando largo tempo, simultaneamente analyticos e resenhando os superiores contornos.

Esta é, mesmo (a concordia, quasi sempre exacta, da ideação esthetica com a flagrancia historica) uma das perfeições mais maravilhosas, d'essa obra-prima, de genio e sciencia, de inspiração e erudição, com que Guerra Junqueiro (a não ser por elle ou por seu egual, ainda não apparecido) honrou inultrapassavelmente a litteratura poetica portugueza contemporanea.

O vencimento das difficuldades, n'este aspecto da elaboração psychica da obra, eis completa coisa. É ella, por assim dizer, rythmica, n'essa tremenda e magistral galeria dos monarchas da quarta dynastia. A culminancia do talento fulmina — nas perspectivas de relance, nos desenhos a quatro traços, como quando do retrato de D. José.

Disse-se, todavia, que não era natural e proprio o conceito da subjectividade, moralista e critica, de *Nunalvares*.

Sem embargo, a execução impoz-se.

Aqui, a violencia do talento ditou silencio. Ou, ás bôccas malignas, as obrigou (dobrando-as, torcendo-as) aos rictus elogiativos. Houve, portanto, unanimidade na admiração d'aquelles tercettos, cuja linguagem, acrysolada pelo sensorio esthetico do artista, decorre, opulenta e simples, dos jorros, vivos e translucidos, que brotam de Ruy de Pina, Eannes de Azurara, Garcia de Rezende e, por todos os motivos primacialmente, d'esse sublime Fernão Lopes, cheirando á terra fresca das Renascenças espontaneas.

Pelo que toca, porém, ao espirito da composição, divergiu-se, conforme o começamos por notar, allegando-se falsidade de caracter e anachronismo de exemplo.

Todavia, ha que distinguir. O Nunalvares do poema já não é bem estrictamente o Nunalvares de Aljubarrota e dos Atoleiros; muitissimo menos é, então, o feudal interesseiro, em conflicto com as revindicações le e regalistas de João das Regras. O poeta toma-o pelo aspecto mysticamente desprendido e puro, que concerta a trama occulta do seu enredamento subjectivo. Na demanda moralista da composição, considera estavel e permanente a modalidade especifica que, para o padre ultramontano Conceição Vieira, constituiu o que elle substanciou, chamando-lhe, no seu mediocre opusculo, em que só o titulo vale, *a phase christan do grande Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.*

Assim o apresentou Guerra Junqueiro. Deu-lhe a transcendencia limpida dos santos militantes. O Condestabre d'ess'arte concebido equivale para Portugal a Jeanne d'Arc.

E, em conformidade, fica rigorosa a logica do poeta. Até com exacção extreme.

Todas as avançadas objecções não colhem, pois. Não as acompanhamos. D'ellas não é nossa a cura.

Ao contrario. Quanto dissentimos!

Pois, dentro do criterio estabelecido, é aquelle, a nosso parecer, precisamente um dos momentos mais psychologicamente profundos d'esse collar de ineditos e incomprehendidos assombros.

O remorso de Nunalvares, pela sua falta, mercê da derogação ao casto juramento, é lição que não descura quem aprendeu nas monographias especiaes, como a apapoulada de Domingos Teixeira. Encontra-a quem procurou subsidios nas relações monasticas, qual a da provincia do Carmo, que é a que vem ao lance. Com ella topa aquelle que remontou ao modelar informe da chronica, no Porto, em 1848, reeditada.

E a supersticiosa ideia, que anda ligada a esse remorso, nasce e cobra alento e vida das entranhas da ideação religiosa portugueza. Tanto assim é que se fixou n'um proloquio popular, que ainda hoje se conserva na tradição oral:

*Filho da p.....*
*Livra a mãe da culpa.*

É certo que a licença dos costumes acabou por desviar o anexim do seu sentido primitivo, attribuindo-lhe outro diverso: o da parecença flagrante do filho d'amôr com o pae, legalmente incognito.

*Resumindo*:—os que deixamos apontados, e, na

medida de nossas forças, rebatidos, fôram os reparos principaes — dos dignos de replica — que a obra de Guerra Junqueiro provocou á colera dos seus denegridores.

Dois se produziram ainda: ambos referentes já á expressão litteraria, á realisação verbal, mesma, do poema.

O primeiro incide sobre reprehendidas audacias de linguagem, como quando de D. Pedro II, de D. João V e de D. João VI.

Propositadas, integram na definição exacta e rigorosa do personagem, cujo caracter cumpria pôr em relevo. Estão perfeitamente bem, porque são ellas que dão o traço fundamental da physionomia especifica e propria.

De resto, não se procura em Juvenal o estylo edulcorado de Tibullo; e, quando Victor Hugo entrou na caverna, maxima á sua amplificação de vidente, elle arregaçou a manga,

*... ainsi qu'un belluaire.*

Tambem accusaram o poeta do que entre nós se chama, não se sabe bem por que, *nephelibatismo.*

É o grande cavallo-de-batalha do critico da *Revista Brazileira.* «Portugal, decadente, symbolisado no Doido, fala, como convinha, diz elle, em versos decadistas.» Addita: «É talvez o unico achado, na ordem das idéas, que se póde descobrir no livro, e não sei si (ainda outra vez; este *si* é, como já se viu, reixa velha e *birra antiga* brazileira) si uma fina

ironia á joven escola nephelibata portugueza para a qual aliás entrou o Sr. G. J.»

A chalaça é chôcha. O critico não soube enxergar além da epiderme.

Não quiz vêr (ou não viu, na verdade) o nitido senso artistico com que o abrupto córte, as repetições, as assonancias e as dissonancias, os paronymos, todos os recursos da rima e da alliteração fôram buscados e usados, no objectivo da confrangente ondulancia de uma mente enferma.

Por que outra fórma se poderia exprimir assim, na verdade extreme da natureza, viva e sangrando, uma consciencisação typicamente contradictoria e hesitante ?

O proposito denegridôr do critico fluminense galga, porém, por de sobre as mais grosseiras contradições.

Assim, repudiando symbolismos de concepção e decadismos de expressão, abandona-se a theorias e esboça conjecturas. Sabiamente nos informa d'estas novidades: que «o symbolismo — reunindo sob este nome toda a nova poetica — ainda não produziu um verdadeiro mestre, ainda não achou como o romantismo o seu Hugo ou o seu Lamartine, ou como o parnasianismo o seu Leconte de Lisle, o seu Prudomme (sic) ou o seu Coppée.» Explica, de seguida, como a influencia de Verlaine não foi bastante grande para assentar a nova esthetica (?). E sahe-se depois a confessar que «a versificação da nova escola toma n'elle (G. J.) *feições de verdadeira belleza e graça e força,* fazendo prever que novas formas *metricas* virão renovar a poesia, e portanto (!) o pen-

samento poetico.» Cita, com elogio, adiante, o longo monologo da scena XXIV do *Doido* e, logo logo, condensa o seu pensamento, concluindo que o livro de Guerra Junqueiro é uma obra-d'-arte gorada. Fabuloso engenho!

Deixemol-o, por agora, no cahos de suas antinomias irresoluveis. E voltemos considerando improcedentes suas objecções, das respondiveis, ao poema de Guerra Junqueiro por elle formuladas.

Resta-nos a segunda parte da tarefa: mostrar ao critico da *Revista Brazileira* que *A Patria* não é só uma obra d'arte que, apezar de «gorada», tolera, como que por favor, que, de quando em vez, ao fio de suas paginas «relampeje ainda o talento do auctor da *Morte de D. João* e da *Musa em ferias*.» Digamos-lhe o que, ao contrario, nos pareça ser e representar essa composição extraordinaria: qual resulte o seu valor litterario e historico, definindo-lhe, tanto quanto possivel, a dupla importancia, moral e social.

Como se sabe, escripto no typo das peças de theatro, o poema de Guerra Junqueiro scinde-se em dois modelos antitheticos, perfeitamente caracterisados.

A primeira parte é uma comedia, dramatica na subjacencia profunda da intenção satyrisante; a segunda, uma tragedia integral.

Comedia de caracteres, é do melhor Molière; tragedia psychologica, pairamos nas regiões transcendentemente devastadas pelo terror, como nas paginas formidolosas de Shakspeare.

Cumpre, n'este lance, admirar a magistral execução do artista, que não deroga um só apice na linguagem posta na bôcca dos varios interlocutores.

O tom dominante em todos elles é o do egoismo cynico; mas a qualidade divergente de cada um imprime-lhe, em subtis matizes, caracter proprio e physionomia particular, de modo a tornal-os diversos, na unidade fundamental. Assim, são creaturas vivas e não variedades d'um modelo unico, preconcebido.

Por exemplo: *Magnus,* stereotypação do falso beaterio, é completo na persistencia da banalidade pomposa dos conceitos, concretisados em fórma adequada. Não póde haver maior maravilha, na plasticidade esthetica d'um artista, do que esta de impôr destaque á mediocridade, conservando-a, todavia, inferior, sem degenerar, comtudo, em rasteira.

Eis o que não soube perceber o critico da *Revista Brazileira.* Vê-se que é uma natureza pouco susceptivel de sentir artisticamente.

Prova-o a ingenuidade com que elle lança em rosto ao poeta a banalidade d'estes versos:

> *Mas cá dentro, no foro interno, a sós comigo*
> *Eu, o particular e o philosopho, digo-o.*

Chasqueia da rima, que, ricanando, qualifica de *preciosa.* Mas isto é, mesmo, o menos. O conceito é corriqueiro e a expressão chata? Precisamente; era o que se pretendia. Poisque não seja o poeta quem discorre, mas antes determinado personagem, cujas fallas, a não serem assim, seriam falsas. Já reparou o critico que Alcestes não conversa como Sganarello? Não reparou. Se reparasse, não diria, com entono risivel, que, da *Patria,* seria «pueril falar do verso..., por isso que intencionalmente, parece, o Sr. G. J. fêl-o errado e

ruim.» Haveria comprehendido. E, em vez de ralhar, approvaria.

Como na parte tragica, outrosim bateria as palmas. Poisque, na parte tragica, identica conformidade se observa. Mas, ahi, por mais intima, e, consequentemente, menos apercebivel, convem frisar algumas das espantosas intuições do poeta.

Seguindo com attento reparo a evolução da obra, verifica-se que, no desfile espectral dos monarchas, o «Doido» desvaira mais intensamente em dois momentos decisivos. Quando do apparecimento de D. João IV e logo que na insania do seu desespero se debate D. Maria I.

Calcula-se o motivo e explica-se a razão. Razão e motivo residem no especial systema mesmo de philosophia da historia portugueza que orienta o auctor.

Em tal criterio, é, na verdade, com D. João IV que se determina a crise da mentalidade nacional. Ensina-se que é ahi que se parte a homogeneidade da tradição collectiva.

Com effeito, o Portugal restaurado emerge, da cabala diplomatica de Richelieu (que aproveita e fomenta a incompatibilidade consuetudinaria), emerge, diziamos, com os desastrosos laivos de depravação regularisada a que, herdando-a mas systematisando-a, o ensino jesuitico (congenere, de resto) sujeitou, afeiçoando-a, a nacionalidade.

O systema é mais concordante e a doutrina hierarchisa-se com logica maior.

N'ella, o Portugal restaurado é coisa nova e pòdre, que, envenenado, protesta, á sua maneira, con-

tra o restante do influxo da dynastia de Borgonha, agricola e interior (suppondo que o quizesse sempre ser), e contra o dos varios ramos da gente de Aviz, guerreira e expansiva.

Podem produzir-se objecções perante o criterio historico que orienta o artista; e deve procurar-se um processo filiativo, menos interrompido por abruptos cortes, antes mais successivo na derivação dos acontecimentos e no desfiar das personalidades succedaneas. O conceito da continuidade é a caracteristica das philosophias supremas.

Mas o que se não póde é contestar a bella e exacta correlatividade entre a concepção philosophica da obra e a sua exteriorisação plastica. Eis um dos traços que garantem a este livro a legitimidade dos seus titulos á admiração da critica.

Outro lance, como dissemos, onde incisivamente se accentua o desequilibrio da figura synthetica que representa a patria, é o do encontro com a pobre creatura que parecia destinada á funcção terminal, para a casa de Austria, em Hespanha, pertinente a Carlos II, o *Enfeitiçado*.

Se, no primeiro instante, o motivo é de ordem historica e social, aqui elle reporta-se da mesma subjectividade, peculiar da psychiatria.

A loucura é contagiosa, conforme se observa nos manicomios, onde os internados propagam o seu mal a enfermeiros e serventes, que fornecem crescente porcentagem á população hospitalar. É até pelo contagio da loucura que certos alienistas philosophos, consoante ainda ha pouco o dr. Bombarda entre nós, explicam o proselytismo de determinados fanaticos.

fundadores de religiões, como Mahomet, e a fascinação hypnotica de desalmados homicidas guerreiros, como Bonaparte.

Ficava reservada, é claro, a intuição que se formasse ácerca de Mahomet e a proposito de Bonaparte. E não se contara ainda a anecdota, conhecida, de Balzac. Não por conhecida, mas por indiscreta. O lance não quadraria a inconveniencias, com effeito.

Foi Balzac assistir a uma festa n'um hospicio; houve representação e dançou-se; á sahida, o mais doido de todos (haviam pedido a Balzac que o indicasse, após suas palestras com os internados, por aqui e por alli, subrepticiamente dissimulando o artificio), o mais doido de todos encontrou-se que era o medico assistente.

Como se queira. Mas agora attenda-se só ao incontestavel.

É que, posto isso — vem a ser a contagiosidade da loucura —, já se entende a exacerbação alludida. Produz-se no conflicto e ao conspecto de identica desgraça. O poeta conformou-se, pois, com os dados da experiencia; elle encontrou, depois, na formula das adivinhas e dos enigmas populares o sabor indigena, que lhe faculta os toques da mais pittoresca realidade, natural e ainda social.

Outra perfeição de execução que tem sido desconhecida reside na inconsciente indifferença com que os monarchas perpassam pelo «Doido», sem darem fé d'elle, sem o verem, sem o ouvirem.

Eis um modo symbolico de representar o desinteresse dos detentores do supremo poder pela massa governada. Mostra-se assim a separação moral dos

dois elementos; a repulsa instinctiva dos élos d'uma humana cadeia que antipathisassem entre si e que, na subordinação morbida d'um d'elles, acabassem por se desconhecer, tão differentes e antinomicos que, conjugados, reciprocamente se esquecessem.

Um unico dos espectros evocados oúve; um unico vê. É D. Affonso VI, por uma logica homologa da que se reflecte no caso de D. Maria I. Doido tambem, a lucidez visionaria adverte-o; e o erro pessoal indul-o a suppor causal analoga de identico infortunio.

Se no pormenor o poema de Guerra Junqueiro exhibe similhantes soberbos dotes structuraes, no seu conjuncto é, então, um d'estes livros que marcam epocha no desenvolvimento litterario d'um povo.

Coisa facil parece o desdenhosamente decretar a nullidade intrinseca do symbolo que se não soube comprehender. Assim procede o pedantismo do critico da *Revista Brazileira*. Sómente, a sua conducta é tam absurda como seria a d'aquelle escholar que, não logrando resolver a equação mais ostensivamente offerecendo-se, se descartasse a sahir de difficuldades (as quaes só em seu acanhamento existiam aliaz) com asseverar peremptoriamente que a incognita não tinha valor nenhum.

E, se se aventa o reparo, cem vezes formulado, do mal que habita na necessidade de commentos explicativos ás ideações poeticas, redarguiremos promptamente que não existe obra esthetica, do typo superior, que não demande interpretação critica. Os escholios sobre os textos do Dante, ao tempo em que nephelibatismo e outros barbarismos congeneres es-

tavam ainda na massa dos impossiveis, amontoaram-se, agglomeraram, agglutinaram.

Assim, ao volume analysado, guardemos-lhe a determinação do seu sentido especial e da sua significação esthetica. Circumscrevamo-nos, ainda, por agora, ao exame da sua effectivação. Registraremos que não existe em litteratura alguma parallelo que se lhe compare, quanto menos que se lhe avantaje.

Bem calculamos que esta affirmação vai fazer levantar os grandes gritos d'aquelles que só a fóra de fronteiras começam a ter respeito pelos fructos da elaboração mental.

O Brazil (mas só litterariamente) é como Portugal. Despreza-se.

Politica e socialmente, porém, está muito acima, no conceito que de si proprio forma, á velha Lusitania. Emquanto, se perguntarem a um portuguez qual é o ultimo paiz da Europa, elle responderá, abjecta e promptamente, que é Portugal; — se inquirirem um brazileiro sobre qual seja o primeiro paiz do mundo, elle retorquirá, fanfarrona e immediatamente, que é o Brazil. Esta diversidade de replica é capital. Ella implica todo um mundo, differenciado, de comprehensão.

Mas, litterariamente, estão na mesma. Portugal e o Brazil não possuem confiança n'elles-mesmos. Os nomes exoticos deslumbram-os. Os appellidos nacionaes envergonham-os. Não concebem que um grande general se possa chamar Fagundes ou que um poeta sublime dê pelo nome terrestre de Agapito. D'ahi, o olhar suspeitoso que enviezam ás suas glorias.

E, todavia, é certo. Quem o diria? Gonçalves Dias

é um notavel artista e Guerra Junqueiro é um grande poeta.

O seu poema satyrico *A Patria* é, até, unico no mundo. Com effeito, as composições satyricas em verso, ainda as superiores, como as de Juvenal, são mesquinhas na sua comprehensividade. E porque o são? Porque ou abarcam momentos historicos limitados ou vibram os seus golpes, tão só, ao reduzido corpo de personalidades odiosas mas destacadas, e por isso acanhadamente symbolisantes, senão de todo irrepresentativas.

Depois, tarefa de raciocinio, a sua valia moral, exalçada, não rebrilha pelos engenhos da imaginação. São invectivas rythmicas; artigos de fundo em oitava rima; libellos em alexandrinos. Falta-lhes a côr dos quadros e o interesse do movimento.

Não refogem da pecha os modelos celebres do genero: aquellas composições cujo effeito social foi, mesmo, fulminante, como a *Satyra Menippea*. Que dizer então dos encommendados *factums*, quaes os que a virulenta musa, apodada por mercenaria, de La Grange-Chancel desembestava contra o regente?

Como aqui, póde, mesmo, degradar-se o genero até á mecanica profissional, consoante quando os improvisadores Barthélemy e Méry crearam a *Némesis*, pamphletos semanaes, verdadeira gazeta contada pelos dedos, injurias aos fasciculos e apotheoses, medidas de outiva.

Bem sabemos que é facilimo ao asserto oppôr os *Châtiments* de Hugo. Olha se o critico da *Revista Brazileira* podia perder esta. Lá está, garrida, pimpante e fresca, que parece novinha do trinque. «*Pa-*

*tria* é, em summa, elle o diz, um pamphleto politico em verso, sem nada aliaz que se compare remotamente «siquer» aos *Châtiments*, que ficarão na poesia franceza como um dos seus menos contestaveis monumentos.»

Todavia, considere-se bem o lapidar diploma, de pura inveja referido, ainda assim como *um dos menos contestaveis* (tal qual) monumentos da poesia franceza. Vêr-se-ha que nos *Châtiments* o defeito apontado se encontra logo no proprio caracter fragmentario da obra. E os trechos desconnexos completam a demonstração do restricto ambito do trabalho, confinado (em desenvolvimento restricto mas integro e perfeito) a uma catastrophe intercurrente e episodica. Isto foi o golpe-dé-estado de 51, com a baça physionomia do segundo Napoleão.

Ao reparo, o corroboram, depois, exactamente aquellas peças, pouco numerosas, como *Saint-Arnaud*, *Pauline Roland*, que inspira, de preferencia á lyrica, a musa epica, clamorosamente narrativa.

Mas agora tracta-se, nada menos, do que de todo um povo, na sua evolução historica, desde os primordios; e o vasto horisonte é incendiado pelos fulgores d'uma imaginação prodigiosa.

Nas nossas lettras, e na nossa historia, a *Patria* é como que os *Lusiadas* da decadencia. Em amplitude de ideação, não exaggeraremos se dissermos não depararmos senão com raros exemplos similares; todos estes dos de primeira categoria. Haveremos de ir buscal-os a Milton, a Klopstock, aos grandes inventivos e aos grandes meditativos. Aos que são pensadores e scenographos; aos *que organisam* ideias e as engala-

nam na forma extrinseca das imagens. Aos que possuem o dom de significar as crises interiores pelo prestigio da vestidura das representações concretas, e criam entrechos para desvendarem a alma.

Se os exemplos similares são raros, rarissimos refrangem os superiores. Não sabemos, pelo instante, mais do que dos dois primeiros actos da *Divina Comedia*.

É claro que deixamos immenso por expôr. Mesmo por que o sitio não é o mais idoneo; e o thema houve de se intercalar, como exemplo typico da animadversão invencivel do Joven-Brazil para com Portugal e portuguezes. Mas ha, de resto, outro motivo — generico esse — a fim que tal succeda.

Com effeito, infinidade de ideias e imagens se perdem na ephemera viagem das frageis tunicas do cerebro para os asperos bicos da penna. Por isso, o mais interessante da obra do escriptor é o que elle não logra escrever.

Succede como na illusionante embriaguez pelo absyntho. D'esse paraiso artificial morreu Musset; do do opio, Quincey; do do haschich, Baudelaire.

Uma surprehendente lucidez interior é punida pela impossibilidade de exteriorisar, verbal ou graphicamente, o mundo de suggestões e de explicações que bailam na subjectividade e que, como cantico perfido de seductora sirena, rebocam o seduzido para o redomoinho.

Todavia, concatenando, sempre conseguiremos explanar, de golpe, o alcance, historico e social, do poema de Guerra Junqueiro. Elle fica determinado quando se *apure, atravez* das paixões do momento, que este livro

affirmou (mercê das caracteristicas intrinsecas, corroboradas pelo effeito exterior, correspondente, do seu exito de venda) um momento culminante. Este foi o acume do progressivo—ainda que moroso—processo de desaggregação da alma collectiva, desprendendo-se dos sentimentos tradiccionaes e abandonando, emfim, as suas velhas crenças, na troca por outras novas, mais retributivas e salutares.

A acção da obra sobre a consciencia publica mostrou-se, assim, das mais vastas e profundas; o seu influxo ethico, a sua permanencia orientadora distinguir-se-ha, a todo o tempo, como um dos phenomenos criticos mais notaveis da nossa cultura hodierna.

Senão, mesmo, o mais notavel, pois que, na ordem espiritual, como generalidade e comprehensividade de acção, nada existe que lhe seja assemelhavel. Com effeito, só no dominio dos factos concretos qualquer coisa se lhe possa additar, no mesmo sentido de convergencia e com analoga flagrancia de resultados successivos. É o movimento de 31 de Janeiro de 1891.

Os livros modernos participam, um pouco, das qualidades e defeitos dos jornaes. Consoante elles, suas linhas teem de ser, mais ou menos, apressadamente improvisadas, na lufa-lufa typographica, que não tolera nem a momentanea paragem das revisões e emendas. Ao contrario. Não relida sequer, inexoravelmente o snr. director da officina demanda a tira, mal acabada de escrever, para logo a projectar ás fauces, cebentas de dedadas de tinta, do minotauro dos caixotins. Na furia da faina, os pontos culminantes da ideação, tão só, e mal, é que podem ser indicados. A mesma *inquietude* do leitor, que exige va-

riedade de impressões, não permitte delongas de demonstração.

Assim, restringiremos. Sómente, é timbre repetir que aquelles dois factores revolucionarios fôram capitaes, e decisivos, qualquer que seja a apparente contradicção do arraste no tempo. A demora na effectivação dos seus implicitos corollarios não destroe o conceito formulado. Cotejando-os, até, na sua reciproca completação, não concluimos, mesmo, qual d'elles seja o definitivamente determinante, ambos procedentes, é claro, da previa fallencia (politica, financeira, economica, moral) do modo social instituido e herdado, cujo desfecho — um d'estes dias na catastrophe rematará.

Quanto ao primeiro dos factores ditos, aconselhava-nos, com a sua imaginativa perspicacia historica, Theophilo Braga que o escolhessemos para epilogo, logico e legitimo, da continuação promettida da larga chronica de Schæfer.

Do segundo, pode-se assegurar que elle foi, idealistamente, o golpe-de-misericordia n'um conjuncto institucional, abalado já grandemente pela repetida insistencia de ataques fundados. Ora, sua morte moral tem de preceder a ruina effectiva, em sua clara ostensividade ulterior.

A superioridade das concepções estheticas sobre as realisações criticas abrange o espaço e o tempo. Por igual. Do que aquellas são estas mais extensivas, poisque mais accessiveis, e mais duradoiras, visto como jogam com elementos permanentes. Aqui, ella se assignala outra vez ainda, essa superioridade *preliminar*.

Com effeito, volvidos annos sobre esta crise tremenda de toda uma nacionalidade; quando a synergia propria dos corpos collectivos houver reparado as destruições do tecido connectivo que liga as malhas da trama social; quando os orgãos profundos, inquinados, se tiverem restabelecido, e uma saude prospera tonificar o alquebrado, velho enfermo:— então, na nova esperança, na confiante recuperação das forças, ora abatidas, que seja como um raio germinante de sol primaveril, então, quem consultará, afóra poeirentos eruditos, toda uma farragem de livros, folhetos e gazetas? E, todavia, essa trapada é que homologa os autos da sentença tragica que, no paroxysmo, nos condemna, a todos nós, os d'estas gerações ultimas, aviltadas pela covardia das condescendencias e consequentes subserviencias perniciosissimas.

Um só livro bastará no viso de recompor um cyclo historico; elle servirá, em exclusivo, para o entendimento d'uma crise que menos ha-de assombrar pelo agudo do mal do que pela inverosimil paciencia em o soffrerem, interminavelmente. O primor da realisação plastica vencerá o tedio, episodico e anecdotico, de occorrencias já longinquas e apenas estremecendo no esfumeamento vago das tardas recordações, das reminiscencias d'uma tradição alterada e intermittente.

Como obra de arte considerado, o poema de Guerra Junqueiro demarca tambem um instante fundamental na evolução morphologica do intellecto portuguez.

A opulencia d'esta obra nos effeitos creadores

da imaginação concepcional é, duas vezes, surprehendente. Quando se coteja com os productos da poesia contemporanea em todas as gentes cultas; sobretudo, quando se confronta com as lições da litteratura indigena. Ha alli, com effeito, por exemplo. nas rubricas em prosa que intermeiam os versos, materia para as amplificações de innumeros poemetos. A abundancia inextinguivel do auctor como se jacta com o desperdicio, d'uma prodigalidade soberbamente confiante no incomparavel thesouro dos recursos subjectivos.

Ora, isto é raro e quasi unico na sequencia da ideação artistica portugueza.

Só nos nossos recentes dias este phenomeno psychico—que é dos mais decisivos para o juizo das modificações profundas, organicas do cerebro lusitano (e que tem passado sem conveniente reparo)—é que apparece. Elle destaca como a revelação fulgurante d'um trabalho subjacente de remodelamento e aperfeiçoamento, correlação e integração, que nos approxima e, mesmo, nos fornece logar extremado na categoria das faculdades peculiares do genio das grandes raças aryas que honram e nobilitam a especie.

D'outro exemplo não damos, até, conta, por agora, além das maravilhosas rubricas de esse barbaro *Anti-Christo*, por Gomes Leal. Elle é o producto, morbido e magnificente, d'uma natureza emotivamente lyrica, sensivel, na subtilidade, até o infinito, mas desigual e incoherente. Todavia, a descuidada imperfeição technica, o preconcebido de theorias negativistas estreitas e o mau-gosto de um atrazado romantismo jacobino prejudicam os primitivos dotes.

originalissimos, de quem poderia ser legitimamente o segundo, aliaz pessoal, como sempre eminente. Schiller coube bem ao lado de Gœthe; e Lamartine ao pé de Hugo.

Quanto ao conceito imaginativo, elle não se apprehende em nossa poesia historica; e a pejorativa observação observa-se na velha metropole como na sua colonia de além-Atlantico. Tanto é certo que a America não passa d'um prolongamento da cultura da Europa.

Assim, a nossa poesia é autolatrica, na expressão amorosa, e d'uma millionaria indigencia, quer na invenção allegorica, quer na simples correlacionação do drama interior com a pantheisação naturalista que o circumda e commenta. O desbotado friso do thema melodico (sempre penas d'amor perdidas) raramente tem o relevo tragico, não obstante nos surgir logo de começo no rude primor das trovas de Egas Moniz Coelho, que Garrett traduziu para moderna linguagem com exito intermittente. Elle não é reforçado pelo contraponto d'uma harmonia orchestral, que, como o côro classico, o vá interpretando; casando com a intencionalidade individual a larga finalidade cosmica; interessando o universo, comparticipe na dôr humana.

Por isso, a nossa poesia é quasi exclusivamente gnomica; os mesmos mysticos, em sua vehemencia, (hebraica, tambem pelo absorvente exclusivismo da lição dos livros sagrados) declamam. Trazem as mãos cheias de banalidades ethicas. Entornam apophtegmas. Pingam sentenças. Que soporifero typo nos não apresenta Sá de Miranda?!

Quando, porém, nossa sêcca poesia se abalança ás objectividades descriptivas, é fria, inerte. Não sente a alma das coisas. Redunda em imitação culteranista, de segunda mão, á face de modelares diplomas litterarios. Eis o que acontece, exemplarmente, com esse insupportavel Costa e Silva. Passando do mais ao menos, do alto poisque ao infimo venhamos, é sempre assim. Todos são, por egual, criticamente documentares.

Oliveira Martins, n'um dos seus frequentes raptos intuitivos, foi impressionado por esta penuria terrivel. Explicou o facto pela preeminencia, no nosso intellecto, comparado com o do visinho hespanhol, da nota epica. Isto não chega a ser uma desculpa de mau-pagador, porque a explicação equivale a expôr a questão por outras palavras. Consiste em apertal-a. A habilidade reside no paralogismo de a reduzir. É, com effeito, exhibir-lhe aspecto concreto e especial, quando o caso deva ser considerado em toda a generalidade.

Com effeito, em bôa rasão, a mesma referida tendencia epica (a qual não deroga, aliaz, dos moldes classicos do ensino helleno-romano, ainda nos seus detalhes) não resulta mais do que o corollario da deleituosa carencia, funccional ou structural, cujas origens e remedios cumpriria inquirir e prognosticar. Falta-nos a capacidade creadora; não temos imaginação inventiva; não sabemos engenhocar um enredo. Isto é certo.

Se, com o maximo respeito, devido a tal colosso, nos reportarmos á lição de Camões, ahi mesmo defrontaremos com a lacuna aventada.

Não fallamos já da prosaica, *tranchons le mot*, da charra escripturação, por partidas dobradas: livro-caixa, razão e canhenhos auxiliares, que, em oitava rima, registra o *deve* e *haver* das operações, «bem combinadas», sobre a pimenta, pelo heroe postas em balancete.

Não repetiremos que é bella a narrativa do desdobramento politico nacional, com os seus episodios, enternecedores ou arrebatadores. Mas, concepcionalmente, no fundo, não transgride as posturas d'um chronicão rythmico.

Suas descripções são naturaes, verdadeiras, realistas. Comprehende-se e communga-se na admiração de Humboldt e de Quinet. Mas não são invenções. Sua belleza consiste, precisamente, em serem copias perfeitas. Todavia, o vate inventa.

Sómente, quando o vate inventa, cria, põe de sua casa, não é bem de sua casa que elle põe. Os leitores da *Odyssea* tiraram o chapeu á «Ilha dos Amores», como a trechos conhecidos fazia esse jornalista inclito (que outra coisa não é fundamentalmente do que um jornalista), Voltaire de seu pseudonymo. Convinha, elle explicava, estar-se dentro das praxes peculiares aos cavalheiros bem educados, que, polidamente, cortejam as pessoas de suas relações.

Dê-se que o simile virgiliano não colha, como querem alguns, para o Adamastor, poupado pela invejosidade do padre José Agostinho de Macedo. De passagem, esqueceu-se, como é geral costume, que, em nominada individuação, o typo conceptual de ideações congeneres não é pertença de Camões, que o encontrou assim *integro*, prompto e feito na mythica

hellenica. Até já com o proprio nome, de que o poeta portuguez se apropriou, tão sómente. No typo patronymico de Damastorides, filho á laia do nosso Fernandes, apparece-nos já na *Iliada* (canto XVI). No mesmo modulo o reencontramos no livro XIII das *posthomericas* de Quinto, de Smyrna, — prostrado por Agamemnon. Mas o schema inicial e derivante fornece-o Claudiano, em sua *Gigantomachia*. Alli nos surge, *ad depellendos hostes*, á cata d'um dardo, o *sævus Damastor*. No seu estopante poema, o pilado emulo Manuel de Galhegos, para desenhar o particularismo do cyclopico personagem — reporta-se a Camões, de preferencia á lição de Claudiano, que asizadamente declara reconhecer, aliaz, como originaria.

Emfim, do aggregado ovular attingimos o limite evolutivo que marca a physionomia e fixa o vocabulo.

É em Sidonio Apollinario, que em seu carme XV narra a peleja que Claudiano esboçara já. Ora, ahi nos surge a palavra no decisivo de sua marcha: *Adamastor*.

Mas não apuremos a geração do conceito que nos parecia de nós-mesmos exclusivo e proprio.

Esqueça-se até que, derivado já o sonho hellenico, o mytho vedico nos fornecera antes o modulo inicial d'estas pelejas dos elementos terrestres contra os celestes. A escalada dos ceus pelos Asuras, no Mahâbhârata, é por milhares de combatentes, devastando florestas. Successivamente, como o observa Maury, a allegoria toma um caracter cada vez mais real e anthropomorphico.

*Em* Camões, a funcção particular navegante do

titão seria a sua originalidade, oriunda do peculiarismo das viagens portuguezas. Mas, no termo de tudo, ao fim e ao cabo, a funcção especifica da freima navegadora ainda haveria que apartal-a tambem na congenere mythica dos gigantes indus. Ou será caso que, de todo, se haja olvidado, para faina de investigações estudiosas, o lance do insonte Faria e Sousa, na *Asia Portugueza*, quando ao Adamastor o filia directamente em chimerica figura da desatremada phantasia oriental? Por que se não tem buscado a confirmação, ou a refutação, do aleive, ou do acerto, hoje principalmente que o labôr é relativamente facil? Agora quando abundam as *raccolta* de mythos e tradições, como esse curiosissimo apanhado que, de cem lendas buddhicas, acaba de fazer Léon Feer, da bibliotheca nacional de Paris, para os «Annaes» do museu Guimet.

O exemplo, de resto, estava dado, poisque, entre nós, tomou a iniciativa d'essa especie de estudos a erudição especial do snr. Vasconcellos Abreu. Desde 1880, para commemoração do tricentenario de Camões, que o douto membro da Sociedade Asiatica, em seus interessantes fragmentos d'uma tentativa de estudo scoliastico da epopeia portugueza, analysava, a proposito da origem do reino dos Leões e do nome de Ceylão, os vestigios de uma lenda buddhica nos «Lusiadas». Seria agora ensejo, pois, de proseguir, ainda que tardiamente, no mourejo de forragear por entre as sarças da lição de qualquer avadana elucidativo. A vêr se algo se descobria. Ou por hi, ou pelo matagal brahmanico, ou pelas brenhas induistas.

Mas seja o que fôr. Ponto está em que, na poesia, como em tudo, a imaginação portugueza foi pobre.

Por isso, se atirou, como gato a bofes, ao genero epico. Regalou-se. Porque ahi a tramoia estava feita. A machina montada. Era só acolchoar-lhe dentro tiradas versificadas. Como o aprendiz decorador que, pintado o contorno no tecto, pelas paredes da salla não tem mais do que encher cegonhas. Uma brocha e um pote de tinta — e toca. É um rufo.

Identica abundancia, caracteristica de identica penuria, se observa no Brazil. Tudo alli são poemas epicos, no mesmo plano uns dos outros: *mutatis mutandis*, trocadas as datas e os nomes dos personagens, repetindo as mesmas coisas.

E o peor está em que a abusão continuou até aos nossos dias. Depois de todo o arranque romantico, Gonçalves de Magalhães escreveu ainda a *Confederação dos Tamoyos;* em pleno mundo moderno, Gonçalves Dias escreveu os *Tymbiras.*

São obras vindas depois de tempo, monstros nados mortos, casos de teratologia litteraria.

Parece que ainda além-Atlantico se não deu fé d'esta verdade elementar. Assim, José de Alencar, na serie celebre dos seus folhetins, açacalados contra o velho poeta Magalhães, não é por ahi que ataca a questão, mas por simples inobservadas observancias de detalhe formal. A sua critica tanto não é concepcional que elle-mesmo, toda a vida, afagou a idéa de fazer, elle, emfim, a epopea nacional. O orgulho nativista desvairava-o tambem.

As epopeas brazileiras são, de resto, ainda mais *illegiveis* do que as portuguezas. Não attentando

mesmo no thema indianista (que as torna inteiramente alheias ás preoccupações positivas e ás sympathias, effectivas e duradouras, do homem civilisado), ellas são d'um aborrecimento infinito, como realisação.

Basta considerar que são escriptas em solta alliteração. Versos-brancos, flôres-brancas; aguadilha escorrente; semsaboria sem fim.

Esta fórma é chôcha. Em nada condiz com o genio das gentes romanicas, com a indole de seus idiomas, de medida e rima. Esses povos fizeram que o verso latino rimasse. E hão-de tolerar-se versos portuguezes sem rima?

Assim, mais flagrante se torna a penuria da imaginação lusitana, transplantada por hereditariedade e adaptação. Poisque, consoante o dissemos, fômos pobres, pobrissimos.

Na poesia como em tudo. Na arte litteraria que mais a exige, a prova é fulminante, então. Não tivemos theatro; e o mesmo Camões, com os seus informes esboços, testemunha da nossa antiga radical impotencia.

Não tivemos musica sacra; não tivemos pintura religiosa; não soubemos engendrar romances de aventuras ou de caracteres, isto quando ao pé da cosinha, na porta de baixo, a novella picaresca fervilhava n'um formigueiro myriaforme. Descuidados, nem sequer traduziamos. A versão do *Lazarillo de Tormes* é do seculo passado, em seus fins.

Seria doença constitucional, suspensão de desenvolvimento, inacabada marcha da structura anthropologica e ethnica? Mas o exemplo de personalidades

que se arredaram do meio social e se tornaram culminantes pela plasticidade do seu engenho e pela perfeição da sua technica (como o pintor, de appellido hespanholisado, mas de proxima origem lusitana. Coello) induz ao contrario. Analogamente, na zona do pensamento puro, desde Montaigne até Spinosa.

A mediocridade do genio inventivo scientifico portuguez tambem não parece fundamental, poisque o mundo moderno seja creação nossa. Sim, nossa.

Concretamente, graças á substituição amplificante dos mares interiores, pela vastidão dos grandes oceanos, integradora da humanidade inteira na civilisação, occidental e geralmente européa. Concretamente, assim, pela deduzida, racional, systematica procura que termina com Vasco da Gama, prejudicado depois por Lesseps. Como ella contrasta com o sonho mystico de Colombo, que encontra o que não espera! Diriamos, até, que acerta por acaso, se a Providencia não existisse e a graça não fosse um solemne mysterio, posto em destaque na evidencia do drama humano, pessoal e social.

Abstractamente, no mundo do espirito, pelos seus derivados logicos, proximos e ulteriores, quem cooperou mais do que nós, graças á circumducção do globo? Ella obriga o americano Draper a gritar, n'um fervor de enthusiasmo imperante, que o portuense Magalhães foi o homem mais sublimemente corajoso que têm parido as entranhas da terra.

Todavia, casos, como este, excepcionaes, por immensos em seu alcance, são historicamente, no conjuncto do desenvolvimento e no aspecto geral da su-

perficie collectiva, em certa maneira, e relativamente, sporadicos. Mais, então, os d'um Pedro Nunes, com a antecedencia a Vernier do modulo de graduação e a precedencia a um dos Bernouilli na determinação do dia de menor crepusculo. O processo de Nunes é mais rigoroso e perfeito, consigna Délambre; e melhor só o d'elle, Délambre, naturalmente. Pois quem ha-de gabar a filha, senão o pai que a quer casar?

Não cahiremos na insufficiencia da imaginação mechanica lusitana. Nem ao egoismo tumular dos ergastulos da Junqueira conseguirá a melhor piedade enternecida arrancar o segredo das magicações de Bento de Moura.

Comtudo, convem não esquecer que a empreza, primacial e fundamental, da descoberta da rota maritima das Indias é obra e feitura longa, systematica, commum, de gerações e castas que se vão succedendo, alargando no tempo e no espaço. Não haverá mesmo, na historia do pensamento humano, caso tam caracterisado — de especulação-e-acção de ordem collectiva — tam integro e perfeito como este. Cumpre, a esta intuição, não a perder de vista, que nos parece decisiva, que se nos affigura o nodulo mesmo de toda a ulterior philosophia da historia portugueza.

Este conceito alenta e anima.

Tambem, perante a prodigiosa demonstração da capacidade concepcional da imaginação esthetica portugueza, fornecida por Guerra Junqueiro no exemplo do seu recente poema, a conclusão a retirar de todo o fugitivo exame (renovado para que a critica da *Revista Brazileira* não passasse em julgado como

sem possivel replica), essa conclusão é, indiscutivelmente, consoladora.

O volume do vate é obra egual, equilibrada, proporcionada, e, todavia, ella se alimenta do fogo sagrado. Mas isso é com Junqueiro e sua gloria. O que, socialmente, nos importa a nós é que — elle, esse livro genial: eis ahi o fecho esplendoroso de todo um processo reconstitutivo, que, nas regiões cerebraes, altas e supremas, se iniciou com os fundadores do romantismo entre nós.

Esta observação, de philosophia de historia critica, assegura-nos, felizmente, que o mal provinha de causas exteriores. Profundissima intuição, pois, a do vate, no seu symbolo do enlouquecimento collectivo. É o *Doido* (Portugal) que ingere o veneno putrido d'uma hostia falsa e maldita, tomada em sabbat impio, burlesco, caricatural e entontecedoramente fedendo a podridões de sepulchro.

Regeitemos as abominaveis ptomainas que nos queimam o sangue. Que a obra do romantismo politico (singelo, ingenuo, ludibriado) se complete com nitidez e sem contemporisações, deprimentes ou inutilisadoras. Que o voto final do poema obtenha uma consciente, condigna sancção. O montante puro luza, espada de gloria, nas pelejas da justiça; rasgue, relha de arado, as leivas, santificadas pelo humano suor.

A intenção revolucionaria da obra carecerá, ainda, de se tornar mais patente? E o Brazil tumultuoso e forte da republica, por vezes licenciosa, por vezes oppressiva, como o destino impõe ao rythmo social, ignorará, em seu poderoso progredimento, a tyrannia

constante a dentro da qual, desde o *ultimatum* inglez de janeiro de 1890, vivem os portuguezes?

Parece que, inacreditavelmente, o ignora, com effeito. Porque o demasiadamente citado critico da *Revista Brazileira* enceta o seu aranzel com as seguintes linhas, que resultam irresponsaveis, porque são desattentas: «Nunca livro me pareceu precisar de ser julgado, escreve elle, sinão com bemquerença, com sympathia, de modo a diminuir na gente a impressão de desagrado e de tristeza que deixa a leitura deste. Para essa impressão tudo concorre nelle, até o subterfugio villão de não trazer, como os livros obscenos annunciados com a epigraphe devassa de *leitura para homens,* nem o lugar da impressão, nem o nome do editor ou indicação da imprensa de que saiu. A alguem ouvi suggerir que seria para evitar a lei, si não fosse para, attraindo os seus rigores, disso fazer reclamo.. Póde ser, mas não creio que haja tão imbecil governo que persiga este livro. Tal qual é, é anodino.»

Modificadas adrede, nossas fazemos as palavras do critico. Nunca linhas de scriba, mal educado e temerario em seus juizos, precisaram de ser julgadas se não (e não *sinão)* com bemquerença, com sympathia, como estas improprias do aliaz talentoso e bem escrevente director da *Revista Brazileira,* de modo a diminuir na gente a impressão de desagrado e de tristeza que deixa sua leitura.

Para essa impressão tudo concorre n'ellas. Melhor seria mesmo, para seu auctor, que elle recorresse, antes, até, ao subterfugio villão de não trazerem, como as *mofinas* que infamam o periodismo bra-

zileiro, nome responsavel, apparecendo completa e absolutamente anonymas. Melhor seria.

Mas esse é que não era o caso do volume *Patria*. Vinha com o nome do auctor, bem claro e lisivel, no alto da folha de rosto. A auctoridade poderia proceder contra elle, que á responsabilidade se não eximia. A lei só requer, de resto, a indicação da typographia á falta de nome de auctor. O mesmo decreto dictatorial de Lopo Vaz — sem embargo, um modelo de perseguição acintosa e habilidosa, ao parecer competente do mesmo estrangeiro acostumado aos vexames do poder, consoante o exarou o madrileno Demofilo nas columnas das suas *Dominicales* — esse mesmo decreto não exigiu mais. Por isso, *Patria* circulou sem arresto, que seria inevitavel para a obra, se fôsse considerada anonyma. Pelas publicações d'esta ultima natureza, á falta de mais proximos responsaveis, pagam os que as vendem e annunciam.

O reparo, portanto, do critico da *Revista Brazileira* é desasizado. Não é perverso, porque, na ausencia de reflexão, resulta inepto.

Elle não attinge tambem os melindres dos editores. Tanto estes não repudiavam a responsabilidade, mental e moral, da edição que lhe puzeram o nome da casa logo na segunda tiragem. Tanto não fugiam da responsabilidade juridica que, com a inscripção de seus nomes no limiar da capa da segunda edição, se puzeram á mercê dos tribunaes.

Porque appareceu então o livro, da primeira arrancada, nas condições e pelo modo como appareceu?

Não foi para evitar a lei, — que essa não poderia esquivar-se, desde que o auctor se declarava por tal.

Foi na eventualidade de presumiveis brutalidades dos agentes e executores d'essa lei, ainda mais papistas que o papa, mais reaccionarios, brutaes e facciosos do que a propria legislação tyrannica que ha perto de dez annos deshonra as tradições liberaes de Portugal. Temeu-se um assalto ao deposito da livraria, e as tropelias consequentes se recearam, justamente. Não fôra chimerica esta supposição; chegaram a tramar-se protervias d'esse jaez. Sómente, á ultima hora, não houve coragem para as levar a cabo. Deu-se, pois, contra-ordem.

Em todo o caso, as precauções haviam sido tomadas. O total da edição fôra acautelado; distribuidos poucos exemplares, aos pequenos pacotes para a venda diaria. Por certo que o conhecimento d'estas prevenções frustrou o indigno designio.

Mas o critico da *Revista Brazileira* deita-se a adivinhar. Presume calculos para reclamo. A insinuação é injuriosa, é certo; mas não é torpe, é só soez.

Finalmente, presuppõe elle que seria imbecil o governo que perseguisse a *Patria*, poisque seja obra anodina. Modos de vêr.

Mas, anodina ou não, quem garantia ao critico do Rio que o governo de Lisboa se não irritasse? Ás vezes, uma palavra menos pensada provoca coleras terriveis, vinganças implacaveis desperta. Rompendo amizades provadas; despedaçando laços que pareceriam indissoluveis, cava os abysmos que aponta com o enluvado indice o maneirento Bourget.

Bem anodinos são os artigos, afinal, dos jornaes cujas redacções, ha tempos a esta parte, vêm sendo

nas capitaes dos Estados da União Brazileira, periodicamente, assaltadas pelos que se consideram offendidos. Entram á mão armada; abrem caminho a tiro de rewolver; partem mezas e cadeiras; desmontam o prelo; empastelam o typo. Porque? Por môr de meia duzia de adjectivos mal-soantes.

Mesmo, por fallar — e se vamos a isso —, perfeitamente anodina era a ultima empada que no *Corsario* collocou Apulcho de Castro. E não foi uma corporação inteira, a officialidade dos regimentos de cavallaria do Rio-de-Janeiro, quem assassinou, á punhalada pura, o *chanteur* indiscreto? De que lhe valeu refugiar-se no commissariado geral de policia? D'alli para fóra, impiedosamente o sacudiram. Á porta esperavà-o uma sege, com a capota meio-levantada. O mulato subiu para o açougue. Ás duas rodadas, nem a negra alma lhe escapou. Isto se deu pela tenebrosa caligem das quatro horas da tarde, n'uma das ruas centraes da capital do então-imperio.

Por isso, que muito que na velha Europa, cynica, inapta, em regra, já, a estas furias freneticas, ainda assim se suppuzesse a policia capaz, senão de apunhalar Guerra Junqueiro, de destazer, pelo menos, os escriptorios e armazens dos snrs. Lello & Irmão, a titulo de buscas? Seria coisa nova? Ao contrario, tem-se visto. Os Cabraes eram eximios n'este genero de varejos, consoante o reza a tradição do *Nacional* e outras folhas assim menos em cheiro de santidade. Ora, não é cabralino extreme o hodierno regimen politico de Portugal? Por isso, nunca fiando. Entretanto, com audacia e com prudencia (isto é, ajuizadamente) prosigamos, todos, na tarefa de profligar o embuste, de

desvendar o erro, de pelejar pela verdade. Que a lição das estrophes finaes do poema se não perca.

Inteiricemo-nos contra o mal, orgulhoso, que elle acabará por vergar a cerviz demoniaca.

Na *débâcle* d'um imperio, entre os escombros, no sangue e no fumo d'uma lucta fratricida, um romancista, contando a catastrophe, deparou com a palavra precursora. Messianico d'um mundo novo, o encontrado lemma continha promessa radiosa de victoria, por effeito de uma moral revindicta. Estará hoje consummada essa promessa pela flagrancia da realidade? O que se conseguiu até agora foi, em todo o caso, immenso; excedeu todas as espectativas.

Então, do solo ensanguentado das luctas civis logra soerguer-se um simples, obscuro soldado ferido. Elle cobra alentos, como o Antheu da fabula symbolica.—Vamos trabalhar!, exclama.

Repitamos, nós, não só com os labios, mas do amago do coração, o mote reorganisador.

Na derrocada de todo um desenvolvimento historico pervertido, sim, vamos trabalhar, isto é, vamos combater!

Mas, infelizmente, trabalhando ou combatendo, teremos de ir sós. Não se cuide que os nossos irmãos d'além-Atlantico comnosco se queiram acamaradar. Ao contrario, engeitam-nos. A nossa companhia repugna-lhes.

Por isso, as idéas d'um entendimento reciproco, afóra as muito simples que o convivio do commercio internacional prescreve para todas as nações civilisadas, terão de ser, de vez, postas de lado, como illusões de epochas de juvenil confiança?

Todavia, esses desejos tiveram, apezar de tudo, em Portugal sempre representação constante. Foram-se desenvolvendo até ao ponto de se exaggerarem na chimera d'uma especie de federação politica entre os dois paizes.

Um utopista lusitano, devaneando philanthropicamente pela agreste provincia, chegou a publicar o *Codigo* positivo d'essa federação vindoira. É uma dôce alma das que se não ferem nas asperas impossibilidades da realidade e desfraldam a véla do sonho, com os olhos acordados. Champfleury, no volume dos *Excentricos,* contemplou uma d'essas illuminadas physionomias, do typo restrictamente scientifico, e de nossa grey portugueza tambem, o cavalheiro da Gama Machado.

Mais tarde, nas paginas da *Voz Publica,* do Porto, um publicista talentoso, que, ao presente, se encontra no Brazil, o dr. Cunha e Costa, retomou a idéa e defendeu-a com calor.

Mas o que um e outro ignoravam, talvez, é que ella era antiga e tinha uma originaria procedencia do mais culminante relevo.

Na verdade, em 1825, a 6 de Dezembro, e de Paris, datava Silvestre Pinheiro Ferreira o seu *Parecer sobre um projecto de pacto federativo fundamental entre o imperio do Brazil e o reino de Portugal.*

Mas as coisas transtornaram-se em tanta maneira, e os sentimentos por tal geito mudaram — que hoje, dos portuguezes, os brazileiros nem a lingua querem.

É um cumulo; mas é assim mesmo. Entregam-se

afincadamente a estudos grammaticaes; manuseam quotidianamente os classicos quinhentistas; investigam as menores minucias dos lexicologos; e acabam por concluir que a lingua *brazileira* é já sufficientemente differenciada do portuguez, para se constituir á parte e reger de casa propria, como filha que se emancipou, repudia a norma paterna e pretende viver á bôa-vida, sem dar satisfações a uma tutella importuna e incommoda.

Até aqui está perfeitamente. Sua alma, sua palma.

Caberia objectar que o *brazileiro* não póde differenciar-se do portuguez senão por evolução natural e propria, como toda e qualquer lingua, sendo as transformações de similhante natureza não só irrepremiveis como plausiveis. Todavia, essas alterações, por isso que são desenvolvimentos de fórmas anteriores, não modificam a indole da linguagem, permanecendo o idioma (differenciado) o mesmo. Se, pois, elle está já tam diverso que seja a lingua brazileira differente structuralmente da portugueza, pela grammatica e pelo diccionario, phonetica e etymologica, syntaxica e graphicamente; como não houve materialmente o tempo preciso para taes variações— é que, a constituir o brazileiro, actuaram causaes estranhas.

De que genero fôram esses factores, eis o que então importa apurar, para, por sua qualidade, se aferir se a evolução é progressiva ou regressiva. Pois que não basta dizer que o brazileiro é differente do portuguez. Importa saber se foi para melhor, se foi para peor que elle differiu.

Note-se bem que não reproduzimos as chimeras das *preferencias de idiomas*. Isso constituia os de-

bates acirrantes da erudição cahotica do seculo XVII. Mas, afinal, ninguem contesta, por exemplo, pensamos nós, que a evolução que vai do monosyllabismo para a agglutinação e d'aqui para a flexão seja progressiva; e a contraria, regressiva.

Ora, se o brazileiro não quer ser portuguez, que quer ser? Quer ser tupi, como os fallares dos indígenas de suas selvas? Quer pertencer ao grupo das linguas bantus, que são as em que se expressa variedade da complexa pretalhada que o trafico vasou nos portos de Santa-Cruz? Mas essas linguas são linguas agglutinantes, agglomerativas, como lhe queiram chamar; em todo o caso, linguas de typo rudimentar e inferior. Passar d'uma lingua de flexão para uma lingua holophrastica; desprezar uma lingua novo-latina para dar a preferencia a uma lingua cafreal ou da costa do occidente da Africa — seria ir de cavallo para burro. E para burro dos por isso chamados silvestres, isto é, aquelles que deixam o pasto dos lameiros, para retouçar os cardos das silvas.

Em sua ogeriza pelos portuguezes, os litteratos brazileiros teem larga culpa no estropiamento da linguagem que macula os livros *di lá*.

Já Pinheiro Chagas o notou com desgosto, quando teceu os mais festivos elogios, justissimos, a essa lenda, deliciosa de aroma, ensopada de poesia, magnificamente explendida, de *Iracema*, por José de Alencar bordada na vehemencia d'uma candidez scismadora.

Mas, logo, perguntara por que motivo um livro brazileiro se distinguirá na linguagem d'um livro portuguez, «quando os livros de Prescott americano *não se distinguem* dos livros de Macaulay, quando

Ticknor e Southey, Cooper e Walter Scott, Washington Irving e Charles Dickens escrevem exactamente o mesmo correcto inglez? quando Arboleda e Zorrilla, Mármol e Espronceda entoam os seus inimitaveis versos no mesmo sonoro e altivo hespanhol?»

A resposta é obvia, mas um tanto desagradavel á jactancia brazileira. É porque o norte-americano nunca se mesclou com as raças inferiores do paiz, autochtonas ou importadas, com os pelles-vermelhas ou com os pretos africanos. Orgulhosamente se afastou; exterminou ou explorou essas pobres gentes; mas procedeu, tanto quanto possivel, como os aryas ao contacto das populações dravidicas. Refugiou-se em castas, afim de conservar puro o seu sangue superior, trazido da Europa. Não o comprometteu na mestiçagem. Por isso, a lingua ingleza não soffreu n'elle senão os desvios naturaes e proprios, limitados, consequentemente, ao ondular da propria evolução; não se derrancou pelo influxo d'uma permanente acção de idioma subalterno, desorganisadoramente, a todo o instante infiltrando-se.

A sobranceria castelhana preservou um tanto as nações americanas de procedencia hispanica, mas ahi a corrupção debuta. A lingua já se não salva nas ancas da inocuidade yankee. Com o relaxe demagogico do portuguez, que se não peja de ter copula e conviver familiarmente com a mulher negra mais degradada, a perversão da linguagem attingiu o cumulo.

A meiguice da raça negra, essencial e caracterisadamente affectiva (conforme o viu a perspicaz intuição *de Augusto Comte*, cujo genio apprehendia

de relance os caracteres fundamentaes das modalidades substanciaes), essa meiguice, d'um amelaçamento idiota, pegou-se ao idioma. D'ahi, as alterações phoneticas; o desbaste das arestas varonis nos vocabulos; a abundancia formigante dos diminutivos.

Chega-se á afinação extrema de fazer diminutivos nos participios dizendo, por exemplo: *dormindinho. O minino está dormindinho.* O lexicographo portuguez, longos annos vivendo e convivendo no Brazil, Manuel de Mello, estudou esta aberração.

A negra era a ama da creança brazileira: depois, nos jogos da adolescencia, a mucama, rapariguinha da mesma idade; o negrinho, irmão-de-leite do branco, não desacompanhavam a filha, o filho do senhor. Eram seus constantes companheiros de folguedos; seus confidentes; quasi seus amigos e eguaes.

Desde pequenino, pois, o brazileiro aprendia a fallar como o negro, e como o negro se ficou a fallar. A linguagem tornou-se mais dôce, explica ao publico indifferente da *Nouvelle Revue* o pernambucano Oliveira Lima. Adocicada é que ella ficou. Á linguagem brazileira definiu-a pittorescamente, mas completamente, Eça de Queiroz, quando lhe chamou — portuguez com assucar.

Esta degenerescencia veio da acção da gente negra; é um dos effeitos lamentaveis da escravatura.

E não se pense que arcabouçamos doutrinas de phantasia. A theoria procede do simples exame dos factos.

Ella é hoje, incidentarmente, pronunciada pelos especialistas, até dos revestidos da mais alta com*petencia.*

Assim, em sua poderosa memoria destinada á x sessão do Congresso internacional dos orientalistas, o snr. Gonçalves Vianna affirma (com lucida penetração, a nosso vêr) que os fallares brazileiros, ao contrario do que poderia suppor-se e já se tem dito, não representam, em grande maioria de casos, na sua pronuncia — e não só ahi —, um portuguez archaico do continente, que alli persista em estado de boa conservação. Ha, na verdade, a mais a divergencia da corruptella. E o factor causal não póde sêr senão o apontado.

Teve já uma intuição d'esta verdade Varnhagen. Logo n'um dos capitulos de introito da sua *Historia geral,* lá apparece consignada com magoa a repercussão do fallar impuro da gente preta na depravação phonetica e syntaxica da linguagem do menino amamentado e creado pela mãe-negra. Queixa-se de que se não houvessem sujeitado os indios; a seu parecer, esta corrupção do idioma, assim, se não teria dado.

Foi uma idéa obstinada em que encanzinou, contra tudo e contra todos. Rompeu com Franco Lisboa, o maranhense que illustrara, em lingua portugueza, o pseudonymo de Timon e a quem elle chamava sarcasticamente Timon III, mercê da precedencia do visconde de Cormenin. Punida pela legislação da gente civilisada, consoante como no artigo especial do nosso *Codigo Civil,* commetteu a indiscripção de tornar-lhe publica a correspondencia particular. Elle, conservador ferrenho, e auctoritarista de progenie, recorreu ao testemunho comprovante do *anarchista* Proudhon. Mas ficou-se na sua.

Escravisassem os indios. Para que ir buscar humanos animaes á costa de Mina? Tinha-os o Brazil de casa. Ficavam livres do cruzeiro inglez e não estragavam a lingua portugueza.

Mas os litteratos brazileiros não entenderam, em quasi totalidade, as coisas assim. Pensaram que o seu portuguez era do melhor castiço. E exhauriram os artificios de argumentação e os exemplos eruditos para justificarem o seu typo de escriptura.

Longamente redarguiu Alencar; o qual pretendia constituir linguagem peculiar para uma litteratura propria, tam independentes a primeira como a segunda. As paginas das revistas brazileiras, até os nossos dias, encontram-se pejadas de fastidiosos artigos de pugnas grammaticaes. Tudo com o futil proposito de mostrar que elles fallam e escrevem melhor do que nós.

Reportam-se dos classicos do seculo XVI, de Barros especialmente; fundam-se no padre Vieira, que passou grandissima parte da vida no Brazil e que alguns biographos brazileiros chegaram a pretender que lá nascera. Foi essa a doutrina corrente em Santa-Cruz por largo espaço, até que o desejo (crê assim o fôra o bilioso Innocencio, com sua fingida bonhomia e pitadeada ronha), o desejo de apurar a verdade levou o snr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, aprimorado litterato d'aquella nação, a propôr sobre o caso um programma de estudos. Esse elencho foi, pelo imperador, distribuido ao arcebispo da Bahia, D. Romualdo Antonio de Seixas, cuja «memoria» analysou magistralmente o ponto, deixando *provado até á* saciedade que Vieira nascera, com efeito, *em Lisboa.*

Especcados no jesuita, os lexicologos brazileiros não largam tambem Soares Barbosa, sobre cujas laudas empallidecem. E toda esta tarefa é, porém, esteril, inutil, impropria do tempo, arredia do methodo scientifico coevo.

Cumpria-lhes comparar o dialecto brazileiro com as outras variedades ultramarinas dos dialectos portuguezes. Então verificariam que os litteratos goenses escrevem como elles, brazileiros. Usam das particulas pronominaes em identico transtorno, por exemplo; de modo que um leitor de Lisboa, ao lêr Moniz Barreto, cuida estar-se enfastiando com Sylvio Romero. É frequente em Portugal tomarem-se por brazileiros escriptos de filhotes indianos. Porque? Qual será a causa determinativa d'isto?

A resposta estará dada, desde que se recorde que os escriptores portuguezes de Goa são canarins assim alli chamados; provêm de raças selvaticas inferiores, vencidas e sujeitas pela invasão arya, originariamente fallando variedades dravidicas, linguas de agglutinação, como as africanas. O concani se considera como uma lingua aryana. Porém, note-se sempre o quam mesclado anda de tulu e de canará, consoante na destrinça se obstinava já Erskine Perry. Desde sempre os nossos portuguezes se não confundiram, preleccionando, basilarmente, da arte da lingua canarim, na esteira do esboço do insigne padre Thomaz Estevão. É a que, accrescentada pelo padre Diogo Ribeiro, revista por outros quatro padres da Companhia, foi impressa em Rachol, no anno de 1640.

Ora, *os elementos phoneticos* das linguas dravi-

dicas lembram não só as linguas australianas, como incisivamente as africanas. Ao contacto continuo, o nosso idioma, classicamente castigado, derranca. É espectaculo diario em nossas colonias actuaes de Africa; e ao estudo da dialectologia lusitana extra-continental dedicou o laborioso snr. Leite de Vasconcellos cuidados intelligentes.

Assim, pois, se os brazileiros que repudiam nossas faltas, como insontes e rudes, conhecessem a phonetica dos portuguezes de Angola, não se envaideceriam tanto com a dos nativistas da Bahia.

Na similidade dos idiomas do typo agglutinativo, desde o que falla em Africa o negro jovial até o que falla na America o indio taciturno, se entrelaçam os parentescos ethnicos, cuja evidencia, para a hypothese restricta óra sujeita a exame, feriu o snr. Lopes Mendes, que depois de viver na India portugueza foi viver para o Brazil. Elle redigiu, até, sobre o assumpto uma memoria especial, *O Oriente e a America*, em cujas laudas coordenou valiosos apontamentos sobre os usos e costumes dos povos da India portugueza, comparados com os do Brazil. Assegura que os primitivos indigenas asiaticos, representados pela familia gôlyna ou gopallas, e os gaúchos e vaqueiros americanos teem, no fundo, os mesmos caracteres ethnicos e o mesmo dynamismo psychico.

Não iriam, sem embargo, para ahi os criticos brazileiros. Na sua permanecem: teimam em como nós outros, do continente europeu, é que não usufruimos da lingua, consoante como, por nossa inopia, não possuimos estylo.

*Assim,* Tobias Barreto sentenciou categoricamente que Alexandre Herculano não sabia escrever.

Isto é unico, porque não consta que Longfellow declarasse jámais que Tennyson não tinha fórma. Nem o jornalista Heitor Varella se esqueceu nunca até ao ridiculo de estabelecer que Castelar não sabia hespanhol.

Mas, acontece de brazileiros para com portuguezes.

O rancor toma proporções que invadem o burlesco. Tornam-se inoffensivas.

Ha (ou houve) no Rio um bacharel em direito, de nome José Jorge Paranhos da Silva. Este homem tem (ou tinha) leitura, copiosa e moderna; tem imaginação; e tem espirito. Mas, sobretudo, o que elle tem é um odio immenso a Portugal e aos portuguezes.

Publicou, anonymamente, um livro, que sahiu, á maneira allemã, aos pedaços, por tres arranques. Anonymamente appareceu, referimos; mas seu auctor não se esconde; revindica-o, citando-o como de sua lavra nos artigos subsequentes que, sobre a mesma materia, estampou na segunda vezada da *Revista Brazileira*. Esses artigos são mais comedidos na fórma; mas o espirito dilue-se o mesmo.

Quanto ao livro, é um documento preciosissimo. Elle basta para reconstituir toda uma complexa situação moral. Eis o classico osso fossil com que Cuvier etc.

Intitula-se: *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brazil.* Por *Um brazileiro.* Papel assetinado, composição elegante, impressão nitida. Logar da impressão, Rio-de-Janeiro. Data: 1879. Formato? *8.°*.

Este tomo é offerecido aos bachareis brazileiros que, educados em Coimbra, uma vez de regresso, declaram quererem renascer (sic) no Brazil. N'uma advertencia do verso do ante-rosto, o auctor commina que prohibe a sua leitura aos portuguezes, excepto aos snrs. Eça de Queiroz e Camillo Castello Branco. Percebe-se por que. Depois, decide-se a estender a excepção até ao snr. Theophilo Braga. Se apertassem muito com elle, acabava por nos dar licença a todos nós, ainda os mais rasteiros.

A todos nós, portuguezes, nos chama elle, — primos. Esta *boutade* tem sua graça; não offende e corresponde á verdade. Não no sentido maligno em que a usou o auctor; mas na exacta e perfeita conformidade do parentesco internacionalista. A designação de *nossos irmãos*, dada aos brazileiros pelos portuguezes, ou, vice-versa, aos portuguezes pelos brazileiros — não está bem. É hypocrita, como affectividade. E, como realidade, é falsa. *Nossos primos* é que, reciprocamente, apparece bem. Irmãos?, nunca. Manos, na accepção de cunhados. Cunhados e primos, é o que sòmos, uns para com os outros. Não ha um só portuguez que não tenha um primo brazileiro. Immensas brazileiras são as que teem cunhadas portuguezas.

Mas os primos de lá é que não timbram em ser amaveis com os primos de cá. A antipathia deslumbra-os. Fal-os esquecer que, enxovalhando os portuguezes, enxovalham a familia toda; naturalmente, a elles mesmos. Pois, que da grey conspurcada sejam parcella integrante.

*Assim, o snr.* Paranhos da Silva exhibe uma theo-

ria para explicar como seja que a lingua portugueza é inferior á brazileira. Elle foi, até, o unico que tractou d'isto, coisa que, aliaz, era essencial. Propoz-se resolver o paradoxo e aclarar o apparente absurdo.

Assentou que portuguez ha dois. Ha um portuguez derivado do castelhano. Este é o nobre. Ha outro, derivado do gallego. Este é o pulha.

O portuguez derivado do castelhano é o que se falla no Brazil; é o brazileiro. O portuguez derivado do gallego é o que se falla em Portugal; é o portuguez.

Ora, aqui está a coisa. Clara como um preto.

E como foi que os brazileiros, que aprenderam aliaz a fallar portuguez pela lição dos primeiros portuguezes que para o Brazil aproaram, não aprenderam a fallar gallego?

Porque os primeiros portuguezes que foram ensinar o portuguez para o Brazil ainda fallavam o portuguez derivado do castelhano. Os jesuitas das missões fallavam todos o portuguez-castelhano, em geito que era um primor. Entretanto, os portuguezes que cá ficaram, não se sabe por que estranha balda, desataram todos, então, a fallar gallego, ao depois.

Quer dizer: fixemos data. Até 1500 em Portugal fallava-se castelhano. Depois de Pedro Alvares Cabral começaram, com engulhos, vomitos e o mais da parte, os irreprimiveis desejos do gallego.

E por que seria isto, santo Deus?

O snr. Paranhos da Silva explica que foi por causa da dominação dos suevos na Galliza e em Portugal. Consulta uma grammatica suabia recente. Explica como os diphtongos nasaes em *ão* são peculiarismos dos idiomas suabio, gallego e portuguez.

Não é isto novidade com que á feira viesse o inventivo Paranhos: antes sediça velharia que já impressionara os doutos Helfferich e de Clermont, os quaes a proposito formulavam commentos serios.

Mas, nada tem, parece, o *ão,* o suabio, os suevos — com o gallego que se *não* fallou em Portugal até que margem houvesse para que de Lisboa partissem para a Bahia os primeiros missionarios jesuiticos, a fallar portuguez-castelhano sem macula, afim de o ensinar aos brazileiros que sem macula o vieram conservando até nossos dias. Ou nós já fallariamos gallego á data da ida dos Anchietas e dos Nobregas?

Mas então como é que o não fallam os brazileiros tambem?

Elle, na verdade, parece que assim devia ser, porque os suevos sempre estiveram na Galliza algum temposito antes de Pinzon saber do Brazil e suas coloradas galanterias. Mesmo porque o geito do diminutivo generalisado até a gerundio se supinos nos appareça no idioma popular da Galliza, consoante o demonstrara, para o caso já expendido, o Manuel de Mello citado e após elle o snr. Theophilo Braga, na sua recente introducção de theoria á historia da litteratura portugueza.

Emfim, é uma trapalhada onde ninguem se entende. Põe-se, mesmo, de lado a tolice da derivação do portuguez, provindo originariamente do castelhano. E não se cura do sentido exacto da emanação do lusitano por via do gallego.

Ora, o facto é que nos seculos XIII e XIV os dialectos fallados na Galliza e Portugal divergiam muito

pouco, segundo póde julgar-se pela comparação do *Cancioneiro* de Affonso x de Castella, escripto em gallego, e das composições archivadas nos albuns lusos das bibliothecas do Vaticano, da casa Collocci-Brancute e da Ajuda, nos quaes collaboraram assaz de vates da Galliza. Portuguez e gallego fôram, todavia, differenciando-se cada um do seu lado, não porque o portuguez seja um dialecto do gallego ou o gallego um dialecto do portuguez, mas porque portuguez e gallego emergiram d'uma identica base commum, que o snr. Adolpho Coelho define como sendo «a lingua gallecio-portugueza dos seculos XII a XIV.» Quanto á doutrina brazileira ácerca do assumpto ventilado, ella não liga. Não se entende.

Mas o que se entende perfeitamente é o estimulo rancoroso que dita aquellas toleimas e improvisa theorias taes.

Desvaira-o, essa raiva, ao snr. Paranhos, tam desorbitadamente que elle encerra o seu desarrazoado com o seguinte cumulo dos cumulos:

Traduz, de portuguez, para brazileiro, duas poesias de Garrett e as linhas de principio do romance *A Morgadinha dos Canaviaes*, por Julio Diniz.

Isso para pôr aquelle impuro gallego em portuguez de lei, portuguez-castelhano, portuguez-brazileiro perfeito, exemplar.

A insania litteraria, attingindo estes termos, causa dó, porque entra na esphera da pathologia. Já não têm a palavra os criticos, mas sim, e unicamente os medicos.

Ou, melhor, os moralistas. Chamem elles á razão êste apaixonado: suggerindo-lhe como o odio é

pessimo conselheiro; e mostrando-lhe como os maus sentimentos são castigados, pela obnubilação da intelligencia e consequente desaproveitamento da cultura.

Mas esta lição corroborou-nos. Viu comnosco o leitor como a mentalidade brazileira nos não quer acompanhar.

Ella não perde ensejo de nos manifestar a sua hostilidade, que se volveu n'uma como que obsessão. Assim, não mais tarde do que alguns dias antes da data da revisão d'estas provas, fundou-se agora no Rio uma *Academia de letras,* imitando a academia de França com os seus quarenta immortaes.

No discurso de inauguração, o preclaro orador, dr. Joaquim Nabuco, affirmou o seguinte ponto fundamental: «A Academia, conservando a federação politica do Brazil, proclama a unidade litteraria; não terá nenhuma ligação com Portugal, do qual os destinos brazileiros estão completamente separados, e a sua fundação deve ser mais uma affirmação de independencia nacional.»

Um jornalista portuguez, dando a noticia, lembra apenas que o snr. dr. Joaquim Nabuco, quando deputado do imperio, esteve em Lisboa e, ao visitar o parlamento portuguez, foi-lhe dado ingresso cordeal e espontaneo entre os representantes do paiz com que elle, agora, não deseja ligações de especie alguma.

É incontestavel. O Brazil não quer nada comnosco.

Mas não quizera já de havia muito. E n'outra parte, corollariamente, inquiriu de mentores idoneos.

Fez bem. Seria ridicula pretensão que competis-

semos com os mestres que a nova geração brazileira escolheu.

Tambem n'elles nos educamos, nós. E os brazileiros preferiram, asizadamente, o receberem o ensino directo — a colhel-o por intermediario, mais ou menos infiel. Não quizeram tractar — substabelecendo procuração. Fôram, encarreirados, ás fontes.

De Portugal havendo herdado a subordinação á França, á França logo prestes se dirigiram.

Tiveram aqui uma intuição magnifica, eminentemente proveitosa.

Comprehenderam que sciencia sem philosophia é pedantismo; arte sem philosophia, jogralismo. Accenderam a sua lanterna e buscaram, pois, um philosopho. O eccletismo cousiniano abrira bancarrota; depois da implacavel satyra de Taine, em seu livro primordial profligando os philosophos francezes contemporaneos: as sorbonnicas orthodoxias estavam n'um descredito irremediavel.

A corrente era, toda, n'outro sentido. Soprava sempre para as bandas d'onde emergira a estatua grandiosa de Augusto Comte.

Assim, o positivismo foi o coração-de-leão de que se nutriu o espirito da moderna geração brazileira, como certas tribus de Africa dão — dizem uns tantos viajantes — o musculo superior do superior felino a devorar aos primogenitos dos sobas, a dentro cada de seu kraal, para lhes incutir a resistencia e a intrepidez.

A doutrina renovadora, penetrando no ensino official, remodelou o criterio das ultimas camadas escholares.

A Benjamin Constant Botelho de Magalhães cabe, após primeira iniciação de ignorado professor, por 50 e tantos, a activa e fecunda iniciativa de vulgarisação do positivismo entre os moços estudantes.

Foi o caso que, lendo tudo o que lhe parecia poder desenvolver os seus conhecimentos mathematicos, topou, um propicio dia, na these de concurso de certo professor da Eschola Central do Rio-de-Janeiro, Peixoto, um resumo das vistas de Comte sobre o calculo. Foi ferido pela sua novidade, seu alcance o impressionou; e quiz conhecel-as no proprio manancial. Eil-o, pois, levado a estudar e a meditar as differentes partes da obra do philosopho francez.

Desde esse momento, sua vereda estava encontrada; constituiu-se no dever de espalhar em seu ensino, particular ou publico, as concepções philosophicas do psychologo da *Synthese Subjectiva* sobre o conjuncto das sciencias. Pode-se dizer que elle foi o verdadeiro organisador do positivismo no Brazil.

N'este ponto-de-vista, ha a considerar um facto, cuja iniciativa pertence ao publicista sobre cujos informes seguimos. É elle o snr. Oscar d'Araujo, o qual se tem conservado fiel ao credo que adoptou em sua mocidade e por elle propugna sempre que o julga ameaçado. Fal-o com relevo, pondo na dialectica a qualidade mestra da sua raça, a imaginação. Assim, em março de 1894, publicou no numero, ao mez attinente, da *Révue occidentale* um longo artigo ácerca do livro de Roberty: *La recherche de l'unité*. A este trabalho replicou o sociologo russo em nota, egualmente extensa tambem, ao primeiro capitulo do volume que, versando Augusto Comte e Herbert Spen-

cer, elle apresentou modestamente como méra contribuição para a historia das idéas philosophicas no seculo XIX.

Quanto ao facto a que alludimos, foi a constituição da primeira Sociedade Positivista do Rio-de-Janeiro, da qual o snr. d'Araujo declara que se ha-de orgulhar sempre de haver sido o instigador. Ella constituiu, com effeito, um acontecimento decisivo, que veio imprimir um estimulante ainda ao ardor commum, pondo as novas camadas em relação com o continuador integral d'Augusto Comte, com o chefe do positivismo orthodoxo, com o obediente Pierre Laffitte, n'uma palavra.

A partir d'aquelle momento, Benjamin Constant fez, no seu ensino, uma parte cada vez mais larga á propaganda do positivismo. E, graças ao seu ascendente moral e intellectual, os seus discipulos, quando mesmo se não tornavam ferventes positivistas, nem por isso deixavam de ficar cheios de admiração e de respeito pela doutrina d'Augusto Comte.

Iam assim constituir em todo o paiz um meio favoravel á acceitação das reformas que de similhante doutrina se inspirassem. Elles iam, corrobora o snr. Oscar d'Araujo, «preparar a opinião a admittil-as, por um longo trabalho d'infiltração d'idéas.»

Com effeito, d'ess'arte occorreu.

II

# O POSITIVISMO

A acção do positivismo sobre a mentalidade brazileira foi, na verdade, extraordinaria.

A efficacia da adoptada doutrina decorreu da sua accessibilidade, poisque quasi ninguem se sujeitou á preparação preliminar da acquisição previa da hierarchia encyclopedica. Contentaram-se geralmente com as conclusões syntheticas, de caracter philosophico; com os primeiros principios do systema, que já eram corollarios de investigações, as quaes se deram por feitas.

E o seu agnosticismo, acariciando a preguiça cerebral, portuguezo-brazileira, foi a condição primordial do fulminante exito.

Voltou-se á antiga desconfiança, o que condizia com o ensino catholico tradiccional.

Esqueceu-se o lemma incitativo de que o homem triumpha de tudo.

Já ao conceito introduzira um coefficiente de correcção o scepticismo hegelianista, da extrema esquerda, de Feuerbach.

«Sim, triumpha; mas só quando esse triumpho é para elle uma necessidade. Tudo lhe é possivel quando a necessidade lhe é presente.»

Mas nem assim. Negou-se essa necessidade mesma. De modo que se possa facilmente remover as difficuldades.

Assim tambem a popularidade da doutrina circulou largamente na velha terra lusitana.

Precedera-a, no effeito, o ecclectismo idealista de Krause, Tiberghien e Ahrens. Não teve, é certo, entre nós, echo que se compare ao analogo de Hespanha. Inspirou, não obstante, até ao plagiato, muitos dos compendios das aulas secundarias e superiores do nosso paiz. Sobre o ponto se podem consultar os elucidativos artigos do snr. Lopes Praça, insertos em ephemera, rara publicação periodica portuense.

Mas a eschola que tem por patriarcha o pontifice da humanidade, Augusto Comte, essa logrou tal fervor d'adopção por parte da moderna geração portugueza que elle é eminentemente significativo.

Foi, mesmo, por esse vehiculo que se começou a conhecer e a considerar o Brazil mental. Como quer que coincidissem, entrecruzando-se, as correntes criticas da juventude dos dois paizes, a identidade dos pensamentos despertou as curiosidades e promoveu as sympathias.

Fundara no Porto a revista intitulada *O Positivismo* a intelligencia, aristocraticamente limpida e *fina, do medico* Julio de Mattos. Publicou suas por-

tas á collaboração dos seus correligionarios do Brazil. Assim se deu conta dos talentos incipientes de além-Atlantico; assim lé se communicou das novas e quentes aspirações.

Entre nós, a formula comtista encontra-se expressa em muitas das obras dos nossos modernos homens de lettras. Ella penetrou até as de começo despreoccupadas phantasias satyricas, consoante se verifica das ultimas brochuras dos pamphletos, se mediocremente concretos, assaz discretos das *Farpas*. A sério, e como um todo theorico, a amostra portugueza mais completa está em o volume devido á penna indefessa do historiador da nossa litteratura. *Traços geraes da philosophia positiva*, se denomina.

No Brazil, identico phenomeno se observa; é curioso: com as mesmas modalidades. Assim, o positivismo inebria-se com a simples galhofa, como nas *Farpas*, em os mensaes opusculos, congeneres, de Sylvio Romero e Araripe Junior: *Lucros e perdas*, titulo idoneo tambem, n'uma nação de negociantes. Assim, o positivismo se affirma dogmatica e solidamente na obra poderosa de Pereira Barreto, *As tres philosophias*.

Mas ha um matiz.

Entre nós, não se passou do positivismo attenuado, no depuramento homoeopathico de Emilio Littré. Só muito mais tarde (e sem repercussão no grande publico) é que Theophilo Braga, com o seu *Systema de Sociologia*, acceitou as conclusões ulteriores, inclusive as da *Synthese subjectiva*, como logicas, concordantes e procedentes.

No Brazil, engoliu-se tudo, inteiramente, e de

pancada. Insignificantes manifestações de littreismo fôram as que surgem. Algumas são méras homenagens aos dotes de saber e intelligencia que exornavam o filho prodigo que não voltou á casa paterna. Tal o curto discurso de commemoração do 5.º anniversario da morte do que, aliaz, ahi intitula chefe da philosophia positiva, recitado e publicado, pelo dr. Lycurgo Santos, em São-Paulo, em 1886.

Absorveu-se tudo, liturgia, como o resto. Engalanou se, de sanefas com formulas, idoneo templo: officiaram de pontifical Teixeira Mendes e Miguel de Lemos.

Em Portugal, isto era impossivel. Complicada com estas parodias cultuaes, a nova doutrina morreria pelo ridiculo. Ninguem se atreveu nunca a tanto.

Ficou, pois, reduzida á sua parte fundamental, a esse systema philosophico que se condensa nas tres lições primeiras do famoso, maravilhoso *Curso*. Com perspicacia, Littré as reuniu em volume de per si, a que poz o titulo justo de: *Principios*.

Nesses termos e em similhante conformidade, entre nos succederam-se os protestos de adhesão ás idéas do repetidor, examinador da Eschola Polytechnica de Paris.

Esta fé na obra do discipulo de Saint-Simon, posto a não partilharmos, alegrou-nos sempre sobremodo. Ella é, com effeito, o resultado da tendencia, geral e inabalavel, das gerações actuaes para o espirito novo, para a nova philosophia, que não se sustenta de chimericas e vasias abstracções. Pelo contrario, haure no manancial da realidade, consoante as sciencias d'onde toma a origem, os caracteres que

precisam a moderna reforma da intuição synthetica.

De facto, é evidentemente justa a palavra do dr. Büchner, quando, em sua *Sciencia e natureza*, chama ao positivismo, digam o que disserem, um dos signaes caracteristicos da epocha.

É-o; e, d'ess'arte, merece uma attenção capital.

Já á data do seu advento na velha Lusitania possuia a eschola positiva, ou melhor comtista, uma historia illustre. Ella contava no numero dos seus adeptos muitos dos modernos homens mais notaveis, nas lettras e nas sciencias, de todos os paizes. A sua acção tinha sido verdadeiramente apreciavel, e a latitude que, n'aquelles ultimos tempos, havia tomado tornara-a digna da attenção demorada.

Resultara o effeito do lucido espirito de Littré. É certo que Augusto Comte fôra principalmente o que lhe chama, com somenos respeito, o seu quasi-discipulo Roberty: — um vulgarisador. Todavia, a sua fórma era embrulhada e arisca. O periodo contem demasiadas idéas, ainda para sua excessiva extensão e seu intercurrente meneio, moroso pelas incidentes, infixas a todo o instante. Por isso lhe chama indigesto o belga Laurent. Talvez por que elle é que fôsse dyspeptico.

Mas Littré começou renegando as deducções extremas do mestre. Aligeirou a theoria, até então pezada, ardua, exclusiva; encerrada, segundo a phrase do metaphysico Vacherot, no espirito intractavel do fundador. Deu-lhe um aspecto claro, fugindo o mais possivel do estylo peculiar de Augusto Comte. Pouco, comtudo, foi.

É uma observação que tem passado despercebi-

da: esta, de que os positivistas não têm individualidade no estylo. Lido um, estão lidos todos. O modo de dizer é commum, como o modo de pensar. Tam poderosa é essa synthese, e absorvente similhante subordinação.

O motivo reside no proprio caracter da doutrina, hyperbolicamente comprehensivo; vago, consequentemente. Assim, por o fundador descoberta uma vez a expressão adequada, os discipulos não podem, ainda que o quizessem, variar a maneira. Eis d'ess'arte por que o positivismo seja a doutrina philosophica que mais se presta aos *clichés*, ás phrases feitas. D'ahi, o seu vocabulario especial e restricto; a promptidão com que o seu estylo presta o flanco á parodia caricatural. Porque a formalistica de Augusto Comte não está como nos allemães, em Kant primacialmente. Ahi o particularismo especifico reside no lexico. Aqui é no que se chamaria a syntaxe dialectica.

Systema catholico, o positivismo, á força de generalidade (de certa maneira entendida, aliaz), não soffre a individualidade, nem no estylo. Como com os jesuitas, os «illustres ignacianos» — consoante a esses antecessores se lhes chama em linguagem positivista —, a physionomia litteraria é a mesma, d'um para os outros.

Tanto é exacto o asserto que, onde o individualismo começa a surgir (como na heresia littreista), logo o estylo desponta.

E os adeptos crescem; disseminam-se pelo grande mundo; já não são conventiculo de supersticiosos; seita de fanaticos. Começam a ser um pouco toda-a-gente.

Assim, ephemeramente, é certo, mas n'esse curto lapso em geito similhante, a eschola se encheu de nova vida, e de vigor novo se encorajou.

São conhecidos os nomes de Wyrouboff, de Leblais, de Stuart Mill, de Ch. Robin, de Nuitz, de tantos e tam emeritos pensadores, n'aquelle areopago filiados.

Em seu prefacio á sua traducção das popularisadoras *Conferencias sobre a theoria darwiniana*, do dr. Büchner, affirmava Augusto Jacquot — testemunho ostensivamente insuspeito — que a eschola positiva, que elle repelle, é a unica realista predominante em França e a unica que tomou o caracter d'uma verdadeira seita.

A propria Allemanha, onde foi que o materialismo moderno rompeu em brados contra os desvairamentos especulativos da chamada philosophia da natureza, ella, tambem, se resentiu. Em 1864, da Allemanha dizia Littré que o espirito novo alli se tinha desenvolvido *com algum vigor* contra a metaphysica, mas n'um *materialismo energico, porém insufficiente.* Pois lá mesmo veio a soffrer-se o impulso da doutrina realista dominante em França.

O celebre Büchner, cuja *Força e materia* é justamente chamada pelo sorbonnico Paul Janet o manual do materialismo, Büchner, em 1856, no artigo *Os positivistas ou uma nova religião,* tractava a doutrina de Comte com uma indifferença contigua do desdem. Esse artigo resentia-se da falta de demorado estudo sobre a obra de Comte. Depois, conhecendo-a melhor, converteu-se, mais tarde, ao positivismo, o medico atheu. Mas quem sabe se elle, sem o

saber aliaz, o era, afinal, á laia do Dupuytren que Balzac mandava ouvir missa ás escondidas, sob o crivo da chuva de molha-todos, que, sacudidamente, peneiram as tremendas manhãs brumosas do Paris pobre?! Consignou a conversão no prefacio á nova estampagem da *Força e materia;* muito categoricamente a define, em sua derradeira obra amplamente tendencial: *O homem segundo a sciencia.*

Não é preciso ir mais longe. Pararemos aqui.

A eschola positiva de Augusto Comte contem, implicita, em sua designação, o seu espirito. Um vocabulo substitue uma definição.

Já o nosso theatino Bluteau ensinava que cousa positiva vale o mesmo que cousa certa, constante e contraria ao que é duvidoso e fabuloso.

Explana com o exemplo dos jurisconsultos. Concorda com o cardeal Pallavicino, o qual com rasão desapprova a etymologia de Paulo Soave. Na verdade, pretende este (chimericamente) que de o chamar-se em italiano *vestito positivo* o vestido simples, modesto e sem enfeites procedesse o chamar-se theologia *positiva* á que, explica Bluteau, «se não enfrasca» nas questões e subtilezas da escholastica. Muito antes que no idioma italiano fôsse admittido aquelle modo de discorrer, fallaram os legistas em materias positivas.

No seu monumental diccionario da lingua franceza, Littré, para a definição do caracter da positividade, tambem se reporta da theologia chamada positiva, e ao significado avisinha-o de trecho idoneo de Fontenelle, quem, outrosim, para a devida interpretação, deriva do longo prazo durante o qual a

theologia esteve repleta de engenhosissimas subtilidades.

D'ellas não cura o comtismo. Elle é simples e franco. Pão pão, queijo queijo.

Extrema-se, facilmente, pela negação da investigação do absoluto. É um traço passado por de sobre a ontologia.

Traz o positivismo ante si o tempo e o trabalho consumidos na investigação do que em metaphysica constitue sua categoria propria, isto é a do absoluto e do necessario. Verifica que o tempo fôram seculos; e que o trabalho gastou genios successivos. O empenho verificou-se inane. O resultado, cifrou-se nullo.

Por tam vigorosa analyse, chegou Augusto Comte á conclusão de que o espirito humano se havia debatido infructiferamente contra essa ordem de incognitas, insoluveis. Nada recolhendo, coisa alguma mais conseguira do que forjar systemas, mostrados, pois, uns atraz dos outros, absurdos e inuteis por egual. Baralhou, assim, todas as idéas; tudo confundiu e trouxe para as investigações concretas da sciencia positiva a deploravel mania de tudo querer saber. D'esta balda, inevitavel desordem. O que se chama, a dentro do diccionario da eschola, exaggero de especialismo, no detalhe. Anarchia mental, no conjuncto.

Purificar, pois, a sciencia do espirito metaphysico; concomitantemente, d'elle purificar tambem a philosophia, dando-lhe a precisão do methodo scientifico e considerando-a como a emanação synthetica do conjuncto das sciencias hierarchisadas: — eis, de começo e no fim, o scopo de Augusto Comte.

Assistira e, sem embargo da sua propositada in-

leitura, soubera do desmoronar do edificio idealista allemão. Enchera-se do tedio que ao homem de sciencia causam sempre as banalidades, declamatorias e ignorantes, da philosophia especulativa. Animava-o ainda, e principalmente, o audacioso desejo de resolver a questão social, desejo que, melhor, se comprehende no periodo em que viveu Augusto Comte, quando se succediam os planos individualistas e integraes, mais ou menos atilados e sabios, dos Fourier e dos Saint-Simon, dos Owen e dos Cabet. Era elle dotado d'um grande poder de contensão de espirito; e formulou syntheticamente toda a sua theoria, virtualmente contida em seu ulterior desenvolvimento, por meio d'uma concepção basilar, que tudo abrangeria.

É a famosa lei dos tres estados: — *theologico, metaphysico, positivo.*

Na sciencia, como na philosophia, como na historia, como na sociedade, como no individuo, a lei dos tres estados, nos affirma a eschola, se vê constantemente confirmada.

Toda a sciencia, toda a sociedade, todo o individuo estão sujeitos — como a palavra *lei* o deixa, aliaz, entrevêr — á fatalidade inabalavel da triplice phase:

«Estudando, assevera-nos o fundador, o desenvolvimento total da intelligencia humana nas suas diversas fórmas d'actividade, desde o seu vôo mais simples até aos nossos dias, parece-me haver descoberto uma grande lei fundamental, a que elle está preso por uma necessidade invariavel, e que me parece *pod*er ser solidamente estabelecida, quer sobre as pro*vas racionaes* fornecidas pelo conhecimento da nossa

organisação, quer sobre as verificações historicas, resultantes d'um exame attento do passado. Essa lei consiste em que cada uma das nossas concepções principaes, cada ramo dos nossos conhecimentos passa successivamente por tres estados theoricos differentes: — o estado theologico ou fictivo, o estado metaphysico ou abstracto, o estado scientifico ou positivo. — Por outras palavras, o espirito humano, mercê de sua natureza, emprega successivamente, em cada uma das suas investigações, tres methodos de philosophar, cujo caracter é *essencialmente differente e até radicalmente opposto:* primeiro, o methodo theologico; depois o methodo metaphysico e porfim o methodo positivo.»

Assentada a lei com este notavel vigor doutrinario, Comte, em sua obra gigantesca, faz-lhe a applicação para toda a banda, sem excepções.

Por isso, observa elle, em respeito ao homem, que no desenvolvimento individual se nota a mais completa confirmação do seu relance: «Assim, quem não se lembra—pergunta—de ser, quanto ás suas noções mais importantes, *theologo* na sua infancia, *metaphysico* na sua mocidade e *physico* na sua virilidade?»

Havendo-se chegado hoje na sciencia (excepto na dos phenomenos sociaes) á étape final, segundo Comte, cumpre que precisemos o que este grande espirito entende por: a phase *positiva,* termo da evolução da sociedade, como já o foi e é da evolução da sciencia.

«No estado positivo, diz Augusto Comte, o espirito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter

noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo e a conhecer as causas intimas dos phenomenos para se prender *unicamente* a descobrir, pelo uso, bem combinado, do raciocinio e da observação, as suas leis effectivas, isto é, as suas relações invariaveis de successão e de similhança. A explicação dos factos, reduzida assim aos seus termos reaes, não é d'ora ávante mais do que a ligação estabelecida entre os diversos phenomenos particulares e alguns factos geraes, de que os progressos da sciencia tendem cada vez mais a diminuir o numero.»

Conseguintemente, a philosophia positiva, consoante perfeitamente o deduziu Littré, renuncia á indagação da essencia das coisas: n'uma palavra, a todas aquellas questões que, em metaphysica, pertencem, como dissemos já, á categoria do *absoluto*.

E, se na sciencia a phase metaphysica deixou o residuo do seu vicioso espirito, annexo á inutilidade de suas perguntas, convem que fumiguemos a sciencia, para que lhe saia esse cheirete rançoso.

Assim, exemplifica Augusto Comte magnificamente a lei dos tres estados, e amostra, para modelo, a sua negativa das inquirições metaphysicas typificada em duas das mais notaveis investigações da sciencia positiva.

O exemplo *mais admiravel*, segundo elle, é o da gravitação newtoniana. Formulada a lei de que a materia attrahe a materia na rasão directa das massas e inversa do quadrado das distancias, a philosophia positiva não cura de saber «o que são em si mesmas essa attracção e essa gravidade, quaes sejam as

causas d'ellas, questões consideradas pela philosophia positiva como insoluveis, já não do seu dominio e abandonadas por ella, com rasão, á imaginação dos theologos, ou ás subtilidades dos metaphysicos.»

Outro exemplo, frisante por egual, nos é fornecido pela theoria do calor. A philosophia positiva adoptará a via seguida por Fourier, isto é, explicará os phenomenos do calor, «sem se importar da controversia de saber se existe uma materia calorifera, ou se o calor consiste nas fibrações d'um ether universal.» E, por isso, Augusto Comte tracta, quanto á thermologia, das suas principaes leis, «libertando-se de toda a intervenção das hypotheses arbitrarias, pelas quaes ainda hoje se pretende explicar os phenomenos caloríficos, e que não teem outro effeito real, senão obscurecer-lhes a noção e complicar-lhes o estudo.»

Bastará?

Bastaria. Mas, já que no assumpto, ainda um ponto.

Sabendo-se, experimental e evidentemente, que não ha pensamento sem cerebro, a philosophia positiva — prefaciando Leblais, declara-o Littré — recusa-se a explicar este facto, quer pela idéa d'uma alma (hypothese espiritualista), quer pela idéa d'um arranjo molecular (hypothese materialista).

Ociosas se tornariam quaesquer outras palavras para precisar mais a doutrina. Sabemos, portanto, que a philosophia positiva não toma conta, pelos reputar insoluveis, dos problemas metaphysicos a que se prende um mundo de investigações: — a existencia de Deus, a espiritualidade e immortalidade da alma, etc.

Erro grave será, pois, decerto confundir, em face d'isto, o positivismo com o materialismo. Distam profundamente, apezar dos pontos de contacto que, mau grado seu, o positivismo tem com o materialismo, como adiante veremos. Ambos possuem uma base commum:—a experiencia e a sujeição ao *facto*.— Mas o materialismo, *explicando*, perde-se no vago das difficuldades metaphysicas.

Por isso, materialismo e espiritualismo são egualmente suspeitos á philosophia positiva. Negação materialista: affirmação espiritualista — nada mais resultam para esta eschola do que metaphysica que nega e metaphysica que affirma, mas, em todo o caso, sempre metaphysica.

«É uma opinião geralmente recebida, diz Littré, entre os metaphysicos e mesmo entre alguns dos que cultivam as sciencias especiaes que, combatendo o materialismo, se combate do mesmo par e passo a philosophia positiva. O erro é grande e merece ser refutado. Nenhum dos golpes vibrados ao materialismo attinge a philosophia positiva: e advirto aos seus adversarios que não caiam em engano similhante, o qual lhes torna a polemica illusoria.

Objecta-se ao materialismo o não poder dizer o que é em si mesma a materia. Isso que importa á philosophia positiva, a ella que considera a materia como as sciencias a consideram e que usa d'essas noções como d'ellas usam as proprias sciencias?

Censura-se o materialismo por não poder explicar nem de que maneira as mudanças do pensamento são proporcionaes ás mudanças do cerebro, nem como, no turbilhão vital ou troca perpetua de materia

que se opera entre o corpo vivo e o mundo exterior. o cerebro, que participa d'esta troca, conserva comtudo o sentimento constante da identidade. Que importa isto á philosophia positiva, a ella, que, partindo do facto innegavel de que não se conhece pensamento sem cerebro, repelle como vãs todas as hypotheses, quer materialistas, quer espiritualistas, sobre as condições que fazem com que á substancia nervosa estejam presas a sensibilidade e a intelligencia?.....

.....

..... Nem espiritualista nem materialista, a philosophia positiva desvia da sciencia geral os debates que a sciencia particular ha já muito tempo repelliu com grande proveito.»

Eis precisamente, parece, determinados os campos e marcado o sitio que tem de occupar a philosophia positiva.

Assenta toda a doutrina na lei que atraz vimos formulada por Augusto Comte: a famosa lei dos tres estados.

Parece que nos esbarramos já aqui com o mesmo erro, causa da ruina da antiga philosophia, em seus systemas dogmaticos:—o, de principio posto, legislar para toda a parte.—Cuidamos que estaremos, antes de tudo, a contas com o erro fatal de todas as theorias doutrinaes da velha philosophia especulativa: a enunciação d'um principio-base. Aclararemos.

Aqui, este principio, se não toma o caracter d'um axioma superior ao exame, d'um postulado indemonstrando, ainda assim converte-se n'uma lei *identica* para phenomenos diversos, n'um conceito unico para categorias *multiplas*. Tanto é para a metaphysica

como para a politica, para a physica como para a sociologia.

Esse é o fim final da investigação humana: encontrar uma expressão que comprehenda todas as combinações possiveis dos elementos naturaes. Ter um principio primordial, supremo e maximo, do qual todas as verdades possam extrahir-se por simples deducção. Mas quem póde suppor-se capaz de apprehender a variedade phenomenal, que é infinita? Como poderia o homem encontrar relação se nem o numero nem a qualidade dos elementos a conjugar elle conhece em sua integralidade perfeita?

O genio alienado de Wronski foi mais longe, em sua pretensão, do que Augusto Comte. Escreveu da expressão geral do universo; abrangeu a substancia, em suas modalidades todas, existentes, findas, positivas e possiveis, n'um enunciado algebrico. Chamou ao seu desvairo: formula teleologica. Se acertara Wronski, todas as sciencias teriam acabado, porque sua morosa investigação não seria precisa. Bastaria que ficasse uma: a logica, com sua derivada mathematica analyse.

Mas é que a natureza é demasiado larga para estas generalisações syntheticas, as quaes, para serem amplas, não podem ser precisas. *Qui trop embrasse peu étreint.*

Augusto Comte prepara-se o terreno, lembrando-nos que os progressos da sciencia tendem, de mais em mais, a diminuir o numero dos *alguns* factos geraes que o exame da natureza nos fornece. Assim é. A *phase* positiva deve convergir a não ser senão a *ligação estabelecida* entre os phenomenos particulares

e esses pouquissimos factos geraes, cujo numero vem n'uma progressão decrescente. Assim é tambem. E resulta mesmo curiosa e, ao mais alto gráo, interessante a contradicção aqui manifesta entre o monismo e o agnosticismo, coexistentes no espirito de Comte. É até esta coexistencia heteroclita que prejudica e invalida toda a serie hierarchica das concepções conteaneas.

Assim é, repetimos. Sómente, a lei que concatene esses poucos phenomenos geraes não póde ser a definida lei dos tres estados.

— Todas as nossas concepções são primeiramente theologicas, em seguida metaphysicas e por fim positivas.

O homem é theologico na sua infancia, metaphysico na sua mocidade e positivo na sua virilidade.

As sociedades, sujeitas á mesma lei, passam successivamente pelos tres estados, em relação ás suas concepções e vida connexa. N'estas, a phase theologica vae subindo (como sempre em tudo se *sobe*, se *progride*) do estado fetichista ao polytheista, d'este ao monotheista. —

Passando, fere-nos o amor que Augusto Comte sentia pelo numero 3. Para elle: *tres* estados; *tres* subdivisões do estado theologico; *tres* grandes reprobos; *tres* grandes eleitos; *tres* lemmas fundamentaes da religião positiva: o amor como principio, a ordem como base, o progresso como fim; *tres* sociedades: a familia, a patria, a humanidade; *tres* partes essenciaes de toda e qualquer religião: o dogma, o culto, a disciplina; *tres* anjos da guarda; *tres* orações; *tres* attributos do Grande-sêr: immenso, eter-

no, todo-poderoso; *tres* divisões da religião positiva: a moral e a poesia, a philosophia e a sciencia, a politica e a industria; *tres* instinctos sociaes do homem; *tres* modos de viver: *para, em* e *por* os outros, etc. Littré reporta amor similhante ás influencias da sua infancia catholica.

Tambem por tres estados, a vasta generalidade d'essa lei parece-nos abusiva. Ella se applica sem excepções a todas as raças e a todos os individuos. Ora, pelos individuos se vê desmentida e pelas raças se não confirma.

Todas as concepções scientificas, como todas as concepções litterarias, historicas, artisticas, *todas* as concepções humanas, em uma palavra, não teem, quanto a nós, passado pelas successivas phases indicadas pelo Pontifice da Humanidade.

O espirito humano, de todos os tempos, ha seguido *simultaneamente*, e não *successivamente*, as differentes vias indicadas, não deixando assim uma para tomar em seguida *exclusivamente* a outra.

Já o observou o fourierista Pellarin, cunhado de Littré, respeitador e timido. Na verdade, d'este modo o espirito humano se occupou sempre simultaneamente de Deus e da revelação (phase theologica), de abstracções (phase metaphysica), dos conhecimentos reaes (phase positiva).

A intransigente affirmativa solidaria de que os methodos usados pelo espirito são successivos e radicalmente differentes é, no fim, um corollario, e erroneo, porque o theorema é falso. O naturalista inglez Huxley, n'um dos seus primorosos sermões leigos, demonstrou com incontrastavel exacção a coexisten-

cia dos methodos suppostos successivos. E o brazileiro monista haeckeliano Sylvio Romero transcreveu as passagens typicas d'esse discurso, no seu livro de polemica contra o positivismo, intitulado: *Doutrina contra doutrina.*

A phrase de Comte, respeito ao successivo transformar das concepções individuaes, não é tambem verdadeira, o que se torna evidente á mais simples attenção.

De facto, o homem — no seu typo, aqui tomado, de o ser superior ainda ao simples organico homem sapiente de Linneu — o homem não é successivamente theologo na sua infancia, metaphysico na sua mocidade e physico na sua virilidade, poisque, em todas as idades, elle se occupa de Deus, faz abstracções e aufere conhecimentos positivos.

Mas, incarnemos em individualidades, mais ou menos notorias, systemas de todo suppostos separados uns dos outros (o que tambem não é exacto, pois contiguamente adherem e reciprocamente se penetram). O feitio erroneo do conceito destaca, então, vivamente. Quer dizer, consideremos o homem em sua evolução especifica.

Augusto Comte não vê aqui senão a evolução progressiva. Esquece que tambem ha a evolução regressiva. Nos nossos recentes dias, a estudaram, com relação á biologia e á sociologia, tres distinctos belgas, João Demoor, João Massart e Emilio Vandervelde.

Mas revertamos ao ponto concreto. Temos, na verdade, que, em contra do allegado, o snr. de Genoude foi *positivo* na sua mocidade e theologo na

sua virilidade. Assim (acceite o radicalismo differencial da determinação de Comte) Vacherot, como Hartmann, como Janet, ha de entender-se como puro metaphysico, da mesma fórma que Ségur, Gaume, Freppel como puros theologos.

Augusto Comte olvida as religiões existentes e seus corpos sacerdotaes. Se se lembrasse, cogitaria que a mór parte, a quasi totalidade das classes cultas das raças civilisadas vive cerebralmente em plena theologia. Salvo se puzer em duvida a sua sinceridade dogmatica.

E, quanto á independencia dos methodos, póde tambem completar-se a refutação theorica e generica de Huxley ao conspecto dos casos particulares, que a lei dos tres estados foi ella, aliaz, a chamar á autoria.

Assim, Pascal, Newton e Leibnitz, fervorosos theologos, eram-o ao mesmo tempo que vastamente positivos, quando em suas descobertas, realistas ou racionalistas. Nos tempos modernos, Cauchy, grande mathematico e catholico fervoroso. O padre Moigno, chefe d'uma revista naturalista *Cosmos*, collaborada por immensidade de sacerdotes, que discorrem das sciencias da mais concreta realidade, na sua parte theorica e nas suas applicações praticas. Assim, Agassiz, naturalista e deista. Assim, o eloquente vulgarisador Flammarion ou o chôcho vulgarisador Figuier. Positivos nos momentos positivos, muitos homens illustres são theologos e metaphysicos nos respectivos momentos tambem. Pois Descartes deixava de ser metaphysico, quando assentava a celebre petição de *principio:—Eu penso, logo existo?* E não seria per-

feitamente positivo, quando cogitava sobre o movimento da terra? A theoria dos turbilhões será positividade? Nem pelo intuito? E o *Discurso do methodo* redundará em metaphysica? Nem pelo alvo?

Mas hoje, mesmo, hoje em dia, quando, alfim chegada, a phase positiva, prescripta por Comte, deveria reinar sem titubiamentos e sem contradicções?

Todavia, Schopenhauer não deixou de ser simultaneamente metaphysico nebuloso e positivo clarissimo. E o poderoso Hartmann, então? Na França, olvida-se já a nomeada de Vacherot, e o nome de Cournot esqueceu?

Á hora actual, depois do apparecimento da *Revue philosophique*, a metaphysica é legião. Fixemos sómente a vista sobre a fileira dos neocriticistas, desde os primordiaes Rénouvier e Pillon, até o modernissimo e distinctissimo Alfredo Fouillée.

Mas ainda hontem o grande Cuvier, theologo, conciliador com o positivo, no empenho obstinado de fazer fraternisar o Genesis com a sciencia. E, a este respeito, ainda Marcel de Serres e Frederico Klee: a tomar, tão só, estes dois nomes na lista immensa. «O padre Secchi, contrapõe com muito senso Ch. Pellarin, o padre Secchi, o sabio director do observatorio de Roma, crê, sem duvida alguma, visto ser padre catholico, no milagre de Josué fazendo parar o sol. E isso impede, porventura, o padre Secchi, na sua qualidade de astronomo, de calcular a marcha dos corpos sideraes, como se ella fôsse submettida a leis invariaveis?»

Augusto Comte teve uma singular suspeita d'este reparo fundamental, que lhe prejudica a base de

toda sua ideativa construcção. A ella se reporta nas poucas palavras seguintes: «Posso affirmar não ter jámais achado argumentação seria em opposição a esta lei, ha dezesete annos que tive a felicidade de a descobrir, a não ser a que se fundava sobre a consideração da simultaneidade, até aqui necessariamente muito commum, das tres philosophias nas mesmas intelligencias. Ora, uma tal ordem de objecção não póde ser convenientemente resolvida senão pelo uso racional da nossa hierarchia scientifica, que, dispondo as partes essenciaes da philosophia natural segundo a sua complicação e a sua especialidade crescente, de conformidade com o conjuncto das suas verdadeiras affinidades, faz immediatamente comprehender que o seu vôo gradual deveu necessariamente seguir a mesma successão, de maneira que uma unica phase da evolução total poude fazer provisoriamente coincidir o estado theologico d'ellas com o estado metaphysico e mesmo com o estado positivo d'uma parte anterior, ao mesmo tempo mais simples e mais geral, apezar da tendencia continua do espirito humano para a unidade do methodo. Ficando assim plenamente regularisadas estas anomalias apparentes, a difficuldade não seria verdadeiramente insoluvel, senão se a simultaneidade pudesse apresentar um caracter inverso; do que desafio a que me indiquem um só exemplo real, que, todavia, não provaria mais do que a necessidade de aperfeiçoar, ou, pelo maximo, de rectificar a nossa theoria hierarchica, sem que de tal devesse resultar incerteza alguma legitima sobre a lei da evolução mesma.»

*Chegados* a este ponto de real subtilidade diale-

ctica, não se peja Ch. Pellarin de confessar que não póde «comprehender o valor d'uma tal resposta á objecção tirada da simultaneidade dos tres estados intellectuaes, tomados por Comte para caracterisar as tres phases distinctas da evolução do espirito humano. Póde ser essa uma vista engenhosa, verdadeira mesmo a certos respeitos, mas não póde applicar-se aos estados sociaes successivos nem fornecer uma caracteristica de cada um d'elles, visto terem sido sempre regidos ao mesmo tempo por uma mescla, em diversas dóses, dos tres modos de conceber: — theologico, metaphysico, positivo.»

Não tinha, realmente, de que se envergonhar, em sua confissão, o dedicado fourierista. Porque o lance é, em verdade, difficil.

Mas a subtileza não colhe. Sua ambigua obscuridade já nos previne contra ella. E, examinando-a intrinsecamente, o desengano é formal.

Porque, a questão está, para Comte, n'isto. Pretende elle conjugar a evolução de conjuncto com a evolução especial de cada sciencia inscripta na sua classificação hierarchica. Uma e outra passaram pela mesma lei dos tres estados. Ora, poude succeder que, emquanto as sciencias inferiores estavam já positivas, as superiores — na sua parte anterior, explica elle — ainda estavam theologicas ou metaphysicas. Mas, afinal, tambem haveriam de chegar a ser positivas. De modo que tudo ficaria positivo. Sciencias inferiores, que já o estavam. Superiores, que o vieram a estar. Conjuncto social, que, sujeito á mesma lei de evolução, attingira tambem o terceiro estado. D'est'arte, a

simultaneidade fôra transitoria; e a contradicção é apparente.

É engenhoso; e, como tantissimos relances de Comte, marca o prodigioso genio d'este homem excepcional. Mas não é exacto. E, assim, voltamos ao ponto de partida.

Porque não é exacto, suggeriu-o lealmente o proprio Comte. Porque a difficuldade não seria verdadeiramente insoluvel, senão se a simultaneidade pudesse apresentar um caracter inverso.

Quer elle dizer: senão se as sciencias superiores estivessem já no goso do methodo positivo e as inferiores ainda estivessem nas abusões do methodo theologico ou metaphysico.

Ora, é precisamente o caso. Note-se bem que, ainda que não fôsse, ainda que não se desse esta segunda hypothese, bastava a primeira para invalidar a lei dos tres estados como formula synthetica do desenvolvimento do espirito, poisque lhe tiraria a generalidade.

O primeiro caso — cuja existencia Comte acceita, conforme não podia deixar de ser, perante a evidencia nitida da realidade e que, tão só, elle tracta de explicar — o primeiro caso mostra já que a lei não confirma o desenvolvimento do conjuncto nem coexiste com o desenvolvimento especial das partes constituendas d'esse conjuncto. Póde ser — e é — uma lei parcial, um aspecto d'uma lei geral em que, differenciadamente, se integre, lei geral que está por encontrar. Consoante se diz na terminologia mathematica, ella é necessaria, mas não é sufficiente. E é-o,

com as correcções que têm de lhe ser introduzidas e que estão ainda tambem por institucionalmente systematisar.

Mas o segundo caso, por egual, se dá, tambem. Augusto Comte desafia a que lhe indiquem um só exemplo real. Não ha senão o embaraço da escolha.

Na sciencia social, secções existem governadas por um methodo rigorosamente positivo: a economia politica, por exemplo. Ora, os theoremas da economia, implicando o methodo positivo, não coexistem com as chimeras separatistas do vitalismo em biologia, implicando o methodo metaphysico? Mas não consideremos a economia, que repugna a Comte, por outras razões aliaz. A arte das construcções, a estrategia são departamentos positivos da sciencia social? São, naturalmente. Entrementes, descendo na escala, a sciencia da vida embaraça-se em entidades, filhas da mais extrema abstracção, quando, no esgotamento de recursos, não apella directamente para o methodo theologico da intervenção providencialista, permanente e successiva. Barthez é do seculo XVIII; Vitruvio e Vegecio do tempo dos romanos.

A chimica constitue-se com Lavoisier; e a physica desde Galileu, Torricelli, Pascal que estava assente em suas bases racionaes. Todavia, é certo que, no mais remoto da meia-idade, a chimica tinha andado já enormemente. A massa dos conhecimentos positivos adquirida n'esse dominio era immensa. E uma competencia especial moderna, Berthelot, comprazeu-se em demonstrar o quanto devemos de processos de analyse e de resultados obtidos aos alchimistas. Mas a physica, até seculos mais tarde, ainda

se deslumbrou de visões metaphysicas. Assim, a chimica punha á nossa disposição methodos positivos de estudo e factos reaes explicados, emquanto a physica ainda andava em bolandas com o horror do vacuo. para a ascensão da agua nas bombas.

A astronomia regularisou-se positivamente como corpo doutrinario. Mas a mathematica ainda desvaira em projectos metaphysicos. Por metaphysica, o proprio Comte lhe rejeitava a secção inteira do calculo das probabilidades.

Ora, como conciliar a positividade da astronomia com a metaphysica das mathematicas, a positividade da sociologia com a metaphysica da biologia? Não será este o caso inverso, de que Comte não suppunha possivel um só exemplo? É certo que elle logo restringe o alcance da sua coarctada. Diz que esse exemplo real, a existir, não provaria mais do que a necessidade de aperfeiçoar ou, pelo maximo, de rectificar a sua theoria hierarchica, sem que de tal devesse resultar incerteza alguma legitima sobre a lei da evolução mesma.

Como assim? Pois, não mais longe do que quatro ou cinco linhas antes, não havia Comte estabelecido que a sua hierarchia estava sujeita á mesma lei geral? Não era preciso mesmo dizel-o, visto como essa hierarchia comprehende o conjuncto da evolução offerecido ao estudo da philosophia natural, conjuncto que está dominado por essa lei fundamental.

Logo, se a hierarchia não comporta a lei, como é que a lei é exacta? É que a hierarchia é que não é perfeita? Então, não se encontrou o conjuncto das *verdadeiras affinidades*. Mas estas fôram procuradas

sob o criterio precisamente d'essa lei. Então, o seu vôo gradual não seguiu necessariamente a mesma successão. Mas isto é contra a hypothese. N'uma palavra de resumo: se a hierarchia tem de ser corrigida, com ella o tem de ser a lei da evolução mesma. Se uma é incompleta, a outra o é tambem. A conclusão está contida nas premissas. Se a conclusão tem de possuir maior amplitude, maior amplitude urge dar á premissa, poisque não possa aqui derivar-se senão uma unica.

Ora, a insufficiencia da lei dos tres estados é manifesta.

Ella não permitte que dentro lhe colloquem os conhecimentos positivos sabidos nos dois estados anteriores, theologico e metaphysico. E, todavia, sem a positividade de conhecimentos é que o homem não poderia fazer esta simples e primordial coisa que se chama viver. Sem abstracções póde o homem aguentar-se; agora sem alimento é que não. Isto é banalidade velha. Já lá dizia o outro: *Primum vivere, deinde philosophari.* É, pois, pela positividade que o homem debuta. Despedaçando, ás lascas, o silex para fazer d'elle arma de ataque e defeza; arrancando o ramo para se abordoar; construindo a casa; fabricando o anzol; espreitando a germinação da terra: accommodando o lume; sujeitando o animal.

Assim o chegou a observar Littré, quando comprehendeu que a famosa lei não abrangia nem o desenvolvimento moral, nem o industrial, nem o esthetico.

De facto, perguntaremos, com um critico, aonde achar nas duas primeiras categorias quadro para as noções positivas propriamente ditas, então conhe-

cidas? E como explicar o progresso moral e esthetico pelo influxo dos modos de vêr particularistas concernentes ás concepções puras e departamentarmente metaphysicas?

Quanto ao desenvolvimento industrial, o caracter positivo da technologia, isto é da sciencia applicada ás artes, torna-o um absurdo realista dentro da famosa lei. Esta não se concilia, em maneira alguma, com o conceito de que a positividade não seja, afinal, o terceiro estado, mas, coisa imprevista! exactamente o primeiro.

Eis, todavia, a exacção, palpavel aliaz e por isso engeitada; eis a realidade, patente offerecendo-se, manifesta aos olhos de todos, e por isso mesmo não vista. A evidencia custa muito a acreditar; e não ha coisa tam inverosimil como a verdade. O engano seduz; é logico, accessivel, facil. Insinua-se. A si mesmo, se recommenda.

Sem embargo, o que é exacto é que o homem só tarde se occupa do que não seja estrictamente positivo.

A religião primitiva o que é senão o conjuncto do saber positivo das gentes iniciaes? Os sacerdotes são adivinhos e feiticeiros; isto é, astronomos e medicos. Cuida-se que se é religioso para se aprofundar a essencia da substancia? É para curar a tinha; para que as vaccas deem muito leite; haja chuva quando convenha. Nenhuma idealidade; um utilitarismo extreme.

Esta intuição, aliaz immediata, que formamos de longo praso, não escapou tambem ao talento precoce *e mallogrado* de Guyau, o eloquente auctor da *Irre-*

*ligião do futuro.* O azedo critico brazileiro, Tobias Barreto, n'um dos ensaios que constituem a collecção dos *Estudos allemães,* não deu fé de similhante conceito, que é o capital na obra. Alguns d'esses ensaios chegam, até, ao exaggero de se tornarem odiosos, porque alliam á frescata d'uma sufficiencia vaidosissima uma grosseria de maneiras revoltante. É certo que o escriptor possue raras qualidades de pensamento e uma illustração vasta. Mas é ordinario de condição. Instruido, vê-se que não foi educado. A sua sciencia é mal nascida. Seu saber não tomou chá em pequeno.

Um dos seus primeiros e capitaes trabalhos intitula-se *Um discurso em mangas de camisa.* Foi n'esta attitude familiar de preparo para barbeiro que este homem se apresentou sempre diante de gente. Shocking!

A analyse referida gravita, toda, em torno de duas illusões: a primeira, a de que Guyau é positivista. Não admira esta incomprehensão, porque ha mais e melhor no genero.

Tobias Barreto, em seu ensaio ácerca do volume a que com requintado maneirismo chama «calhamaço», reporta-se de um seu precedente escripto. O escripto a que elle se refere, e que Sylvio Romero se lastima de lhe não haver chegado a tempo de o incluir no livro dos *Estudos allemães*, denomina-se *A Religião perante a Psychologia,* e sahiu publicado no n.º 6 e seguintes de *O Americano*, periodico que viu a luz em Pernambuco em 1870.

É trabalho decisivo na vida intellectual de Tobias Barreto. *Por tres* vezes diversas, e com longos inter-

vallos, elle voltou ao problema religioso, e sempre se baseava sobre aquelle estudo: em 1878, nas «notas» ao *Discurso em mangas de camisa,* que Sylvio Romero republicou, sob o titulo — *Glosas a alguns preconceitos brazileiros;* em 1881 — nos *Traços sobre a vida religiosa no Brazil;* e, finalmente, n'este estudo ácerca de Guyau, em 1888.

Esse querido trabalho primacial, sempre lembrado, é uma analyse do livro de Vacherot: — *La Religion.*

Pois bem. Tobias Barreto revindica em 1888 a gloria de haver posto em evidencia, «ha dezoito annos», diz com orgulho, uma grande descoberta. Foi o caso, «combatendo as ideias de Vacherot, cuja filiação no positivismo não me passou então despercebida: demonstrei-a cabalmente.»

É phantastico. Positivista, Vacherot! O ultimo dos metaphysicos da grande raça, em França. Aquelle erudito mystico da *Historia critica da Eschola de Alexandria,* thema propositadamente escolhido. O collaborador, com os espiritualistas classicos como um Amedée Jacques ou um Émile Saisset, na propaganda orthodoxa com livrinhos vulgarisadores, qual o que debate o supposto conflicto entre — a *sciencia* e a *consciencia.* O auctor do livro fundamental de *A metaphysica e a sciencia,* em fórma de dialogo, cuja decima quarta palestra, versando sobre a philosophia do seculo XIX, se emprega precisamente a refutar o positivismo.

Vacherot positivista! Mais ouviremos. Que nos reservará ainda, em materia de revelações abracadabrantes, a sciencia germanophila e francophoba da

pequenina seita que no Brazil dá pelo nome patusco de eschola teuto-sergipana?

A confusão procedeu da repulsa, pelo idealismo transcendente de Vacherot, vibrada contra as religiões precisamente *positivas*. E tal confusão é, ademais, de dupla natureza. Porque deriva do conceito da provisoriedade das religiões, these considerada irreductivelmente positivista.

Mas o erro é tam grosso que o proprio discipulo e admirativo editor, Sylvio Romero, se vê obrigado a corrigil-o em nota final ao estudo reproduzido, ponderando em como, na obra subsequente ao *Curso de philosophia positiva*, Augusto Comte tractou de reconhecer o caracter perpetuo do sentimento religioso.

A lembrança da permanencia d'este sentimento reconduz-nos á lei «dos tres estados», onde elle se desdobra, a dentro da phase theologica, na triplice modalidade progressiva da condição fetichista, polytheista e monotheista.

Progressiva? Sim, decerto, se attendermos ás concepções mesmas de per si. Mas, se as considerarmos como caracteristicas definidamente determinativas dos aggregados sociaes em que, alternadas, essas concepções imperem, será então ainda tambem assim?

É caso para pensar. Porque, assim entendido, o estado polytheista da Grecia de Pericles e da Roma de Augusto será, na verdade, muito, muito inferior ao estado monotheista dos mahometanos de Africa?

Note-se que aqui volta a embaraçar-nos o conceito da simultaneidade de estados, preliminarmente considerados como com irreductivel rigor divergentes.

Registrou Pelarin que, dentro da phase theologica, esses tres estados, de todos os tempos, se baralharam. É certo.

Na verdade, o que é a religião logica dos modernos monotheistas? Não são verdadeiros fetiches os raminhos bentos, as cartas de [illegible] medalhas? Para o monotheista, a concepção de Satan não introduz o dualismo no systema theologico fundamental?

Mas o polytheismo extreme e persistente, com a hierarchia dos santos, cuja extirpação Comte não perdoa aliaz aos protestantes.

Ha, com effeito, uma difficuldade em conciliar o culto dos santos com a idea unitarista que dura subjacentemente. Mas a antinomia latente resolveu-a Max Muller pelo estudo das religiões indianas. Elle observou que em todo o pantheon uma divindade prevalece como preeminente durante todo o instante de invocação propiciatoria ou cultual. Então, ephemeramente, é unico Indra, Agni ou Varuna. Como no polytheismo catholico, Santo Antonio domina com exclusão de Sam João ou de Santo Ambrosio, até que, alternativamente, lhes chegue a vez de imperar tambem. Por esta ingenua insidia do espirito religioso se conciliam os contrarios. Max-Muller não carecia de exemplo tam remoto. A theoria que etiquetou com um neologismo barbaro implica o processo evolutivo que estabelece a filiativa transição do polytheismo para o monotheismo, consoante o mostra o caso, vulgar na nossa leitura, do Jupiter hellenico.

Todavia, gente [illegible] não pouco numerosas — que, contrariand[illegible] de evolução da lei comteana, não [illegible] emergir da phase reli-

giosa a que attingiram de golpe para n'ella perpetuamente se incrustarem.

Povos existem que, de tempos immemoriaes, não bolem d'um fetichismo primitivo e monstruoso. O fellah que adora o crocodilo. O dravida que se prostra perante a serpente de campainhas. Os negrinhos da Guiné que quedam extaticos deante do manipanso, que é uma simples pedra.

Outros, chegados a um certo grau de desenvolvimento progressivo, param subitamente e demoram-se n'um estacionamento de seculos, como essa região moral da China atheista, d'um exemplo tam flagrante.

Mas os mais significativos, então, são ainda aquelles que, n'um stadio de estupidez e ignorancia extremes, nunca tiveram idolos, poisque nunca procuraram lobrigar, ao de leve, as apparentes causas dos minimos phenomenos do universo ambiente ou da propria alma. Contentam-se com as relações flagrantes entre as coisas triviaes da sua abjecta existencia. D'est'arte, os betchuanas ou betjuemas, *ainda assim* uma das tribus mais intelligentes do interior da Africa meridional. Segundo Anderson, não têm em sua lingua vocabulo com que se possa exprimir a noção da divindade. D'elles diz o missionario Moffat que não possuem a menor idéa religiosa. O sacerdote portuguez Barroso, em sua passagem pelo Congo lusitano, encontrou tribus em identidade de circumstancias. N'uma conferencia que fez no Porto, proclamou que julgava esteril todo o esforço de catechese sobre similhantes naturezas. Demasiado broncos; sabendo ainda á terra-mãe.

No aspecto extrinseco da lei dos tres-estados, pareceria que estes povos chegaram assim ao primeiro grau da sua educação intellectual, á concepção positiva do mundo, sem que os embarace somenos cogitar inutil sobre a existencia d'um metaphysico Creador qualquer. Todavia, na realidade, elles vegetam n'uma animalidade de infinito atrazo.

Á face de tudo isto, não ha que farte para duvidar da integra exacção da lei dos tres estados?

Por certo; e Wyrouboff assim o entendeu n'uma certa medida. Foi celebre o artigo, publicado na *Revista de philosophia positiva*, de que, com Littré, era um dos directores.

Esse artigo propunha-se replicar satisfactoriamente a esta pergunta: *As civilisações do extremo Oriente estão submettidas á lei dos tres estados?*

O escriptor responde que a lei dos tres estados, formulada por Comte, não se applica senão á raça aryana e que é preciso não vêr n'ella uma lei geral e racional do desenvolvimento humano.

Esta inesperada sahida fez bradar a certo intelligente biographo do sympathico russo: — Ora aqui está um positivismo singularmente heretico! — Exclamação de uma surpreza parece que perfeitamente rasoavel.

A lei dos tres estados não se realisa, integra e sem hesitações, na ordem conceitual que mais particularmente se affigura visar. E, o que é peor, ella não explica o progresso da humanidade, que póde coincidir com a evolução dos pensamentos marcada pela formula que a discute, mas que se póde fazer, *tambem, sem* a interferencia da acção d'esses pensa-

mentos. Ainda que perfeitamente exacta, essa lei não indica e não implica senão uma certa ordem de factos e não explica os progressos d'outras categorias, que se operam independentemente por fóra da subordinação desejada.

Convem fixar o exame das tendencias da sciencia moderna nos pontos em que essa lei póde, mais ou menos, tentar legitimamente applicar-se. Decerto, ninguem irá, por exemplo, procurar n'essa lei o niso formativo das mathematicas, quer na sua abstracta parte do calculo, quer nas applicações d'esse calculo. O que seria o estado theologico da algebra? O que seria o estado metaphysico da theoria das machinas?

Ao contrario, a abstracção penetra, com exito, em outros departamentos scientificos. Assim dominam verdadeiras hypotheses metaphysicas, a doutrina atomica na chimica; com o seu ether, de que Comte mofava, a theoria dynamica na physica.

Conclusão: a lei de Comte não é ainda a de que precisamos.

Não serve, porque é de menos para medir o que é de mais.

Agora, ella carece, para que esta analyse resulte menos incompleta, que esbocemos os motivos da sua constituição, os factores racionalistas que convergiram para sua elaboração. Quer dizer: urge, no momento, fazer critica á maneira de Taine, buscando os estimulos subjectivos de Augusto Comte na construcção regular de sua formula.

Parece-nos ser este o caso:

Augusto Comte, como todos os que julgam possuir uma norma de doutrina para a direcção da hu-

manidade, tractou de mostrar que esta seguia um movimento progressivo, cuja lei encontrara; e que, portanto, urgia fixar esse movimento por meio da acção de principios theoreticos, transformados ulteriormente em leis positivas, de modo a que o individualismo, com os seus arbitrios, não viesse prejudicar a marcha ascensional da humanidade para o ideal da sua perfectibilidade, na linha, recta ou curva, que ella percorre.

Por isso, condemnando todos os principios de organisação, politica ou social, que, mais ou menos, procedessem d'essa força interna e irrefragavel, essencialmente subjectiva e individualista, que se chama a liberdade e que é preciso não confundir com o livre arbitrio dos psychologos, o fundador da *Politica positiva*, por intermedio da negação da liberdade (do pensamento e da acção), chegou á conclusão de um Estado dirigido pelos sabios e enriquecido pelos industriaes. Elle se assemelha extraordinariamente ao compressor Estado absoluto que o autocratismo — no typo alastrativo — em formação da Prussia parece haver encommendado ao genio, aqui sophistico, de Hegel, como fim final, fecho e remate da sua theoria do Espirito.

Ha, não obstante, quem, pertencendo ou deixando de pertencer á chamada eschola liberal, entenda em contra dos moralistas. É, afinal, a esta distincção que toda a polemica entre publicistas e estadistas leva, fatalmente. Ella é o golpe-de-genio de Stuart Mill. Ha, pois, diziamos, quem entenda que a dynamica social não encontrou (nem porventura encontrará) a lei suprema que regula o complexo movimento evo-

lutivo que esses tantos bem sabem que a humanidade executa no tempo e no espaço. Esta desastrosa impossibilidade é, mesmo, o insuperavel obstaculo para a fixação da sciencia social. De como ella é difficil de constituir mostrou-o exhuberantemente Herbert Spencer em obra a que, illudido pelos primeiros paragraphos do introito, o snr. Antonio de Serpa chamou humoristica e que em Hespanha os editores Montaner y Simon inverosimilmente illustraram com gravuras.

No Brazil, Tobias Barreto consagrou parte da sua desconnexa vida mental a sustentar a impossibilidade da sociologia; mas das sentenças d'esse, felizmente que ha quasi sempre recurso.

Como quer que seja, os tantos de que acima fallamos não procuram, á laia dos socialistas auctoritarios, regulamentar *à priori* as sociedades para um dado fim, cujo objectivo é claro e justo e necessario mas cujos meios de obtenção restam, mais ou menos, vagos. Conscios de sua inopia, limitam-se a expedientes de occasião. Feliz a humanidade se os poderes constituidos, a grado ou a ira das classes economicamente favorecidas, se decidissem a effectival-os, em sua pureza e integralidade!

Quanto a uma lei geral que explique o passado, classifique o presente e faça prevêr acertadamente o futuro, não acreditam esses incorrigiveis scepticos que a possua qualquer dos systemas philosophicos e historicos até agora bem ou mal apparecidos. Contentam-se com buscar a lei de cada serie de movimentos parciaes. Sommados, dão o movimento geral.

Integradas, se se conhecessem todas, viriam a formar a lei universalista.

Das formulas genericas que têm surgido successivamente, nenhuma ha que escape á commum derrota. Desmantelam-se todas essas classificações arbitrarias do humano evolutir. Seja o quadro do movimento das civilisações gisado por Fourier, e aliaz tam luminoso em tantos planos. Seja esta lei saint-simoniana dos tres estados, a qual, modernamente, os mais avançados, dos da eschola que acompanhou Littré e Wyrouboff, com estes mesmos, até, repudiaram como incompleta, quando não contradictoria.

E isto não podia deixar de ser. Sobre as objecções parcellares, expendidas nas paginas precedentes, paira uma negativista consideração de conjuncto.

Com effeito, o espaço de tempo que d'uma maneira clara e precisa a historia fornece para a observação das sociedades é demasiado curto. Com tam acanhado recurso pretende-se o desproporcionado. Deseja-se nada menos do que a curva de que encontraria a funcção essa geometria analytica que désse a equação dos povos suspeitada por Quételet, nos seus ensaios de applicação das mathemathicas ao movimento humano—*estatistica* chamada. Esta tem gerado, quando muito, taboas de numeros abreviados, como as de mortalidade de Déparcieux e Duvillard, d'um alcance tam proximo e pequeno que não excede a esphera restricta de sua applicação. Agora, quanto á larga curva appetecida, acanhadamente não possue ella a ensancha idonea para ser reduzida ao calculo rigoroso,— de modo que a equação, a formula theo-

retica que queira dar esse movimento, determinar-lhe os pontos de passagem não póde deixar de ser uma approximação ousada, sem um definido caracter, precisamente scientifico.

Assim não pensa um positivista portuguez, o snr. Theophilo Braga, homem, por todos os titulos, eminente. Elle escreveu: «Emquanto ao facto collectivo da vida das religiões, determinam-se grandes phases bem accentuadas mas *incapazes de serem submettidas á delimitação do tempo;* phases que resultam de profundas modificações da consciencia e da intelligencia humana *para as quaes a acção dos seculos é sem efficacia;* taes são o periodo do *fetichismo,* ante-historico, dando fórma ao sentimento espontaneo, estabelecendo o trabalho da domesticidade dos animaes, seguindo-se-lhe o periodo do *Polytheismo, em que se constitue um sacerdocio,* em que se adoram as forças da natureza, e em que se estabelecem formas de culto publico correspondentes a uma sociedade com profundas necessidades artisticas; por ultimo, vem a phase do *Monotheismo,* em que o dogma se torna abstracto, correspondendo a uma sociedade com necessidades philosophicas e tendendo para a crença com fórma de demonstração.»

Permittimo-nos asseverar que o douto professor não diz bem, poisque estranhamos que assegure que as phases caracterisadas por aquella gradação são bem accentuadas e que, todavia, são incapazes de ser submettidas á acção do tempo. Ora, esta gradação, se é successiva, é-o quanto ao tempo, porque o espaço de observação, para o caso *a* ou *b,* é fixo. Mas a affirmação anterior leva logo a crêr que, pelo me-

nos quanto ao tempo, se não podem accentuar essas phases. E isto é capital, porque então poderão confundir-se, o que succede; e, n'esse caso, a lei não é exacta. Quer dizer: a lei não se verifica no tempo para um caso determinado; e no espaço o facto de civilisações em que, de todo em todo, apud Wyrouboff, é impossivel tentar sequer applical-a, encarrega-se de dar da sua exactidão a sufficiente idéa.

Ainda diz o snr. Theophilo Braga que essas phases resultam, decerto, de profundas modificações da intelligencia e da consciencia humana, mas modificações para as quaes a acção dos seculos é sem efficacia.

Como?! Pois ha profundas modificações da intellectualidade humana sem a acção *sine qua non* do tempo? Não haverá revoluções (n'este sentido de infiliação), não haverá revoluções na terra e na vida, e haverá revoluções na mente do homem collectivo? E essas revoluções, uma vez produzidas, não actuarão na serie subsequente dos pensamentos humanos?

Não é crivel; e nenhum evolucionista, para o qual a acção do tempo é factor que em maneira alguma se póde desdenhar, o crerá, seguramente.

Depois, o sentimento espontaneo tanto se manifesta no fetichismo como no polytheismo como no monotheismo. Se o sentimento espontaneo não brotasse do espirito dos fetichistas, dos polytheistas ou dos monotheistas, não poderia haver estado algum religioso, o qual não tem objectividade para o sêr subjectivo senão emquanto este a reconhece, porque o impressione criticamente a angustia, cognitiva ou moral.

De resto, o fetichismo não exclue os sacerdotes nem o culto. Os *pagés* americanos e as cerimonias liturgicas das tribus fetichistas do interior da Africa podem, em nossos dias, sempre que quizermos, testemunhal-o. Uma divisão inteira dos *Principios de sociologia* consagra-a precisamente Herbert Spencer ao estudo do thema.

Não é só no polytheismo tambem que se adoram as forças da natureza. Desde que o homem depara com um elemento dynamico que o aterra, o sentimento religioso, quando elle póde existir, despertou-se-lhe. De maneira que tam adorador das forças exteriores que não doma é o fetichista que adora o crocodilo como o polytheista que adora os elementos, o ar, o fogo, etc.

Frequentemente succede o *ferro* que irritava o joven d'Alembert: topar na leitura subsequente com reflexões de uma meditação anterior. Mas, emfim, consolemo-nos com a vaidade do verso francez que ensina ironicamente que *les beaux esprits se rencontrent.*

Assim, ambas aquellas objecções as viu com muita sagacidade o impiedoso destruidor da lei dos tres-estados, Huxley. Elle escreveu d'est'arte: «O fetichismo, o culto dos antepassados ou dos heroes, a demonologia dos selvagens primitivos são, quanto a mim, as suas maneiras differentes de exprimir a crença nos espiritos e a sua interpretação anthropomorphica *dos acontecimentos insolitos* que o acompanham. *A feitiçaria, a magia traduzem estas crenças na pratica e são, a nosso vêr, o culto* religioso, o

que é para a theologia o anthropomorphismo ingenuo das creanças ou dos selvagens.»

Depois de restringido ao polytheismo o estabelecimento das exterioridades do culto, não é concordante que seja o fetichismo que dê *fórma* ao sentimento espontaneo, interior.

Depois, o facto de ter havido sociedades polytheistas com profundas necessidades artisticas não prova que seja esse um indeslocavel caracteristico da civilisação, a esse grau chegada. Sociedades polytheistas existiram sem necessidades artisticas profundas, como, ao contrario, outras, monotheistas e fetichistas, com violentas necessidades n'esse sentido. Não se confunda. Falla-se no estimulo da necessidade; não no effeito da realisação.

E assim mesmo é que se deve fallar, porque o senso artistico manifesta-se, mais ou menos intensamente, em todas as sociedades. Póde soffrer a orientação que uma corrente de idéas lhe imprimir; mas, irreprimivel, elle, sob esta ou aquella fórma, desperta sempre, não porque se seja polytheista, fetichista ou monotheista, mas porque se seja artista, porque se possua essa tendencia intrinsecamente.

Os fetichistas que se embellezam tatuando-se, furando as ventas, atravessando patelas nas beiçorras são tam estructivamente artistas como os polytheistas que cinzelam Hercules a contar no indice das glorias da casa Farnese. O mesmo os monotheistas que pintam madonas. Áparte este ou aquelle modo de vêr a este ou áquelle respeito. Assim, os artistas modernos ou são atheus, á maneira de Shelley, ou *indifferentista* en-

tendimento e concomitantemente a viva espontaneidade da imaginação.

Se polytheismos consoante o de Pericles, monotheismos qual o de Leão X, surgiram em que, com analoga fixação do sentimento religioso, coincidiu forte desenvolvimento do eterno sentimento artistico geral, um movimento não determina o outro. Fomentados, ajustam e reagem reciprocamente, conforme todas as acções do homem em sociedade. Mas um não é o efficiente do outro. Pois, se assim fôsse, não poderia haver as divergencias que, todavia, se notam.

E se notam, com effeito. Qual é a efflorescencia artistica que coincide com o polytheismo dos *Eddas?* Dos *Niebelungen?* Do *Kalevala?* Porque é que o monotheismo do Koran não prejudica o germinal da architectonica arabe?

Portanto, eil-os, a elles dois, como factores determinantes da cultura geral, os quaes, se se completam, procedem espontanea e independentemente.

Quanto aos caracteristicos da terceira phase, ou do *Monotheismo,* tambem não se nos affiguram muito nitidos, precisos e seguros. No monotheismo, o dogma não se torna realmente abstracto. Não sabemos, em verdade, porque, sendo os deuses quatro ou cinco, elles sejam considerados concretos e, sendo um só, elle seja considerado abstracto.

Isto não é assim; Deus, para o monotheista, é um ser concreto, e tão concreto tem de ser que, por qualidades ou attributos, tractam de o afastar dos outros concretos, para d'elles o distinguir. O monotheista possue o irrespeito intrinseco. Nutre-o com a *pretensão* definidora, categorica e integral. Por

isso, estabelece (pensa que com rigôr) a essencia divina; e ousa pôr as grosseiras mãos ao de sobre o mysterio ineffavel.

Mas dir-se-ha que os polytheistas reputam os seus deuses como que de feitura identica, da mesma natureza da humana, emquanto que os monotheistas suppõem o seu Deus d'uma substancia hyperphysica?

Não se vê, porém, que o que se dá com uns dá-se com os outros, afinal; que aos seus typos anthropomorphicos ambos os consideram como superiores (nos seus attributos e em sua essencia) ao homem, que d'elles depende, mas concretos, reaes, existindo conjunctamente com a phenomenalidade dos sêres?

No intimo, a materia de que são feitos os deuses não é jámais a massa rude de que afeiçoado foi o homem.

O pensamento religioso conservou, d'esta distincção fundamental, explicativos mythos, ou delicados ou terriveis. O de Athena, que nasce do cerebro transcendente; o das Gorgonas, cujo olhar petrifica. Em seu nimbo dissimulante, elles não são, nunca, os divinos — méras concepções do entendimento, possuindo exclusiva a dependente vida subjectiva. Toda a sciencia mythologica moderna se basea n'esta fusão indissoluvel da imaginação com a realidade, n'esta credulidade irreprimivel do subjectivo no objectivo por elle proprio creado. Mesmo, o neo-positivismo não representa aqui tambem já muito puro o ensino de Augusto Comte, o qual reserva as abstracções para a ulterior phase, metaphysica chamada.

*Depois*, as sociedades monotheistas manifes-

tam, por o facto de o serem, necessidades philosophicas e tendendo para a crença com fórma de demonstração.

Pelo contrario: em seu typo classico, o monotheismo é ignaro. Comprehende-se.

Estamos no momento em que, áparte, isolado do universo, ha um Deus unico, que possue, elle só, naturalmente, a verdade toda e que a revela em codigos fundamentaes. O embuste humano elaborou esses livros por excellencia e deu a obra do seu tosco toutiço como a emanação da mesma divindade. Isto foi acreditado piamente, pelo proprio embusteiro para principiar. Nas creanças estudam os psychiatras recentes a ingenua convicção da mentira, espontanea e irresistenda.

N'estes termos, todo o trabalho de investigação philosophica cessa ou não se enceta, porque a verdade se conhece — integral — sem os labores da busca e sem as necessidades arduas da demonstração.

É por isso que os polytheistas gregos tinham e os pantheistas indianos teem uma philosophia e que os monotheistas christãos não a possuiram senão depois de duas rupturas com a theologia ou sciencia divina. A primeira, quebrando com a judaica lei antiga e penetrando-se de hellenismo alexandrino, o que gerou a philosophia christã dos primeiros padres e doutores iniciaes. A segunda, repudiando, por seu turno, a nova dogmatica e revindicando-se da pura liberdade do espirito.

É por isso, egualmente, que os monotheistas musulmanos, de per si, pouco, mesmo quasi nada possuem em materia de crença demonstrada. O syllo-

gismo barbaro de Omar é perfeitamente legitimo. Elle é irrespondivel dentro do monotheismo revelado. «Se estes livros dizem com o que está no Koran, são escusados; se não dizem com o que lá se encontra, falsos são: portanto, em qualquer dos casos, lume com elles.» É besta — e irrefutavel.

Em conclusão: parece que difficil se torna qualificar *à priori* as phases do movimento humano por dadas caracteristicas immoveis, e que a subdivisão do estado theologico não póde servir para marcar o progresso collectivo, mercê d'ella, e sob o jugo d'esse criterio dominante, dentro d'esse estado. Assim tambem o não consegue a lei toda para o movimento completo do bicho homem em civilisação.

Vimos que não é facil admittir, outrosim, que, realmente, a humanidade, sempre e por toda a parte, tivesse evolutido d'esse modo, a dentro d'essa esphera de concepção e acção connexa, o que tambem não é verdade. Os estados — consoante se deixou mostrado até á saciedade — teem-se confundido; e a simultaneidade d'elles, hoje mesmo, nos monotheistas christãos (os mais adiantados em civilisação) não é pequeno estorvo para a victoria da lei comtista.

Lubbock, nas *Origens da civilisação*, classificou, desde o atheismo até á idolatria, as religiões segundo o grau de respeito que se tem pelo objecto adorado; e não encontra uma gradação definitiva, indicando qualquer progresso outro que o que marca já a classificação mesma, e que era o de importancia para a determinação da curva ideal do movimento progressivo humano.

Co... Theophilo

Braga d'um imprevisto recurso. Appellou para a historia do movimento religioso no Egypto como uma exemplificação da gradação comtista. Elle, comtudo, não nos parece tambem definitivamente concludente.

É bem velhinho Champollion-Figeac, o qual professou que a religião egypcia era um monotheismo puro, manifestando-se exteriormente por um polytheismo symbolico. Isto é, continha esse conceito religioso um só Deus, do qual todas as qualidades e attributos eram personificados em outros tantos agentes activos ou divindades obedientes.

Sómente, a classe sacerdotal, sábia, que tanta admiração inspirou aos antigos, guardando para si essa doutrina superior, deixava as formulas visiveis e concretas ao vulgo. Não haveria, pois, gradação na concepção do dogma.

Esta doutrina, considerada á letra, não póde satisfazer a critica moderna, que se equilibra na peanha do principio da evolução. Mas tambem, pela via de estudos que, diz Comte, se excluem, penosamente se entende o *modus faciendi* do progresso. Então, interpretado, o systema condiz com o de Max Müller, a que criticamente alludimos já.

Alguns egyptologos modernos recusam á classe sacerdotal uma doutrina superior, ensinada nos templos. O philanthropo Laurent observa que se vai de encontro assim a toda a opinião da antiguidade e á de todos aquelles que, uma vez só que fôsse, visitaram o Egypto. O sabio inglez Wilkinson, com effeito, um dos ultimos viajantes, declara não poder deixar de reconhecer que os sacerdotes egypcios possuiam dogmas secretos, ensinados nos seus mysterios.

Se os tinham, é erro fallar aqui systematicamente n'uma gradação, a mesma para todos os tempos e todos os logares. Se não tinham, nem por isso a sua doutrina esoterica deixava de argumentar contra a unanimidade da evolução religiosa no Egypto, tal como se deprehende do enunciado (e seu desenvolvimento didactico) da lei dos tres-estados de Augusto Comte.

Porque, com effeito, o hollandez C.-P. Tiele, mestre incontestado nas materias, ensina-nos que no Egypto, textuaes palavras, o novo não substitue o antigo, mas lhe subsiste ao lado.

Ora, como conciliar com isto a gradação exclusiva e eliminadora de Augusto Comte?!

Condensando:

Pela lei dos tres estados, afinal, o que se pretende é demonstrar que o desenvolvimento de todas as faculdades, o progresso de todas as acções concorrentes humanas depende da evolução d'um factor, só e unico, considerado. Esse factor é a intuição da successibilidade do criterio positivo ao metaphysico e d'este ao theologico. Tal intuição está, pois, implicita (e gerálmente) no conceito religioso. D'ahi a sua prevalencia ulterior e o seu desdobramento na concretisação effectiva da religião da humanidade. A formula comteana é, portanto, essencialmente unilateralista. Eis por que, unilinear, não consegue ser geral.

Para que a lei dos tres estados fôsse verdadeira (no sentido de: **exacta, perfeita, acabada, completa**) era preciso o **impossivel.**

*O com* -n'elle - dido o

homem — é um systema statico de equilibrio de infinitos factores, concorrentes, provindo cada de outros, tendo suas causas especiaes, e reagindo todos uns sobre os restantes. Põe-se este conjuncto em movimento, e em movimento se põe, com o conjuncto, cada um dos factores, de per si tambem. Tal qual, o systema planetario (para o exemplo — microcosmo, pois que n'elle já comprehendido).

Parado, deve ser consoante andando, visto como as leis do movimento mostrou d'Alembert que derivavam das do equilibrio. Mas, na concepção comteana, tal não é.

N'essa concepção, cumpre que todos os factores menos um derivem precisamente d'esse, primacial e privilegiado. Contra a hypothese. Isto é, contra a observação preliminar, no momento do equilibrio.

Em vocabulos mais concretos: parece claro que, dado o homem em progresso — as suas faculdades, as suas aptidões, os seus modos de vêr, os seus costumes, a sua familia, a sua sociedade, o seu criterio, a sua religião se desenvolvem, senão por egual e par a par, em todo o caso connexa e concomitantemente, reagindo umas acções sobre as outras. É theorema, hoje acceito por todas as sociologias, desde a do americano Giddings até á do belga de Greef e ensinado nas escholas como da sciencia coisa indiscutivel. Chama-se-lhe o theorema da interdependencia dos phenomenos sociaes. Mas, na intuição positivista, todos os progressos são devidos a um só, que, sem os concomitantes, não poderia dar-se, aliaz, e que, dado que uma vez — não se diz como — se produzis-

se, não lograria conservar-se jámais. A observação mostra-se flagrante, no seu corollario parcellar.

Com effeito, n'uma menor latitude já, quanto á evolução do homem — marcal-a pelo alargamento d'um determinado criterio, tornado abusivamente comprehensivo e illogicamente extensivo, importa excluir do campo de exame a ordem de progressos que d'esse criterio não dependam essencialmente. Equivale a exhibir como real o que o não é. Redunda em dizer que todos os desenvolvimentos, varios e diversos, se seguem sempre n'uma irreprehensivel uniformidade de movimento ascensional. Ora, se reagem uns sobre os outros, se são concorrentes, se se completam, têm velocidades diversas. De modo que uns, atrazando-se, dão a illusão de que como que, a espaços, estacionem, emquanto que outros vão operando sempre. D'ahi, a simultaneidade dos caracteristicos d'uma phase na outra.

Já vimos como, explicando-se, Augusto Comte verificou esta mesma occorrencia. Sómente, elle não tinha o direito de o fazer continuando a sustentar a sua lei, poisque o facto observado lh'a invalida.

Aqui se integra, n'um plano geral de conjuncto, a discussão parcellarista de Huxley ácerca do engano de Comte concernente á diversificação dos methodos respeitantes a cada phase da evolução mental. Comte confundiu o systema ideativo e o methodo, n'um embaraçamento incritico. Porque, se os systemas divergem, os methodos são identicos. É a sua inalterabilidade e o seu pequeno numero que permittem con[illegible] as especiaes concerne[illegible] os seus ele-

mentos *(grammatica geral)*, a outra indicando seu processo *(logica)*. Quanto aos methodos logicos, n'elles-mesmos, todos se reduzem estructuralmente, nas suas modalidades de comparação, filiação, etc., á dupla engrenagem fundamental da inducção e da deducção. E similhante binaria marcha tanto a adopta a sciencia positiva, deduzindo na mathematica, induzindo na physica, como a theologia induzindo da harmonia natural ou deduzindo do conceito psychico da perfeição do sêr, p. ex. A integridade methodologica é substancial; ella permanece na alienação mental; sabe-se do rigor deductivo peculiar a certas vesanias; só desapparece quando a mesma vida vae desapparecer prestes. Ella, essa unidade processual, deriva-se, desde logo, da formativa constituição mental da creança, estudada com cioso cuidado, em nossos recentes dias, por Preyer, Perez. Todas as observações concordam. Até, generalisada, a do mesmo Comte quando registra que «o espirito humano tende sempre para a unidade do methodo.»

Conclusão ultima:

A lei dos tres-estados não é falsa. É inexacta, imperfeita, inacabada, incompleta. Cumpre completal-a, jungindo-a a outras que lhe dêm elasticidade e lhe emprestem amplitude. E todas essas teem de ser, ao depois, integradas, umas e outras, na formula synthetica que será, então, essa lei geral... que nós nunca conheceremos.

Tambem só então é que surgiria o estado definitivo da humana cerebração.

Augusto Comte, porém, soberbamente, pretendeu definil-o desde já. É a sua phase positiva.

O que é a phase positiva?

É o ponto extremo a que deve chegar a philosophia natural.

E em que consiste?

Consiste na prohibição da investigação das questões que em metaphysica pertencem ao grupo dos problemas transcendentes.

Enunciamos, atraz, como o leitor deve estar certo, a forma da negação comtista; definimos o seu typo.

A eschola positivista extrema-se por prohibir preliminarmente que se investigue de todos os problemas cujas soluções se emparceirem na fileira d'aquellas que, de seculos a esta parte, fôram baldadamente pedidas pelo espirito metaphysico. Interessa-a o *como* das coisas e não se importa com o *porquê*. Questão insoluvel, diz Littré. Insensata, reforça a voz acre do dr. Büchner.

D'aqui, a delimitação dos campos. Não nega, não affirma — afasta. Deus, a espiritualidade, a immortalidade, etc. — eil-as banidas do campo da philosophia, como, naturalmente, o fôram do campo da sciencia, essas questões ociosas, cujo principio é ruinoso e o objecto inaccessivel, explica Littré.

Questões infructiferas que nada dizem e nada produzem, havendo, de todo o tempo, o espirito humano — chegado (com genios, com altos talentos, Hegel, Malebranche, Gassendi, Pascal, Descartes, Leibnitz, Clarke, Newton) a nada mais do que esparsas visões, indistinctos sonhos. Questões que, pois, evidentemente, sahem fóra das forças do espirito humano, o qual sómente pôde [illegible] o positivo, o real, *o palpavel* [illegible] suas leis...

Fique, portanto, bem distincto o que caracterisa o scepticismo de Comte. Elle é essencialmente objectivo e historico. Não é psychologico como o de um Hume ou do seu derivado, Kant. Comte — apezar de, contradictoriamente, haver alludido, quando expoz a sua lei fundamental, ás «provas racionaes fornecidas pelo conhecimento da nossa organisação», o que implica o restabelecimento de todo o processo da observação subjectiva —, Comte regeita a psychologia e considera illusorio esse methodo da observação subjectiva. Esta é chimerica, poisque o mesmo sêr não póde considerar-se simultaneamente sujeito e objecto da observação. Assim, a psychologia, como sciencia independente, não existe. Positivamente fallando, suas acquisições têm de dividir-se parte pela biologia, parte pela sociologia. A sua negação da accessibilidade das questões metaphysicas procede, porém, persistentemente, do simples insuccesso até aqui observado.

Ella não se deduz, como em Kant, d'uma analyse intusceptiva prévia das condições do eu e da sua correlacionação com o não-eu. Não distingue entre o phenomeno e o nooumeno; e racionalistamente não procura fixar a existencia (e a irreductibilidade pelos processos logicos) de categorias varias de antinomias, isto é de systemas conjugados de theses e antitheses contradictorias e por egual demonstraveis, concordantes, aliaz, com as forças do espirito.

Não. Entende o positivismo que o saber forma um todo que tem o seu laço não n'um systema qualquer concebido pela intelligencia, mas na natureza das coisas e na evolução da historia. Littré descobriu

a phrase synthetica propria: no encadeamento didactico.

É exactamente. E esta proscripção do aspecto psychologico do debate facilita-o immenso. Fal-o menos subtil, mais grosseiro, por certo; mas approxima-o, torna-o accessivel.

Com effeito, o exame historico parece dar, ao primeiro abordo, rasão a Comte. O desastre da metaphysica, em seus ambiciosos systemas, ruidos uns após outros, não podia ser mais vasto nem mais estrepitoso.

E, comtudo, não seja a reacção tam desorbitada e insensata como o foi a acção. Se a metaphysica tudo queria tirar já feito do puro espirito, não caia agora a reforma no erro opposto de tentar, conforme a accusa Vacherot, eliminar o elemento racional. Porque este, mesmo na hypothese sensualista extreme ou naturalistica sem mistura, representa acquisição anterior e constituiu zonas bem determinadas da alma. Supprimil-as por decreto de incapacidade philosophica é tentativa esteril. Não cabe, claramente, nas forças mentaes. Ainda que se quizesse, não se poderia. A metaphysica é o remorso do homem, da culpa de haver nascido. E, como todo o remorso, não se vai embora, quando o interessado o deseja.

Importuna, fica; dissimula-se em mil disfarces; reapparece sob as caracterisações mais diversas e phantasmagoricas.

«A philosophia positiva, exclama Littré, renuncia á indagação da essencia das coisas e das suas *propriedades*, das causas primeiras e das causas fi-

naes, isto é, do que em metaphysica se chama o absoluto.»

*Brûler n'est pas répondre.* Renunciar não é resolver. Afastar a incognita d'um problema não é decifral-o. Que dizer do mathematico que, embaraçado na equação, propozesse apagar na lousa a rebelde, incivil incognita?

Examinar continuamente, na sua hora, á luz da sciencia positiva, successivamente maior, as questões metaphysicas — corresponde a uma *necessidade* imprescriptivel do espirito civilisado. O não resolver os problemas não é rasão para que se desviem. Do seu estudo continuo, deriva que se esclarecem, que se simplificam; e, d'este depuramento, apura-se o conhecimento de verdades connexas ou interferentemente suscitadas.

Posto o caracter resolutivamente social da philosophia de Comte, esta, no seu effeito remoto, resultaria uma regressão á phase theologica, se não se valesse de methodo perfeitamente identico, constituindo a religião da humanidade.

Com effeito, a consciencia, a todo o instante sério e alto da vida mental ou moral, nos suggere estas tremendas perguntas: Ha Deus? Não ha Deus? A alma humana é livre, immortal, responsavel? O acto tem uma sancção e qual seja ella?

Ora, o homem vulgar, que pede á philosophia soluções, negativas ou affirmativas — mas soluções sempre, não importa — e que da philosophia não recebe, em troca, mais do que a confissão da sua impotencia, não deverá quedar, esse, mui contente e jubiloso.

Similhante escusa não o satisfaz, o retex elle a

curiosidade que se diz *inutil*. Ao contrario. Seu espirito, provado nos martyrios da vida, pede-lhe respostas; e as perguntas incommodas representam-se-lhe aos ouvidos. Quem o arrancará d'esse desconsolador estado de duvida constante e indecisão perenne, pois que a duvida das almas puras, bem differente da duvida sceptica dos devassos, é desconsoladora e amargurada? Quem tal relevante serviço prestará á pobre alma?

Naturalmente, a egreja constituida, a orthodoxia tradiccional.

Quem lhe responda tem de ser a revelação, a excellente revelação, a qual sabe tudo, tudo conhece. Essa não o arrojará á indifferença, ao marasmo, pelo que toca aos mais altos interesses da vida moral, ás suggestões supremas da existencia espiritual. Ao contrario, consolar-lhe-ha o animo com replicas adequadas; orientar-lhe-ha a conducta; estimular-lhe-ha a acção, incutindo-lhe confiança senão em si mesmo, na protecção transcendente que a fé depositada n'essa revelação lhe comprará.

O materialismo allemão, pela grosseria do seu conceito critico, chegou a identica, degradada subalternisação. Assim, o dr. Büchner affirma não se decidir a dar um conselho no ponto da direcção individual sobre as crenças superiores.

Que resta fazer ao homem que interroga a sciencia? Que caminho deve elle tomar?

As tiradas de Comte, de Littré, dos materialistas ás vezes, de Büchner frequentemente, contra as forças *do espirito* humano são do mesmo genero (e da mesma *procedencia*) das declamações analogas dos ido-

los de Comte, os velhos patriarchas da Egreja, negando a auctoridade da rasão. Mas estes tinham o direito de repudiar a rasão. Não precisavam d'ella. A revelação era melhor, com effeito. Mas positivistas e materialistas?!

Vamos. O facto é este e innegavel: o nosso espirito de homens civilisados requer-nos a todos os instantes que nos occupemos dos problemas superiores. É esta uma necessidade do nosso espirito, evidentemente. Logo, cumpre satisfazel-a, de accordo com a média do estado coevo da sciencia, é de vêr.

Mas, objecta Littré que esta necessidade se vae extinguindo e que o espirito segue renunciando a indagações d'essas.

Esta necessidade vae-se extinguindo! Mas como, se o espirito se não modifica?

Pois ha vinte e cinco seculos (segundo o proprio Littré) que talentos geniaes veem consumindo suas vigilias n'essa ordem de investigações, e a necessidade vae-se extinguindo!

Pois os materialistas allemães não faziam ainda hontem a chamada metaphysica materialista? Pois Feuerbach, o grande hegeliano renegado, conforme lhe chamou Büchner, indo de sucia com elles, não ultimara *havia pouco* anatomias formidaveis da ideia de Deus tal como a fornece o espiritualismo classico? Ellas se encontram nas laudas do livro *A Religião*; n'essa *Essencia do christianismo*, que o polemista Moleschott, em sua replica a Liebig, capitulou de immortal.

Pois *hontem, hontem* que a philosophia chegara, segundo Comte, emfim á phase positiva, não succe-

dia. de breve áquella parte, uma violenta reacção da velha metaphysica contra o empirismo?

Então, *hoje* chegou-se ao extremo. Resuscitaram as chimeras espiritas, que no Brazil tiveram sempre grande credito. De todo o tempo, alli se publicaram revistas especiaes d'essa ordem de *estudos*. Acreditou-se nas applicações therapeuticas da nova doutrina, precedendo as indagações do moderno hypnotismo. Foi celebre, no Rio, em 1861 o opusculo que se dava como a *Verdadeira medicina*. Era a arte de curar pelo magnetismo e devia-se ao magnetisador dr. Eduardo A. Monteggia.

Reintegraram-se na especulação scientifica as lunaticas preoccupações do animismo primitivo. Julgou-se apprehender os mortos, modelar-lhes os espiritos em gesso, incrustal-os nas placas das machinas photographicas. O mystico moscovita Alexandre Aksakoff empregou 700 paginas a provar a Eduardo de Hartmann que elle era illogico e incompleto, da sua *Philosophia do inconsciente* derivando para o volume ácerca do *Espiritismo*. Sua ultima palavra vê-se que é que a actividade psychica inconsciente do nosso sêr não está limitada á peripheria do corpo. Ella não apresentaria um caracter exclusivamente psychico, mas poderia tambem galgar os limites do corpo, produzindo effeitos physicos e mesmo plasticos; portanto, essa actividade póde ser intracorporea e extracorporea.

Similhante conclusão assevera Aksakoff que não repousa sobr hypothese ou sobre uma affirm testemunho irre-

Esta intuição, que parece o suprasummo do idealismo é, pelo contrario, fundamentalmente materialista. As modernissimas experiencias de Luys sobre o fluido emanado de nossos dedos melhor confirmam o conceito objectivista, illuminando, aliaz, um mais intimo conhecimento da realidade e subtilisando a philosophia verdadeiramente positiva que a interprete. Mas, sendo assim, tudo vem em reforço da velha hypothese materialista concernente ao espirito, agora depurada, mas que Augusto Comte rechaçou, conjunctamente com a sua antinomica, a espiritualista, fragmentaria esta, prejudicando a unidade substancial.

Tomadas, porém, as coisas d'outro modo, não assistimos hoje ás revelações imprevistas do chimico Crookes? Sua boa-fé é extrema; sua candura, ingenua. Um discreto sorriso desabrocha quando o vemos contar-nos em como, respeitoso, pediu licença a um espirito femea para o sopezar em seus braços: em como similhante licença lhe foi graciosamente outhorgada; em como elle se aproveitou d'ella com circumspecção, tratando com o phantasma consoante todo o homem bem educado o haveria feito com uma dama real em mundanas circumstancias.

Mas, no typo mais sizudo ou no mais equivoco, tudo isto, parallelamente, o que mostra? Que a necessidade metaphysica, longe de tender a extinguir-se, tende, pelo contrario, a desenvolver-se. A observação historica, de resto, o determinaria cabalmente. Quando ha mais metaphysica é no começo do periodo analysado da nossa civilisação ou successivamente ao depois?

Taine disse que philosophia só se tinha feito a valer nas margens de dois rios: o Ganges e o Rhe-

no. Ora, á beira do Rheno, quando houve mais metaphysica, no tempo heroico de Arminio ou no cyclo burguez de Kant, Schelling, Fichte, Hegel, Schopenhauer, Hartmann, Nietzsche?

A cultura da metaphysica implica com a capacidade abstraccionista. Quando foi ella maior? Hontem ou hoje?

Mais; a meditação metaphysica, no tempo de um Spinosa ou de um Leibnitz circumscripta ao escol da humanidade pensante, tende hoje a popularisar-se, poisque a media da cultura vai-se alevantando na craveira do estalão e a plasticidade cerebral augmenta nas camadas ledoras. Affirmar que a phase metaphysica se caracterisa pela abstracção e ao mesmo tempo concluir que a humanidade será cada vez menos metaphysica, quando ella vai adquirindo cada vez mais uma maior capacidade de abstracção, é a contradicção critica mais completa que exhibir-se possa. Nós não partimos da metaphysica para a positividade; mas, pelo contrario, da positividade para a metaphysica.

A necessidade peculiar a que nos vimos referindo vai-se extinguindo e o espirito vai renunciando!

Mas como assim?

A sciencia, diz Littré, não se importa de tal.

Mas a sciencia não é o homem. E, se na physica, na chimica, na geologia se não deva curar de questões com um sabôr de abstracto metaphysico, isso não prova que o *homem*, perfeito, completo, integro, se abstenha, despreoccupado. Isso não prova que o espirito humano renunciasse e que a necessidade se extinguisse. Quer dizer: na philosophia positiva ha tudo; **tudo, menos philosophia.**

E, como acontece em Comte, não surja o simile de que o espirito abandonou *tambem,* de ha muito, as doidices da alchimia e da astrologia pelas investigações positivas da chimica e da astronomia. A tal se não recorra, porque a alchimia e a astrologia fôram *substituidas,* emquanto que aqui, agora, a metaphysica é *eliminada.*

Ao contrario. Pelo exemplo se mostra, ainda uma vez, o absurdo de condemnar sem julgar, na analytica destrinça. Porque a alchimia formulou virtualmente o theorema basilar da concepção monistica do universo, esse theorema da unidade da materia que hoje é quasi unanimemente reconhecido.

Na verdade, o segredo dos alchimistas era, como banalmente se sabe, a transmutação dos metaes, com a mira em fazer ouro.

Ora, o que ha n'isto de absurdo? Fazer ouro seria hoje ainda perfeitamente um trabalho de que não deveria córar um chimico moderno, entendida a asserção em sua amplitude critica. Assim, seria decompôr o ouro, hoje considerado simples, nos seus elementos desconhecidos. É o caso d'essa famosa *potassa* considerada simples, até que, com Lavoisier, se viu já composta, um sal, o carbonato de potassa, considerada ainda, a seu turno, simples, até hontem, em que se verificou, com Davy, ser um hydrato do simples potassium, até que se encontre ser este potassium qualquer coisa *que se possa fazer.*

E, então, como sahiu a chimica moderna da alchimia?

Foi, porventura, rejeitando *in limine* os seus trabalhos, como de uma epocha transacta sem valor

philosophico, não se importando com os seus resultados, á laia do que faz exactamente a philosophia positiva para com a metaphysica?

Não foi, pelo contrario, lançando mão das descobertas admiraveis dos alchimistas: o acido sulfurico, o acido chlorydrico, o acido azotico, o ammoniaco, o phosphoro, o azul da Prussia, os alcalis, o alcool, o ether? Não foi seguindo os seus caminhos?

O que elles queriam era fazer «o que a natureza, diziam elles, fez no principio, remontando ao processo que ella seguiu; o que ella faz ainda com a ajuda dos seculos nas suas solidões subterraneas podemos nós fazer-lhe acabar n'um instante, ajudando-a e pondo-a em circumstancias melhores. Como fazemos pão, da mesma maneira podemos fazer metaes...»

Ora, a chimica moderna, em sua parte inorganica, *faz e desfaz artificialmente* os factores que a natureza nos offerece. Em sua parte organica, chegou, ultimamente, desde os trabalhos fecundos de Liebig e Berthelot, a syntheses artificiaes de compostos organisados assombrosas.

Póde, pois, haver comparação entre a chimica moderna, que tracta dos *mesmos* problemas que a alchimia, e a philosophia positiva, que diz vir substituir a metaphysica, sem lhe adoptar o methodo e regeitando-lhe os problemas fundamentaes, que nem sequer modifica, poisque os refuga de vez?

E o que dissemos sobre a passagem da alchimia á chimica não será precisamente applicavel para a passagem da astrologia á astronomia, e isso por effeito de argumentos analogos?

—*Mas* nós devemos e podemos renunciar, brada

Littré, porque taes questões são insoluveis e ociosas. Inquirir do principio e do fim das coisas, por exemplo? Mas ao principio das coisas ninguem assistiu, e ao fim ninguem assistirá; logo, tal não póde ser verificavel pela experiencia. Por conseguinte, não carecemos d'isso. «Á origem das coisas não estivemos presentes, ao fim tambem não estaremos; não temos, *pois*, nenhum meio de conhecer nem essa origem nem esse fim.»

É impossivel ser-se mais leviano, porque entre esses dois pontos extremos, observa asizadamente Ch. Pellarin, nós conhecemos já muitos intermedios, que passam immenso para lá dos limites da existencia da humanidade.

Não fallaremos aqui já das hypotheses cosmogonicas de Kant e Laplace; das substituições do moderno Faye.

Mais achegadamente, vê-se que Littré inutilisa como impositiva toda a geologia das catastrophes subitas de Cuvier, da morosa lentidão de Lyell, por egual. É absurdo.

Não. O que é certo é que se sabe o estado da terra n'uma certa epocha, as revoluções feitas no nosso planeta antes de o homem apparecer n'elle, sem ninguem, comtudo, haver assistido a esses principios. Por calculos astronomicos innegaveis, o da precessão dos equinoxios, *verbi gratia*, sabe-se *hoje* qual será a posição da terra e do sol n'um futuro de muitas centenas de milhares de annos, que excedem, segundo todas as probabilidades, a duração marcada á nossa especie. E, comtudo, ninguem d'hoje ou mesmo homem nenhum assistirá a tal. Só se o supra-

homem de Nietzsche terminasse n'um typo biologico ascendente e contemporaneo.

Decerto. Quem d'hoje assistiu ás evoluções transformistas das diversas camadas geologicas? Quem d'hoje assistirá ao desapparecimento possivel da vida? Darwin presenceou a lucta das primitivas especies pela existencia? Haeckel foi observando as evoluções simianas? O mathematico que calcula a passagem inevitavel de Venus e Mercurio pelo sol é obrigado, por isso, ao espectaculo do facto préviamente sabido?

E note-se (como já frisamos), note-se, o que não fizera Pellarin, que as palavras de Littré pederiam exhibir visos de argumento só no caso de jámais sobre *o principio e o fim das coisas* se não ter feito senão *metaphysica*. Mas, poder-se-ha affirmar isto e negar que de *estas questões* se haja occupado alguma vez o espirito scientifico, empirico, positivo?

Succedem-se as theorias e, á medida que a sciencia caminha, um melhor conhecimento da natureza nos vem dar maior precisão aos modos de vêr sobre as questões que estamos presenciando Littré a repudiar.

Quem não recorda os grandes trabalhos de Laplace sobre o systema cosmico, a sua theoria das nebulosas para a *formação* dos mundos, brilhantes manifestações d'um grande espirito, «signaes do genio trazendo o cunho da immortalidade», na eloquente phrase de Fourier? Os simples alumnos dos preparatorios, d'elles lograram noticia, quando, em sua classe de physica, seu prestimoso mestre lhes amostrou

*nhosa* experiencia de Plateau.

Todos estão lembrados do calafrio com que, em sua meninice, os arripiava a esquecida hypothese do arrefecimento progressivo do sol como causa do fim possivel da vida no nosso globo. A vaidade da humana gloria, d'ess'arte extincta, confrangia-se. Á primeira inspecção, acceite, o facto parecia terrivel. O suicida romantico do poema portuguez de Thomaz Ribeiro gemia:

*... tudo se arrefece*
*de Deus a um sopro leve...*
*bem póde ser que breve*
*o que em ti vive acabe,*
*ó terra; e fiques erma*
*soidão nas solidões,*
*dizendo que és enferma*
*os ais de teus vulcões.*
*E ahi tens a «eterna gloria»*
*que se abysmou!*
*e a «immensa luz da historia»,*
*que se apagou!*

Todavia, o caso era sem importancia, se n'elle se attentasse bem. São, na verdade, profundamente justas as palavras vibrantes do vulgarisador Flammarion: «Depois do *fim do nosso mundo*, as estrellas continuarão a scintillar nos céos, a vida a radiar no espaço infinito, e o universo a caminhar como agora, sem mesmo poder ser posta pedra mortuaria alguma no espaço, para indicar o sitio onde a terra viveu e pensou durante seculos.» A permanencia da substancia não se alterou, consequentemente.

Não vimos nós tomar curso em sciencia a theoria, de feição positiva, derivando todo o mundo or-

ganico em *ultimo ponto* das cytodes primitivas, d'essas moneras nascidas por geração espontanea, no começo do periodo lourenciano, provindo de compostos inorganicos, simples combinações de carbone, acido carbonico, hydrogenio e azote? Essa audaciosa doutrina foi vigorosamente deduzida pelo talento systematisador de Haeckel. O Brazil a não ignorou, em seu desenvolvido peculiarismo. Na *Revista Brazileira*, tomo X, 1881, estampou o snr. C. Marques de Sousa Filho um excellente estudo ácerca do reino dos protistas, trabalho de uma relevante nitidiz de expressão.

Ora, quem, assim regularisada a doutrina da evolução no universo inorganico e no mundo organico, irá affirmar ainda a velha illusão das «successivas» *creações* n'uma e n'outra cognitiva zona?

Quem, d'ora avante, consumirá especulações sobre o *nada*, depois dos factos que a *sciencia* ha adquirido irrefragavelmente, como o sejam a eternidade e immortalidade da materia?

E todo este trabalho de argumentação e investigação, todas estas theorias d'esta fórma e analogas, por mais que entre si reciprocamente se differencem, mas que todas se occupam *do principio e do fim das coisas*, serão, porventura, tarefa *metaphysica* ou faina *positiva?*

Não vale, porém, insistir; até não attendendo á confusão que dos conceitos de principio e fim, tomados na categoria de tempo, fez Littré. Tratar-se-hia, antes, de sua essencia como a medulla mesma dos problemas. A confusão de Comte a este proposito tambem viu e criticamente destrinçou Clémence

Royer. Mas regressemos prestes. Volvamos ao ponto de partida, que Littré julgou fortificar por argumento similhante.

O espirito deve renunciar a tal ordem assim de investigações! Mas serão naturaes ou artificiaes estes limites, marcados *ex-cathedra?*

O materialismo é, intermittentemente, mais confiante. Assim, o dr. Büchner: «Não devemos, exclama, desesperar nunca da solução dos problemas os mais obscuros; ou ainda, e sobretudo, não é permittido *em caso algum* traçar prematuramente, como muitos philosophos o teem ousado, limites ao espirito humano nem declarar que elle não tenha em si a força nem o direito de os ultrapassar. De resto, aquelles que assim o teem feito obravam, de ordinario, n'um interesse theologico ou *em vista de alguma idéa philosophica particular*, bem mais do que por amor da verdade. A verdade devemos esforçar-nos por a attingir por *todas* as vias e por *todos* os meios ao nosso alcance, *quer investigações quer especulação.*»

E assim cumpre. Em seu incorrecto conjuncto, o condemnado materialismo moderno urge confessar, todavia, que é filho *immediato* dos recentes progressos da *sciencia:* da physica, da chimica, da biologia, da geologia, da paleontologia.

A não haverem concorrido esses confluentes, o materialismo actual não poderia existir, poisque elle seja o derivado de Laplace, de Darwin, de Haeckel, das descobertas *positivas* e das investigações *positivas.*

«O materialismo moderno, diz um celebre es-

criptor francez contemporaneo, não é o frivolo dos salões da Regencia, o enthusiasta de Diderot ou o paradoxal de Sylvain Maréchal. É profundo, logico, sabio, formidavel.»

A moderna eschola materialista franceza tem, pois, algum motivo para a sua attitude não só hostil como soberba e desdenhosa perante o positivismo. O que não tolhe que, com escrupulosa lealdade, ella reconheça os serviços que ao regresso do materialismo prestou em França o movimento comteano. De facto, o positivismo restituiu ao materialismo o direito de cidade ali. Lenta e surdamente, elle minou o terreno sob os pés do ecclectismo official, mudou a atmosphera intellectual e preparou o meio em que devia renascer uma philosophia mais nitida e mais decisiva. Classifica-a André Lefèvre de herdeira directa da Encyclopedia.

Essa philosophia, como quer que a julguem, estribou-se nas lições da sciencia positiva.

Para tercear contra a idéa das causas finaes, foi buscar armas ao arsenal de Darwin. Como a doutrina darwiniana, essa philosophia procurou explicar, no mesmo modulo, de maneira que suppoz *scientificamente*, a ordem na natureza e a adaptação dos fins. O criterio encontra-se congenere, quiçá, com o de Comte; mas n'este é vago. Adeante veremos, com effeito, Littré formulando a interpretação, indecisamente apercebida por Augusto Comte, nas propriedades *immanentes*, que coordenam, desde o ajustamento dos orgãos dos seres vivos, até o proprio complexo do universo.

A necessidade vae-se extinguindo e o espirito vae

renunciando! Mas, áparte as considerações precedentes sobre a reacção metaphysica operada nos ultimos tempos decorridos, vejamos como se nos offerece hoje o estado do espirito humano respeito ás questões condemnadas, ainda no campo da sciencia positiva mesmo.

Desengano, para o positivismo, pungente, e que, a nós, nos vem mostrar a inanidade das tentativas aos abafamentos obscuros. Não! Não se póde subjugar a necessidade do espirito, que jámais renuncia, antes redobra de instancia em suas interpellações. Para elle não colhe a conspiração do silencio.

Tres foram os exemplos com que o positivismo, de chofre, nos argumentou. O primeiro, o da attracção newtoniana; o segundo, o da essencia do calor; o terceiro, o da hypothese cerebral.

Quanto ao primeiro, não cessou a curiosidade em torno do mysterio da attracção. O espirito ronda á roda, e entretanto vão surgindo esclarecimentos, que adiantam caminho. Em tempo teve certo exito de exportação a doutrina de Trémeaux, melhor attenta ao effeito explicativo da repulsão.

Da mesma maneira, mas mais já no seguinte exemplo. A difficuldade está vencida. Ora, na lei natural, basta que um só facto a desminta, para ella ser posta de lado. O caso da attracção reduz-se, pois, criticamente, a uma simples questão de tempo.

Com effeito, não terminou, hoje, com a reputada phase positiva, a investigação sobre o calor.

Assim, afastando os desdens de Comte, a doutrina thermo-dynamica affirmou-se, disposta, irrefra-

gavelmente, pelo principio de Joule, em 1842, da equivalencia do trabalho mechanico e do calor.

Esta descoberta teve um alcance philosophico extremo. Surgiu, com Grove, a idéa da correlação das forças physicas. Finalmente, o jesuita Secchi assentou-lhes a unidade. Os propagandistas d'esta idéa synthetica, a mais ampla de toda a philosophia natural, chamavam-se legião. Mas nenhum conseguiu imprimir-lhe um tam relevante pittoresco formal como o eminente Tyndall.

Eis-nos adeante de Fourier. Eis-nos ganhando com nos termos importado de saber se o calor consistiria «nas fibrações d'um ether universal.» Eis resolvida, em summa, uma questão que a philosophia positiva declarara insoluvel, aliaz.

Frisantissima consideração, que, de per si, basta a offender todo o conjuncto, relembrando quam inopportuna resulta a idéa de supprimir da sciencia as *theorias* organisantes e elucidativas. Aquella ficaria um celleiro, sem ordem, sem nexo, sem espirito de generalidade. Nenhuma synthese (por provisoria e acanhada) se permittiria, das descobertas feitas e dos conhecimentos adquiridos.

Mas prosigamos, poisque chegue o ultimo exemplo.

No diccionario de medicina, de Nysten, reeditado por elle e por Ch. Robin, define Littré a alma como sendo o conjuncto das funcções, moraes e intellectuaes, desenvolvidas no cerebro. Isto, porém, é affirmar uma hypothese materialista, a qual foi inevitavel, desde que definição tinha de haver e o conceito

classico do espiritualismo não era acceite. Debalde se buscam subterfugios. *To be or not be.*

A proposito, identica observação formulou o sorbonnico Janet. Replicou Littré que a philosophia positiva sabe que a substancia nervosa pensa e que isto lhe basta, não curando de saber porque é que ella pensa.

Ora, eis aqui (repetimos) reincidencia. *Reum confitentem habemur.* Elle é relapso e contumaz, sob mascara de diminuto e negativo.

Aquella é, com effeito, uma affirmação — digam o que disserem — materialista, pois que o materialismo affirma que a substancia nervosa pensa e tambem não diz porquê, visto ignoral-o. São as proprias expressões do dr. Büchner, na *Força e Materia,* o manual do materialismo, apud Janet, conforme se memorou já.

De procurar o *porquê* (caso materialista) ou de o não procurar (caso positivista) — eis a subsidiaria differencial unica, que não altera o caracter intrinseco da proposição mesma, de per si.

Orá, para ser consequente, que resposta deveria dar a esta questão o positivista extreme? Evidentemente, não que o cerebro pensa, mas que sem a substancia nervosa não póde haver pensamento, o que é bem diverso. Foi o que uma vez fez Littré, mas não se conservando no tom. Mau grado seu, a logica inconsciente da sua cerebração levou-o, d'outra vez, incoherentemente, a ser categorico.

Pois, se o materialista diz: — A substancia nervosa pensa — e o positivista diz: — A substancia ner-

vosa pensa—, em que é que se apartam elles um do outro?

Do mesmo modo, Augusto Comte e Littré dedicam largas reflexões á questão das causas finaes, com vigor negadas. Quanto a elles, a materia não foi creada para dados fins, nem ha designios teleologicos. Para elles, como para o dr. Büchner, o destino dos seres na natureza é um absurdo incomparavel.

Eil-os negando assim rijamente o que a philosophia materialista rijamente nega, como por exemplo no capitulo da *Força e materia* do dr. Büchner, subscripto ao thema: — *Destino dos seres na natureza.* É typico este capitulo, no absurdo: Como o livro na estreiteza. A volume tal, melhor quadraria o titulo impio que usurpou Julio Soury: *Breviario do materialismo.*—Outro ponto, pois, e frisante, de contacto.

Mas á philosophia positiva, que não cura das causas primeiras nem das ultimas, que não se importa de problemas metaphysicos, que toma as coisas taes quaes se nos deparam, — que interesse lhe advirá de saber se os factores parcellares teem ou não um destino no conjuncto, se fôram ou não creados expressamente para um fim?

Se o olho se encontra admiravelmente apropriado ao fim da visão, que importa saber se o olho foi, ou não, feito expressamente para attingir esse fim?

Diz Littré: «Mas a causa, seja ella qual fôr, d'onde proveem os sêres organisados creou, ao lado das especies vivendo de per si, especies parasitas, que ha lançadó, ás tribus innumeraveis, em o seio de todos os animaes. Ella colloca esses entozoarios nos inse-

ctos, nas aves, nos mammiferos, no homem, nos olhos, no sangue, nos intestinos, no figado, no cerebro, nos musculos; os germens d'elles estão por toda a parte; escoam-se pelos orgãos; e, por pouco que o terreno lhes seja propicio, enxertam-se n'elle e prosperam, á custa do organismo que condemnam ao soffrimento, á destruição, ..... representando, certamente, um admiravel artificio para affligir as pobres victimas ás quaes são visivelmente destinados.»

Que importa isto a Littré? Que Littré constate o facto, poisque *constatar* é o scopo *unico* da philosophia positiva, e que nada mais deduza; siga adeante:

*Non raggionam di loro, ma guarda e passa.*

Pois que lhe importa, na verdade; que lhe importa, sim, saber se esses entozoarios são, ou não são, argumento contra affirmações absolutamente metaphysicas, só discutiveis metaphysicamente, *visto o materialismo, o atheismo serem metaphysica?*

*Constatar,* insistimos, eis o trabalho da philosophia positiva; e dos factos constatados exhumar relações geraes, mas relações geraes entre elles, naturalmente, como a palavra *relações* indica, visto a philosophia positiva estar *toda inteira no relativo,* segundo a expressão absoluta de Littré.

Para que, pois, embrenhar-se n'esta questão completamente metaphysica de saber se os meios se acham accomodados aos fins e se, na immensa multidão dos sêres, dos factos, as causas finaes, o destino dos entes na natureza são, ou não, verdade demonstranda?

Consideremos, por um pouco mais, a innegavel, antes evidente incoherencia.

Verificada a disposição dos orgãos nos sêres vivos, a philosophia positiva, que renuncia ao *porquè* das coisas e só cura do *como*, consoante apontamos já, não teria a affirmar senão que encontrara a materia ajustada de certa maneira, determinativa de taes e taes effeitos. Mais coisa alguma. O porquè de tal, porquè evidentemente metaphysico, não está nas forças da philosophia positiva, como não está em sua alçada o juizo ethico que a leva, pelo conceito do mal (entozoarios, na argumentação de Littré), a regeitar as causas finaes. Intrometter-se n'estes debates, é pôr-se a escolher, abusivamente, entre as duas hypotheses, espiritualista e materialista — ou ser tal ajustamento uma propriedade da materia (hypothese materialista) ou ser então um designio marcado por uma causa superior (hypothese espiritualista). Claro está que n'esta segunda especie, distendida pela methodologia transcendente, cabem as extremes interpretações idealistas da teleologia, como seja, em particular, o inconsciente hartmannianno.

E, ainda que se diga que, mesmo no caso de propriedade de a materia se ajustar a certos fins ser designio marcado por causa superior, a philosophia positiva só constata essa propriedade de ajustamento, a nossa critica não fica invalidada. E não fica, porque, n'essa hypothese, a philosophia positiva deverá só constatar esse ajustamento e nunca negar, como vimos fazer, o designio superior, marcado pela de finas causas finaes.

Como quer que seja, consoante sempre, ella devia *abster-se*, o que não fez, proclamando, pelo contrario, a hypothese materialista acima apontada.

Littré triumpha tambem facilmente de Janet, que o accusou de resuscitar as virtudes dormitivas, as qualidades occultas da escholastica. A sua immanencia das propriedades especificas dos tecidos ganha todo o sabôr metaphysico quando o conceito sóbe e se generalisa no lemma da disposição geral da materia organisada para determinados effeitos. Basta que Littré se encontra na intuição com Hegel, cuja prioridade reconhece mas cuja camaradagem se sente que o vexa em publico. Tem a fraqueza de se desculpar. Não haja hesitações: renega-o. Mas nem por isso se salva.

Agora, o que se não comprehende bem é como, depois de ter feito seus os argumentos materialistas contra as causas finaes, Littré brada contra o materialismo; mais ainda, contra o abstraccionisticamente inoffensivo deismo de Voltaire, a que chama philosophia negativa e dissolvente.

Negativa, decerto, mas negativa de milagradas, de abusos, de imposturas e de burlas. Pergunte-se, n'este criterio, o juizo que de Voltaire formulou um tam remontado espirito como Strauss, na serie das seis conferencias mais tarde vertidas para francez por Luiz Narval. A Littré, por uma punidôra ironia do destino, estava escripto que o traductor lh'as endereçasse, com uma carta-prefacio, em timbre de preito.

Dissolvente! Mas essa philosophia chamada dissolvente emancipou a humanidade; partiu as gar

lheiras dos escravos; inspirou todas as redempções; trouxe á sciencia, á litteratura, á sociedade um novo espirito; preparou o quadro dos direitos do homem; assentou o nobre principio da tolerancia universal, a grande idéa da liberdade da consciencia...

Dissolução que tudo renovou! E o positivismo?

Mas, continuemos.

O espirito humano renuncia, diz Littré.

Vêmos, porém, Augusto Comte partidario da theoria das bossas de Gall. Vêmol-o fazendo um estudo positivo (leia-se: — materialista) das funcções intellectuaes e moraes. Vêmol-o declarando a phrenologia superior á psychologia. Isto, até, obrigou o grande discipulo (?) Stuart Mill a perguntar como quereria Comte achar a *relação* entre o sêr psychico e a constituição material d'um individuo sem se certificar pela analyse interna (préviamente repudiada), sem por ella se assegurar da verdade da relação; sem olhar os dois termos d'essa relação, declarada, aliaz, como existente.

Littré enceta o prefacio de *Matérialisme et spiritualisme*, de Alph. Leblais, dizendo: «O fim do auctor do livro é trazer a sua quota-parte á obra de regeneração (?) intellectual emprehendida por Augusto Comte e traçada na philosophia positiva; o fim do auctor do prefacio é concorrer ao mesmo alvo, em algumas paginas *que sustentarão o que o livro sustenta, que combaterão o que o livro combate.*»

Succede que Leblais sustenta — e bem mal — o materialismo, e combate — ainda peor — o espiritualismo. Todavia, por outro lado, Littré affirma, como *sempre, o seu* completo desinteresse entre materia-

lismo e espiritualismo (ambos, como se viu, para elle, falsos, por metaphysicos) no citado prefacio, em lances posteriores. Aqui ha, pelo menos, grave desattenção.

No thema, registramos que Augusto Comte recommenda que se recordem os serviços de Descartes á sciencia, *apezar* do seu espiritualismo. Littré reputará, por certo, duro o vocabulo, visto o seu apregoado *desinteresse* (é o termo usado) entre materialismo e espiritualismo. Mas a phrase não deve estranhar, provindo d'aquelle que affirmou (muito bem, segundo o positivista Leblais), e como qualquer acerrimo materialista, que a idéa de Deus era hoje uma idéa retrograda e anarchica.

Aqui chegou o ensejo de exhibir o exemplo mais perfeito da contradicção, forçada e inevitavel, a que a natureza mesma das coisas arrasta o positivismo:

«O facto é que, diz Littré, o universo nos apparece como *um conjuncto tendo as suas causas em si mesmo*, causas a que chamamos as suas leis. O longo conflicto entre a *immanencia* e a transcendencia toca o seu termo; a transcendencia é a theologia ou a metaphysica, explicando o universo por causas que estão fóra d'elle; *a immanencia é a sciencia explicando o universo por causas — que estão n'elle. Só* a immanencia é verdadeiramente humana e directamente infinita: verdadeiramente humana, porque não desassocia a historia dos homens para os dividir em reprobos e eleitos; directamente infinita, porque, deixando os typos e as figuras, nos põe sem intermediario em relação com os *eternos motores d'um universo illimitado*, e descobre ao pensamento, estupefa

e maravilhado, os mundos collocados *sobre o abysmo do espaço* e a vida collocada *sobre o abysmo do tempo.*»

Em frente d'estas linhas, o doutrinario Eugenio Poitou proclamou que o positivismo é um systema e que esse systema é o materialismo e o atheismo.

Na verdade, se o universo é um conjuncto que tem as causas em si mesmo, eis negada a existencia de Deus; se o universo é illimitado, eis que se affirma o infinito da materia no espaço; se se falla de abysmo do tempo, recorda-se o infinito da materia no tempo.

Mas nós já vimos o mesmo Littré prohibindo as inquirições sobre o *principio e fim das coisas* e vedando que se faça *metaphysica.*

Todavia, não terá cabimento aqui a curiosidade candida do Poitou referido, perguntando se isto que supra exarado ficou não será fazer, d'alguma maneira, seu naco de metaphysica?

Porque, dizer que o mundo existe de per si mesmo não equivale a dizer que elle é eterno e infinito? E affirmar o infinito e a eternidade do mundo não será fazer, metaphysicamente, uma hypothese? Escapam-nos as causas, diz-se; nada sabemos da causa do universo. Então, *com que direito* vem declarar-se que o universo possue *a sua causa em si mesmo?* Que podemos nós saber d'essas coisas, se é verdade que só o *relativo* nos pertence? Quem nos auctorisa a dizer que os motores do universo estão *n'elle* e não *fóra d'elle?* E, sobretudo, que esses motores são *eternos* e que o universo é *infinito?*

De facto, á philosophia positiva não era impos-

sivel proceder com integridade logica, que a força das coisas não comportava. Assim, ella começou por estabelecer que a si mesma se prohibia, como inutil, toda e qualquer especulação sobre as causas primeiras e ultimas, sobre o principio e o fim das coisas, n'uma palavra, em resumo, sobre aquella ordem de themas ariscos á roda dos quaes, debalde, se tem affligido, de ha seculos, a metaphysica. Protestara Littré que a philosophia positiva: «se abstem de qualquer explicação, por toda e qualquer explicação ser uma pura hypothese... *Não nega nada, não affirma nada: porque negar ou affirmar seria declarar que se tem um conhecimento qualquer da origem dos seres e do seu fim.* O que ha estabelecido presentemente é que os dois limites das coisas nos são inaccessiveis, e que o meio só, o que se chama em estylo d'eschola o *relativo,* nos pertence. Não sabemos nada sobre a causa do universo e dos habitantes que elle contém.»

Estava perfeitamente. Mas surgiu logo o traiçoeiro desmando do positivismo. Immediatamente, o mesmo Littré se descartou a avançar, com a condemnada metaphysica materialista, proposições que aliaz debutara por dizer que estavam fóra do alcance das forças do espirito humano. «O positivismo não nega nada; não affirma nada.»

Littré, porém, affirma, ao contrario. E affirma pelo preciso e determinado theor seguinte: «O que é permanente é a presença *perpetua* do espirito humano em face *da infinidade e da eternidade* das coisas; esse sentimento jámais o perderá.» Esta affirmativa annexe-se ás lembranças das definições scien-

tificas fornecidas com respeito á alma humana pelo mesmo Littré, por seu mestre Augusto Comte. Foi á face de diplomas congeneres que Tiberghien julgou rudemente o positivismo como «um materialismo inconsequente e um atheismo disfarçado.»

O materialista Léfèvre corrobora-o. No seu excellente manual, elle dá-se ao trabalho de contrapôr ás reticencias do positivismo, sinceras sempre, e talvez habeis em 1830, varias passagens, caracterisadamente materialistas e atheistas, extrahidas entre mil outras de identico ensino por parte de Augusto Comte e seus adeptos.

Por isso, conclue que o materialismo é a alma do positivismo. Os inimigos communs não se illudiram. Todavia, concorda em que, para os positivistas, toda e qualquer assemelhação entre positivismo e materialismo lhes parece cruel injuria.

Mas que incoherencias são essas? D'onde derivam?

Não mostrarão ellas a necessidade irretragavel que o espirito humano experimenta de se occupar das questões que auctoritariamente se refugaram? Póde, é certo, ser, d'onde a onde, abafada; mas, em toda a occasião, se revolta. É impossivel, até, chegar a constringil-a inteiramente. Insurge-se, periodicamente, essa incorrigivel tentação que noss'alma sente de curar dos problemas uma vez inscriptos, em demanda de solução, na ardozia da consciencia.

Se tal necessidade permanece sempre, o prohibir, desdenhosamente, as tentativas de investigação não poderá gerar o tedio, o cansaço, o marasmo, o *vacuo* de que não chega a ser

duvida, finalmente esse mal deprimente que, em philosophia e em sciencia, como em politica, urge debellar com todas as forças: — a indifferença — ?

Necessidade que, ao invez do conceito de Littré, jámais se annulla. E não se nos objecte que vamos esbarrando com a preoccupação classica das idéas innatas. Pelo momento, nada está mais arredio do nosso cogitar. Nem de longe!

Affirmamos, tão sómente (mas o que, para o caso, é tudo), a necessidade impreterivel que o homem tem de se occupar das incognitas que lhe borbulham perante, em sua marcha.

Acenando-lhe com sua seducção prestigiosa, o homem ha-de tentar sempre devassar o mysterio que o incita e o irrita. Este *facto* — eis o cachopo do comtismo.

Ao positivismo, de resto, nós temos todo o direito de perguntar quem lhe deu ousio para presumpçosamente marcar limites ao entendimento progressivo. Em nossos recentes dias, repetidas vezes, ha realisado essa interpellação o diffuso e confuso Roberty. Respondeu-lhe engenhosamente o brazileiro snr. d'Araujo.

«Perguntam-nos, este diz, com que direito nós pretendemos encerrar o futuro scientifico; nós respondemos: em virtude do direito que tem o mathematico de garantir ás gerações de calculadores que o numerador e o denominador da expressão $\frac{não\text{-}eu}{eu} = saber$, augmentando sempre d'uma quantidade egual, nunca attingirão a unidade.»

Está muito bem, responde Roberty, mas seria ainda a proposito demonstrar-nos que a relação

questão constitue necessariamente um numero fraccionario.

Não seria essa a resposta. Roberty cahe no erro opposto ao do agnosticismo. Suppõe possivel uma gnose perfeita.

O paralogismo do simile do snr. d'Araujo reside n'outra consideração. Mas fundamental e decisiva.

É que o numerador da expressão que elle construiu não póde angmentar, nem diminuir, de uma unidade que seja. O numerador é constante. O diminuidor é que augmenta sempre e indefinidamente de uma unidade, mais outra depois, e assim por deante.

O não-eu é o universo, onde nada se ganha, nada se perde; nada se cria, nada se anniquila; onde domina a permanencia da força e a indestructibilidade da materia. Dizer, pois, que o numerador da fracção augmenta d'uma quantidade egual á do incremento do denominador, é contrariar as acquisições definitivas não da metaphysica, mas da philosophia natural. Importa regeitar a physica e a chimica; o mesmo é que partir a balança.

O denominador, esse é que augmenta continuamente, á medida da conquista de novas verdades. Por isso é que o valor da expressão é mobil; e por isso é tambem que pretender fixal-o *à priori* resulta uma petição de principio, como o viu Roberty sem lograr proval-o, aliaz.

Recapitulando, se o espirito timido se encher de tedio, o espirito impaciente, que deseja sempre saber, não poderá cahir n'outro perigo, qual o de ir procurar em campo diverso, que não no da philoso*phia,* as soluções, affirmativas ou negativas, anciadas?

A negação prescreveu-se n'este caso, e reapparece felizmente a affirmação, mas não (na replica) produzida pela philosophia e pela sciencia.

De facto, as sociedades não podem conservar-se longo tempo na situação hybrida que lhe offerece a philosophia positiva. Não ha meios termos, hypocritas ou irresolutos:

«As massas, diz Augusto Jacquot, não teem a intelligencia aberta ás restricções delicadas; já a duvida lhes repugna; por quanto maior razão não serão ellas incapazes de se absterem ao mesmo tempo d'affirmação, de negação e mesmo de duvida sobre uma questão tam grave como a de Deus e de se conduzirem, comtudo, como se Deus não existisse! — E é, todavia, a isso que tende o *positivismo!*»

Cuidado, porém. Note-se que foi pronunciada a palavra que ha levantado seculos de disputas interminaveis. Ora, cumpre e urge acabar, de vez, com taes estereis questiunculas, brada-se. E, se se ousa reagir, se se pedem explicações, se a questão tremenda attrahe como os vortices aos que de seu cairel pendem, fechada é a bocca, que se abriu para o protesto, pelo postulado hoje, por demais, repetido. Qual é elle? É que «nenhuma existencia póde ser assente pelo raciocinio.»

Mas reparo-se na singular confusão. Attenda-se a que se tem de discutir *metaphysicamente* o postulado que se avançou. Attenda-se a que se tem de provar que Deus não póde ser encontrado pelo raciocinio.

Isto, porém, o que é? Para isto se conseguir, o que é preciso?

É preciso que se analysem as provas que a

chola apresenta da existencia de Deus. É preciso refutal-as. Eis trabalho indirecto que se haja de archivar, em seguida, por um labor *immediato, directo.* Ou querer-se-ha fugir a todo este mundo de controversias metaphysicas, qualificando de axiomatico o principio exposto?!

Porém, a evidencia do postulado está longe de ser flagrante. Ella parece acceitavel, no caso de completa separação, de perfeito isolamento d'uma existencia, correlacionada com as existencias anteriormente conhecidas. Mas o incremento dos conhecimentos tende, ao contrario, a diminuir esta descontinuidade, que é uma méra lacuna historica.

Quando o lasso viajor deparava com fauna e flora que ia encontrar, fortuitamente, nos paizes percorridos, sua surpreza perante a novidade inesperada comprehende-se. Mas tambem se comprehende o esforço subsequente para diminuir o assombro — pela derivada concordancia geographica, geologica, climatologica.

Mas quando fôssem mais numerosos os dados, aos quaes se ligava existencia buscada e ignota, então o postulado oppõe-se inutilmente á irremissibilidade provada d'uma conclusão decisiva por simples processo deductivo.

Quando certa existencia apparece, ao nosso espirito, como indeclinavelmente implicita em quaesquer factos que só ella explica, não destaca logo, ao contrario, a falsidade do postulado que tam pomposamente se proclamou?

O raciocinio não póde determinar uma existencia, — *professa*-se. Mas não está bem.

Foi o raciocinio que assentou a existencia da rotação da terra, comprovada pela experiencia de Foucault. Se não foi o raciocinio que deu a existencia da America a Colombo, é porque o engano consistiu no especialismo das terras procuradas. Não havia a India para alli, mas as conjecturas racionalistas, de factos previamente adquiridos derivadas, eram legitimas. Em compensação, o raciocinio não se enganou, quando a Vasco da Gama deu a existencia do caminho maritimo para a India por todos appetecida.

O postulado positivista colloca-se em conflicto com as assombrosas victorias das mathematicas superiores, relativas a existencias reveladas pelo calculo, que é o raciocinio pelo numero.

Depurar, mesmo, o raciocinio, imprimir-lhe toda a idealidade, transcendentalisal-o é, até, o objectivo recente do esforço mathematico contemporaneo. Em França, por exemplo, o criterio inspirador possue hoje um eminente propagandista na personalidade, sabia e subtil, do snr. Thanery. Assim, elle, pelo encadeamento rigoroso de definições e de deducções, conduz-nos insensivelmente do numero inteiro a todas as noções as mais elevadas. Bem decididamente se deita a resolver o problema de reconstrucção logica que acabamos de frisar. Pensa Milhaud que ella devia fazer desapparecer toda e qualquer lacuna entre as antigas e as novas mathematicas.

Tracta-se, com effeito, de crear uma mathematica ideal, pairando por de sobre toda e qualquer experiencia, eliminando todo o dado experimental, a não ser os iniciaes.

D'est'arte se procura tornar correlacionado o

completo um conjuncto até agora esparso, subordinando-o a conceitos superiores e dominantes. A tentativa póde ser, e é decerto, prematura, mas não é licito recusal-a ao neo-positivismo, que parcellarmente, nos capitulos varios da sciencia, sente a necessidade urgente de uma regular integração.

N'esta faina, de menor amplitude mas de mais seguros exitos, tambem tractou de collaborar o Brazil, poisque, desde 9 de Julho de 1879, annunciava, em o esboço de uma memoria sobre esse ponto de philosophia mathematica, suas *Reflexões sobre os fundamentos da analyse transcendente,* o mui talentoso, se bem que mui obsecado, snr. R. Teixeira Mendes, ao qual, com emerito facciosismo, Sylvio Romero qualifica de mais que muito mediocre. Almejara o eminente positivista fluminense «e pensara ter realisado» a fusão das concepções de Leibnitz e Lagrange. D'ellas fazia conjunctamente um corpo de doutrina, filiado á lei cartesiana sobre a correspondencia entre o ponto de vista analytico e geral da sciencia mathematica e o seu aspecto concreto e especial, assignalando, de par e passo, o papel que cabe á concepção newtoniana.

É interessante como Teixeira Mendes não divisa as consequencias metaphysicas da lei philosophica estabelecida por Descartes, estabelecendo a relação que representa toda a linha plana por uma equação a duas variaveis e, reciprocamente, toda a equação a duas variaveis representando uma linha plana.

Todavia, elle-mesmo observa que esse enunciado, convenientemente generalisado, póde hoje formular-se d'este modo: todo o facto concreto tem

um correspondente analytico; e, reciprocamente, todo o facto analytico tem um correspondente concreto.

Prestes — singular acanhamento de horizonte critico — increpa respeitosamente Descartes, por o illustre philosopho não ter dado toda a extensão scientifica ao seu immortal principio. E esquece que, com percuciente rigor logico, substancialmente o theorema de que a sua analyse procede fórma a trama profunda da renovação por Descartes introduzida, com insigne penetração, no argumento ontologico da existencia de Deus, que Santo Anselmo, no *Proslogium*, firmara na idéa adequada que em nós habita de o ser perfeito.

O conceito cartesiano contradiz, destructivamente, a inhibitoria repulsa do positivismo classico, rejeitando a possibilidade da determinação de existencia pelas forças exclusivas do raciocinio puro. Como quer que o juizo culto se decida, o que resulta incontestavel é a preferencia syntheticamente idealista — graças a indefectiveis estimulos, mais ou menos inconscientes — exhibida pelos mesmos neo-positivistas (apezar de todos seus protestos de orthodoxa fidelidade e sinceros desejos de recta concordancia).

Do genero especificado é o alcance philosophico da pequena mas substanciosa brochura de Teixeira Mendes, a qual, para o aspecto restricto do versado debate, apresenta, de resto, a grave lacuna da passagem sem cotejo e commento, nem sequer lembrança e citação, pelas considerações que sobre *A philosophia do infinito* entendeu Wronski produzir em 1814, de encontro á nova estampagem das *Reflexões sobre a metaphysica do calculo infinitesimal*. Por sua lição o ambicioso analysta polaco ingenuamente con-

fessa que no espirito dos geometras a sua philosophia das mathematicas «não produziu o effeito» que elle esperava. O livro de Carnot encerra a lista das obras fundamentaes que, á cata da resolução da difficuldade, manuseou o snr. Teixeira Mendes e onde não pensa que se possa indicar realisada a operação que elle crê haver levado a effeito.

Em que nos peze esta destrinça, a affirmativa de Teixeira Mendes não é escrupulosamente rigorosa.

Na sexta lição do seu *Curso* (de que um extracto do começo, reduzidamente, o esculpe o mathematico brazileiro na capa do seu folheto), Augusto Comte estabelecera que, meditando sobre o conjuncto d'essa grande questão: — os tres principaes pontos de vista apresentados pelos geometras concernentemente á analyse transcendente—, se apercebe que será na concepção de Lagrange que se operará um dia a combinação reciproca, pela reducção a um methodo unico reunindo todas as diversas qualidades caracteristicas peculiares. E o parentesco intrinseco das concepções de Lagrange e Leibnitz, n'essa mesma lição, Augusto Comte o deixou essencialmente demonstrado, pag. 192-196 da 2.ª edição, tom. I. Assim, na verdade, tem ampla razão Teixeira Mendes para a sua phrase modesta: «O que ha de propriamente meu em tudo isso — deve ser mui pouco.»

Quanto á idéa-mãe, de Descartes, sobre a representação analytica geral dos phenomenos naturaes, na referida primorosa lição Augusto Comte assignala que é bem notavel que homens como Pascal houvessem prestado tam pouca attenção a essa concepção fundamental de Descartes, sem presentirem por

fórma alguma a revolução geral que ella estava necessariamente destinada a produzir no systema inteiro da sciencia mathematica.

Explica a incongruencia por isso que os espiritos, mesmo os mais eminentes, teem sempre apreciado bem menos até aqui os methodos geraes pelo seu simples caracter philosophico do que pelos conhecimentos effectivos que elles podiam proporcionar immediatamente.

E, comtudo, sem aproveito do seu pujante genio, tambem não distinguiu a consequencia remota d'esse principio fundamental da cerebração cartesiana. É que Comte relegara de vez e para infinitamente longe qualquer preoccupação metaphysica. Similhante preconceito obscurecia-lhe todo o processo da elaboração psychica, toda a derivação da marcha dialecticamente logica.

Revertendo, não é lance nem competencia ha para, com respeito á memoria especialista de Teixeira Mendes, derimir todo o pleito, nos seus intersticiaes modulos concomitantes. Mas o que a proposito se manifesta consiste ainda em illuminar, para as attenções reflectidas, a nova physionomia da intuição philosophica da sciencia.

Contra Stuart Mill, que pretendia que a certeza das verdades mathematicas é, de ponta a ponta, inductiva, projecta-se hoje nada menos do que a confecção d'uma mathematica toda formal e subjectiva. Vencer-se-ha?

Todavia, nada affirmando a respeito dos dados experimentaes, em si mesmos, a mathematica ideal mostra, sómente, quaes sejam as consequencias d'elles, *se fôram* acceites como hypotheses.

Ora, d'esses dados derivada, para existencias experimentaes a especulação mathematica converge. E com fulminante exito. Ha um exemplo classico, que já citamos, a proposito affin, em volume differente.

É o da deslumbradora revelação de Neptuno, por meio da qual Leverrier, na elegante phrase do talentoso, sympathico e mallogrado Alexandre da Conceição, «encontra um planeta desconhecido e nunca visto por olhos humanos na ponta da sua penna, fechado no seu gabinete de trabalho.»

Essa maravilha que é que foi, estructuralmente? Foi *concluir pelo raciocinio uma existencia não conhecida pela experiencia.* De tal fórma que, no dia em que Galle, de Berlim, recebe a noticia dos trabalhos de Leverrier (23 de Setembro de 1846), elle dirige um telescopio para o ponto do céu indicado e vê, com effeito, o planeta annunciado, afastando-se menos d'um grau da posição que lhe marcara a theoria.

Póde objectar-se que, para se chegar ao maravilhoso resultado de Leverrier (e, conjuncta e independentemente, de Adams, segundo conta Delaunay), preciso foi o conhecer-se já experimentalmente as irregularidades do movimento de Urano, *devidas provavelmente á attracção exercida por um planeta ainda desconhecido.* Mas a objecção cahe precisamente dentro do angulo da nossa affirmativa, quando, em contra do postulado positivista, asseveramos que nos é licito assentar existencias pelo raciocinio, desde que se achem presas a dados conhecidos e que sómente ellas explicam.

*Se assim* é, pois, a existencia de Deus póde *tal-*

*vez* ser determinada rigorosamente pelo raciocinio. Por exemplo, induzindo sobre os dados da contingencia do mundo, da harmonia universal. Saber se esse *talvez* se converte em uma affirmativa ou em uma negativa pertence a todo um trabalho de analyse, de discussão, de *metaphysica* e não a uma evasiva esquivante, simultaneamente acanhada e atrevida.

E, então, se as perguntas se repetem, e se a philosophia confessa a sua impotencia, não poderá qualquer desviar os olhos da philosophia e lançal-os para outro lado? E para onde? Para a orthodoxia, para a revelação — suggerimos.

Pois não poderá existir um pensador, positivo, empirico, nada theologo, nada metaphysico, analysador e absolutamente só realista, no campo da sciencia, que seja, sahido das investigações scientificas, um crente? que reconheça que, a dentro da sciencia, não deve haver fé no sobrenatural, não lhe dando essa conselhos alguns a adoptar, e que, por isso precisamente, ás questões condemnadas as reserve para a zona da sua fé individual, crendo segundo os dictames da sua consciencia, conforme indica que se faça o dr. Büchner?

Não urdimos hypotheses gratuitas: entre nós portuguezes, tomaremos o primeiro exemplo. Um professor eximio de mathematicas elementares, o snr. Couceiro da Costa, fez como o fluminense Benjamin Constant. Agremiou-se nas fileiras de Augusto Comte, e no compendio de aula, perante seus discipulos, enunciou vigorosamente a lei dos tres-estados. Apezar d'isso, affirma: «A sciencia é positiva, muito bem».

mas a fé, a filha egregia do pensamento, essa jámais será supplantada pela positividade da sciencia, porém cada vez mais acrysolada pela civilisação.»

E, se o pensador se não encaminhar para a egreja revelada — seja isto, até, concedido —, não poderá ir para qualquer renovação religiosa á Patrice Larroque, poisque os argumentos espiritualistas ficaram de pé, por não analysados para se não fazer metaphysica?

Ainda uma vez; não tecemos hypotheses gratuitas: — E. Cazelles, no seu prefacio á sua versão da *Circulação da vida*, de Moleschott, (1866), declara-se acompanhando a renovação (?) de Augusto Comte; e, logo, no seu outro preambulo a outra sua traducção, a da *Religião natural (influencia da — sobre a felicidade temporaria do genero humano)*, de Bentham e Grote, (1875), vem prégar, e prégar fervorosamente, um theismo novo. Servira-lhe de processo de transição o conceito do incognoscivel, no desenho que lhe deu Herbert Spencer e consoante o expuzera no introito explicativo que, resumindo o systema, destinara á versão dos *Primeiros principios* (1870, Setembro.)

Entendamo-nos. Deistas, não vêmos n'isto um mal. Bem pelo contrario. Sómente, se a conclusão nos satisfaz, não nos agrada o methodo seguido para a ella chegar. Poisque, pelo atalho por que se vai, póde muito bem perder-se o espirito. Perder-se pela esteril charneca da orthodoxia; deslumbrar-se com o fogo fatuo da revelação.

Da revelação, sim, como já dissemos. Da revelação, *segundo* o typo individualista, soberbo, teme-

rario e absurdo, do prophetismo que cuida possuir integralmente o absoluto.

Decerto; e aqui se póde applicar a interpretação do consciente pelo estimulo obscuro da subjacencia do inconsciente. Conformemente o faz para Kant e para Hegel, por fórma maravilhosa, Eduardo de Hartmann nos primeiros — e magistralissimos — capitulos de introducção ao seu systema philosophico. Sob identico criterio orientando-nos, appliquemos a mesma intuição ao fundador do positivismo

E veremos, logo logo, explicado bem naturalmente o que a muitos parece a aberração de um grande espirito, quando, realmente, não é mais do que a consequencia exacta da sua ideação anterior. Sómente, ella foi apresentada com a aspera rudeza d'um predestinado messianismo que, na graça plena, não respeita conveniencias, filhas do erro e do mal, antes prosegue intemerato, n'uma linha recta. Alludimos, naturalmente, á *revelação* da religião humana, de que Comte era o pontifice.

O espiritualista classico Laurent, com o seu vasto trato da humana historia, sentiu o caracter profundamente religioso d'esta physionomia mental do fundador, como contracta e mysticamente lhe chamam seus adeptos. A acreditarmos em Augusto Comte e no mais eminente dos seus discipulos, o auctor da *Philosophia Positiva* seria «um revelador da raça de Moysés e de Jesus Christo.» Comtudo, arrebatado pelas suas preoccupações cristallisadas, Laurent escreve a proposito: «O mesmo homem que fez a *grande descoberta* de que a religião não pertence senão á infancia do espirito humano e de que a hu-

manidade, chegando á edade do positivismo, deve repudial-a como um sonho vão, esse mesmo homem acabou por se pousar como revelador d'uma religião nova. Nunca houve contradicção tam prodigiosa.»

Como Laurent se engana! Nunca houve concordancia tam perfeita. Ponto está em se não prender o critico nem com a apparencia dos vocabulos nem com a carencia de nitidez que a consciente acquisição de sua doutrina revestiu, nos primeiros tempos, perante o espirito do proprio theorista.

E não nos accusem de má fé! É certo que não devemos considerar como deducções da philosophia positiva as heteroclitas concepções da Virgem-mãe e outros vestigios da educação catholica, primitivamente recebida por Augusto Comte, e reacerbados na revivescencia, pelo delirio passional que aggravava a derradeira crise subjectiva do grande desafortunado homem. São essas aberrações irresponsaveis responsabilidades individuaes, mas nós não fallamos d'ellas; como quando alludimos ás deducções possiveis de Fourier, não tocamos em sua singular cosmogonia, mais singularmente rehabilitada nos modernos dias por o paradoxal e personalista Herbert Spencer. D'esse, já não frisamos as geniaes intuições do detalhe, como o fez Paul Larfague, zombando da mofa rotineira de Alfredo de Musset.

Assim aqui tambem.

Não se tracta, evidentemente, d'isso; nem de praticas liturgicas; ou de fórmas cultuaes.

Tracta-se, tão sómente, das soluções dadas por Comte, na sua religião, ás questões que sua philoso*phia não* acolhera.

Resolve-as, porém, em sua religião; e resolve-as n'um sentido materialista e atheista. É o significado, no aspecto theorico, do seu «catholicismo sem christianismo» — segundo a definição synthetica, insignemente achada por Huxley.

A parte pratica concernente á conducta do individuo e ao arranjo das sociedades deriva, como sempre, d'uma zona dogmatica. E a dogmatica de Comte é bem conhecida, por sua substituição do homem, idealisado no seu conjuncto historico, á personalidade, eliminada, de Deus.

A religião positivista é, pois, exactamente como, na China, a doutrina religiosa de Kong-fu-tse (mestre Kong, Confucio). É um naturalismo ethico enxertado na religião politica de Saint-Simon; como alli se funda na dos Tchow, entendendo por isto, com Tièle, a ordem de coisas estabelecida, verosimilmente, pelo principe Tchow-Kong, assaz differenciada do culto popular antigo. Consoante aqui, diversa da metaphysica christã (idealista, do typo alexandrino) e só acceitando, não a dogmatica, porém a disciplina catholica.

Mas esse naturalismo disserta, (crê que proficientemente) sobre o caracter metaphysico do universo, o homem inclusivè. E decide-se pelo conceito atheista.

Nem sequer, para o comtismo, se póde recorrer ao subterfugio, usado para com as religiões do grande imperio sinico. Tanto para o confucianismo, como para com o taoismo, não só sabios europeus como ainda viajantes chinezes teem recentemente tratado de demonstrar em publico que ellas não são basea-

das sobre o materialismo. O erudito Julien Vinson considera esses esforços como lisonjas endereçadas a certa roda, espiritualista na apparencia, clericalissima no fundo.

Comtudo, seria irrisorio sobraçar tentamen analogo para com o positivismo, que, sendo religião e não sendo espiritualista e deista, tem de ser (como religião; não fallamos como philosophia) materialista e atheista. Fatalmente. Mercê de logica prescripção; inilludivel e simples. Irremissivelmente, pois. Por méra exclusão de partes.

Indispensavelmente, graças ás leis mesmas da constituição do espirito, alguma coisa teria a dizer, respeitando áquelles problemas cujas soluções preoccupam todos os pensadores: Augusto Comte deu, alfim, seu parecer. Mas, como a porta da philosophia e da sciencia por elle fôra fechada a questões taes, a resposta não poderia provir d'esses (cerrados) departamentos de noss'alma. Assim, Augusto Comte respondeu *por si*, quer dizer: *revelou;* e creou, portanto, o quê? Uma *religião.*

Symptomatico exemplo e lição aproveitavel para aquelles que, d'ora avante, pretenderem supprimir *philosophia.*

Ahi, no systema religioso de Comte, tudo é explicado pelos preceitos da philosophia materialista, negando-se a existencia de Deus e fazendo-se, sobre os complexos e connexos assumptos, metaphysica atheista.

Por isso, o juizo forma-se logo, de golpe. É como para o buddhismo primitivo. O grande Emilio Burnouf, no seu estudo especial sobre a intelligencia que

dar-se deva ao nirvana, definiu a doutrina do sublime solitario da familia dos chakhyas como sendo «uma moral sem Deus e um atheismo sem natureza.» Sabe-se quanto esta interpretação repugnou ao systematico de Bunsen e como elle se deu a refutal-a, respondendo, em nome de Buddha, pela replica que Platão põe na bôcca de Socrates.

Mas, com respeito a Comte, é que não podem subsistir hesitações analogas.

Veja-se a summula que da dogmatica positivista fez Willem, barão de Constant Rebecque. Resenhando-a, com toda a razão o dr. Büchner, a esse systema religioso, chama — religião atheista, materialista e sensualista.

Isto era fatal. Escusamos, pois, de attender aos motivos pessoaes. A sua alienação anterior (que é episodica e merece o mais profundo respeito, poisque deriva do excesso de trabalho mental) não póde servir de explicação. Esse excesso aggravou-se, em seu effeito, pelo pungitivo alanceamento das responsabilidades perante um auditorio onde se encontravam personalidades taes como Humboldt, Poinsot, de Blainville, — honra incomparavel para o joven prelector. E, por cumulo de infortunio, complicou-se d'uma crise moral atroz, conforme da melindrosa narrativa que, da penna de Lonchampt, corre manuscripta entre os orthodoxos. A desgraça, onde se intercala a affectuosa dedicação que Littré releva, tornou-se irreparavel pelo orgulho offendido. Era, elle, enorme, chegando á demencia. Não soffria sombra de contradicção. Conforme se deprehende da carta de Comte a Mill, recolhida por Littré, o fundador tractava de heresias

dissidencias d'opinião que topava nos seus discipulos. Quando persistiam, quando eram incuraveis, accusava o coração de ser solidario com esses desvios intellectuaes. D'ahi a enxovalhar a heresia como um crime não medeia senão um passo. Não se julgará a gente em Roma, pergunta um critico, perante o tribunal da Santa Inquisição?

Este orgulho era, de essencia, imprescindivel para incutir no proprio animo a confiança necessaria á confecção de obra tam espantosamente monumental. Mas cerrava o horizonte critico e endurecia o coração.

Fôra de prever, de resto, o feitio psychico de Augusto Comte, attenta sua origem. Elle era de Montpellier, terra do sul da França; provinha de gente de lingua d'oc. O seu catholicismo, até á superstição do culto das imagens, condiz com o hespanholismo affin de idioma e raça de procedencia. Na rivalidade dos meridionaes e dos homens do norte, vibrado o golpe mortal á cultura provençalesca—que Brachet deplora no ponto de vista extreme da simples litteratura—Montpellier, que militara a prol do conde de Tolosa, succumbe na batalha decisiva de Muret. De seguida, o élo com o Aragão e Maiorca successivamente se distende, parte. De vez, a senhoria de Montpellier é em 1349 reunida á França; e, todavia, o rei de Aragão ainda encontra ensanchas de erguer contestações varias.

Sob a fluctuação do accidente historico, perpassa a permanencia do espirito ethnico, que define especialisada modalidade anthropologica.

*Como se* o effeito originario geral não fôsse bas-

tante para a determinação psychica de Comte, a lição presente assistia-lhe ainda.

Assim, elle tinha, vivo, o exemplo dos saint-simonianos. Quando, após Bazard e Enfantin se haverem separado, um novo scisma occorreu na familia socialista, pela retirada de Olindo Rodrigues, quarenta discipulos seguiram Enfantin para Ménilmontant. E ahi começou para elles, combinada com um sentimento profundo da herarchia, a pratica d'uma vida collectiva e o exercicio d'uma religião commum. Adoptaram um vestuario distinctivo e entoavam hymnos, de que um d'elles, Félicien David, compuzera a musica. Serviam para lhes exaltar a alma, dando encanto a seus trabalhos. Em similhantes praticas, o historiador Louis Blanc quiz aperceber o nevrotico futuro. Considerou que os apostolos de Ménilmontant iam, assim, muito adeante das proprias theorias e semeavam á sua roda, sem o saber, doutrinas que, um dia, deveriam fazer olvidar as d'elles.

Tambem não se descuidava, em seu apostolado fourierista, aquelle *excentrico* de Champfleury, Jean Journet a que já n'este volume alludimos.

Não importa. O caso é que Comte foi levado á sua religião *naturalmente*.

Com effeito. Indague-se de todos os fundadores, de todos os patriarchas, de todos os doutores, dos luminares de todas as religões. A resposta dada será sempre a mesma: — a necessidade da revelação das verdades supremas, visto a razão não poder, por seus meios naturaes, a tam alto attingir.

Esta condemnação dos esforços da natureza humana, por impotentes, é constante e regular.

Poderemos vêl-a em algumas proposições caracterisadas? Podemos. E facilmente.

Em S. Basilio, o grande, *Epist.* CCXXXIV, opp., t. III, p. 356; em Santo Athanasio, *Adv. gent.*, I; S. Gregorio Nazianzeno, *Orat.* XIV, 33 e *Orat.* XXVIII, 6, 16; S. Clemente d'Alexandria, *Strom.*, l. V e VI; Santo Iren., *Adv. her.*, l. IV, c. VI; Origenes, *Contra Cels.*, l. VII, § 42; Lactancio, *Instit. div.*, l. II, c. XIV; Athenag., *Legat. pro Christ.;* Santo Hilario de Poitiers, *De Trinit.*, l. V, n.º 20 e l. I, n.º 19; Santo Agostinho, *De ord.*, II, 47, e *De civit. Dei*, l. XI, c. II. Similhante condemnação assenta, por um lado, a fraqueza do nosso espirito; e, por outro, *revela* a ordem das verdades transcendentes.

A este resultado equivoco chegou o espirito desproporcionado de Augusto Comte. N'esta alma vasta e poderosa duas correntes, congeneres mas differenciaes, se combatiam.

Uma era o scepticismo scientifico, empirico, philosophico de Aristoteles, Bacon e Descartes. A outra o scepticismo religioso, mystico de Pascal e dos principes da Egreja. Predominou, por fim, esta segunda entelechia. Ella o levou (por entender que o espirito humano não podia chegar a coisa alguma do superior, do acima do relativo, do primeiro, do porquê, da synthese ultima), ella o levou — a uma religião revelada naturalmente. Porém, mercê do concomitante, e n'elle — indespojavel, espirito sceptico philosophico, essa religião ficou sendo uma religião materialista, uma religião sem Deus, uma religião não religião.

Este processo logico do espirito inconsciente ex-

plica-nos o que não póde ter explicação para o sorbonnismo de Émile Charles, quando consigna que é porventura a primeira vez que o empirismo, levado ás ultimas consequencias na theoria, não tem por corollario o egoismo na moral. Não é. Escusa-se de citar a moral de Confucio; bastaria que se recordasse a bella phrase de Feuerbach, o qual, declarando-se materialista na idéa, se revindicava, por um illogismo subtil e congenere, idealista no facto.

E eis-nos ao ponto, mercê do encadeamento circular das idéas, de regresso, ainda uma vez. Forçosamente, pela coerção da polemica, eis-nos, de novo, volvidos á negação da lei dos tres estados, irreprimivel quando se queira attribuir á presente phase da vida, mental e sentimental, da humanidade, o estado positivista comteano. Como se o já dito não fôsse ainda sufficiente, affirma-se ser esta phase definitiva, a regeneração da philosophia, e tudo o mais, pura e simplesmente, filho da iniciativa de Augusto Comte. Sua acção seria encyclopedica. *De omni re scibili?* Sim. E tambem *quibusdam aliis.* Enlevados exaggeros de papistas mais papistas que o papa, e cujas declamações se repetem, ensurdecedoras.

Por um longo e esmerado trabalho critico, o snr. Sylvio Romero, no seu alludido livro *O Evolucionismo e o Positivismo no Brazil* se emprega na revindicação dos antecessores de Augusto Comte. Este, porém, nunca renegou prioridades, antes se acolheu ao patronato das grandes culminancias historicas. O caso de Saint-Simon é questão pessoal.

De resto, uma consideração geral deve presidir, dominantemente, ao debate.

É que, caso seja certa a phrase *nihil sub sole novum*, muito mais verdadeira se torna ella, se é possivel, quando se tracta da philosophia empirica. E a razão é obvia.

Um systema transcendental tem, visto o facto incontestavel de não poder o espirito humano estar sempre a crear *novo*, tem maior ou menor affinidade historica com outro qualquer systema. Assim, a philosophia de Schopenhauer bebe largamente nas fontes orientaes.

Porém, todo o systema transcendental traz o cunho do pensador que o *cria*, poisque é um resultado *artistico* da especulação *pura* do pensador.

Assim, cada um d'estes toma a sua idéa primordial—*base*—e d'ahi constroe, como cada artista lança os seus alicerces, como cada *litterato* faz o esqueleto da sua obra, filha da sua só especulação e irreductivel á experiencia. Entenda-se o legitimo alcance da proposição. *Est modus in rebus.* Na relativa medida que é permissivel á originalidade no humano engenho.

Mas, emfim, — e é o que nos cumpre óra — se cada pensador idealista toma sua idéa primordial e d'ella enreda, claro está que o systema lhe pertence propriamente pela base, sua especulação ou sua apropriação modificatriz, e pela construcção, sua obra d'arte philosophica, superior e transcendente.

Assim como os aleijões aos infimos, os primores pertencem, em arte, aos grandes espiritos que os *fizeram:* o cabo d'um punhal burilado a Cellini; os arranques desesperados da dôr de Werther a Gœthe.

É n'esta intuição, inconsciente bailando no espirito, que se fundam as classificações modernas. Oc-

cupando-se da historia da poesia epica, Angelo de Gubernatis estabelece, no estudo, duas grandes repartições: a das epopeias nacionaes, a dos poemas individuaes. E é forçado a reconhecer que, mercê da prevalencia da arte do poeta sobre a entidade do assumpto, «gli uni entrarono facilmente negli altri, e ciascuno participa della natura d'entrambi.» E, sendo assim, a invenção original é que domina.

Identicamente, todos os systemas transcendentaes, filhos só da especulação dos seus creadores, são d'elles propriamente. D'ess'arte a theoria do espirito absoluto é de Hegel, como a theoria da vontade pertence a Schopenhauer. Com o coefficiente de correcção que já atraz introduzimos.

A philosophia empirica, porém, como a sciencia, sua mãe e directora, não é propriedade, evidentemente, d'este ou d'aquelle.

Quando Darwin proclamou a lei da selecção natural na lucta pela existencia, Darwin não fez, manifestamente, essa lei, proclamou-a, tão só; não inventou: achou, descobriu. Quando Newton encontra o principio do binomio que toma o seu nome, elle não cria, não faz esse resultado; tem unicamente a gloria de o achar e exhibir, demonstrativamente deduzido.

Portanto, n'esta ordem de trabalhos não ha a considerar (mas admirativamente) mais do que o labôr da descoberta, do que o estudo, do que a grande intelligencia, o meio seguido, a inducção e a deducção, a argumentação produzida, o raciocinio observado. Mas nunca a creação, como a de uma obra d'arte ou d'uma feitura industrial. Das creações hu-

manas, só duas são, prolificamente a seu turno, creadoras: a esthetica, no amplo sentido que certos allemães dão a esta palavra; e a technologia.

Quanto á philosophia empirica, ella não é, repetimos, obra d'este ou d'aquelle. E porque? Pela razão simplicissima de que a philosophia empirica é filha da *observação*, sobre cujos dados se exerce *naturalmente* a razão.

Todavia, estas observações clarissimamente intuitivas, — incrivel coisa! — parece que jámais as fez Littré, o illustre discipulo dissidente de Augusto Comte.

Para elle, a philosophia positiva como objectivada concepção, a phase positiva da humana realidade são de Augusto Comte oriundas e a esse pertencem, por direito de senhorio, primacial e propriamente.

Assim, affirma: «Eu, quando digo philosophia positiva, entendo Augusto Comte e este livro, a que ponho um prefacio; não seria justo velar sob um termo impessoal o louvor devido a um grande nome e a um supremo serviço.»

D'este modo, Augusto Comte foi um *innovador*. E o *supremo serviço* de Augusto Comte consistiu em assentar a philosophia positiva, poisque, quando falla de philosophia positiva, elle o diz, Littré entende Augusto Comte e o seu livro.

Descoberta admiravel, que, a haver-se dado em verdade, ainda augmentaria a gloria de Comte, tornando-a excepcional, assombrosa e unica.

Mas não! Para se pensar d'um modo positivo, observa com fina ironia Ch. Pellarin, não foi preciso que Augusto Comte apparecesse, poisque o seu tão *preconisado* methodo positivo não é mais do que «o

processo seguido nas sciencias exactas», já tão usado por todas as escholas empiricas, como todos sabem. E aqui, consoante dissemos, a lei dos tres estados bate, como frequentemente, em falso, poisque se não chegou tão só agora á phase positiva pelo impulso, pela *regeneração,* pela *renovação* de Augusto Comte, conforme erradamente julga Littré.

Não! A lei dos tres estados é, no lance, como em outros, redondamente falsa e quadradamente erronea: a philosophia de Augusto Comte, como todas as philosophias empiricas, não é a creação d'elle, visto como *crear* systemas importa, desdenhando a *experiencia,* cahir no erro das doutrinas transcendentaes e absolutas.

O ensino da chronica dos systemas facilmente nos elucidaria sobre o assumpto.

Assim, não se chegou hoje ao modo de vêr positivo em virtude da *regeneração* de Augusto Comte, como, prefaciando Leblais, terminantemente o declara Littré. De todo o tempo, o espirito humano marchou, quando positivamente, positivamente, sem esperar por nenhum Comte-Messias da relatividade, porvindoiro e futuro. O proprio Comte o reconheceu, aliaz, desde que escrevera: «O methodo positivo é necessariamente, como o methodo theologico ou metaphysico, a obra continua da humanidade inteira, sem nenhum inventor especial.» Das conclusões geraes do seu curso, esta é a que marca ao conjuncto o criterio prevalecente.

Mais papista do que o papa, Littré affirma-nos, porém: «A grande innovação que deu um systema geral ás sciencias positivas é obra de Comte...»

doutrina que confiava ás idéas a formação dos principios geraes... não cahiu senão deante de Augusto Comte... Comte achou a philosophia occupada pela metaphysica, tornou-a positiva...». E não recorda que o proprio Comte dá a sua obra como complemento da vasta operação de Bacon, Descartes e Galileu, assentando elle perante nós, tambem, a analogia entre o seu methodo e o da philosophia natural ingleza, depois de Newton.

Mas, então, quaes fôram essas descobertas decisivas de Augusto Comte, mercê das quaes elle seja um *innovador?*

Foi o primeiro que, na opinião de Littré, separou o abstracto do concreto. Isto custa a crêr. Até Augusto Comte a especulação humana confundiu o abstracto com o concreto! Não houve logica nem existiram logicos até que Comte nascesse!

Não se distinguia, até Comte, o contingente do necessario, o absoluto do relativo. Mas então, para que Comte fôsse intelligivel, seria preciso que coincidisse com o seu advento uma revolução nas condições formaes do espirito de todos e de cada um dos homens — sem a qual o seu ensino seria incomprehendido. Todavia, já Buffon enfiara os seus punhos de renda para intercalar, com bizarra coincidencia, no seu texto sobre os quadrupedes, a observação logica de que: «O absoluto, se existe, não está ao alcance dos nossos conhecimentos; não julgamos nem podemos julgar das coisas senão pelas relações que ellas teem entre si.» A evidencia affigura-se, pois, como impondo-se sobranceira.

*Proseguindo*, porém:

É o caso concordante que, segundo Littré, foi Comte, outrosim e homologamente, o primeiro a estabelecer a historia como um phenomeno natural.

Perfeitamente observa Vacherot que Vico havia já, na sua famosa *sciencia nuova*, comprehendido o fim, o objecto e o methodo da historia consoante ella é considerada modernamente.

Condorcet, no seu *Quadro dos progressos do espirito humano*, fizera uma tentativa util, e commovente pelas circumstancia em que foi elaborada, de systematisação da historia humana, observada no evoluir de suas transformações, naturalisticamente consideradas.

Até mesmo Voltaire, no *Ensaio sobre os costumes e o espirito das nações*, procurara fixar experimentalmente as caracteristicas differenciaes das successivas culturas. Estudando-o a este proposito, o eminente Strauss colloca Voltaire entre Bossuet e Herder. Corrige Narval a Strauss; e a Voltaire o remette para entre Herder e precisamente Augusto Comte.

Quanto a Bossuet, o proprio Comte declara que a intelligencia das relações geraes dos factos, a sua explicação logica, essa *sciencia nova* foi entrevista pelo eximio orador. Se confusamente, graças ao seu criterio theologico segundo Comte e, para nós, mercê da abusiva applicação da interpretação synthetica adoptada, nem por isso deixamos de deparar ahi com um exemplo ainda de consideração da historia como phenomeno natural. Sómente, insufficiente. Onde formou, de resto, o proprio Comte suas idéas ácerca das phases capitaes e decisivas do desenvolvimento da cultura occidental? Não foi, exclusivamente, deixando

fóra seu orientador lemma providencialista, não foi em José de Maistre? Foi. A todo o instante, para elle appella e da sua auctoridade se soccorre. Todavia, a não ser de passagem em Laurent, a influencia immensa, determinante de José de Maistre (e implicitamente de toda a eschola neo-catholica ultramontana) no espirito de Augusto Comte não tem sido assignalada ao de leve sequer, quanto mais com o frisante relevo que urgentemente reclama.

Pelo que a Herder quadra, seu proposito o proclama, ao emprehender tarefa. Consiste em procurar «uma *philosophia da historia da humanidade por toda* a parte» aonde as suas investigações podiam attingir.

Vamos ao acaso, para não nos fatigar e, pois de nossa companhia, para não cansarmos tambem o leitor.

A questão é banal, de resto; e peza que a voluntaria subordinação de Littré coaja a demonstrar verdadeiros logares-communs.

Á vasta serie dos seus estudos da annalistica da humanidade, Laurent encerra-a com um volume ácerca da philosophia da historia. A primeira parte d'este tomo ultimo consagra-se á *doutrina* que, até elle, tem sido expendida pelos auctores que hão considerado, por egual, a historia como phenomeno naturalista. Analysa, portanto, Laurent os seguintes: Bossuet, Vico, Voltaire, Frederico II, Kant, Montesquieu, Herder, Renan, Thiers, Hegel, Comte e Buckle.

Em Inglaterra, o douto professor da universidade de Edimburgo Roberto Flint desenhou escrever *The philosophy of history in Europe,* obra de que *sahiu logo* a primeira parte, *Philosophy of history in*

*France and Germany*, destacada, na versão franceza de Carrau, em dois volumes especiaes, peculiarmente para cada paiz.

No referente á França, consigna Flint e ahi estuda: Bodin; o cartesianismo; Bossuet; Montesquieu Turgot; Voltaire; Condorcet; a eschola theocratica Saint-Simon e Fourier; Cousin e Jouffroy; Guizot; a sequencia da eschola socialista: Buchez e Leroux Augusto Comte; a eschola democratica: Michelet e Quinet; finalmente, a sequencia da eschola democratica: de Tocqueville, Odysse-Barot, de Ferron e Laurent.

Mal tractado na theorica de suas trez leis, cujo systema Flint declara falso de lez-a-lez, Odysse-Barot vinga-se julgando-lhe o livro severamente. É na sua informação sobre a litteratura contemporanea na Inglaterra. Ahi registra que, em todas as epochas, houve uma certa tendencia nos espiritos philosophicos para unificar a historia, para entrevêr vagamente as leis que governam a vida social. Com effeito, já Aristoteles, por uma parte, os sophistas, por outra, haviam tido como que uma intuição da verdade. Mas, segundo Odysse-Barot, seria só em nossos dias que essa tendencia revestiria uma fórma scientifica.

Increpa Flint por não haver feito resaltar exactamente o papel de Rousseau e de Mably, entre outros pensadores ainda. Declara que Flint foi mais fiel á sua tarefa, quando mostrou como a philosophia da historia surgira na França, que lhe foi berço, a partir do seculo XVI. As fundações da sciencia nova, consoante, a seu juizo, o faz observar justamente o insigne professor escossez, fôram postas não só por

Étienne Pasquier, em suas *Recherches sur la France*, como por Agrippa d'Aubigné, como sobretudo por Montesquieu, que, de resto, tomou muito de empréstimo a Pasquier, da mesma maneira que enormemente deve a Machiavelo.

Para Odysse-Barot é, comtudo, da grande Revolução que data, na realidade, a philosophia da historia.

Pelo que toca a esta nova sciencia em sua cultura na Allemanha, Flint estuda, por seu turno, os seguintes: Leibnitz, Iselin, Wegelin, Schlozer, von Muller, Lessing, Herder, Kant, Schiller, Fichte, Schelling, Stuthyman, Sheffens, Goerres, Frederico Schlegel, Krause, Hegel, Bunsen, Lasaulx, Lazarus, Lotze e Hermann. Isto desde os rudimentos da historiographia na Allemanha.

Implicando com Machiavelo, os ensinamentos (accordes no apparente dissentimento) dos respectivos livros, desenhando a sinistra figura do Principe e deduzindo da republicana textura de Livio, todos se fundam na lição dos factos, considerados como phenomenos naturaes, logicamente entrelaçados no conjuncto da historia. Quanto á sua «Historia de Florença», Hallam preceitua: «Machiavel was the first who gave at once a general and a luminous development of great events in their causes and connexions, such as we find in the first book of his History of Florence.»

Em a philosophia da historia romana, a dentro da sua famosa these coroada pela Academia franceza, poisque de Machiavelo cumpre que nos occupemos *primordialmente* entre os modernos, aventa o ironico

Taine que um manual de homens de estado não seja precisamente uma philosophia da arte. Registra que, em um politico do seculo XVI, o seu livro não passe d'uma collecção de maximas praticas. Mas, como ellas procedem dos factos historicos empiricamente considerados, é o que para o lance nos importa. De resto, elle aponta as leis verdadeiras, encontradas por acaso e por indemne rectidão de espirito.

Com respeito a Livio, Taine vai indagar de sua philosophia da historia. É original o exhibido juizo ácerca das arengas diffusas e constantes de que as decadas estão repletas. Aparta-se do parecer tradiccional, que as considerava a macula da obra, como pompas inventadas, improprias, inverosimeis e inconcordantes. Para Taine, ellas são o principio vital do organismo chronologico de Tito Livio. Diz que elle é philosopho precisamente porque orador seja. «Por este titulo, os discursos de Tito Livio são a parte mais util da sua historia. É ahi que elle raciocina e reflexiona. As sentenças dos seus capitães são theorias; e adrega que, observando as almas, elle explica os acontecimentos.»

No proprio acanhamento critico da nossa oppressa peninsula, poderiamos distinguir os rebentos de instinctivas primicias, que não lograram multiplicar. Mas, como quer que Pi y Margall, no anno de 1854, escrevesse e publicasse um excellente juizo critico das obras de Juan de Mariana, n'elle archiva, fallando-lhe da famosa historia, o censurado geito peculiar de Tito Livio, com immediata interpretação—analoga á de Taine: «Con el proposito de dar mayor interés á lo que refiere, hasta pone con frecuencia en boca

de sus personajes arengas que no consiente ya la severidad de la Historia; por ella arroja no pocas veces luz sobre los obscuros móviles de actos de importancia.»

E conviria, até, que relembrassemos o nosso Damião de Goes, o primeiro chronista critico que tivemos, e um espirito verdadeiramente encyclopedico, em convivencia com as mais elevadas capacidades da Renascença e da Reforma. Mas muitas vezes a auctoridade mandava, n'este negregado paiz, truncar ou eliminar certas paginas das chronicas; é por isso que espiritos eminentes, como um Lopes de Castanheda, um João de Barros ou um Diogo de Couto, ficaram simplesmente *narradores* annalistas, e que aquelle que procurou dar á historia uma feição *critica*, Damião de Goes, morreu, assegura-o o nosso eminente publicista, snr. Theophilo Braga, «victima da sua independencia intellectual.»

Esmiuçada a revindicta de Littré em prol de Augusto Comte, pelo que toca á philosophia da historia, desde os mais despercebiveis elementos d'esta na méra critica dos factos occorridos até á sua ulterior systematisação n'um corpo conjugado de idéas complexas e prevalecentes: o que resta d'essa pretensão exaggerada? Que Comte se integra, em seu logar, n'um desenvolvimento que nem d'elle partiu nem sequer n'elle encontrou um dos mais altos pontos da caprichosa curva de seu desenho.

Olvidado de sua modesta referencia a seus legitimos predecessores, diz Comte ter elle logrado, o primeiro, a honra de conseguir passar para o estudo dos *phenomenos* sociaes o espirito positivo.

É nas palavras seguintes: «Os methodos theologicos e metaphysicos que, relativamente a todos os outros generos de phenomenos, não são já *agora* empregados por pessoa alguma, quer como meio de investigação, quer mesmo sómente como meio de argumentação, são ainda, pelo contrario, exclusivamente usados, sob uma e outra relação, para tudo o que diz respeito aos phenomenos sociaes... Aqui está, pois, a grande mas a *unica* lacuna que urge encher para acabar de constituir a philosophia positiva... Tal é, ouso dizel-o, o *primeiro* fim d'este curso, o seu fim *especial*.»

Mas, attentemos no caracter das extremes vesperas da systematisação positivista.

E, attentando, parece que, antes d'Augusto Comte, o modo de vêr positivo, scientifico fôra tomado por todos aquelles vultos giganteos dos precursores da Revolução. Citaremos? Mas o embaraço da escolha destaca inextricavel.

Eis aqui Beccaria no *Tractado dos delictos e das penas*. Eis aqui Montesquieu, no *Espirito das leis*, como declara o proprio Comte, quando, em o tomo IV de sua obra fundamental, versa o capitulo onde nos mostra *as tentativas feitas até hoje para constituir a sciencia social*. Ahi nos diz de Montesquieu que «em toda a parte se manifesta n'elle uma tendencia preponderante a conceber os phenomenos politicos como tão necessariamente sujeitos a invariaveis leis naturaes, conforme todos os outros phenomenos quaesquer.»

Quanto a Condorcet, são categoricas e decisivas as palavras que Comte lhe consagra. Não se

mittem duvidas: «a concepção geral do trabalho capaz de elevar a politica á classe das sciencias d'observação foi descoberta por Condorcet. Foi elle o primeiro que viu claramente que a civilisação se encontra sujeita a uma marcha progressiva, cujos passos todos estão rigorosamente encadeados uns aos outros segundo leis naturaes que a observação philosophica do passado póde desvelar, e que determinam para cada epocha, d'uma maneira inteiramente positiva, aperfeiçoamentos que o estado social é chamado a experimentar, quer nas parcellas quer no seu todo. Não só Condorcet concebeu por isso o modo de dar á politica uma verdadeira theoria positiva, mas tentou estabelecer essa theoria, executando a obra intitulada *Esboço d'um quadro historico dos progressos do espirito humano*, cujos o titulo só e o introito bastariam para assegurar ao seu auctor a honra eterna de ter creado essa grande idéa philosophica.»

E Turgot não esquece a Comte, por môr de Condorcet, a respeito do qual «uma justa apreciação exige, todavia, que não se olvide a alta participação antecipada do seu celebre amigo, o sabio Turgot, cujas preciosas observações primitivas sobre a theoria geral da perfectibilidade humana haviam, sem duvida, utilmente preparado o pensamento de Condorcet.»

Acharia Comte as leis dos phenomenos sociologicos, resolvendo, consequentemente, a questão social, conforme veio, desde 1852, no seu parcellarmente ao depois repudiado livro *Conservação, revolução e positivismo*, affirmando, insistentemente, todavia, *Littré?*

Mas as soluções por Comte propostas para a questão social são, por via de regra, verdadeiras monstruosidades. O longo desenvolvimento d'esta affirmativa constitue o assumpto especial da obra, já por vezes referida, do cunhado de Littré, o fourierista Pellarin.

Ao deante, aquelle e os discipulos prudentes de Comte, após um instante de logico arrastamento, volveram á rasão e repudiaram quasi integralmente o curso da *Politica Positiva,* que a essas pseudo-soluções se destina.

De resto, ainda que encontradas houvessem sido, a humanidade, nem mesmo em sua funcção especulativa, com similhantes soluções lucrara grandemente. Poisque, ignorando-as ou desdenhando-as, não só as não applicara como, a proposito, continuaram a congeminar, de propria conta, varios dos seus *representative men.*

Antes de Comte, egualmente com aberrações, semeara lucidas verdades o conde de Saint-Simon. Fourier tivera descobertas admiraveis e intuições de um verdadeiro genio. Menos dotado, o bom-senso chimerico — o que parece incongruente e é vulgarissimo — de Ricardo Owen lograra effeitos, consideraveis como ensinamento. Depois e concomitantemente, as soluções de Comte detiveram, acaso, o caminho aos economistas philanthropos ou aos socialistas revolucionarios? Cederam, porventura, as officinas nacionaes de Marie? Desistiu a organisação do trabalho de Blanc? O credito gratuito de Proudhon? As cooperativas de Schulze-Delitsch? O recrutamento associativo de Lassalle?

O que marca o progresso feito depois de Comte para cá reside, a este respeito, principalmente em se não pretenderem glorias da especie das por que Littré saúda o seu mestre. Considera-se absurda jactancia o encontrarem-se soluções definitivas.

Reputa-se tal procedimento pura e extreme metaphysica — da má entre as pessimas.

Póde, mesmo, o inventor do systema ou o descobridor das soluções, em vez de ser um crente como Fourier, ou um vago idealista como Saint-Simon, apparecer-nos como um *fieffé* materialista e incorrigivel atheu, qual Ricardo Owen. Por isso mereceu os elogios calorosos de Herzen filho, que, para exemplificar o conceito determinista da sua *Physiologia da vontade*, recorre, em capitulo final e decisivo, a experiencias (que não diriamos em *anima vili*, mercê do respeito ao homem devido e, mais que muito, devido ao trabalhador). Fizeram-se na colonia demonstrativa de New-Lanark. Mas nem por similhante titulo, elle deixa de pertencer, com Fourier e com Saint-Simon, á phase do socialismo utopico, contraposto ao socialismo scientifico. Ou, adoptando a terminologia comteana: socialismo metaphysico; socialismo positivo.

Este caracterisa-se por que as soluções appetecidas não derivam (feitas, completas) do cerebro privilegiado d'um inventor. São o resultado do processo historico, anonymo, collectivo.

Como em todos os seus coevos congeneres, Augusto Comte (que, no aspecto negativista do seu debate, nenhuma original divergencia peculiar offerece) *viu o que o socialismo* viu e criticou até onde elle

criticou. Conforme o relembra no seu subtil opusculo Frederico Engels, o socialismo criticava, é certo, a producção capitalista e os seus corollarios; mas não a explicava e não podia, por consequencia, destruil-a theoricamente; não lhe era licito mais do que o rejeital-a como má.

Augusto Comte ainda, porém, foi mais conservantistamente retrogrado. Manteve, apropriando-se d'elle para seu programma reconstituinte, o typo capitalista que encontrou feito. Os seus discipulos orthodoxos exaggeraram até o seu burguezismo.

E — curiosa coisa! — deram-lhe um sabôr de hypocrisia bemfazeja, que os approxima até os nivelar com o jesuitismo mais refece. A resignação na subordinação que (sob a etiqueta vaga de «incorporação do proletariado na sociedade moderna») elles prégam ás classes obreiras é revoltante. Desvenda, novamente, o egoismo d'uma classe sacerdotal, fazendo, como a catholica, a côrte aos detentores dos bens terrenos.

N'este repugnante aspecto do debate, está magistralmente conclusa, no Brazil, a indignada replica do snr. Sylvio Romero. Discute elle essa chamada incorporação, pelo positivismo, do proletariado na sociabilidade contemporanea. E toma para thema da sua redarguidora prosa passagens varias da biographia de Benjamin Constant elaborada pelo incansavel e faccioso, illustre e fanatisado propagandista orthodoxo Teixeira Mendes.

O que ha de mais typico nas explanações d'este é (sobre o inconsciente decalque do estylo do fundador, levado aos extremos da copia confundivel) o

ar beato e compungido com que se pretende consolar o pobre, harmonisando-o com a sua sorte. Entedia este *cant* de nova especie; e a prosa da positiva conformista rhetorica exhala fumos de alfazema e incenso que tresandam. De resto, é cynica, sem dar por isso.

Mas por isso déram, mais ou menos, os positivistas heterodoxos, com Littré á frente, o qual — porque nunca a houvesse perdido de todo, e successivamente fôsse recuperando a autonomia do seu espirito — houve de as ouvir duras, da fileira dos mais exaltados dos supersticiosos. Estes, como Poey, por exemplo, não se pejaram de á conducta d'aquelle, ainda nos pormenores concretos mais melindrosos (como na acção judicial movida aos testamenteiros), lhe attribuir indignas intenções de inconfessaveis designios.

Por isso déram emfim, dissemos; mas nunca se alhearam do chimerico afan de buscar soluções integraes, em seu acostumado anhelo de leis synthéticas. Seria excellente, por certo; mas não póde ser ainda. Nunca o poderá, talvez. Racionalmente se presume que jámais. Mas seja como seja. O que é incontestavel é que, por agora, nem pensar n'isso cabe.

Em todo o caso, insistem elles em pedil-as, essas almejadas soluções integraes, poisque ás de Comte as rejeitaram já.

Assim, quando appareceu a primeira parte do *Capital*, de Karl Marx, a *Revista de philosophia positiva*, de Paris, censurou o auctor, simultaneamente por haver feito economia politica metaphysica e por *se haver limitado* a uma simples analyse critica dos

elementos dados. Ella queria outra coisa mais. Com a grosseria aggressiva de todos os escriptores judaicos (Engels, Ruge, Heine; Tobias Barreto deve ser de origem abrahamica; tem todas as caracteristicas e fornece os indicios todos), — Karl Marx define brutalmente o que os positivistas orthodoxos pretendiam. Esperavam d'elle o favor «de formular receitas (comtistas?) para as *marmitas* do futuro.»

Mas o problema não residia ahi; estava em determinar o logar historico da producção capitalista no desenvolvimento da humanidade, provando a sua necessidade para um periodo historico dado e, por isso mesmo, a necessidade outrosim da sua queda futura.

É pouco? É, para quem, como o positivismo orthodoxo, possua, integralmente, as soluções. São as de seu mestre, Comte. D'elle serão, mesmo, afinal, na rigorosa, rigida verdade?

Pois diz-se: as soluções de Comte! Mas quaes são, de proprias, as soluções, novas?, de Comte?

Passarão ellas, porventura, d'uma copia servil do regimen da edade-media, por cujo theór Comte era fanatico?! Todo o seu coevo romantismo emanuelico nutria superstição similhante. Fôsse esse romantismo (lyrico e saudoso) de origem catholica; fôsse a procedencia, monarchica, ultramontana; fôsse feudal ou jesuitica: — emfim, de qualquer maneira e por qualquer typo, comtanto que reagisse sempre contra os principios inestheticos, (por niveladores) da Revolução. Ainda que não concordassem entre si ou mesmo se hostilisassem, as tendencias, só unanimes no esforço commum de reversibilidade, — eram

simultaneamente acceites e professas. Assim se recorta no começo do seculo um periodo bem caracterisado de reacção religiosa.

D'est'arte, as soluções de Comte resultam impias. Ellas são, nada menos, mas nada mais, do que a instituição catholica sem a idéa de Deus.

Comte esconderá isto? Pelo contrario: da monstruosidade se ufana. Comte, vamos vêl-o, é o primeiro a affirmal-o quando diz que a organisação catholica deve presidir finalmente á indispensavel organisação espiritual das sociedades modernas!

Com effeito, elle avança que «o que devia perecer no catholicismo era a doutrina e não a organisação, que não foi *passageiramente* arruinada senão em consequencia da sua inevitavel adherencia elementar á philosophia theologica, destinada a succumbir gradualmente pela irresistivel emancipação da razão humana, emquanto que uma tal organisação, reconstruida convenientemente sobre bases intellectuaes simultaneamente mais extensas e mais estaveis, deverá finalmente presidir á indispensavel reorganisação espiritual das sociedades modernas.»

Comte nada mais fez, pois, do que *reconstruir*; quer dizer, do que supprimir as affirmações theologicas e *accomodar* á phase presente da vida da humanidade.

Inquirir como é que a humanidade chega *no primeiro* estado (o theologico) á *ultima e definitiva* organisação, que o *ultimo e definitivo* estado (o positivo) deverá tomar, não o fazemos. Fastidioso seria isso, porque innumeras são as contradições que Comte fornece da lei. Deixa-

mos ao simples bom-senso erguer espontaneamente esta, como outras identicas perguntas.

Sómente, em synthetico resumo, ao leitor se affigura, por certo, que a idéa de Deus é o que empresta a vida á organisação catholica. Só na crença de que o papa seja o delegado de Deus na terra é que a humanidade se roja a suas bentas plantas. A disciplina não passa de uma consequencia do dogma. E querer conservar aquella sem este é fixar a letra sem o espirito; interpretar a lei, depois de morta, por vocabulos agora inentendidos. Os padres positivistas terão assim o ar d'esses sacerdotes persas que officiam em zend. de que não percebiam uma palavra até á restituição da morta, e perdida, lingua pelo processo comparativo de Burnouf.

Mas regressemos, prestes, ao debatido ponto das precedencias, que tanta bulha faziam em côrtes e concilios, para se occupar uma bancada ou se passar, primeiro, por uma porta.»

Affirmou Comte com prioridade, porventura (consoante se pretende fazer crêr), que as noções scientificas são accumulaveis?

Aqui se aparta de seu mestre, Saint-Simon. Este professava falsamente que as faculdades humanas se succedem, se substituem, mas não se accumulam. É, de resto, o principio vital do erro de Comte: de que os methodos — suppostos — (theologico, metaphysico, positivo) se succedem, se substituem, mas não se accumulam.

Com respeito, porém, ao principio relembrado: antes de Comte Pascal havia tido a mesma idéa,

incrustada n'uma robusta phrase celebre, que o proprio Comte cita com elogio.

Formulou a lei dos tres estados e d'ella derimiu, segundo Littré, o quadro da evolução social? Mas se a essa lei (incorrecta, incorrectissima, como estas considerações contestando a attribuida proclamação da phase positiva *só* por Comte estão deixando entrevêr), se a essa lei famosa a topamos já formulada claramente em Saint-Simon?!

D'elle a tomou Augusto Comte, com infinitas intuições mais, que o fidalgo reformador definira, aliaz de parceria, aqui e alli, com pensadores de variadissimas procedencias. Cite-se a idéa de vir a ser a politica uma sciencia d'observação; cotejem-se os pareceres ácerca da Reforma, ácerca da Edade-media; pense-se na identidade do alvitre da reorganisação do clero no corpo scientifico. Esse foi, mesmo, mais tarde levado a effeito, até que a auctoridade interveio, promovendo querellas, e a seita, desanimada, dispersou, ao som da trombeta de caça businada por Michel Chevalier, que havia de vir a dar em professôr theorico da orthodoxia livre-cambista, acabando por fazer-se, praticamente, accionista de grandes companhias e emprezario de obras publicas. Tal a humana inconstancia...

A demonstração meuda do exhibido asserto póde vêr-se, com referencia a Saint-Simon, na collecção de suas *Œuvres choisies;* e o snr. Sylvio Romero empregou-se em demonstrar copiosamente a evidente flagrancia da reflectida copia. O seu trabalho a este respeito esgota o assumpto, ficando elle liqui-

dado pelo que toca a Saint-Simon, de quem o proprio Comte se confirmara como discipulo, aliaz, consoante sabidissimo é, mesmo entre nós, onde, como no Brazil, pouquissimas cóisas se sabem.

Em face da compromettida lei dos tres estados está-nos, de resto, recordando esbotenada preoccupação de adolescencia.

Como a Camillo Castello Branco, n'uma das suas mais maravilhosas paginas de plasticidade formal, occorrem-nos aquelles «dois versos, de Goethe, filtrados pela glote melliflua do visconde de Castilho»:

*Tornai-me a apparecer, entes imaginarios*
*que me enchieis outrora os olhos visionarios.*

Eis a longiqua miragem. Antes do auctor do *Curso de philosophia positiva*, desenrolando, outrosim, o quadro de evolução social que demanda Littré, era, p. ex., o painel esquecido de Fourier. Todavia, elle destaca, entre mil diversos retabulos da evolução humana, assentes n'uma ou n'outra serie de factos. Esteadas nos processos experimentaes da moderna anthropologia, nem por isso lograram victoria decisiva as artificiaes classificações, offerecidas como *naturaes*, integras e perfeitas. Ha impossibilidade mental de systematisação, attenta a prodigiosa massa de factos accumulados, apparentemente desconnexos, cuja interdependencia se divisa mas não se encontrou nitidamente, quanto mais sua genesica filiação. Os successivos espelhos da *Descriptive sociology*, de Herbert Spencer, respeitantes á França, demonstram-o cabalmente, em nossos dias ultimos. Sem

embargo, nas derivantes do movimento da civilisação, o genio de Fourier traçou com maravilhosa amplitude, clara e substancialmente.

Tracta-se, por ultimo residuo, da classificação das sciencias, elaborada por Augusto Comte?

Ella é a sua obra-prima; e uma das maiores maravilhas do genio humano. Não lhe discutiremos as imperfeições, em cujo cotejo (amparado por Spencer e por Huxley, — moletas que não larga nunca, de seu tropego caminhar) gasta, de conta alheia, Sylvio Romero largas paginas. Este não seria o lance, pois-que de precedencias e effeitos fallemos.

Não conquistou triumpho pleno, definitivamente incontestando, poisque, até, Léfèvre propõe ultimamente uma classificação propria sua. E o mesmo Littré confessou que, em seu systema, Comte apresenta a lacuna da moral e da esthetica, a da psychologia e a da economia politica. Poderia accrescentar a da logica, ponto de partida e ponto de chegada, alpha e omega. (A psychologia, essa, é, propriamente, o sujeito, de que a sciencia seja a objectiva emanação.) Mas, quiçá, o movesse o inconsciente fremito de que, mais tarde, Comte reduzira, na sua ultima obra *(Synthese subjectiva)* as sete sciencias da sua antiga hierarchia á serie tripartita da *Logica* (Mathematica), *Physica* e *Moral.*

A hierarchia encyclopedica possue, sem embargo, uma importancia culminante; e a substituição que pretendeu fazer-lhe Spencer foi — no conceito geral e puro de sua intuição superior — foi, de facto, desastrada. A mesma argumentação contra a conformidade entre a ordem da generalidade e a da evo-

lução não possue o alcance que lhe attribue Littré, o qual com a objecção tanto se afflige. E a originalidade de Comte consiste no typo exterior, objectivo, da sua hierarchia encyclopedica—prejudicado na regressão caracteristica da serie tripartita da sua *Synthese subjectiva*. A classificação de Comte não tem só um incomparavel valor didactico; ella possue um significado monistico cujo merito inultrapassavel tem passado, injustamente, despercebido. Aqui é que está o amago nodular.

Porque, quanto a classificação como idéa de disposição dos conhecimentos, é velho como tudo.

Na verdade, de rapazolas, nos ensinaram que fôra Platão o primeiro philosopho que tentou traçar uma divisão hierarchica das sciencias; e Aristoteles sabe-se que organisou o que o genio de Platão tinha apenas delineado. Desde Descartes, Locke e Leibnitz até Dupont de Nemours, Destutt de Tracy, Bentham e Walker, o esforço mantem-se com o mesmo empenho e identico insuccesso.

Todas estas classificações abortaram, porque provieram fundadas na natureza das faculdades que maior emprego têm nas respectivas sciencias, o que implica uma analoga distincção subjectiva de methodo.

Assim a *partitio universalis doctrinæ humanæ*, do renovador chanceler Bacon. Assim, desenvolvido no celebre discurso preliminar da Encyclopedia, a d'Alembert pertencente, o *Systéme figuré des connaissances humaines*.

Bacon assenta basilarmente tres faculdades, irreductiveis, *poisque* apartam conhecimentos esp

ciaes, de categoria exclusiva: *Memoria, Phantasia, Ratio.* Da memoria deriva a historia, em suas infindas modalidades. Da phantasia, a poesia, que ou é narrativa ou dramatica ou parabolica. Da rasão, sahe a sciencia, proteiforme.

D'Alembert no topo inscreve o Entendimento. A sensibilidade não o affecta; e da vontade não cura. Ora, no entendimento: a memoria, a rasão, a imaginação. E segue. De resto, a classificação da Encyclopedia não passa d'um remodelamento do quadro de Bacon. Augmenta-o. Sua subsidiaria ordem (ou desordem?) irreverentemente a altera.

Comte marcha completamente por estradas diversas; o seu repudio da intuscepção psychologica serviu-o aqui á maravilha.

Tomar-se-ha, seguro, á conta d'uma classificação objectiva a diffusa serie dos quadros synopticos das sciencias e das artes, elaborados por Ampére? São engenhosos como disposição; coordenam-se com a realidade e seu merito didactico ou bibliothechnomico não parece difficil de provar. Porém, o auctor foi verberado de, por amor da symetria, querer achar sempre, e em todas as partes, as mesmas divisões e subdivisões. A nomenclatura tem sido tambem accusada de ser um neologismo continuo, obstaculo mais que sufficiente para repugnar aos espiritos menos afeitos á disciplina do labor scientifico.

A sua insufficiencia, todavia, é de caracter geral; como ás demais, restantes, classificações, exceptuada a de Comte, inquina-a pecha identica.

*É o* conceito basilar, inteiramente subjectivo e *pessoal, por* cujo theôr, segundo Ampére, todo e qual-

quer conhecimento póde ser considerado sob quatro aspectos differentes. A somma dos pontos-de-vista autoptico, cryptoristico, troponomico e cryptologico constituiria, segundo elle, em seu complexo, quanto, por junto, a intelligencia humana póde colher do estudo d'um objecto a que o conhecimento se refira. Tudo isto tem um ar phantastico.

Com Comte nenhuma d'estas chimeras aprioristicas. E a applicação que elle fez da lei da serie á classificação das sciencias não podia ser mais feliz. Sómente — e eis-nos no tom da passagem —, sómente, essa idéa fecunda estava já apontada em Saint-Simon.

Mas aonde fica, então, essa apregoada prioridade de Comte? Reservamos a hierarchia encyclopedica, como maravilhosa effectuação; e, reservada, as demais soberbas descobertas onde param?

Prioridade, no conspecto de conjuncto, em sua philosophia experimental?

Littré assim o affirma. Exorbita. Chega a dizer, até, que ninguem, a não ser Comte, se póde julgar com quaesquer direitos á philosophia positiva «nem *pouco* nem muito, nem directa nem *indirectamente*.»

Todavia, é elle proprio que dá precursores a Comte. Resolve-se a isso, á face de innumeros textos, dos quaes alguns por nós procurados, d'outra parte tambem, como se viu. É Littré mesmo quem proclama—como antecessores de Comte—a Turgot, a Kant, a Condorcet, a Saint-Simon e ao dr. Burdin. Estranha obsecação! Littré não reparou sequer que o Alph. Leblais *que elle prefacia* nos vai apresentando, de todo o tempo, desde que o mundo é mundo, o modo

de vêr positivo frente a frente com o seu antagonico modo de vêr especulativo!

Ha, mesmo, uma d'essas opulentas intuições do genio artistico, que precede a observação e a analyse, e temerariamente, de golpe, rasga os largos horizontes. Elle é, de sua condição, synthetico, symbolico e representativo.

Com effeito, no terceiro andar da parte do Vaticano que foi construida por Nicolau v, encontra-se um fresco celebre, denominado *A Eschola de Athenas*. Pintou-o Raphael, á sua chegada a Roma, de plena posse do seu genio.

A scena passa-se sob o portico d'um edificio de proporções grandiosas. Sobre uma plataforma, a meio enxerga-se Aristoteles e Platão, formando o centro e o nexo d'esta vasta composição, que dominam inteiramente. Com o dedo mostra Platão o céo a Aristoteles, que o ouve friamente, com a mão direita estendida para a terra.

Á direita e á esquerda, discipulos escutam com fervôr as lições dos dois philosophos — das duas philosophias —, lições que são respectivamente repetidas por outros mestres, formando centros parciaes. Entre estes distinguem-se, no primeiro plano, Pythagoras que tem junto a si Empedocles, Epicharmo, Archytas, da banda de Platão; e Archimedes, rodeado do celebre grupo dos geometras, da banda de Aristoteles; do mesmo lado, entre as figuras secundarias, assignalam-se Theophrasto, Critolaus, Euclides, Diogenes; e, á esquerda do espectador, Socrates perorando *ao moço* Alcibiades, Xenocrates, Polemon. O *fundador* relevante da eschola italica escreve sobre

as proporções harmonicas, e o immortal representante da sciencia antiga, curvado sobre uma meza, traça um hexagono com o compasso.

A mesma mythica hellenica collabora na concepção de Raphael. Em verdade, uma estatua d'Apollo, deus da harmonia, domina e inspira os ensinamentos da *Academia*, emquanto que uma estatua de Minerva, deusa da sabedoria, preside aos do *Lyceu* e os orienta.

Pujante adivinhação do grande artista! soberba concordia entre a contemplação esthetica e a contemplação philosophica! Raphael resumiu, ostensivamente, em seu famoso fresco, não só a historia da philosophia grega, mas ainda a historia do espirito humano, toda, completa e inteira.

Perante aquella obra-prima, diz Leblais, com alta emoção e nobre expressão, que d'elle, pobre philosophante, um longo scismar se apoderou. Nos penetraes de seu espirito, da concepção synthetica do pintor d'Urbino desprendeu-se uma lei *geral;* e a idéa do trabalho compendiado em seu volume se desenrolou gradualmente.

Aristoteles e Platão podem, com effeito, ser considerados como os representantes mais eminentes de duas doutrinas fundamentaes e até agora antagonicas. A uma ou outra d'ellas é licito — em parecer do critico que, contradictoriamente, se revindica do positivismo — é licito reconduzir todas as demais doutrinas philosophicas, «todas as explicações do inexplicavel, todas as hypotheses indemonstraveis engendradas pelo espirito humano, seja qual fôr sua infinita variedade.»

Por isso, é interessante o como Leblais imagina que o fresco do Vaticano seria concebido pelo francez Poussin, não havendo o *pintor philosopho* a desejar em seu trabalho presumivel senão esse encanto inegualavel com que Raphael soube dotar as suas menores figuras.

Emergido de iniciaes meditações, e n'uma segunda visita, o parisiense completou a obra pelo pensamento. De principio, mudou de sitio Epicuro, mal a proposito posto do lado de Platão, e Zoroastro, tambem malissimamente collocado da banda de Aristoteles. Tem razão Leblais. Commanda, pois. *Chassez-croizez.* A humanidade ama a dansa. Não foi só Bonaparte eximio em fazer dansar os outros.

Assim, seguidamente, os principaes philosophos da edade media e dos tempos modernos, Thomaz d'Aquino e São Bernardo, Gassendi e Malebranche, Hobbes e Spinosa, Voltaire e Rousseau, Augusto Comte e Hegel, etc., distribuiam-se sem custo em torno dos dois grandes chefes; os sabios de tendencias materialistas, taes como os alchimistas da edade media, Rogerio Bacon, Gilbert, Paracelso, Buffon, Boerhave, Condorcet, Cabanis, Bichat, etc., e os de tendencias espiritualistas, taes como os astrologos, Cardan, Charles Bonnet, Stahl, Herder, Oken, etc., vinham completar e precisar os dois grupos principaes; por fim, o suave e melodioso Virgilio, de lyra na mão, idealisava a philosophia do sentimento, e o grande poeta Lucrecio celebrava com accentos mais varonis o primeiro vôo do genio scientifico.

A combinação é habil, se bem que não exacta*mente* rigorosa; poisque a unidade fundamental, ul-

tima das ultimas, não tolera estas escavadas distincções. Assim, em Aristoteles se pôde estribar a escholastica da edade-media e, se o Augusto Comte do *Curso* vem da aula de Aristoteles, o Augusto Comte da *Synthese* vai para a aula de Platão.

Mas, em todo o caso, o que é indisputavel é que é chimerico suppôr, como o faz Littré, que antes de Comte não houve, nem pouca nem muita, nem directa nem indirectamente, philosophia positiva.

Se philosophia *positiva* quer dizer philosophia *positivista*, decerto que não houve, abstracção feita do apuramento das origens. Mas, se por philosophia *positiva* se entende philosophia *positiva*, então cumpre attender.

Pois a philosophia do seculo XVIII (pelo seu methodo restricto, pelo seu acanhado criterio, pelos seus resultados particulares) não seria inteiramente positiva, absolutamente relativa? Naigeon, d'Holbach, Helvétius, La Mettrie eram bem grosseiramente empiricos, bem positivos. Assim, Léfèvre organisou a sua exposição dos successivos systemas philosophicos, desde a mais alta antiguidade, segundo o conceito que a Leblais inspirou o conspecto do fresco de Raphael. E o idealista Lange não escreveria a sua copiosa *Historia do materialismo*, que, por signal, é uma bella obra-prima?

Dir-se-ha que esses todos eram, precisamente por materialistas, metaphysicos, os quaes, como o continuador Cicero, como Pascal, como Descartes e os espiritualistas, fizeram persistente metaphysica, apezar de crentes na fraqueza do espirito humano, uns e outros. Mas o que seja a religião de Comte (ou

plemento logico e natural da sua philosophia, consoante vimos) senão uma metaphysica materialista?

A contrariedade nunca foi, de todo o tempo, irreductivel.

Olhe-se, por exemplo, o sentimentalista Rousseau, tam infortunado. Com o asserto que produzimos é, typicamente, concordante seu lance a que recorremos. Encontra-se na famosa profissão de fé do vigario saboyano. Por via d'elle, ao seu bem-amado Emilio, Rousseau ensina que «as idéas geraes e abstractas são a origem dos maiores erros dos homens; nunca o palanfrorio incomprehensivel da metaphysica fez descobrir uma só verdade, e encheu a philosophia d'absurdos de que se tem pejo, logo que os despojem dos seus palavrões.»

Mas, mesmo, o criterio historico não póde ser —applicado ao seculo XVIII (como a outro qualquer. de resto)— não póde ser unilinear. Certo que esse seculo XVIII dito, da nossa série, se importava frequentemente com a solução dos problemas primeiros. Eis o caso de d'Holbach, por uma banda; de Rousseau, por outra; de Diderot, ainda por outra. Todavia, frequentemente tambem, a esses problemas, com provisorio enfado, os desdenhava. Assim, vêmos Voltaire dispender a parranice dos seus hemistichios offerecendo-os a demonstrar a inutilidade dos esforços do homem no afan de aferir o absoluto. É uma satyra pungente, que está traduzida em portuguez, verso solto, com o significativo titulo de — *O que são os systemas.*

Não. Esse affectado scepticismo; essa duvida, systematica e methodica, que, de começo, contradi*ctando-a* ulteriormente, o positivismo arvora como cô-

res caracteristicas de bandeira — não surge, aliaz, como coisa nova.

Nas suas multiplas manifestações e variados progressos, todos recordam analoga confissão de fraqueza das nossas forças. Aqui seria o caso trivialesco das locuções populares que definem a vetustica. Mais velho do que...; mais antigo do que...

Estariamos a contas com o scepticismo, provecto conhecido. Desde Gorgias, Protagoras, Pyrrho e Ænesidemo, passando por Montaigne, Charron e o nosso Sanches, que o snr. Theophilo Braga estudou como um precursor do positivismo, poisque lhe dá uma tendencia convergente para «a grande synthese da relatividade pelo accordo e dependencia dos elementos objectivos e subjectivos do conhecimento.»

Não abrindo debate sobre a personalidade estudada, é certo que o scepticismo inicial se vae differenciando—por Bayle, Pascal, Huet—até attingir em Hume a renovação da psychologia, que Locke encetara. Emfim, resurge, com uma forma e profundeza novas, nas vigorosas, excepcionaes criticas de Kant.

O snr. Theophilo Braga pondera que, nas vacillações doutrinarias produzidas, pela renovação dialectica dos jesuitas, em contra da emancipação intellectual da Renascença, era impossivel formar a synthese, para a qual convergiam os espiritos, taes como Bacon e Descartes; assegura que d'esta propria impotencia o nosso Francisco Sanches tirou os elementos com que estabeleceu um negativismo philosophico, «que o tornou o verdadeiro precursor de Descartes, de Kant e de Augusto Comte.»

Mas, seja como seja, o tom especifico da abstenção inicial do positivismo, esse é que é precisamente o mesmo do scepticismo tradiccional. Só os sectarios é que se obstinam a illudir-se a similhante respeito. Os espiritos desprendidos, porém, estes, é que se não illudem.

Assim, em um artigo critico especial, um moderno pensador insigne, que é femea, M.me Clémence Royer, pergunta: «Augusto Comte foi o primeiro que inaugurou essa philosophia negativa?» E responde logo, sem hesitar: «*Nullement.*»

Como já o fizeramos, explica Clemencia Royer que tal é, esta, uma das fórmas seculares do scepticismo philosophico, chamada o *subjectivismo*. A doutrina de Comte remonta (por Kant, Hume e por Berkeley, cujo conceito idealista basilar a illustre escriptora não attentou em como Littré o considera postulado indispensavel para toda a theoria do conhecimento, consoante, pois, egualmente, para o estabelecimento de qualquer sciencia ou philosophia), remonta, por Kant, Hume e Berkeley, até aos eleatas e a Parmenides, entre os gregos. É apparentada egualmente com a sophistica de Carneades e com o scepticismo de Sexto-Empirico. A este respeito, portanto, «Augusto Comte não inventou coisa alguma.»

Quanto á *forma* «scientifica» que a analogo scepticismo originario o positivismo empresta, encontramol-a nos materialistas modernos da Allemanha, hoje,—hoje como já hontem.

Já hontem, por certo, desde que Cabanis escrevia, occupando-se das relações do physico e do moral do homem — pelo theôr seguinte: «Algumas

pessoas parece que temeram, segundo me dizem, que esta obra tivesse por fim ou por effeito o destruir certas doutrinas e o estabelecer outras relativamente á natureza das causas primeiras. Mas isto não pode ser: e mesmo, com reflexão e boa-fé, não é possivel o acredital-o sériamente. O leitor verá muitas vezes, no curso da obra, que nós consideramos *essas causas como collocadas fôra da esphera das nossas investigações e como furtadas para sempre aos meios d'investigação que o homem recebeu com a vida. Fazemos, aqui, de tal a declaração completa; e, se houvesse ainda alguma coisa a dizer sobre as questões que nunca fôram agitadas impunemente, nada seria mais facil do que provar que ellas não podem ser nem um objecto de exame nem mesmo um assumpto de duvida, e que a ignorancia mais invencivel é o unico resultado a que nos conduz, a seu respeito, o justo emprego da rasão.*»

Cabanis pertence ao numero dos doutos e meditativos em cujo convivio mais se comprazia Saint-Simon; acertadamente o addita o snr. Sylvio Romero á lista dos que orientaram o espirito do reformador. De resto, a acção de Cabanis fôra sempre sensivel na sociedade culta franceza; a sua palestra dôce distinguia-se nos salões, conforme o registra Michelet, quando recorda que a elle deveu Condorcet a posse do veneno que o salvou, a elle, da guilhotina e á revolução da ignominia d'um parricidio. Comprehende-se, pois, a vereda da suggestão de Cabanis em Comte e por que intermedio seu effeito n'este se exerceu. Mais n'esta acção acreditamos no que na de Kant, em que insiste M.me Royer. Crêmos que se illude a *illustre dama.*

Tarde foi quando Kant começou a ser conhecido em França; Comte ignorava a lingua allemã, e a primeira explanação systematica da doutrina criticista foi resumida. O volume, publicado em Metz, em 1801, por Charles Villiers, expondo o systema de Kant ou, diz o titulo, os principios fundamentaes da philosophia transcendental, passou despercebido. E, de bem cedo, Augusto Comte abandonara toda e qualquer leitura.

Por isso, Laurent diz sardonicamente que a ignorancia era a musa que inspirava o auctor do positivismo.

É injusto. A sua divergencia leva-o á incomprehensão. Comte deixou de lêr, na verdade por hygiene cerebral. Observara que o excesso de leitura prejudica a originalidade do pensador e perturba a homogeneidade do pensamento. Com effeito. Mas cumpre que haja regra em tudo; e em tudo proporção se mantenha. Foi o que Comte não fez; d'ahi, os seus atrazos inconcebiveis, até em relação á sciencia do seu tempo.

Assim, repetimos, pouco crêmos na efficacia da influencia de Kant. A origem do scepticismo de Comte é mais remota, quanto á leitura. Pela sua substancialidade psychica, mostramos que deriva da inconsciente necessidade de fundar uma religião. Vão annos já que assim o percebemos; hoje folgamos que recentemente se haja, ainda que só roçando-a, encontrado com essa idéa um tam eminente espirito como o da senhora Royer. É quando a Comte attribue o caracter de «revelador».

Cogita esta dama distinctissima que Comte se

enredou na tèa das antinomias kantianas e não soube como desenvencilhar-se. Explica o caso sob o aspero conceito da rude severidade que, geral em seu trabalho, levou os directores da publicação em que viu a luz a explicar a deferencia, em nota previa, de não haverem cerceado o artigo. Isto dá, até, desagradavel idéa da liberdade do espirito ainda agora em França. Adeante.

Explica, pois, M.me Royer como «Comte, que não era dialectico por fóra das mathematicas, não poude encontrar o seu caminho n'esse dedalo sophistico. Não soube sahir do tapado becco kantista senão ás arrecuas, negando a possibilidade de qualquer metaphysica. D'ahi, a sua affirmação, orgulhosamente impertinente, de que o espirito humano nunca irá mais longe do que elle proprio foi no conhecimento da essencia das coisas; que está condemnado, como elle, a não attingir jámais as suas causas primarias e a ignorar sempre o que o *revelador* da doutrina positiva não logrou descobrir.» O grifo é nosso; elle marca a ephemera intuição.

Cuida M.me Royer que a essas causas primarias se póde chegar pelo uso, puro e simples, das forças da rasão. N'este conceito se encontra a annotadora emerita á, sua, versão do livro fundamental de Darwin, n'este conceito se encontra com certos dos luctadores generosos d'esse iniquamente conspurcado seculo XVIII. D'esses tremendos combatentes encontra-se com aquelles que não fingiam a dissimulação, imposta (de dentro ou de fóra) a impossiveis abstenções. Ao contrario. Elles pediam, em altos brados, a

luz do exame da rasão para todas as questões, quer theologicas quer metaphysicas.

Em sua applicação á exegese christã, constituiu-se o que se chamou o racionalismo. Esta eschola teve entre nós, portuguezes, um representante eminente. Foi o snr. Pedro de Amorim Vianna. A sua obra tem um titulo caracteristico. Chama-se *Defeza do racionalismo, ou analyse da fé.* Assim como o *Examen critique des doctrines de la religion chrétienne,* de Patricio Larroque, rompe, naturalmente, com um capitulo sobre a auctoridade da rasão,—assim tambem a *Defeza do racionalismo, ou analyse da fé,* de Pedro de Amorim Vianna, debuta com um capitulo sobre a fé e a rasão, visando a intuito identico. Mais tarde, o notavel pensador alargou a sua investigação e teve de encontrar-se com as concepções basilares do positivismo. Foi no estudo ácerca das relações entre Papillon e Leibnitz e mesmo, em exame especial, das interferencias da physica para com a metaphysica.

Das revindicações do seculo XVIII, ampliadas e allumiadas, se reportava. Mas por esse seu caracter. as personalidades marcantes d'essa centuria—de metaphysicos fôram apodadas. Poisque em certas bôccas o qualificativo seja pejorativo. Á laia dos jacobinos. em França; a geito dos nossos patuleas, cuja etymologia suspeita Camillo Castello Branco que venha da picaresca injuria de *patá ao léo.*

Algum favôr, de vénia, ao positivismo mereciam, no emtanto, esses athletas do seculo XVIII. Na verdade, se elles curavam das questões condemnadas *pelo comtismo, d'onde* a d'onde, os vêmos, conforme já

frisamos, affirmar, com este, em meio de anarchicas especulações, que «nenhum primeiro principio póde ser por nós alcançado.» Quem foi que disse isto? Foi Littré? Não. Foi Voltaire; na obra cujo titulo não póde ser mais designativo: *Le philosophe ignorant.*

Aqui chouteava, cavalgado em sua troça, pelo carreiro experimental que o grande Bacon desbravara, como quando explicou por onde se devia seguir de preferencia, para se andar affoitamente.

Elle preveniu: «Physica siquidem, et inquiritio causarum efficientium et materialium, producit mechanicam. At Métaphysica, et inquiritio formarum, producit magiam.»

Depois explicou, comparando: «Nam causarum finalium inquiritio sterilis est, et, tanquam virgo Deo consecrata, nihil parit.»

Affirma o positivismo a negação das investigações dos problemas metaphysicos.

Essa negação, porém, não será,—de todos os tempos,—o brado da philosophia no desespero, espiritualista ou materialista, por sêr, de todos os tempos, a consciencia da fraqueza do espirito humano? Não vos lembra, entre mil e mil; não vos lembra aquella observação de Cicero, no mundo romano o emphatico representante da nova academia? Elle disse, comtudo, que estão «as coisas celestes acima do nosso alcance» e que: «no caso de as conhecermos perfeitamente, não seriamos nem melhores nem mais felizes.» Segundo seu alvitre, devemos nós, pois, fazer como Socrates, que tractava de «desviar o pensamento humano d'essas questões obscuras....., para

o trazer á vida commum e ao exame das virtudes e dos vicios, do bem e do mal.»

Repare-se, porém,—poisque do assumpto, não sem tempo, nos estamos, por agora, a despedir,—repare-se na singular presumpção d'innovação—do positivismo. Todavia, em face de sua critica substancial, apresenta-se a dialectica rigorosa de Kant nas famosas antinomias. Por seu intermedio, procura elle mostrar a inanidade da metaphysica, visto como, sobre as questões transcendentes, se pode affirmar egualmente com a mesma razão o pró e o contra. Ahi, sem embargo, se topa com mui mais do que as objectivas restricções positivistas; assombra a profundidade do aterro logico que o genio psychico conseguiu desmontar.

Comtudo, ha — na differença dos processos — na identidade dos resultados analogia de engano.

Não obstante o recurso historico, está elle aqui,— na affirmação *à priori*, e inteiramente gratuita, da impotencia irremediavel do espirito humano, que é o que faz o fundo da doutrina positivista. Esta consiste, estructuralmente, em negar que seja possivel uma ontologia; e M.me Royer volve a encontrar-se comnosco, desde que affirmamos que o positivismo (como a doutrina de Kant, da qual ella erroneamente suppõe que elle parte) não passa d'uma negação metaphysica da metaphysica.

Voltando, porém, ao ponto de partida. Metaphysica, a gente do seculo XVIII! Mas que pagina mais acerba de cruel ironia contra a metaphysica do que o vbo. *Métaphysique*, do *Dictionnaire philosophique* de Voltaire?

Aonde está, pois, tornamos a tornar, a exclusivista prioridade intractavel de Augusto Comte?

Salvas intermittentes vacillações do legitimo orgulho, este não reconhecia em si mesmo precedencia mais do que no que elle dizia de vir trazer aos phenomenos sociologicos a critica da phase positiva, assertando haver *creado* a sociologia, ou *physica social*.

Porém, como interpretação historica do passado, a sociologia de Comte falhou. Dos erros de apreciação foi causa o simples desconhecimento elementar da contextura dos factos. Na philosophia da historia de Comte, a ignorancia representa um grande papel —assevera Laurent. E mostra-o com exemplos flagrantes, ás mãos-cheias. Como previsão politica de futuro, a sociologia de Comte desmanchou-se nas soluções as mais ridiculas ou as mais odiosas. Aonde quer ir Littré buscar, pois, n'este campo, para Comte os laureis de precedencias meritorias?

Notavel é, portanto, o favor immenso de que gozou o positivismo. A razão resulta, comtudo, bem simples.

Do idealismo, por sua banca-rôta, desgostada a geração nova, lançou os olhos para a zona empirica. Ahi lhe appareceu justamente a proposito a doutrina de Augusto Comte. Justamente a proposito, diz, como nós, E. Cazelles no prefacio que poz a seu transplante da *Circulação da vida* de Moleschott. Elle affirma assim um facto realmente notavel.

Dos typos tradiccionaes do materialismo classico, este materialismo mitigado era mais attrahente ou menos repulsivo. Disfarçava-o uma semi-mascara

elegante. Não era, como aquelle, feio e bruto. Ainda hoje a sua tosca apoesia choca. Recentissimamente, derivando da *actualidade:* a hecatombe da rua Jean-Goujon, é com implicito desgosto que, em seu segundo ensaio sobre o psychismo social, Roberty falla. Rezinga o seu virtuosismo esthetico que o encantem as côres e o deliciem os zumbidos, vê-se, de qualquer «mosca materialista, evadida dos laboratorios dos Vogt, dos Büchner, dos Moleschott e consortes.» Esta antipathia, ingenita, favoreceu a eclosão do positivismo.

Elle foi preferido ao seu progenitor, mais rugoso. E porquê?

Porque satisfazia a tendencia do espirito scientifico a se não occupar das questões primarias, insoluveis ao furtivo relance e sempre arduas, desde a primeira inspecção. Correspondia o systema tambem á apathia de muitas intelligencias. Fallazmente, como o filho ingrato de Noé, elle desvendava as faltas, apontava os erros, ria das lacunas e presumpções de seu velho pae, adormecido. Punha em principio um nojo insanavel por toda e qualquer especulação metaphysica.

Ora, essa repugnancia era, é e será ainda longo tempo, possuida pela medianidade dos apreciadores exclusivos dos resultados concretos das sciencias. Estes são os talentos mediocres de que Comte se lastimava com tanto aproposito. Inscrevia-os sob a etiqueta, geral, theorica da especialisação crescente, que, em detrimento da generalidade das concepções, —a esses tantos os fazia notorios, e nefastos, mercê *da usurpada* auctoridade mental que a ignorancia

admirativa das collectividades abusivamente lhes confere.

A propaganda de discipulos de uma vasta capacidade proselytica completou a obra. Sua grande força residia no primôr da fórma litteraria, que os tornava eminentemente accessiveis. Bastará citar os maiores de todos, Stuart Mill e Littré; em geral, os heterodoxos. Poisque os orthodoxos trouxeram do fanatismo do convivio exclusivo da lição do mestre as feições de um estylo apautado e hirsuto, consoante já frisamos.

N'estes termos, tem toda a justiça Vacherot em seu parecèr. Elle, em 1863, affirma:

«Com toda a certeza, o espirito intractavel do pae da eschola positiva, as fórmas laboriosas e um pouco pezadas da sua dicção, as suas estranhas pretenções á fundação d'uma religião, as suas idéas, muito pouco liberaes e demasiadamente impregnadas de saint-simonismo, sobre a organisação hierarchica das sociedades, tudo isto e outras causas ainda eram outros tantos obstaculos para o irradiar da philosophia positiva ..... O primeiro discipulo de Augusto Comte, superior ao mestre a certos respeitos, não tem decerto nenhum dos seus defeitos. Espirito muito liberal, muito cultivado, tão versado nas sciencias historicas, moraes e philosophicas, como nas sciencias mathematicas, physicas e naturaes, caracter nobre e modesto, sem outra paixão a não ser a da verdade e a da liberdade, o snr. Littré é bem o homem feito para abrir, a todos os amigos da sciencia e da philosophia, a eschola de que a pezada mão do mestre pa

ter querido guardar a chave... e, quando homens, como os snrs. Rénan, Taine, Stuart Mill, Cournot, Renouvier, vieram emprestar ás conclusões da eschola positiva a luz da sua analyse, o positivismo tornou-se a eschola poderosa e popular que todos sabem.»

Deixemos a Vacherot a inattenção de chamar positivistas áquelles a quem o chama. Positivistas, o hegeliano Taine e o kantiano Renouvier! Mas, emfim, abandonemos os outros. Pois para Cournot já é preciso... não lhe ter lido uma linha. Ninguem as faça que as não pague. Vacherot pagou-as no Brazil, ás mãos de Tobias Barreto, que lhe chamou de positivista para baixo. Uma até um cento.

As linhas do fundador da abortada «metaphysica positiva» teem a data de 1863.

Assim fôra, de facto, como diziam. E assim era então. E o foi por vasto lapso.

A conceito de M.me Royer, isto equivaleu a uma grande catastrophe. Porque pensa ella que Augusto Comte retardou a evolução mental da humanidade, attenuou e adormentou as suas energias intellectuaes e desvairou-a para uma vereda esteril. «Elle consummou em França, sob uma forma menos sabia e menos rigorosa, a obra inteiramente negativa de Kant na Allemanha, e, como elle, não soube conduzir os seus discipulos senão até ao fundo d'um becco sem sahida. Kant, na Allemanha, devia resolver-se no pessimismo de Schopenhauer. Comte, na França, conduziu-nos á indifferença, senão á preguiça scientifica.»

Prestes, surgiu, porém, a reacção. Em breve, na *verdade*, começou a dar-se fé da evidencia das *lacunas, da ostensibilidade* dos defeitos. Logo, o des-

credito foi subindo, pouco, muitissimo pouco, é certo, de começo; mas progressivamente, é certo, tambem.

Assim, qual avance o realisado já pelo positivismo heterodoxo que tinha por chefes Littré e Wyroubоff! Baldadas, porém, as tentativas infructuosas do primeiro para ainda salvar a lei dos tres estados. Baldado seu desdem pelas investigações a uma determinada ordem de problemas concernentes. Com elle nada ou quasi nada restara dos caracteristicos da velha eschola saint-simoniana de Augusto Comte.

Por seu lado, o moderno empirismo inglez quebrou definitivamente com as formulas estreitas do puro positivismo. Tudo levava a crêr, logo nos primeiros tempos da reacção que assignalamos, tudo levava a crêr n'um esforço contra fetichismos disciplinados, em prol de uma salutar anarchia. Cumpria tomar o positivismo como um methodo (o efficaz methodo empirico da observação dos factos sobre que especula a razão). Nunca, porém, se deveria recebel-o como um systema, porque então resultaria systema incompleto, d'um scepticismo atrazado e esteril. D'aquell'arte entendido, o positivismo tem, de ha seculos. sido adoptado pelas sciencias naturaes e ha fulgurado, por lampejos interrompidos, na mesma philosophia.

Este movimento reconstructivo operou-se deficientemente entre nós, porque quedou nas ambições metaphysicas dos snrs. Domingos Tarroso e Cunha Seixas, nos râptos intermittentes de Anthero de Quental e nas indecisões theoreticas de Oliveira Martins.

Rompera este o fogo n'um livro notavel, o qual

abre o cyclo da producção sua decisiva. Alli, a proposito da negação comtista, escreveu elle syntheticas linhas. São estas: «Commodo é decerto o processo de resolver as difficuldades eliminando-as, e de ter philosophia começando por banir a especulação. E é notavel que o positivismo, dando-se como genuino filho do methodo scientifico, tome para si o processo dos que são hoje, segundo nol-o ensina, os maiores inimigos da sciencia e do progresso. Prohibir o estudo de certa ordem de problemas, sob pretexto que são inaccessiveis á razão humana, não será repetir a prohibição do espirito *theologico?* Dizer que esses problemas são inaccessiveis, não será lançar a primeira pedra para a formação do mysterio, e collocar o espirito no primeiro passo da estrada do mysticismo? Talvez não seja capaz de o comprehender a intelligencia mal cultivada pela especialisação do ensino; mas decerto o comprehende, e logo o pratica o espirito collectivo, a quem não servem nem bastam as frias formas do dogmatismo scientifico nem o materialismo pratico da vida moderna. Por isto o positivismo nos offerece o exemplo singular de uma eschola de philosophia onde abundam medicos, engenheiros, economistas, publicistas, e até litteratos, mas onde não ha philosophos.»

Como M.me Royer, Oliveira Martins sentiu a logica intervenção do factor religioso, mercê do absenteismo metaphysico na philosophia comtista. Sómente, por egual como essa dama, não soube interpretar a apparente contradicção «notavel». Crêmos havel-a resolvido nitidamente.

*No Brazil*, tambem, um dos paizes mais penetra-

dos pelo positivismo, a reacção começou. Dando conta de sete annos decorridos de republica em sua patria, o snr. Oliveira Lima já registrava a decadencia progressiva do ensino do positivismo, substituido nas altas escholas pelas doutrinas mais modernas.

Certa critica franceza explica o fervor brazileiro pelo positivismo — graças á tendencias do Brazil, diz ella, para o estado ecclesiastico. Não parece exacta a interpretação. Antes se nos affigura que o escriptor erra tanto, quanto quando dá o chileno Lagarrigue como um joven brazileiro. Este moço ardente separou-se, com ruido, de Pierre Laffitte, accusando-o de traição ao ensino do mestre, por haver acceitado a cadeira, pelo Estado estipendiada, que no Collegio de França lhe creou o ministro Bourgeois.

Mas esses scismas não causam já impressão no grande publico. Decididamente, as solidas correntes da opinião teem as amarras em outros pontos.

Apezar d'isto, ha que considerar ainda o positivismo, poisque suas consequencias praticas influiram nos destinos historicos d'um tam importante paiz como o Brazil.

Quando se occupou, á data, no *Jornal dos Economistas*, M.me Clemencia Royer do capital successo, ella, explicando o advento da republica sobre as ruinas do throno estimado de D. Pedro II, frisou o caso singular de um systema philosophico constituir um partido politico. Era o lance do positivismo nas suas extravagantes relações com o Brazil. Extravagantes, por certo. É, mesmo, caso unico, até hoje.

Theoricamente, em sua exposição doutrinal, a

parte de applicação do positivismo estava, de resto, de ha muito, estudada. E não agradara.

Com effeito, existe no volume, mui justo a despeito de varia visionice, de Ch. Pellarin uma palavra profunda, e é que Augusto Comte se encarregou, elle-mesmo, de refutar o seu systema.

Como?

Por aquelle methodo demonstrativo tam usado em mathematicas, o methodo de redúcção ao absurdo. *Ex fructibus eorum.* Applique-se, diz elle, applique-se á doutrina de Comte a maxima de Jesus e do bom-senso:—de que a arvore se conhece pelos fructos.

Assim, consideremos as conclusões de Comte. E, mais uma vez, seja dito que fallamos das conclusões —no seu ponto de vista—*sensatas, logicas e naturaes,* e não das *aberrações.* Ora, se essas são falsas, os principios d'onde se partiu, evidentemente, o são tambem, poisque de principios verdadeiros, logicamente não sahem corollarios absurdos.

Mas, as conclusões de Augusto Comte fôram, systematicamente, detestaveis. Em que consistiram? Resumiram-se, condensadamente, n'um systema de educação absurdo e ridiculo.

Muito se riram os doutos em Portugal quando, intromettidamente, as *Farpas* propuzeram uma reforma de instrucção secundaria que comprehendia a integralidade do saber. O universitario dr. Zeferino Candido, ao depois preleccionando no Brazil, increpou acremente a nova doutrina. Censurou-a pelo que, mais tarde, o snr. Adolpho Coelho, qualificando o po*sitivismo, havia* de chamar o pedantismo pansophico.

E, apreciando a collecção de cartas pelo snr. Ramalho Ortigão, de Paris, quando da exposição do Trocadero, remettidas para a *Gazeta de Noticias*, do Rio-de-Janeiro e ulteriormente colleccionadas no (analysado) volume de titulo: *Notas de viagem*, Oliveira Martins estranhava, com o seu desdem de superioridade megalomanica habitual, que alguem (Rodrigues de Freitas) citasse, no parlamento portuguez, á laia de auctoridade, o pamphleto mensal do então irrequieto jornalista janota.

Comtudo, em suas leviandades de curta cultura, scientifica e philosophica, o snr. Ramalho Ortigão não fizera mais do que emprestar a vivacidade pittoresca do seu estylo ao plano educativo proprio e peculiar do positivismo.

A eschola realisou seu programma, introduzindo-o na legislação do Brazil. Prestes após a proclamação da republica, o positivismo impoz o seu caracter á reforma do ensino, em todos os graus, feita nos tempos do governo provisorio.

Rebentaram os queixumes. Os cerebros juvenis declararam-se cansados. Estava-se a braços com uma das difficuldades que embaraçam peadamente os tentamens de renovação integral do publico ensino. Começaram a tornar-se evidentes os deplorandos effeitos do *surmenage*. Assim chamam, como se sabe, os francezes ao excesso do trabalho intellectual, que, fatigando o orgão pensante, acaba por o inutilisar, transformando n'um automato inconsciente o sêr ainda pouco antes cheio de seiva e vivo de esperanças, mas que a atrocidade d'uma educação demasiado exigente atrophiou e deprimiu.

Incitados pelos desastres militares de 1870, os legisladores, em França, na sua faina santa de reconstituir a patria, sentiram que a grande causa da victoria dos allemães fôra a superioridade da sua cultura; e, sem perda de tempo, deram-se á tarefa de reformar o ensino, de cuja penuria o eminente philologo Michel Bréal se encarregara de inventariar o cadastro.

Cahiu-se então no excesso opposto, que tal seja a condição da imperfeita humanidade; quiz-se, como vulgarmente se diz, abarcar o céu com as pernas, e submetteu-se o tenro cerebro da infancia á pressão extenuante d'uma sobrecarga enfadonha e insupportavel.

Coube ao bispo Freppel a honra de ser o primeiro a chamar, no parlamento, a attenção dos poderes publicos para o que se estava passando pelas escholas do seu paiz afóra. Desenrolou um painel desolador.

Immediatamente providencias se tomaram no sentido de não seccar a arvore querendo colher, sazonados antes de tempo, os fructos cujo desenvolvimento se póde apressar, é certo, mas dentro de limites racionaes e ponderaveis. No Brazil, as queixas repetem-se. Apezar do encyclopedismo didactico em que timbram os programmas das materias a versar, as reclamações succedem-se, concernentemente ao methodo e á organisação mesma. Um publicista distincto, o snr. J. C. de Sousa Bandeira, recriminava, ha pouco, por exemplo, da estreiteza de vistas de que, segundo elle, se resente o actual regulamento das faculdades de direito. Profligava a má distribuição das *materias, e das* acanhadas concepções se irritava que

prejudicam a iniciativa da creação de cadeiras novas.

Prevalecera, aliaz, no Brazil, com o advento da republica, o plano educativo do positivismo. Todavia, similhante systema não logra replicar sufficientemente ás objecções que a critica lhe inflinge. Ellas são solidarias com as que respeitam ao systema da moral positivista. E todas terminam quando se resolvem no repudio flagrante das deducções de o positivismo dimanadas para a sciencia politica.

Estas resumem tudo e tudo esclarecem.

São ellas, em seu conjuncto:—a absorpção do poder temporal pelo poder espiritual; a censura dos habitos de previdencia e economia nos proletarios; a dictadura; o poder legislativo supprimido em proveito do poder executivo, n'uma palavra.

No Brazil, os positivistas, no Rio Grande do Sul, visto como o numero ajudava, explica-nos Oliveira Lima, puderam ageitar a grado seu a Constituição do Estado, outhorgando ao poder executivo a grande maioria dos direitos e não concedendo ao corpo legislativo senão um simulacro de cooperação. A reforma d'essa Constituição local, cujo espirito ataca de frente as bases da Constituição federal, foi, até, o pretexto da guerra civil que, durante tres annos, semeou a desordem e a ruina na fronteira sul do Brazil. O pretexto lhe chamamos, com o parecer do talentoso critico brazileiro conformando-se o nosso. Todavia, a acção do criterio positivista nos successos que transtornaram a segurança n'aquella provincia não deixa de ser largamente assignalavel.

Ella se verifica na theoria, professa pelos seus filhos illustres e dilectos. Assim, o vêmos no mais insi-

gne propagandista doutrinario de alli. De Assis Brazil, naturalmente, fallamos.

Democrata historico, Assis Brazil, a dentro do mundo aspero da litteratura politica, debutou por onde acabam os mestres, isto é pela exposição, integrada, de todo um corpó systematico de instituições. O bello livro que estamos referindo intitula-se *A Republica Federal;* e, a expensas dos patriotas paulistas, foi impresso n'uma tiragem exorbitante e profusamente distribuido pelo paiz inteiro.

Se o effeito d'esta obra marca epocha na evolução historica da sociedade brazileira, elle é tambem contavel pelo que toca á cerebração moderna da, mesma, tão distante juventude portugueza. Alguns exemplares atravessaram para cá; e do contexto do volume, á data do seu apparecimento, traçou, nas columnas respeitadas do *Positivismo,* lucido exame e elogiativa exposição a penna sobria, comtudo, do dr. Julio de Mattos.

Tambem na actividade, dispersiva e cruel, do proselytismo jornalistico, se assignalara Assis Brazil. Na *Federação,* do Rio Grande do Sul, se encontrara com camaradas taes como Venancio Ayres, Ramiro Barcellos e Julio de Castilhos. Sobre a Republica no Brazil elaborando o seu curioso *compendio de theorias e apreciações politicas,* destinado á propaganda, alguem, que sabia bem como ellas são, declara ter o periodico citado *combatido valentemente pela sua causa.* Foi esse intemerato e infeliz Silva Jardim, regeitado pela glacial ingratidão da urna, requerido pela cratera d'um vulcão, menos crepitante de immaculada *chamma* que sua accesa alma.

Mais tarde, chegado ás grandezas, embaixador e plenipotenciario, redigiu Assis Brazil um estudo vivamente conduzido sobre arido terreno.

Occupa-se das condições da *Democracia representativa* e tracta do voto e do modo de votar. Em um prolegomeno fundamental, logo se aparta de seu mestre Alfredo Naquet, e com acerto, criticando a evolução do governo directo para as formas representativas; immediatamente, porém, descahe, nas restricções imaginadas ao aperfeiçoamento popular.

Aqui leveda o velho fermento comtista. Na verdade, o positivismo répelle a idéa de direito, por metaphysica, affirmando que ninguem tem outro direito mais do que o de cumprir o seu dever e anathematisando-se a theoria da liberdade do pensamento, por derogação ao justo methodo.

A pratica da moral é o que, tam só, incumbe, por isso que a doutrina dos direitos naturaes do homem não passa d'uma transplantação, para cada um e cada qual, do conceito do direito divino dos reis. Mais evidente ainda se encontra esse abusivo transporte no dogma da soberania do povo.

Tudo isto não passa de detestaveis sophismas, que nem o merito da originalidade possuem. Elles são tradiccionaes em todas as theoricas do absolutismo; e o positivismo não faz, a seu turno, outra coisa além de transportar para sua casa o previlegio de dominação que o catholicismo usurpou durante seculos.

Admitta-se que a nós caiba, tão só, a pratica da moral. Com dizer-se isto, nada se disse, visto como no conceito da moral está comprehendida a intuição

do direito. A base da conducta ethica é, naturalmente, o respeito da propria dignidade, poisque, se o agente se desrespeita, nega-se. E o respeito de cada um por si mesmo exige, para que se complete, o respeito alheio. Ora, o respeito alheio em que conceito póde fundamentar-se senão nas prerogativas que ao seu correlacionado pertençam, de condição especifica e peculiar?

Diz-se que ninguem tem o direito senão de cumprir o seu dever. Perfeitamente. Mas o primeiro dever, o fundamental e basilar consiste em cada um respeitar e fazer acatar os seus direitos. Sob pena de obliteração da personalidade. E eis como, por um processo logico rudimentar, se chegou ao ponto-de-partida. Não se dissipou, pois, a difficuldade que se pretendeu desfazer.

Quanto á soberania do povo, ella não é senão a consequencia d'este conceito moral preliminar. Representa a sancção politica da intuição juridica. Exercida pelo suffragio universal, fica reservada (é, implicitamente, claro) a esphera dos direitos individuaes, como inattingivel por essa soberania, — que se negaria a si propria se a elles os negasse.

Mas é que, objecta o comtismo, isso não póde ser, legitimamente. E não póde ser porque toda similhante doutrina deriva da noção da liberdade do pensamento. Consequentemente, affirma a possibilidade de divergencia no procedimento. Ora, assim como em physica ou em algebra não ha liberdade de pensamento, tambem na *scieneia politica* a não deve haver.

*De certo.* E não a haverá, quando a politica

fôr sciencia, isto é quando constituir um conjuncto evidente de verdades demonstradas. Então, ninguem reclamará a liberdade de consciencia; espontaneamente se submetterá, conforme succede para a algebra ou para a physica hoje. Mas só então. Até lá, a liberdade de pensamento representa a condição, não só necessaria e sufficiente, mas justamente indispensavel para que a investigação se opere e a sciencia progressivamente se constitua.

A negação da liberdade do pensamento, pelo comtismo feita, implica a annullação da sua hierarchia encyclopedica. Com effeito, elle mesmo nos ensina que o poder de previsibilidade diminue á medida que a complexidade augmenta e a generalidade decresce. Dizer isto importa assegurar liberdade ao espirito para independentemente fundamentar previsões. Na sociologia, a liberdade de pensamento deve ser a maxima, pois,—visto que a sociologia é sciencia por constituir. Na biologia, ainda essa liberdade é grandissima. Se ha sociologos individualistas, como Spencer, e socialistas, como Greef, tambem ha medicos homeopathas e medicos allopathas. Já na chimica a liberdade de pensamento é menor; mas a theoria atomica encontrou contradictores obstinados: e Wurtz ou Naquet não lograram o convencimento integral. Na arithmetica, porém, aquelle que reclamasse a liberdade de pensamento para a taboa de Pythagoras seria internado n'uma casa de orates.

Logo, a affirmação da autonomia individualista nada tem de anarchia metaphysica; é, aliaz, conceito emergente da propria positividade. Condiz integralmente com a hierarchia encyclopedica; portan-

to, com toda a evolução scientifica: concreta na constituição dos conhecimentos, abstracta no processo logico (e, pois, psychico) das suas idéas formativas.

A doutrina da moral positivista resulta, assim, insufficiente e erronea. Ella presuppõe a necessidade coercitiva, exterior e disciplinar, para a verdade, quando precisamente o caracter moral da verdade está em sua acção coercitiva intrinseca, unica. Quando na politica houver verdades com o caracter scientifico que teem as verdades mathematicas, a subordinação far-se-ha de per si, e a disciplina espontanea estabelecer-se-ha immediata e rigorosamente. Mas substituir a esta coacção interior da adhesão a coacção exterior da obediencia, eis, só, injuriosa necessidade, para o interesse egoista de todo o sacerdocio, catholico ou positivista, buddhista ou muslimico. Quem quer que se indigne com a tyrannia ha-de regeitar a odiosa e ridicula pretensão de qualquer clerigo para o dirigir e orientar.

A insania do orgulho positivista é logica, como todo o delirio systematisado. Assim, não hesita deante dos processos tradiccionaes. Propõe a queima dos livros que fazem o patrimonio da humanidade; perdôa só a um cento d'elles. Não treme perante as mais antipathicas coarctadas. D'est'arte, condemna a abolição da pena de morte como «um sophisma e uma aberração da metaphysica revolucionaria». Nega a autonomia individual; a egualdade civil e politica. Emfim, é um nunca-acabar de desatinos. Seu demonstrativo schema nol-o forneceram, abundantemente, os discipulos fieis de Comte, na *Politica positiva, revista occidental,* de Sémerie e Robinet.

Assim, a metaphysica *dissolvente* inscrevia a resenha sagrada dos direitos do homem; assegurava a autonomia individual; proclamava a autonomia da consciencia, que não permitte mais a sorte dos Galileus e dos Geordanos; unia os homens sob a bandeira sublime da egualdade; partia as taboas do cadafalso, como uma affronta enorme; bradava a todos os opprimidos, a todos os escravos: — Liberdade! Liberdade! —; accendia todos os pharoes; abrazeava todos os corações; incitava todas as vontades. Pelo só impulso do seu verbo critico, a philosophia *dissolvente* chegara a esse maravilhoso effeito reorganisante.

Entretanto, a philosophia positivista, negando tam vastas verdades, contradizendo esses resultados immensos, insultava os obreiros e diffamava a faina. Punha-lhe alcunhas. Chamava *aberrações* e *sophismas* á egualdade, á liberdade de consciencia, á abolição da pena de morte, aos direitos do homem. Vinha, finalmente, e em resumo, a dar n'uma desvairada conclusão generica: qual a da tentativa de resurreição da organisação catholica sem a idéa de Deus. Pretendia-se um sacerdocio novo; convergia-se a um despotismo sem limites, a uma oppressão medonha, de ricaços e de pedantes. Plutocracia e presbyterocracia — eis o monstruoso ideal de Comte. N'elle se revela o infinito egoismo do creador do systema.

Vê-se, pois, que as conclusões são absurdas. Logo, as premissas o são tambem.

Não, obtemperam os positivistas heterodoxos. Não, porque o methodo da deducção é que desconcertou. O erro é logico.

Mas, se as deducções de Comte não são legitimas (por serem obtidas por uma derogação do seu methodo, como nol-o explica Littré), fica aberta a pergunta, naturalissima, que produz Ch. Pellarin. Então, quaes são as deducções legitimas que se devam tirar da doutrina positivista, até hoje ainda não apresentadas pelos discipulos heterodoxos?

Por nossa banda, timbraremos em concluir a observação de Pellarin.

Das soluções propostas aos problemas sociaes pendentes, as até hoje acceites pela civilisação, quer nas doutrinas dos publicistas quer nos decretos dos legisladores, não podem ser admittidas pelos discipulos heterodoxos do positivismo. Inconsequentemente, elles o fazem, quando, na verdade, as devem repudiar. Ellas são, de facto, todas. devidas ás escholas accusadas de prevaricarem por metaphysicas.

O quadro dos direitos do homem é hoje a base de todas as sociedades civilisadas. Ora. elle pertence, de raiz, á metaphysica revolucionaria do seculo passado. A proscripção da guerra, como prodromo do advento industrial, é ainda conceito dos devaneios do Encyclopedismo. N'uma palavra, o lemma synthetico da aspiração social tem uma origem e um sabôr pronunciadamente mystico. em sua trilogia esoterica.

Devem, por isso, taes soluções cahir ante á moderna e definitiva phase positiva, que vem destruir a velha metaphysica. Assim o julgou. com toda a razão no seu ponto-de-vista, Augusto Comte. Elle affirmou, com effeito, que hoje ainda predominam no *estudo dos phenomenos* sociaes os methodos theolo-

gico e metaphysico, os quaes teem de cahir, portanto, ante a definitiva phase positiva.

Pois, se Augusto Comte descobriu as leis sociologicas e se traçou o quadro da evolução social, como nol-o ensina Littré, não serão naturaes, logicas e verdadeiras as suas conclusões? E quem affirma uma coisa não deverá affirmar a outra?

Vejamos, na verdade.

Ora, informam-nos de que Augusto Comte, com o seu methodo, veio reformar os processos d'estudo dos phenomenos sociaes. Diz-se-nos que elle surgiu a constituir a sciencia do estudo racional d'esses phenomenos, repellindo, por egual, os extremos da reacção do estado theologico precedente, em arrancos, e os da revolução demagogica, metaphysica anarchista, fructo, pelo mais proximo, da *dissolvente* (Littré) philosophia do seculo XVIII. Ensina-se-nos que elle marcou a lei dos tres estados, segundo a qual se desenvolve a humanidade, e que firmou varios principios luminosos, consoante os precedentemente apontados e por nós attribuidos a Kant, Saint-Simon e outros. Finalmente, explica-se-nos que, depois, elle não poude, por circumstancias peculiares, tirar as definitivas conclusões do seu labôr, apresentando como taes o que realmente não passava de corollarios obtidos por uma *derogação do seu methodo* (Littré), visto que do recto caminho um accidente intercalar o desviara. Interpretam a conducta logica do seu mestre como effeito de uma doença cerebral discipulos que pouca affeição lhe mostram. Não crêmos que fôsse assim; e que o caso seja de enfermidade, *mas sim* de rigorosa, estreita, deducção, aliaz

salvo o decididamente psychiatrico, que é, de resto, episodico.

Mas supponhamos.

Está muito bem.

Sómente, que é o que impede os discipulos, de concluirem o principiado? O que é que os tolhe de, de conta dos theoremas, d'elles extrahirem os legitimos corollarios? Ha alguma coisa que lhes prohiba de, de posse do methodo e dos principios fundamentaes da sciencia do mestre, acabarem o que elle não logrou senão bosquejar? Por que é, pois, que, consequentemente, não apresentam elles soluções economicas e soluções politicas, fórmas de governo, principios de administração, n'uma palavra: theoremas sociaes *novos?* Mas, quando se diz novos, quer-se dizer novos. Novos, completa e absolutamente. Novos.

Não possam, nem de perto nem de longe, pertencer ao cyclo metaphysico. Antes d'elle lhes cumpre que destaquem, como principios achados por um processo verdadeiro,—diversos, evidentemente, dos achados por um encarreiramento falso.

Mas, coisa notavel!, que é d'esses resultados surprehendentes?—Não apparecem.

Em 1850, sahiu em Paris, da «livraria philosophica» de Ladrange, um volume, compilativo de trabalhos, disseminados na «liberal imparcialidade do *National.*» Entre conservação e revolução, como entre Scylla e Charibydes, a salvação no positivismo. Assim a geito de synthese hegeliana das kantistas antinomias. A conciliação das theses oppostas realisava-se em as paginas do tomo. Escrevera-as Littré.

N'ellas se professava a velha noção de que a or-

dem social deve assentar em bases scientificas e de que a sociedade progride parallelamente com a sciencia, de modo tal que no futuro a sciencia ha-de reger só e sem estorvos o homem, em sua vida collectiva como na individual. Alli se proclamava a separação do poder espiritual — do poder temporal, ou, em termos accessiveis, a separação da Egreja e do Estado e a secularisação do ensino, o registo civil e o atheismo leigo do governo: civil, politico e administrativo. Elogiavam-se a associação e o soccorro, todos os meios de ir extinguindo o proletariado e eliminando a mendicidade. O auctor pronunciava-se pelo jury, pela liberdade d'imprensa, pela mediação arbitral substituindo a guerra. Emfim, frisava os topicos essenciaes da cultura moral, scientifica, esthetica e industrial, quer dizer o desenvolvimento de todas as forças dos dois grandes directores modernos, a sciencia (poder espiritual) e a industria, sua filha, (poder temporal). Afóra este resaibo da eschola, o que ha na parte sã do volume? Encontra-se alli, concatenada, a theoria que comprehende todos os grandes principios englobados na designativa palavra de Republica-democratica-socialista-universal.

Ora, exactos ou falsos, resultam, porventura, privativos e proprios de Augusto Comte e do seu methodo? Evidentemente que não.

Todavia, elles são os unicos principios que, repudiando as loucuras da reorganisação catholica e feudal de Comte (o qual, como dissemos, os repellia), os discipulos dissidentes do professor da Eschola Polytechnica de Paris apresentam como os resultados da *applicação da philosophia positiva ao governo* das

*sociedades*. Este é o titulo, completo, preciso, eminentemente suggestivo da notavel synthese, por Littré ultimada no volume de 1850 a que nos estamos reportando.

Elle dá, pois, conforme se vê, como applicações do methodo de Comte e resultados da philosophia positiva a lenta evolução que a historia nos vem desenrolando, aliaz, desde as demagogias gregas e romana, passando pelos municipios da meia-edade, pelas republicas italianas, por Guilherme d'Orange e os Estados-geraes, por Cromwell, até os constitucionalismos parlamentares. Alentada pelos theoricos e doutrinaristas (um Spinosa, um Morus, um Locke, um Mably, um Montesquieu e um Rousseau), ella recebe pratica consagração definitiva. Marca data. A 3 de setembro de 1791, em a declaração dos direitos do homem e do cidadão e a annexa constituição que a acompanha. Eis a norma modelar por que, de futuro, as sociedades se constituirão. Desde a Hespanha inquisitorial até á Turquia polygamica e até ao Japão nirvanico.

Na verdade, as ilhas multiplices que constituem a monarchia japoneza adheriram ultimamente aos caracteristicos fundamentaes da cultura occidental. É curioso que similhante adaptação europea procedesse precisamente d'uma revolta, interior, dirigida contra a influencia dos estrangeiros. Mas a logica das coisas determinou que, como em toda a parte, os ataques do poder principesco, hegemonico e central, contra a dispersão nobiliarchica feudalista tivessem por consequencia um accrescimo de vitalidade politica, que *logo* tendeu messianicamente a exercer-se no exterior.

Graças ás energias proprias, o Japão desenvolveu a sua actividade social a ponto de, como se viu, satisfactoriamente, pretender arcar com a myriade morta das forças apathicas da China, partindo o gelo, desmanchando a superficie crystallisada d'um imperio immenso, cujo proliferamento constitue para a civilisação christã um perigo que perspicazes theoreticos teem procurado pôr em relevo.

Em que peze ao recente Novicow, esse perigo é grande. Na perspectiva d'um ulterior derramamento amarello, quando o despotismo tartaro não se sinta capaz de, mais, conter as revindicações da subjugada raça autochtona, haverá egoismos que justifiquem então a Inglaterra rapace e sem escrupulos. Seu mercantilismo se emprega no envenenamento prostrante das gentes filhas da lua. O systema do opio resguardaria, assim, indirectamente a Europa, do precalso d'uma invasão, prodigiosa pelo numero. Afugentar-se-hia d'est'arte a nuvem — como a mongolica, por assim dizer classica, que pairou, espessa, sobre a Russia.

Póde ser que o crime britannico preparasse as condições proprias para o fulminante triumpho obtido pelo Japão, cujos recursos de densidade não podem soffrer comparança com os do seu mallogrado antagonista. Póde ser que aquellas fôssem as vias historicas, emmaranhadas e confusas, de que o senso popular tem a consciencia vaga, quando soe dizer que Deus escreve direito por linhas tortas. A mesma preventôra partilha da China, garça Polonia, pelas potencias civilisadas não faria senão precipitar a crise, dando-lhe de chofre o caracter peculiarmente eco-

nomico, na egoistica absorpção capitalista da concorrencia do trabalho industrial, agricola ou fabril, consoante minazmente succede desde agora na America, mercê da transplantação do *coolie*.

Não vem para o caso. Mas para o caso vem que no avance do Japão é para contar a clausula progressista da divisão do poder temporal e do poder espiritual, representados nos chefes antinomicos, o taikun e o mikado.

Todos teem sua birra, os philosophos como os restantes mortaes. A de G. Tarde é a imitação, cujas leis tracejou. Por ella explica elle a evolução do Japão. Mas, imitação, pura e extreme que fôsse, o foi de typos sociaes realisados, não de doutrinas mortas em paginas de livros. Quer dizer que não foi applicando o methodo de Augusto Comte que o Japão chegou.

Tambem não foi commentando a *Synthese subjectiva* que a Turquia pretendeu chegar, ella outrosim. Um bello dia, Constituição, assembleas eleitoraes, deputados, tudo desappareceu: como n'um pé de vento; sem se dar por isso. Todavia, algo ficara. E é de hoje mesmo que vêmos que se revindica sua integral applicação, para esse restante.

Assim, a «Joven Turquia» não morreu. O seu orgão, actualmente, em França, é o jornal *Mechveret*, publicado em Paris. Seu director é o snr. Ahmed-Riza; o snr. Harnil Gauem é o redactor, e um fulano Honillon é o gerente da folha. Ao programma da «Joven Turquia», fez-nol-o conhecer o *Mechveret*, no seu numero de 5 de Agosto do passado anno de *1897*. *Elle* baseia-se fundamentalmente na considera-

ção de que, textuaes palavras: «O Estado ottomano possue um conjuncto de leis estabelecendo a separação dos poderes, a descentralisação administrativa, os direitos locaes e os direitos das communidades, leis garantindo a todos os subditos a liberdade de consciencia e a independencia da justiça.»

Havendo o sultão actual promulgado a Constituição de 1876, que assegura a participação do paiz na confecção das leis, que concede as liberdades necessarias, taes como a liberdade da imprensa, a liberdade individual, a liberdade de consciencia, e reserva á representação nacional o direito de ouvir os ministros e de discutir o orçamento, os representantes da «Joven Turquia», reconhecendo que essa constituição póde ser perfectivel, ainda assim vão-a acceitando, á falta de melhor, para contentar.

Finalmente, quanto ao methodo de marcha, na conquista dos progressos necessarios, elles, de rubicunda papoula no toutiço, repudiam todos os meios violentos, por isso que, «sendo a nossa divisa— *Ordem e Progresso*», não os podem acceitar.

Todavia, se a residencia em Paris dos signatarios do diploma inserto no *Mechveret* explica o appello para o lemma positivista da *Ordem e Progresso*, é certo que as revindicações democraticas e progressistas se fazem, como se viu, em nome da observação do facto tradiccional. D'est'arte, os representantes do moderno movimento renovador na Turquia declaram manter esses principios e esses direitos imprescriptiveis, solemnemente reconhecidos e proclamados pelo Tanzimato (conjuncto de reformas concedidas em 1839 pelo sultão Abd-ul-Medjid), os Hatti

(ordenações subscriptas pelo sultão e extinguindo as differenças entre os subditos das differentes religiões), a lei da Vilayets e outras leis contidas no *Dustur*, que é uma especie de codigo administrativo.

No Brazil, um livro appareceu, tractando de definir os corollarios do methodo positivista applicado ás condições sociaes do paiz. Esse tomo foi escripto por um eximio propagandista do novo credo, snr. Luiz Pereira Barreto; e intitula-se *Soluções positivas da politica brazileira*. As soluções que ao Brazil offerecia o positivismo eram a republica federal. Vinha ella sendo o ideal dos patriotas brazileiros, desde tempos em que nem ainda nado era Augusto Comte. Decididamente, escusamos procurar novidades na materia.

E, de tudo o que diffusamente foi até aqui dito, podemos concluir agora que esse tudo nos mostra que o alvo da philosophia não póde ser o negar desdenhosamente a solução de incognitas propostas. Ainda que estas sejam da categoria das chamadas primarias, para deixar sem os resolver, ou, pelo menos, sem os examinar, de par e passo, os problemas denominados metaphysicos.

Não! Applicar á philosophia o rigorismo scientifico—eis a reforma que urge completar; mas proseguindo sempre na investigação das soluções desconhecidas, conforme assim se procede em toda outra e qualquer sciencia.

Negar *à priori* a possibilidade d'uma solução ou appellar *à posteriori* para a não-resolução da questão até um marco de tempo dado é, em certa categoria, insufficiente; n'outra, temerario.

Archivem-se as perguntas, investigue-se, procu-

re-se, que essa investigação e todo esse trabalho colherão algum fructo, de seguro. Os campos dividir-se-hão, com certeza, mas é verdade velha que do choque das opiniões e das investigações é que brota a verdade. A metaphysica proscrever-se-ha, na parte que, de commum accordo, todos julgam erronea: na presumpção dos principios-bases, no desdem absurdo pela observação, — quer dizer, no methodo e nos resultados a esse methodo devidos, mas não nos problemas de que se occupa, os quaes são, quer o homem queira quer não queira, permanentes e subsistentes, substanciaes.

A observação e a experiencia, o methodo das sciencias positivas transportado para a philosophia — eis o ponto commum onde devem convergir todos os nossos esforços.

E, se assim chegarem, uns ao espiritualismo, outros ao materialismo, estas opiniões se debaterão, e o espirito lucrará. Ora, aonde mais vantagens do que n'este modo de tractar naturalmente as questões philosophicas? Mas, se se começa por dizer: *Não fallemos em tal,* que lucro advirá d'isso?

A philosophia moderna não é, por certo, um amontoado de phrases balôfas e de especulações inuteis. Deve acompanhar a sciencia e á sciencia reputar como mãe. Mas tambem, por outro lado, as questões metaphysicas não serão repudiadas; e, tão sómente (o que é tudo), a metaphysica passará, d'um jogo de abstracções ôccas, a um complexo de doutrina scientifica, discutidas, analysadas as affirmações pró e contra certos e determinados problemas.

A philosophia moderna não é a mãe do saber,

vivendo no ether do pensamento, coberta de majestade e plena da ignorancia mais crassa dos factos positivos, da natureza orgulhando-se em mostrar-se arredia. Ao contrario. Não é absoluta, n'este sentido de que se condiciona e se vê relativa aos progressos da sciencia, de quem é filha, de tal modo que sem a sciencia ella não possa existir.

*Cupula do edificio scientifico,* — eis a definição que já alguns têm dado, a definição justa. Mas poderá haver cupula sem columnatas?

Ora, se a sciencia positiva caminha sempre, a philosophia, que a acompanha, poderá ter um ponto de limite no seu conhecimento, ponto chegado ao qual lhe seja impossivel responder, por falta dos dados precisos, só forneciveis pela sciencia e que, todavia, esta *não fornece nem fornecerá jámais,* — consoante o postulado inicial comtista?

Não! Não, responde como nós o dr. Büchner. Não; «os limites d'esse dominio não são, de fórma alguma, fixos, antes recuam cada anno deante dos progressos da sciencia.»

Assim, o nosso grito não deve ser: *Morte!,* mas: *Reforma;* não: *Proscreva-se a Metaphysica,* porque não é possivel mutilar a alma civilisada, arrancando-lhe a necessidade, *facto,* imprescriptivel de curar dos problemas uma vez formulados; — mas sim: *Reforme-se a Metaphysica,* porque d'um ludibrio, ora banal, ora ridiculo, se poderá, quiçá, esboçar corpo scientifico de noções demonstraveis. Assim attenderemos a necessidade *real,* visto a metaphysica ter por objecto o responder a perguntas *reaes* do espirito.

*Por* consequencia, emfim: analysar; juntar ele-

mentos disseminados; accumular observações separadas; trilhar a via empirica da realidade natural, continuamente apoiando nos dados fornecidos pela sciencia e continuamente corrigindo as especulações *á priori*, não pretendendo extrahir só do espirito radicaes soluções; não crear, portanto, systemas transcendentaes, visões encantadas, mas sim ir, a pouco e pouco, caminhando sempre ao lado da positividade. Não mutilar, mercê de erro symetrico, a nossa alma, não a truncar, — a titulo de a depurar. Avançar lentamente n'essa estrada humana e clara, provisoriamente, em conflicto de affirmação contra negação, até que accordos, provisorios egualmente, se succedam. Quer dizer, d'est'arte firmar a philosophia ao mesmo tempo *na natureza e na razão*, consoante a formula pratica, americana, do americano Hudson Tuttle. Tal deve ser, quanto a nós, o caminho da philosophia moderna, o caminho de toda e qualquer sã philosophia.

Em seu criterio, similar porém incompleto, o facto é que o positivismo conquistou immenso terreno, a curto trecho, no Brazil. Apossou-se de todas as modalidades do pensamento. Já o vimos na pura theoria; já, com Sylvio Romero, o vêmos na polemistica sua adversa; com o pernambucano Martins Junior encontramol-o na poesia. A obra rimada de Martins Junior corresponde perfeitamente á similar portugueza do brazileiro Teixeira Bastos, com os seus *Rumores vulcanicos* e as suas *Vibrações do seculo*. No criterio, no intuito, até — singular coincidencia! — no abrupto canhestrismo da fórma. Como em Teixeira Bastos, em Martins Junior se observa analoga

decadencia dos primeiros — para os segundos volumes publicados. Como Teixeira Bastos, Martins Junior abandonou o cultivo das musas; e, como o seu distincto conterraneo, elle se consagrou, com exito analogo, ás sciencias politicas e sociaes.

Quanto ao livro inicial de Martins Junior, eis um que se constituiu, no meio das vulgaridades que a bibliographia, ou portugueza ou brazileira, registra diariamente, cá e lá, uma aberração, em extremo honrosa para o seu auctor. Este se manifestou assim um espirito original, fóra do commum, e fortemente embebido dos principios, philosophicos e criticos, que marcam a revolução do pensamento nos ultimos vinte annos decorridos.

O illustre pernambucano mostrou, por aquelle seu livro, haver percebido, e bem, que a poesia não assiste tam só nos devaneios pessoaes. Insinceros, elles derimem nullos para a collectividade, poisque não accrescentam á interpretação plastica da subjectividade. Então, são absurdos (como todos os que mentem) aquelles certos que se esforçam em repetir, até á saciedade, que choram, que sentem, que teem ciumes e que são assignalados pelo stigma do atroz destino, o qual, do berço, os tem feito soffrer a vida como um tormento, e anciar a morte como um livramento sereno e bom. Comprehendeu que se podia ser poeta sem a persistencia em velhos moldes cacheticos, sem uma sentimentalidade balôfa, por falsa, e ainda — e primacialmente, sem a ignorancia profunda que se considerava, nos bons tempos idos, como uma *caracteristica* dos do *genus irritabile vatum.*

*D'ahi, o haver* feito o snr. Martins Junior um

singular, rijo volume, em que canta a materia, a força, o espaço e o movimento; em que nos explica a creação do mundo, a forma e meneios da terra, o que seja o mar, a montanha, o homem. Deus á luz dos novos principios e das modernas aspirações.

Pareceu ao snr. Martins Junior que o barulho surprehendente da sciencia, a grandeza maravilhosa da philosophia, a synthese do grande todo uno, as aspirações do homem para a perfeição, de cujo limite se approxima na linha do indefinido progresso, como essas variaveis que se dirigem cada vez mais para a constante, sem nunca a attingirem, pareceu-lhe, fecundamente, que todas estas verdades e todos estes anceios eram bem mais dignos de ser proclamados em verso do que os amores candidos, as sentimentalidades nevoentas, as abstracções metaphysicas que, n'um analogo conceito, a nada levam senão ao desequilibrio dos espiritos, ás nevroses, aos desarrazoados tedios da existencia, a todas as loucuras, emfim, fulminantes ou despreziveis.

Á data de seu apparecimento, ninguem deixaria de affirmar, portanto, lendo o notavel e originalissimo livro do snr. Martins Junior, que não fôsse esse um espirito crédôr de toda a attenção. Merecia-a, pois que tentasse orientar no seu paiz as vocações poeticas, por um processo novo, para uma carreira inexplorada, aos tempos que corriam. Quer-nos, todavia, parecer que o auctor das *Visões d'hoje*, pretendendo fugir de um exaggero, cahira n'outro, e até mais perigoso que o primeiro, estamos em dizêl-o.

Suppômos aqui que o snr. Martins Junior não comprehendeu, de intimo, a essencia mesma do que

seja essa ineffavel entidade, consoladôra, a que chamamos commummente poesia. Um exame, bem que superficial, da seriação das humanas necessidades lh'o deixaria claramente distinguir.

Em cuidadoso exame considerando nós a escala, zoologica ou phytologica, vêmos que a lei da divisão do trabalho avoluma, manifestando-se desde os ultimos pontos da escala, cada vez mais larga, conforme o sêr siga ascendendo. De tal modo que a perfeição d'um ente, (quer dizer a complexidade de funcções que elle vai executando) é determinada pela diversidade de orgãos especiaes, dos quaes cada um se encarrega do trabalho que nos primeires grados, amorphicamente, encontramos distribuido pela totalidade do sêr. Aqui, n'este lemma rudimentar, se fundamenta toda a intuição de Herbert Spencer. É a sua amada lei de a passagem da homogeneidade para a heterogeneidade, o primeiro principio da differenciação.

Na verdade, se dividirmos um infusorio em pedaços, cada um d'esses fragmentos continúa a viver e torna-se, em breve, um individuo similhante ao primeiro. E isto por que a simplicidade da sua estructura não necessita da divisão do trabalho rudimentar a preencher; elle é feito uniformemente por todo o percurso do animal. Á medida, porém, que vamos subindo na escala dos sêres, presenciamos o subdividir-se esse trabalho e executar-se por orgãos especiaes; aqui, a funcção da respiração; alli, a da circulação; acolá, as secreções; e assim por deante.

O homem é o sêr mais completo e perfeito da *creação, até segu*nda ordem, quando a utopia de Ni-

eztsche, elevada, pelo menos, ao cubo, se volva em realidade. E, fallando do actual homem, consideramos aqui o arya e o semita, o khamita e o turaniano, nas suas cepas do velho mundo, nos seus ramusculos americano e australiano. Suas necessidades são infinitas. A sua simples consideração anthropologica, confunde-os, aos mais doutos e pesquizadores. Se a somatologia exige, mais a physiologia, muitissimo mais ainda a psychologia.

Elle exhibe, com effeito, o exemplo supremo da variabilidade e complexidade do trabalho que um sêr vivo póde chegar a executar. É, por consequencia, tambem o perfeitissimo modelo da mais visivel e vigorosa divisão do trabalho, consummado por diversos orgãos especiaes, concorrendo ao mesmo fim. Consiste n'esse duplo movimento de composição e decomposição continuas e simultaneas. como á vida a definem.

Esses orgãos, assaz variados se amostram e em grande numero contam. Elles constituem este quadrumano sem cauda que fecha por agora, e de vez, na terra, parece, a seriação dos animaes. Cumpre-lhes executar diversas tarefas e acham-se, pois, estimulados no respectivo sentido. Devendo cada tecido especial viver conformemente á sua organisação, hão-de concluir suas fainas, uns que não outros, satisfazendo assim ás proprias necessidades, que são, a seu turno, as do sêr completo, no qual todas se integram.

No homem e (segundo suas ordens e graus respectivos) nos outros animaes superiores, poderemos, de conformidade com o moderno criterio, dividil-as tambem como Letourneau. Verificaremos a existencia

concomitante de: necessidades nutritivas, de *circulação*, de *respiração*, de *digestão*, comprehendendo todos os trabalhos harmonicos: *exhalações*, *secreções*, etc.; necessidades sensitivas — *necessidades voluptuosas*, origem da reproducção da especie,—*necessidade de exercer os sentidos especiaes*; finalmente, necessidades cerebraes propriamente ditas: — *affectivas*, *intellectuaes*.

Ora, no capitulo das necessidades cerebraes propriamente ditas, que é o caso que nos importa, subdivisão se nos torna visivel d'essas necessidades pelos factos psychicos por que essas necessidades se manifestam. Temos de registrar, assim, as necessidades que são filhas dos factos activos *entendimento* e *imaginação* e que dão origem a duas ordens polarisadas de productos: uns, da categoria chamada sciencia; outros, da categoria chamada arte.

De sorte que (afóra a conformidade inicial, de que tudo procede) as resultantes d'esses systemas dynamicos cerebraes são, por isso mesmo que os systemas são differentes, differentes tambem. A faculdade activa que cria um poema, satisfazendo a uma necessidade cerebral, não é a mesma que resolve um triangulo, satisfazendo a diversa necessidade cerebral; pela mesma rasão por que a faculdade que transforma o sangue venoso em arterial não é a que determina a final dissolução das materias amylaceas no intestino. Inversamente, partindo do resultado para a força generatriz, seria tão absurdo querer fazer com que a faculdade poetica, artistica, esthetica ou como melhor lhe queiram chamar, com-
*puzesse a Tempestade* com os elementos ou obras da

faculdade scientifica, philosophica ou critica, como querer que o coração digerisse e o estomago fizesse circular o sangue.

Cada um d'estes orgãos tem funcção especial e propria, que, a seu turno e por sua vez, está localisada n'esses orgãos respectivos, sob um estimulo reciproco; o resultado d'estas acções simultaneas é que dá o complexo do sêr total e harmonico.

Querer, pois, operar alterações n'esta complexidade; esquecendo a lei da divisão do trabalho, pretender ou distribuir uniformemente ou deslocar as funcções é, portanto, audacioso e inutil. Resulta chimerico o tentamen. Os dedos das fadas não se empoeiram do giz dos calculadôres; Tieck e Novalis, João-Paulo e Spenser têm o seu diccionario proprio; e não é elle a taboa dos logarithmos neperianos.

Sabe-se. Percebe-se bem o que se almeja. É tornar solidaria com a cerebração scientifica a cerebração poetica. Reatar a solidariedade partida. Tornar á concordancia contemporanea de um Lucrecio, de um Dante ou de um Camões. Mas o problema, tal como se colloca, não comporta solução. *Tentanda est via,* com effeito. Não assim, porém. Differentemente.

Differentemente, porque a faculdade cerebral que origina as composições poeticas é a que recolhe as impressões e as transforma em sensações e sentimentos. As idéas, qual cambraia fina n'um perfume rico, impregnam-a do seu extracto synthetico. Entrementes, a faculdade que preside ás composições da razão é a faculdade que passa d'essas sensações e sentimentos á categoria concreta das idéas. Exige-as, como elementos de synthese, analyticas e precisas.

emquanto que a synthese poetica é, de sua natureza, vaga. Como a philosophica. Da philosophia é a poesia a irmã mais nova. Mas a sciencia, que é mãe de ambas, se as tracta com egual carinho, não póde nutril-as identicamente. Uma já desmamou. A outra ainda só póde a leite.

Na verdade, da pura combinação immediata das idéas emerge, erecta, logo a sciencia, emquanto que a arte vai derivando hierarchicamente pelo meandroso arranjo de sentimentos e sensações, como se gatinho folião em cabriolas chimericas pelos floreamentos d'uma imbricada escadaria. No seu typo rudimentar, onomatopaico, surge a musica, elementarissima então, porque só se refira a impressões rapidas, produzidas por sons ephemeros e ruidos não correlacionados. Emfim, apparece a poesia, que nos commove pela representação dos nossos sentimentos, o amor, o odio, e nos incita pelo enthusiasmo das idéas. Satisfaz assim plenamente a todas as nossas necessidades activas.

Uma obra, pois, que não forcejar por, iniciadoramente, nos fazer sentir, mas que timbre no proposito exclusivo e didactico de nos fornecer idéas concretas e determinadas, o que será? O que será aquella obra que nos enriqueça de noções precisas, de factos, versando especialisados assumptos, ou explicações, satisfactorias e proximas, ministrando-nos d'elles? No conspecto de suas syntheses e analyses positivas e objectivas, emfim, ella póde ser, essa obra, uma obra de entendimento; é-o, por certo, mas não é, digamol-o, *uma* obra d'imaginação e d'arte, não é uma obra *poetica*, *n'uma* palavra.

Ninguem capitulará de tal qualidade relevante um *poema* (?) ácerca da *Vaccina*, como o do portuguez Zagalo, ou um *poema* (!) ácerca da *Syphilis*, como o do italiano Fracastor.

As idéas positivas, determinadas, recortadas—caso o vate queira aspirar a alguma coisa mais do que a sensações fugitivas—as arrancará o cerebro do seu leitor d'entre as suscitadas phantasias feitas conceber pela vibratilidade dos sentimentos agitados.

Esse será um processo, todo interior, de associação e transformação, proprio dos seres que conservam a unidade na complexidade, mercê de suas intimas relações structuraes. E não é, até, outro o fim esthetico em seu alvo mais propriamente alto, aquillo, talvez, a que Wronski chamou a phase cognitiva da arte.

Eis por que não seja justa a observação, de Herbert Spencer, de que tudo o que é esthetico tem por caracter ser inutil. Dando, mesmo, de barato que a satisfação d'uma necessidade não fôsse, já de si, mais do que util, indeclinavel sem atrophia de orgão.

Mas essas idéas que quer evocar ou coordenar, não é elle, artista, não é elle, para o nosso caso especial, poeta,—quem as ha-de propinar, doseadamente, á laia do sabio receitando suas noções emulsionantes.

Quanto ás idéas, duas são as etapas da marcha do poeta.

Na primeira, do sentimento especifico que lhe suscitou, ha-de passar a ellas o cerebro do seu influenciado.

De per si proprio, o artista, então, representará sentimentos e isso tão só.

Cantará o amôr da patria e, por isso, levará o espirito á idéa de patria, de dever civico, de direito politico, de cidade, de nação. Cantará o amor do outro sexo e suscitará, por esse sentimento que definiu, a idéa da união dos dois fragmentos da individualidade—homem—, a idéa do respeito-dever ao fraco. Cantará a alegria do livre, para recordar a idéa da liberdade. Dirá do enthusiasmo em que o lançaram os deslumbramentos do mundo cosmico e conseguirá que, d'esse forte sentimento de admiração, passe o espirito ás noções positivas que de tal universo, conjuncto e connexo, por outra via, se auferiram.

Eis o stadio primévo e originario.

Assim, então, ouvindo a maravilhosa fanfarra matinal de *Lohengrin*, que, n'este conceito apreciada, não é senão o arranjo, por assim dizer, molecular de sons, o espirito do ouvinte poderá subir da sensação auditiva á idéa do som em acustica, á theoria da propagação d'elle, á noção de harmonia musical, etc. Assim, contemplando o quadro «das lanças» de Velazquez, o arranjo das côres n'uma tela póde suscitar, suscita, a idéa do que sejam as côres, sua simplicidade, logo a intuição da luz, seu modo de propagação, sua reflexão e refracção.

Assim, tambem, a *Lenda dos seculos*, que nos modúla a vida dos povos, que nos faz sentir a sua existencia, que nos manda imaginar os seus heroes, etc., é uma obra poetica, o que não seria, se fôsse um *curso* ou [illegible] de historia, com seus factos,

n'uma ordem logica, bem averiguados e meudamente contadinhos. Assim, o *Firmamento,* de Soares de Passos, é tambem, no seu typo e no seu tanto, composição litteraria de esplendoroso effeito, porque o artista-poeta, em sua emoção elevada e sincera, se limitou a fazer-nos sentir férvido enthusiasmo pelas maravilhas do kosmos e não curou de dar-nos noções exactas, porventura demonstradas, de mechanica celeste. Se por contrario criterio se orientasse, cahiria na aberração do dr. Patrocinio da Costa, lente de mathematica, que redigiu em verso uma cebenta de trigonometria espherica. Mas o dr. Patrocinio da Costa era um excentrico, cuja illustração solida e imaginação fragil lhe daria logar á ilharga de Gama Machado, na galeria onde a este o emmoldurou Champfleury. E Soares de Passos, antes e depois de folhear o Laplace que lhe emprestara o intelligentissimo engenheiro Falcão, obsidiado, á data, pela idéa da poesia scientifica, fôra e conservara-se um equilibrado.

Quer dizer que, debutantemente, isto, esta fragil e vehemente coisa do *sentimento,* é que é o elemento poetico; isto, esta coisa fria e solida da *idéa,* é que é o factor scientifico. Querer fazer poemas, pois, com idéas, em seu typo demonstravel de elementos cognitivos determinados, não parece contradictorio? Negar sua possibilidade perfigura-se sarcasmo charro contra poesia e poetas, que não teriam nem poderiam ter idéas. Mas, deixando em seu devido desprezo a alicantina de troça soez, o facto é que se passa como se disse. É isso tam absurdo como querer fazer compendios com sentimentos. O que, manifestamente, se mostra disparatado.

O snr. Martins Junior não pensou assim; todas as suas tendencias o levaram a acreditar que se póde fazer um trecho de poesia sobre qualquer ponto de ensino.

Baseou-se n'uma passagem de Guerra Junqueiro, onde se diz que *a lei descoberta por Newton tanto póde ser explicada n'um livro de physica, como cantada n'um livro de versos.* Mas custa-nos a dizer que o snr. Martins Junior não entendeu sufficientemente esta passagem. Seu sentido tem de interpretar-se pela divergencia que ha no significado e intuito dos dois vocabulos, o hiato que vae de *explicar* a *cantar.* N'um livro de versos não se explica. E o snr. Martins Junior, como o snr. Teixeira Bastos, em suas estrophes, explicam de mais.

Tomada a passagem alludida no geito que lhe deu o snr. Martins Junior, ella é tam absurda como seria dizer que a *Comedia da morte* é um theorema.

Desde que se perdeu de vista o distinctivo seguro do elemente poetico, não se chegou senão a obras hybridas, monotonas, sem enthusiasmo, sem relevo, nem sciencia nem arte. Não se salvam os maiores genios, não, do desastre inevitavel. Veja-se Virgilio, o mais eminentemente poeta na accepção sentimental e elegiaca da palavra na antiguidade, com as suas *Georgicas.* Veja-se, na nossa contemporaneidade, uma tam requintada organisação esthetica em tal capacidade plastica, Pöe, com o seu illegivel *Eureka.* Não querendo fallar já nos archisoporiferos Pope, Voltaire e o nosso erudito, grosso rival de Camões.

Quer isto dizer que não acreditemos na possibilidade e na eventualidade da poesia scientifica?

Entendamo-nos. Basta a quasi unanimidade da aspiração para que se nos demonstre irrefragavel sua ulterior realidade. De facto, até nossos dias, as tentativas, chegando ás recentes de André Léfèvre e de Sully-Prudhomme, contam-se pelos abortos. Mas os insuccessos não desanimam. Teima-se. Sente-se que ha necessidade d'essa creação. Com effeito, ella tem de apparecer. Será o fecho das creações idealistas do seculo XIX.

Mas, emquanto a procurarem por onde a procuram, nenhum resultado efficaz se obterá.

Em primeiro logar, a poesia scientifica não emanará precisamente da sciencia, mas sim da philosophia,—considerada esta como a chaveta que comprehenda toda a hierarchia encyclopedica. A expressão: *poesia scientifica* é, assim, erronea e tem sido a grande causa dos desvairamentos. O que ha a constituir é a poesia philosophica, não a poesia scientifica. O unico exemplar perfeito d'uma tentativa congenere não marcada de insuccesso é, como se sabe, o *De rerum natura*, de Lucrecio. Este poema não é um poema scientifico, á laia didactica das *Georgicas*, de Virgilio. É um poema philosophico, explanador d'um systema cosmogonico geral. Esta differencial não tem sido sufficientemente apercebida; e ella é essencial. Ao tempo de Lucrecio, de resto, a acquisição scientifica de ordem da versada no poema era insufficiente para metrificar explicações determinativas, puras e extremes.

Sendo philosophica, a poesia scientifica deixará

de ser didactica; e o vago critico de todo o systema philosophico conservará á obra d'arte o vago esthetico, indispensavel á poesia. Posto isto, o systema philosophico que tenha de ser idealisado poeticamente, nunca poderia ser o positivismo. Precisamente pela razão por que se apartou a sciencia. Porque o positivismo é rigidamente limitado; tem as fronteiras, proximas e claramente visiveis; é uma curva fechada; é um polygono cujas arestas não toleram que as ultrapasse a conjectura. O positivismo, não; é positivo demais. Carece-se de uma philosophia mais inexacta e menos terrestre.

Tem o systema philosophico que se adopte para a idealisação poetica de proceder da sciencia e de n'ella se consubstanciar indissoluvelmente e a todo o instante a ella se reportar, referir e recorrer. E, sem embargo, n'um rapto, a todo o instante, a poesia d'elle emanado ha-de confugir da originaria demonstração scientifica.

Depois, como o homem é o limite finalista de toda a humana actividade, essa poesia cumpre que seja transcendentemente moral, o que quer dizer: no ponto de partida, pessimista; no ponto de chegada, optimista. O optimismo deve, mesmo, ser o seu conceito synthetico, o seu criterio dominante e geral.

Por consequencia, essa poesia scientifica haverá de ser profundamente espiritualista e, simultaneamente, rigorosamente objectiva; quer dizer, será teleologica.

Professar isto equivale a professar que uma poesia scientifica positivista resulta abortiva, porque o *caracter concreto* do systema não permitte a idealisação.

Não póde ser tambem materialista uma poesia philosophica, porque lhe falte a sancção moral. A autolatria individualista, que para a philosophia deriva da economia politica, a seu turno derivada da interinidade social, indispensavelmente iniqua, é inadmissivel n'um poema caracterisado pela stricta justiça. A autolatria collectiva, á maneira de Comte ou de Max Stirner, é insufficiente tambem, porque a humanidade não póde jámais ser o orgão supremo da sancção moral, visto como, para subsistir, ella tem de, inflingindo egoisticamente a morte, negar, como as unidades especificas ainda as mais inferiores, as coexistencias de si alheias. Essa poesia não póde, finalmente, ser mystica no typo anthropometrico da *Sagesse* de Verlaine, porque lhe escassea o elemento exterior da realidade objectiva, ademais da inferioridade do simples conceito da vida moral humana, destacada soberbosamente da continuidade universal.

Só, portanto, a philosophia da evolução póde permittir uma idealisação poetica da sciencia. Só a moral socialista, no sentido integralista que rudimentarmente começou a bosquejar Malon, é que é compativel com um poema que pretenda a honra, maxima, de ser concordante com o conjuncto ideativo, affectivo e volitivo da humanidade contemporanea, tam perfeita e homologamente como o foi o poema de Dante para a gente e o espirito catholico da sua epocha.

O poema do futuro tem de integrar e integrar-se no monsimo teleologico, inclusivè o homem e a sociedade, em seu destino; completará a intuição exacta que, mallogrando-a na effectivação, até hoje só teve, fragmentaria e conscientemente, um cerebro

giado. Foi o de Gœthe, mas no seu segundo *Fausto* elle embaraçou-se a ponto de offerecer o singular espectaculo de promover commentadores mais assanhados e diffusos do que os mais obscuros devaneios theologicos. A causa proxima do desastre esteve, na effectuação, em o recurso dominante da symbolica; mas o conceito fundamental destaca indiscutivel para toda a alta especulação esthetica. É o do pantheismo idealista — hoje accrescentariamos *e socialista,* se o idealismo systematico não implicasse, derivativamente, o conceito da justiça, já. Até, disseminado no cosmos, elle freme, formando sua trama dissimulada, analysavel desde o rudimento atomico, bem antes mesmo da psychologia cellular esmiuçada por Haeckel.

De resto, os positivistas deveriam ter chegado por deducção ao que os darwinistas haveriam de encontrar por ampliamento de sua especifica inducção.

Com effeito, n'um lance apertado de hostil dialectica, conduzida vivamente por adversario raciocinante até ás missangas dos scropulos mais imperceptiveis, Littré teve uma idéa engenhosa e exacta. Foi aquella que elle systematisou na doutrina a que poz o nome de «theoria dos residuos». Toda a sciencia, uma vez constituida, deixa, abandonado, um aspecto do facto observado, para cujo estudo os seus processos especiaes de exame são insufficientes e elles impotentes se confessam. Esse residuo vem a constituir a sciencia immediata. Isto é ostensivo para a physica e para a chimica. Pois bem. Completemos a idéa de Littré, o qual sempre queda, nas suas melhores suggestões, a meio-caminho.

*O conjuncto* das sciencias organisadas deixa co-

mo residuo a philosophia. E esta, ainda, a seu turno, a poesia. É, d'ess'arte, a poesia um extracto de extracto.

Como querer, pois, que ella se confunda, indifferenciadamente, com as sciencias elementares? Importa nada menos do que isto: negar toda a hierarchia. Nada menos.

Mas proceder (como se tem feito até aqui) em sentido contrario ou diverso d'aquelle que deixamos dito é crear uma entidade que, como muito bem observa Vacherot, não é sciencia *e* poesia, porque não é *nem* uma *nem* outra coisa.

Resumindo, crêmos que no espirito do snr. Martins Junior havia, á data de sua affirmação esthetica, duas tendencias antagonicas que se prejudicavam reciprocamente; uma boa, outra que o não é.

Uma era a de abandonar os hirtos, mortos moldes archaicos da poesia no seu paiz, servindo-se da arte para exprimir, por meio de palavras novas, sentimentos novos. Outra era a de substituir esses sentimentos por principios, por verdades, por factos, para fazer assim da poesia um processo de propaganda philosophica, uma traça de proselytismo politico, um meio de vulgarisação scientifica, com lidimo intuito superior, aliaz.

Á primeira das duas tendencias, não temos senão que a applaudir, porque a obra d'arte resulte determinada por um conjuncto que é o estado geral do espirito e dos costumes ambientes, consoante o demonstrou, á saciedade, Taine. Se hoje, no nosso cerebro, despontaram sentimentos, desconhecidos dos nossos avós, á custa d'outros que fôram eliminados, a obra

d'arte que representar esses sentimentos é-o tanto, quanto o era a dos nossos antepassados que representou esses outros sentimentos idos.

Tam realmente poeta é o apaixonado da força. Homero ou quem suas vezes faça no cyclo wolfico, como o sedento de justiça, Hugo.

Tam realmente poeta, no Brazil, foi Tobias Barreto, cantando a patria, nos momentos de previsão segura, e parco alarme, pois, da guerra do Paraguay, como os que, reagindo contra a imitativa empóla hugolatrica do que além-Atlantico se chamou a poesia condoreira, pelo uzo immoderado que faziam seus vates da bella e gigantesca ave americana,—o condor, fundaram a poesia internacional do cosmopolitismo ou eschola do chacal, como lhe chama, com adequado, analogo aproposito, Valentim de Magalhães, que frisa com espirito o abuso das letras maiusculas por essa eschola perpetrado e aponta com independencia, ao depois desmentida, o influxo nos talentosos cultores d'essa poesia exercida pelos livros de Anthero de Quental, Guerra Junqueiro, Gomes Leal e Guilherme de Azevedo.

Sejam verdadeiros no sentido esthetico da palavra—isto é tenham flagrancia plastica, o que se não obtem idoneamente sem a concomitante verdade subjectiva, pela recordação actuante e actual de estado psychico precedente, evocado para a representação artistica—; sejam assim verdadeiros os sentimentos que o poeta expuzer, e a obra d'este será duradoira.

Pômos de lado provisoriamente a questão da moral immanente em toda a concepção, e que é só *mais ou menos* ampla, como para o conceito da

equidade o mostrou Tarde, conforme se considere dentro ou fóra da tribu familial. Esse conceito imprime maior ou menor superioridade á ideação esthetica; mas não lhe altera o caracter estructivo.

Assim, *verbi gratia*, o amor, o sempre-eterno, é hoje, sel-o-ha ámanhã, seja qual fôr o progresso da sciencia, um thema para poetas, bem mais do que a refracção da luz ou as leis do pendulo oscillando no vacuo. E os poetas do amor, desde Petrarcha até João de Deus, serão bem e grandemente poetas.

Por isso mesmo, é que não applaudimos a segunda tendencia do espirito do snr. Martins Junior. que nos ensina muitas coisas que nós antes queriamos aprender em prosa, redonda ou quadrada, tanto dá. Em seus livros, o distincto pernambucano, «scientista convincto, diz Valentim de Magalhães, acompanhando a theoria positivista, apresentava as quatro syntheses: Scientifica, Religiosa, Politica e Artistica.»

É muito estrondo para uma omelette. É muita synthese para alguns centos de quadras.

Não; não está direito, como diz o negro.

Desconfie o artista moço, do sincero mas errado ensinamento. Não vá na esteira do auctor dos *Estilhaços*.

Aquelle mancebo que hoje chegue á vida litteraria não faça como o snr. Martins Junior. Não. Abandone, sim, com tedio, a via que veja seguir a um esteril lyrismo somnolento, piegas e namorista, que lá, como cá, se desfaz em *Devaneos; Sonhos; Espera, virgem* e *similia*. Comece a soffrer os sentimentos novos d'este *homo sapiens*, tam assombroso, de nossos dias, em sua penuria essencial. Enthusias-

me-se dos sãos enthusiasmos da justiça, do bem, do amor. Cante-nos depois os sentimentos rijos e sinceros em que o lançaram todos os deslumbramentos do mundo, desde a azul aboboda, marchetada de perolas de luz, até á libertação do homem pelo homem (da exploração do homem pelo homem). Indigne-se e humilde-se; experimente fortemente e exprima-o bem, que será um verdadeiro poeta e, satisfazendo a necessidades imprescriptiveis, um homem util.

O nosso apreciado possue um talento distincto; é um espirito ingenitamente original; e, mesmo proseguindo na vereda artistica encetada, poderia alcançar um grau honroso na fileira dos homens de sentimento e expressão do seu paiz. Com todos os seus defeitos de fórma: as suas infidelidades de imagens, a sua pobreza de antitheses, a sua impropriedade de adjectivos, com todo o seu apagado de estylo, emfim, não haveria, comtudo, por que, de todo, desanimar. Algumas esquecidas construcções dos seus livros, hoje quasi olvidados, d'um tom meigamente elegiaco, e que são como um oasis de poesia enlevante n'um deserto de dormitiva prosa rimada, fazem-nol-o suspeitar.

Se, porém, o snr. Martins Junior não se reconheceu, em definitiva, após apurado exame de consciencia, senão como um homem de pensamento, então procedeu correctamente, aproveitando n'ess'hora as suas faculdades mais utilmente para si e para os outros. Compria-lhe, como corollario, com effeito, abalançar-se a fazer bons livros de prosa que fôssem

mais francamente sciencia do que aquelles poesia haviam sido.

A eschola que, para o Brazil, transportou da obscura e talentosissima M.me Ackermann não possuia condições de viabilidade.

A imaginação de M.me Ackermann era opulenta e nobre. Todavia, o esforço sossobrou no atheismo critico e no pessimismo moral da escriptora. Ainda este pessimismo a salvou da banalidade puramente didactica, porque em sua ideação introduziu um elemento idealista, negativo, sim, mas ideâlista sempre. Poisque o atheismo critico, logicamente conduza ao indifferentismo integral. E o indifferentismo ethico não comporta expressão esthetica. Resolve-se no nihilismo puro e extreme.

Exclusiva, charramente didactica, a nova eschola não podia, então, satisfazer os espiritos. Os tempos de Delille e Thompson já lá vão, com as versões de Bocage. Amplificações rhetoricas, não passam de themas de recta pronuncia e habilidosa escriptura.

Seja dito ainda uma vez, ha que conjecturar. Consoante o observou um artista finissimo, Ch. Baudelaire, cantar, como o tentou fazer o snr. Martins Junior, «as leis conhecidas segundo as quaes se move um mundo sideral ou moral é descrever o que está descoberto e o que cahe inteiramente sob o telescopio e o compasso da sciencia, é reduzir-se aos deveres da sciencia, intrometter-se nas suas funcções, embaraçando a sua linguagem tradiccional do ornato superfluo e aqui perigoso da rima.»

Apontado ficou o criterio a que tem de subordi-

nar-se qualquer tentativa de constituição da anhelada poesia scientifica.

Mas não basta conceber a theorica; é preciso realisar. Dentro do conceito orientadôr (seja mais largo, seja mais reduzido), ainda ha que contar com a imaginação peculiar e propria do artista e do poeta. Sua phantasia rasgará horizontes imprevistos. Seu poder de invenção e de correlacionação tem de abrir aspectos ignorados. Emfim, a consecução do intuito será uma das grandes conquistas do nosso tempo, o élo ultimo de uma serie, agora concatenada, de especulações successivas. Será. Ou antes é, porque o modelo genial se encontra feito. No inedito *Livro de Orações,* de Guerra Junqueiro. Este volume marcará data.

Constituirá nova e assombrosa revelação; assim complexa é a cerebração d'este genio excepcional que, seguidamente a obra tam caracteristica como a *Patria,* se demonstra diverso e outro, na integração vigorosa d'um monismo resolutivo e ultimo, subordinado ao conceito da transcendente justiça. Pelo que toca á *Patria,* na Allemanha um imperialista, espontaneamente, lhe fez justiça. Á hora menos pensada, apparece em Portugal a revista, que ninguem conhecia aqui, aliaz, *Neoglotia,* de seu nôme. Em as paginas de um dos seus numeros ultimos, destaca um artigo, subscripto pelo dr. Kesner, a proposito do poema do poeta, portuguez diriamos, se o não previssemos o poeta europeu. Sobre o effeito expressivo da poderosa realisação esthetica de Guerra Junqueiro, o dr. *Kesner* escreve que: «É preciso lêr aquelles arrojos *de phantasia* e visões propheticas, que lembram Je-

remias, Dante e o *Rei Lear*, e que revelam um estro sombrio como só o conhece a musa do norte.»

O critico tudesco, assim, sem as conhecer, repete opiniões que formularamos um anno antes. Tambem do alcance politico da obra não o julga o allemão monarchico como o critico republicano da *Revista Brazileira*, mas como o compilador socialista-anarchista (parece contradictorio, mas não é) d'este volume de *O Brazil mental*.

Porque? Porque analoga independencia, do cynismo philosophico indifferente a paixões restrictas, lhe deu generalidade ao entendimento.

Mas, regressando, quanto aos volumes do snr. Martins Junior, em estreita intuição concebidos, é nosso parecer — palavra ultima — que elles pertencem á lista escassa dos livros dignos de menção em lingua portugueza n'estes derradeiros tempos. Honrosa faina representam, d'um espirito, limpo e vivo, decerto, mas transviado, perfigurar-se-nos quer.

Ora, se o positivismo não poupou os poetas, que parece que deviam, de sua natureza, estar indemnes do seu contagio, muito menos poderia perdoar aos militares, educados na rectidão das mathematicas, ou puras, ou applicadas ás construcções de defeza e ataque e aos planos estrategicos, como ás manobras tacticas, balistica, etc.

Assim occorreu; e isto foi um bem relativo, porque, ao mesmo tempo que implantou a republica no Brazil, emprestou prestigio á disciplina social. Na verdade, á idéa republicana, diz o snr. Oliveira Lima, no Brazil representou-a a doutrina philosophica que, depois *da concepção* religiosa dos jesuitas, foi a que

mais fortemente disciplinou uma fracção dos espiritos humanos. O pernambucano explica, escusadamente, que quer fallar no positivismo orthodoxo de Augusto Comte. D'ahi succedeu que o principio da auctoridade, em sua defensa, encontrou, por ventura, no Brazil, nos ultimos tumultuosos annos, luctadores encarniçados.

Sabe-se que o governador do Rio-Grande-do-Sul que com tam facciosa intransigencia pelejou e venceu, o snr. Julio de Castilhos, hoje candidato á presidencia da republica, é um positivista orthodoxo de velha data e com copiosa folha de serviços.

A obstinada teimosia de Julio de Castilhos respondeu idoneamente á incorrigivel perfidia da parte adversa.

Sobre o terrapleno da Opera, pela cortezania do grande desgraçado stoico que se chamou Ruiz Zorrilla apresentada, benignamente, a humildade, exilada tambem, de quem estas furtivas linhas improvisa ao velho Silveira Martins, este, para encher conversa, declarou espontaneamente que, republicano de convicção theoretica desde a mais tenra mocidade, só a grata deferencia pessoal para com o imperador desthronado, e ao tempo agonisando, o impedia, provisoriamente, de offerecer ás novas instituições do seu paiz o concurso dedicado das suas aptidões proprias e da sua valia social, o que faria, não obstante, incondicionalmente, logo que a cruel ordem das coisas do mundo, libertando das agruras da vida o seu provecto amo valetudinario, o eximisse, a elle, d'esse *escrupulo* moral.

Depois, viu-se.

Palavras, portanto, vãs, que o vento leva, como as plumas; que a justiça immanente castigaria, fixas, tornando-as pezadas qual o chumbo envolutorio do feretro das consciencias.

Mas, emfim, apezar de tudo, a paz, no Rio-Grande-do-Sul, fez-se. Isto é o que nos importa. E dizemos que nos importa, a nós, pessoas de cultura e homens de Portugal, porque a guerra do Rio-Grande era, por qualquer aspecto que se considerasse, uma notavel calamidade. Não alludimos, já sequer, ás eventuaes, mas fataes, contingencias do pleito historico do Brazil com a Banda-Oriental, o que seria thema, por sua valia, para ser considerado especialmente e tractado sobre si. Assim tambem, a pacificação do Rio-Grande foi, ao contrario, por qualquer aspecto por que se considerasse, objecto para a alegria fervorosa de quem quer que medite.

O lado estricto do restauracionismo, esse, de somenos ensanchas se offerecia. Demonstrava, só, o facciosismo desleal dos seus promotores, obstinados e inconscientes no personalismo do seu orgulho, que desconjuntaria o paiz para levantar a um principelho futil um solio minusculo, ateando o fogo na casa, afim de, colericamente, á chamma impia aquecer os pés.

Por felicidade, o sacrilegio não se consummou. Exultamos, ao tempo, com isso.

E tivemos rasão, porque, com effeito, a pacificação do Rio-Grande-do-Sul foi um successo de amplo alcance, politico, social e humano. Elle destaca n'esta complicada contenda generica em que, d'encontro aos

preconceitos tradiccionaes ou aos egoismos localistas, se debate a causa da civilisação progressiva.

O estreito espirito de facção do conservantismo lusitano não via, na deploravel peleja, senão ou a chimera da esperança d'uma restauração obsoleta, ou, pelo menos, o impio, barbaro desafogo, prejudicial mas esteril, dos obstaculos appostos á marcha pacifica das novas instituições democraticas, impedidas de firmar-se na terra prolifica da nação nossa affin pela lingua, pela raça, pelos costumes.

D'ahi, os applausos, claros ou dissimulados, á conducta de Saldanha da Gama, cujos meritos individuaes incontestaveis, cuja bravura e cujo lealismo sectarista eram inquinados pelo veneno da educação jesuitica recebida, que o levava ás abominaveis felonias, afeiando irremissivelmente uma physionomia que não deixava, comtudo, de possuir traços (ingenitos) nobres e puros.

A simples dedicação aos principios, sinceramente creados, não abasta, de resto, visto como a moralidade da acção se haja de subordinar sempre á crescente transcendencia da feição, meramente mental e critica, d'esses mesmos principios. Pouco importa a virtude posta, na pratica, ao serviço de doutrinas theoricamente egoistas; e o heroe, que se bate, até á morte, pela victoria da tyrannia, d'uma familia ou d'uma classe, inspira uma sympathia mediocre. Mais vale aquelle que, na mediania d'um esforço commum, se vota ao triumpho dos opprimidos, dos fracos, dos desherdados, dos que soffrem fome e sêde de justiça.

O outro póde, por vezes, causar admiração; mas essa admiração é fria, gelada, até humilhante para o

que a professa, como a admiração que, no matadoiro, a rez sentisse pelo carniceiro ou o enthusiasmo estupido, indigno, de escravo imbecilisado, que os gladiadores patenteavam, nas saudações do circo, aos cesareos magarefes que presidiam á sua chacina.

Todavia, a questão do Rio-Grande deveria interessar-nos, depois de tudo, com uma sisudez que se não concilia com a crassa ignorancia e a incorrigivel leviandade das nossas chamadas classes dirigentes.

Dado que impossivel seria que o restauracionismo rio-grandense se impuzesse, por geral e completo, ao Brazil, claro se tornava que, na hypothese da impossibilidade definitiva, por parte do poder central, de pacificar o Estado rebelde, a procrastinação da insurreição tenderia, crescentemente, a desaggregar, do corpo uno nacional, aquella fracção importantissima da structura collectiva.

Isto seria um desastre consideravel, já para o Brazil, mas então que só uma rematada loucura poderia fazer desejar a portuguezes. Essa insania revestiria caracteres essenciaes hyperbolicos quando se pensasse, um momento, no perigo culminante que, de facto analogo, derivaria para o typo da civilisação latino-catholica, contrarestado modernamente, nas tres provincias do sul do ex-imperio, pela disseminada intromissão do elemento germanico-protestante alli.

De longe vem o perigo: da data remota da creação da colonia de São-Leopoldo, que deu o viscondado ao general alitteratado, irmão do conego litterato. O interesse, pela gente tudesca tomado para com essas provincias, demonstra-se pelo copioso catalogo de li-

vros e mappas, em allemão escriptos e por allemães concernentemente tracejados. Sua resenha illustra logo as primeira paginas do volume especial, e interessantemente elaborado, ácerca de *Südbrasilien*, pelo dr. Henry Lange. Appareceu em Berlim, á data de 1882. É um in-4.°, elegantemente impresso em papel assetinado.

Quanto ao apontado problema implicito, frisou-o proficientemente o dr. Sylvio Romero, aliaz, pela cultura, affecto ao germanismo,—na sua *Historia da litteratura brazileira.*

Com effeito, como em S. Paulo a italiana, a colonia allemã no Rio-Grande usufrue d'uma preponderancia immensa, que se affirma já na vida intellectual quotidiana e meuda da região, onde um periodico, elevadamente pensado e magistralmente redigido, a *Gazeta de Porto-Alegre*, foi fundado, propositada e *ex-professo*, ha alguns annos, por um publicista tudesco de recto valor, o dr. Carlos de Koseritz.

Debalde, n'este ponto com uma profunda intuição historico-politica, oriunda de seu mestre, a eschola comtista brazileira se oppoz á torrente, commemorando o desastre do protestantismo, na derrota dos hollandezes capitaneados por Mauricio de Nassau. O exaggerado orthodoxismo laffitista de Teixeira Mendes e Miguel de Lemos, chantre um e bispo outro na sé fluminense da religião da Humanidade, provocou, ao humorismo occidental, sorrisos; e, nas nossas raças gonorrheicas, a ironia do ridiculo desfaz, desastrosamente, a altitude de quaesquer intenções.

Entretanto, com o alastramento mercantil da emi-

gração germanica e a consequente propaganda interessada do jornalismo da colonia, coincidia um facto de alcance notorio. Foi o do prestigio ephemero das victorias guerreiras da Allemanha em 1870-71.

Parecia então que a França morrera; o espirito latino acabara; *Germania-mater* seria a definitiva educadora da humanidade pensante.

Por todo o mundo civilisado (Europa e America) uma corrente mental se produzia n'este sentido.

Só o Brazil lhe não soffreria a influencia?

III

# O MONISMO

Não; era de conjecturar.

E, com effeito, no impressionismo meridional da nova geração culta brazileira, escriptores appareceram que se deram á tarefa de vulgarisar sabiamente o espirito germanico.

Entre elles, destaca, com um poderoso relevo, o poeta e erudito Tobias Barreto, temperamento excepcional que não deixa de offerecer certo parentesco com a personalidade pensante de Anthero de Quental, mas do Anthero de Quental são, aliaz com incomparavel superioridade de dialectica erudição, se bem que com infinita inferioridade critica e esthetica.

Os seus *Estudos allemães* são uma obra-prima na litteratura polemista de qualquer paiz dos mais adeantados em cultura; e elles causam uma estranha dór a todo o latino que prevê, calcula e se arreceia.

Frenetica campanha contra a França empenhou, depois da guerra, Tobias Barreto. O seu artigo-manifesto estabelece um confronto ridiculo entre Victor Hugo e Auerbach. Está essa pagina escripta com uma acrimonia revoltante, e repugna pelo judaico servilismo perante o triumphador. A inconsciencia da abjecção espontanea d'esse deploravel diploma; que ninguem encommendara, é o que mais assombra.

Encontra-se incluso no volume de 1875, *Ensaios e estudos de philosophia e critica.* Uma idéa cabal se forma d'elle pelo seguinte topico:

Estranha Tobias Barreto que a guerra não tivesse provocado no espirito da França effusões poeticas ou manifestações musicaes. Diz que a poesia, «como menos venturosa», teve a contar unicamente o (sic) — *Année terrible,* que qualifica de «amalgama cahotico.» Quanto á musica, «mais feliz», limitou-se ao «gemebundo threno» da *Gallia,* de Gounod. Declara-se incompetente para affirmar, ou negar, com fundamento, as qualidades d'essa producção. Sem embargo — tal é a sua bôa-vontade — acha-a, pelo que sente, «incapaz de operar o effeito esthetico, visado por seu auctor.»

É extraordinario tudo isto, a começar no espanto por que seja um gemebundo threno o cantico d'um vencido, e não, antes, talvez uma marcha triumphal. Cita um trecho de Weideman sobre a abundancia das composições poeticas na Allemanha após a guerra de 1871, e conclue, logo, naturalmente: «É claro, «por conseguinte», que a musa germanica avantajou-se á musa franceza. Todas as producções, que *então surgiram,* não são ao certo de egual valor: —

mas todas se distinguem «por uma nobre moderação», e nada menos encerram do que orgulho *chauvinistico* e banal.»

É aquilino este relance de demopsychologia.

Sabe-se, na verdade, que seja tudesco costume (como de toda a nação humilhada e offendida) edulcorar os seus canticos de esperança na vingança. Haja vista depois da guerra de 1813. Já toda a gente esqueceu o odio do *Rheno allemão* de Becker, como a insolencia da replica de Alfredo de Musset:

*Nous l'avons eu vôtre Rhin allemand.*

Mas, quando da victoria de 1870, a musa allemã distinguiu-se *por uma nobre moderação,* na efflorescencia innocente dos cantos de victoria germinados ao reconfortante calor do incendio de Bazeilles.

Todos esses innocentes hymnos são amaveis e dôces, o que seria, de resto, a espectativa mais natural do mundo, ao cabo d'uma campanha truculenta e feroz, sem quartel de lado a lado. Sejam uma pastoral idyllica esses hosannahs angelicos.

Assim o informa Tobias Barreto.

Entretanto, escolhe, ainda, no cesto das primicias d'essa *nobre moderação.* Com perspicacia descobre a flôr do cabaz e com galanteria nol-a offerece.

Inicia, elle, originalmente, certa disposição que só em nossos modernos dias, afóra dos tratados ou encyclopedias, se principiou a usar na velha Europa, mesmo nos livros de critica especial, onde tinha, aliaz, legitima e até indispensavel cabida. Põe, a meio da *prosa,* uma linha de cinco compassos, em composiçã

typographica, de musica idonea, com um bemol na clave, de sol. É para nos elucidar e incitar; para nos dar o tom. Como faz Mauricio Kufferath nos seus opusculos, engenhosos, elegantes e completos, ácerca dos dramas lyricos, successivamente analysados, de Wagner.

Não podemos ficar mais completamente edificados sobre a moderação da musa guerreira allemã. Trauteando (os que saibam lêr na pauta) o começo da letra — que não esqueceu de inscrever-se por baixo, para que a freima fôsse primorosa:

*Ha Franzozen, Franzozen den Tag labt in Acht.*

No texto, o philosopho da Escada explica-nos o seu proposito.

«Sobresahe, neste sentido (— o de todas as producções que surgiram na Allemanha após a guerra de 1870-71 se distinguirem «por uma nobre moderação» e nada menos encerrarem do que «orgulho *chauvinistico* e banal» —), sobresahe neste sentido, asserta Tobias Barreto, o celebre *Lied* de Bodenshedt, segundo a musica de Jacobi.»

Ora, o que se ensina a cantar, desde pequeninos, as escholas primarias, aos allemães, é pelo theôr do *Bundslied* famoso: «Desabae sobre todos os francezes, como um mar sem praias... Fazei embranquecer todos os campos e aldeias com os seus ossos... Deixae os peixes aquelles que os corvos e as rapozas não teem... Mandai parar o Rheno construindo dique com os seus cadaveres...»

Mas o proprio Tobias Barreto, n'um movimento

melhor, logo a seguir, se capacita da inconveniente grosseria do seu procedimento, critico e moral. Sem que lh'o exijam, é o primeiro a desculpar-se. Declara que n'elle não ha «um fanatismo cego, intolerante, exclusivo, em prol da Allemanha.»

Havia, sim; e o triste é que succedeu (após o exito de uma e o descalabro d'outra) a um fanatismo cego em prol da França. Tobias Barreto começara por uma hugolatria excedente. Elle foi, com Castro Alves, o introductor da maneira hugoana no Brazil.

Este illustre estudioso não possuia verdadeira autonomia psychica. Precisava sempre de subordinar-se a um idolo. Elle tinha, como de raça inferior, vencida, escravisada, a obsessão dos grandes homens, directores e mestres. Posta de lado a França, foi buscal-os além-Rheno.

Todavia, na Allemanha não encontrou senão figuras parcellares. Nenhuma que fôsse vastamente representativa, como a d'esse Victor Hugo a que quiz contrapôr, quem, santo Deus?, o pobre novellista hebraico da Floresta Negra, cujo alheamento do falso sentimentalismo idealisadôr da innocencia das aldeias o que é ao lado das abruptas, decisivas, franquezas dos francezes: Balzac, em *Les Paysans*, Zola, em *La Terre?*

Revertendo: A idéa nacional, alli, não incarnara, consoante aqui, a demais dos homens de guerra, como Moltke, ou dos homens de intriga, como Bismark. Aos olhos dos homens de entendimento puro, ella revestira um aspecto demasiado brutal no triumpho, sem embargo, para poder lograr expressão esthetica alta e pura. N'uma das suas penetrantissimas vi-

sões suprasensiveis, que vão até ao fundo do fundo, interpretou alguem, pelo desconsolo nacional, oriundo da injustiça do abuso, a incapacidade da Allemanha para, após o seu immenso triumpho ostensivo, representar o «Espirito Novo». Esse alguem foi Edgar Quinet. Elle teve rasão, com effeito; não o illudiu a dôr patriotica, poisque á França a julgara como justiceiramente derrotada, quando estudou as causas do desbarate, n'esse livro gravado com o buril de Tacito, e que procura as condições do estabelecimento efficaz da republica no paiz.

Com effeito, o pessimismo germanico é uma capitulação, mui mais grave do que a de Metz. Se, Pascal de novo typo, Bahnsen, em sua philosophia do desespero, não é propriamente um Bazaine,—a Allemanha, compensando, não offerece á humanidade, como solução, mais que o suicidio.

N'este conceito, o *representative man* do Espirito Novo germanico é o logico Philipp Mainlaender, o auctor da philosophia da Redempção *(die philosophie der Erlösing)*. Com discreto sorriso, o dôce Guyau observa que Philipp encontrara a sua estrada de Damasco na loja d'um livreiro de Napoles, onde descobrira os escriptos de Schopenhauer.

Após haver, como Hartmann, redigido o seu systema de philosophia pessimista, velou pela impressão do primeiro volume e, no dia em que recebeu o primeiro exemplar (31 de Março de 1876), enforcou-se.

Não se póde, commenta o critico parisiense, negar a força de convicção n'este pessimista.

Decerto. Mas a lição, acceite, importaria o eli-

minamento (frisemos, ao menos, este) do problema, pelo exterminio dos inquiridôres.

Para isso, dispensava-se bem a trabalhosa canceira da morosidade tudesca, philosophando desde a harmonia prestabelecida de Leibnitz até chegar ao impio antitheismo do nihilismo geral, no universal desconcerto.

A victoria da Allemanha resultou, pois, para os interesses moraes da humanidade, mais do que esteril: nefasta.

Tambem, logo á data, tocou a quebrado. Algo se lhe sentiu, instinctivamente, de falho.

Assim, na apotheose: a par da estatua colossal, e nada grandiosa, de Niederwald; a par da *Kaiser-Marsch*, do musico Wagner, faltou o typo do poeta, o paradigma consubstanciado em personalidade eminente e symbolica, qual a nossa de Camões, que, como Hugo, parece pertencer a esse modo complexo do *grande homem* a que Wechniakof pôz o nome caracterisco de *polytypico*.

A admiração por estes é um aprendizado de democracia; assim é mais acceitavel o fetichismo humano.

Porque os grandes homens constituam, na cultualistica, absorvida, que Tobias Barreto lhes consagra, uma aristocracia; e, n'esta intuição, o fanatismo jacobino de Proudhon reclamava que se substiuisse a legenda do Pantheon: *Aos grandes homens a Patria reconhecida*. Dizia elle que a patria está acima dos grandes homens e que não deveria vir em segundo logar.

Menos o deveria, se o conceito, modernamente

renovado, do antigo Moreau (de Tours) houvesse de prevalecer.

Na verdade, em seu livro celebre ácerca do *Homem de genio*, o professor Cesare Lombroso, cuja precipite audacia de pensamento é de notoriedade universal, tratou de demonstrar a natureza epileptoide do genio e da santidade.

Sabe-se, hoje, mercê dos estudos, inteiramente concordantes, dos clinicos e dos experimentadores, que a epilepsia se resolve n'uma irritação localisada cerebral, manifestando-se com accessos, umas vezes instantaneos, outras prolongados, mas sempre intermittentes e repousando sempre sobre um fundo degenerativo, ou hereditario, ou predisposto á irritação pelo alcool, por lesões craneanas, etc.

D'aqui entrevê o engenhoso psychiatra outra conclusão: é que a creação genial possa ser uma fórma de psychose degenerativa pertencente á familia das *epilepsias*.

N'esta corrente de inquirição, o terrivel logico é implacavel; não perdôa á mesma virtude, á bondade, á piedade, á dedicação altruista, a esses sentimentos supremos dos abnegados que souberam e puderam sacrificar-se.

Claro que nos não embaraçamos em debates scientificos e philosophicos, ethicos e criticos, que não é o logar nem a opportunidade de discutir e examinar: se bem que não possamos fugir ao desejo da nota a pôr—do contraste entre esta comprehensão e o facto, reconhecido, de que o progresso dos sentimentos moraes coincide com o desenvolvimento do craneo e do cerebro, seu contheudo.

É certo que a relação do predominio dos sentimentos affectivos com uma conformação craneana e cerebral sabida está ainda bem mal determinada. Todavia, com o arguto vulgarisador Letourneau, sômos levados a suppôr que o sêr especialmente affectivo é caracterisado por um desenvolvimento moderado dos lobulos cerebraes anteriores, com predominio das regiões lateraes e posteriores do cerebro.

Em qualquer hypothese, a educação pela idolatria dos grandes homens, mercê da decalcada imitação dos grandes povos, não é propria para formar caracter republicano, quer dizer independente e cioso d'essa sua independencia.

Pouco d'isso se dava Tobias Barreto; elle era indifferente á questão das fórmas de governo. Affirmou-o repetidamente, com grande desgosto do seu discipulo Sylvio Romero, que, n'isso, declara afastar-se, por completo, da lição do mestre.

Este professava, com sobranceiro aprumo, coisas pyramidaes como a que se encontra nas *Questões vigentes de Philosophia e de Direito:* «... a *republique française* não está no meu programma. Sou pouco affeiçoado ao *cancan,* em qualquer de suas manifestações.»

E, analysando a questão do poder moderador, escolhendo para base o thema critico dos trabalhos especiaes de Zacarias de Goes e Vasconcellos, do visconde de Uruguay e do dr. Braz Florentino, era de vêr como, do fundamento da relatividade das leis sociaes tirado ao conceito de Karl Marx, o publicista brazileiro Tobias Barreto se embaraçava indesenre-

davelmente no abusivo sophisma da indifferença pelo que toca ás formas de governo.

No seu curso de direito publico na Faculdade de Direito do Recife, curso cujo programma Sylvio Romero, em appendice, poz junto ao volume *Estudos de direito,* publicação posthuma, por sua inabalavel fidelidade amistosa dirigida, Tobias Barreto desenvolveu a seguinte these: «*Conceito do chefe de Estado. Monarchia e Republica. A questão da fórma de governo é mais uma questão de esthetica do que de ethica politica.*»

Esta extravagante intuição definiu-se pelo asserto de que «os governos democraticos não se caracterisam pelo figurino.»

Hesitamos, francamente, em comprehender. Mas, se entendemos bem isto de *figurino,* a objecção é ainda a enfadonha repetição do conhecido thema de que a fórma de governo é indifferente, poisque a mudança da fórma não altera a essencia das coisas. Ha, até, um simile apropriado para exemplificar este sophisma. Costuma dizer-se que a qualidade do vinho não muda, porque esteja n'uma garrafa redonda ou n'outra facetada.

Tão absurda analogia serviu no Brazil, em mãos menos puras do que as de Tobias Barreto, como cá, analogamente, tem servido, de base a uma systematica perversão do criterio publico. Convem reentrar na rasão. O Brazil reentrou. Portugal parece que se não decide.

Sem o saberem, os conservadores agitavam e *estão* aqui agitando um dos problemas mais difficeis

da sciencia, coscuvilhando de um dos segredos mais subtis e esquivos da natureza.

A fórma não tem importancia no mundo? As coisas não mudam nas suas propriedades por que se lhes altere a fórma?

Singular desattenção, n'uns! N'outros, rude ignorancia!

D'esses, então — na verdade, não aprendestes os rudimentos da chimica, quando passastes pelos preparatorios dos lyceus? Ignoraes, pelo visto, o que sejam os phenomenos da allotropia e da isomeria?

Entre elles, subsiste, na palavra elegante de Naquet, uma differença similhante á que existe, em historia natural, entre a raça e a especie.

Pois ficae sabendo — não visando a attingir a questão ultima da unidade da materia, differenciada pela disposição — ficae sabendo (conservando-nos na epiderme episodica do problema), ficae sabendo que ha coisas na natureza que, compostas dos mesmos elementos, unidos nas mesmas proporções, apresentam, comtudo, propriedades totalmente diversas.

D'onde vem esta differença? Desde 1830 que Berzelius o indicou. Vem da fórma, do arranjo diverso, do vario modo de combinação.

Nos nossos dias, Berthélot ampliou as observações e completou a doutrina. Assim, distinguiu entre a isomeria physica e a isomeria chimica. Para esta, abriu cinco especies, desde a isomeria accidental, que é caracterisada por composições equivalentes, até á isomeria propriamente dita, isto é a isomeria dos corpos se differem pelo arranjo interior da molecula composta, tomada em seu conjuncto, sem que esse

arranjo possa ser explicado pelas condições chimicas da sua origem.

Quanto á allotropia, não era, segundo Berzelius, outra coisa mais do que a isomeria dos corpos simples. Os chimicos modernos imprimiram tambem á idéa uma divergente extensão maior.

Para Naquet, por exemplo, se um corpo póde apresentar-se-nos sob dois aspectos dotados de caracteres chimicos differentes, quando se possa fazel-o passar facilmente de um a outro d'esses dois aspectos, quedaremos no caso de dois estados allotropicos.

Exemplificando e revertendo, o ozone é um estado allotropico do oxygenio; o enxofre possue seis estados allotropicos; o carbone affecta tres: o estado amorpho ou do carvão commum, o estado octaedrico ou do diamante, e emfim o de graphita.

É possivel que a interpretação d'estes phenomenos singulares se integre, philosophicamente, nas modernas idéas geraes que sobre a chimica theorica tão eximiamente expendeu o professor Paulo Schützenberger. Este foi o primeiro que duvidou da lei das proporções definidas, tomando como exemplo, não um corpo complexo, mas a propria agua. Assegura Charles Lepierre que elle demonstrou, com a balança na mão, que os pesos atomicos não têm a fixidez e o valor absoluto que geralmente se lhes attribue, verificando, em experiencias celebres, que o nickel, o cobalto, etc., podiam apresentar pesos atomicos variando entre si d'uma unidade. Na mesma ordem de assumptos, Schützenberger ensinava e sustentava a *divisibilidade das valencias*, em vez de admittir a

sua indivisibilidade; este modo de pensar encontrou certa opposição, pela complexidade um pouco maior que traziam nas formulas chimicas, mas, sob o ponto de vista philosophico, é conveniente não nos esquecermos da possibilidade d'esta hypothese para a interpretação dos phenomenos, principalmente nas combinações chamadas *moleculares*. De resto, independentemente de Schützenberger, varios chimicos, na Inglaterra, na Allemanha e em França, apresentaram idéas similhantes: cite-se William Burham (1881), que publicou uma memoria sobre este assumpto, Haller, Maurigot, etc.

Demonstrou tambem quão complexo era o problema da fixação da valencia d'um elemento, quer dizer o valor do seu peso atomico, que póde variar conforme se recorre ás leis do isomorphismo, ás densidades de vapores, á cryoscopia, á ebullioscopia, etc., ou ao systema periodico de Mendeljeff. Ácerca d'este ultimo systema, chega mesmo a dizer que, servindo-se d'elle quem quer para fixar a valencia, se commette uma petição de principio.

Na verdade, ultimamente, a 20 de Fevereiro do anno que findou, eramos informados de que o chimico japonez Chikashigé achara o numero 127,6, em vez de 125, para peso atomico do tellurio; se o futuro demonstrar a exactidão d'essa determinação, o tellurio já não poderá figurar no grupo VI de Mendeljeff, ao lado do oxygenio, enxofre, etc., mas sim depois do iodo.

D'est'arte, á lei de periodicidade, que entre nós escholarmente primeiro vulgarisou o snr. Domingos

Agostinho de Souza, era attribuida uma generalidade absoluta, que é longe de estar estabelecida.

De resto, a fixidez absoluta d'esta como das demais leis chimicas tambem vae, a parecer do distincto discipulo Charles Lepierre, cada dia perdendo do seu valor; as proprias leis das combinações gazosas de Gay-Lussac estão, com effeito, presentemente sendo muito atacadas na Inglaterra e na Allemanha, em vista de experiencias recentes.

Como quer que seja; philosophicamente, o que importa é o conceito doutrinal a que obedeceu a preleccionação de Schützenberger. Parecia-lhe, a este, que a idéa, um pouco estreita, que é de uso formar do atomo chimico deve dar o logar a uma concepção mais larga, capaz de entrar em linha de conta com dados certos mas voluntariamente desdenhados até aqui. Póde ser, pois, consoante de passagem o roçamos, que em sua interpretação philosophica, os curiosos phenomenos de que nos reportamos recebam, d'esta intuição supra-sensivel, uma mais clara luz e um sentido mais accessivel. Quanto a Schützenberger, havia longo tempo que, para elle, os atomos chimicos não eram mais do que relações de combinação estabelecidas na conformidade de certas considerações theoricas, d'uma fixidez relativa, e que *peuvent varier entre certaines limites restreintes* com as condições physicas ás quaes submettido se encontra o composto resultante. Revertamos.

Como quer que seja, o leitor induz d'aquellas analogias profundas; e percebe por que é que a França de Rouher passou a ser a França de Gam-

betta, ou, ao invez, como o Paris de Lamartine degenerou no Paris de Morny.

Todavia, os elementos do corpo eram biologicamente (isto é, physica e chimicamente) os mesmos, as suas proporções as mesmas. Sómente, o arranjo molecular, a disposição atomica dos elementos, a combinação, a fórma — n'uma palavra synthetica — é que era differente.

E d'ahi duas coisas inteiramente diversas, oppostas, antinomicas, com propriedades divergentes, que se hostilisam e excluem:

Phenomenos perfeitos de isomeria social;

Como na mudança individualista do cidadão, cada um de per si, casos exactos de allotropia politica.

«Não concordei jámais com o meu amigo n'este modo de pensar, escreve, a proposito do indifferentismo politico de Tobias Barreto, o seu Pylades Sylvio Romero, e ainda muito moço, desde 1869, alistei-me entre os republicanos. Para mim a questão da fórma de governo não é cousa que se deixe decidir pelo sentimento artistico ou mesmo pelo sentimento ethico. É mais anterior e fundamental; procede de entranhas mais reconditas; é uma questão de biologia e psychologia nacional.»

Decerto, decerto; mas upa, upa!

Não sendo elle jámais um sectario da republica, Sylvio Romero, que o é, diminue as responsabilidades de Tobias Barreto, assegurando que este foi um «espirito muito liberal.»

Na verdade, o foi, se bem que descoordenadamente; e contribuiu poderosamente para introduzir no Brazil as modernas intuições do direito.

Este foi campo que percorreu em todos os sentidos; esclareceu a philosophia do direito, o direito civil e o direito criminal; versou a praxe processualistica. Nada lhe escapou.

No direito criminal fez caminhadas, com as botas de sete legoas de sophista jurisperito, desde os fundamentos do direito de punir, até ás contendas meudas, como a da correlação entre o suicidio e o homicidio. É, na verdade, assumpto curioso. Baseado nos dados fornecidos pelo suicidio na capital federal, recentemente um distincto discipulo de Tobias Barreto, o trabalhador Clovis Bevilaqua, proficientemente, discorreu.

Com effeito, nos estudos positivos de anthropologia social, que é uma das gloriosas caracteristicas scientificas d'este tormentoso fim-de-seculo, uma das questões mais interessantes é essa. Resulta a de saber se é certo, como o pretendem os mais auctorisados escriptores da eschola italiana, nomeadamente Ferri e Morselli, que a marcha do suicidio seja inversa da do homicidio, de modo que um, em qualquer paiz e em todo o tempo, sirva, em certa maneira, de complemento ou de contra-pezo ao outro.

A eschola franceza, principalmente pela dialectica, um pouco, paradoxal, do sociologo Tarde, emittiu, a este respeito, duvidas, aliaz fortemente motivadas, o que não quer dizer que a these contraria á dos italianos não fôsse precedentemente mantida, mas em epocha já remota.

Com effeito, em 1840, Cazauvisilh parece que tractou de estabelecer que o numero dos suicidios e o

dos crimes violentos sempre progrediram ou declinaram juntos.

Fallecido em junho de 1889, Tobias Barreto, n'este lance como em outros de sua vasta ideação, não poude aproveitar os mais systematicos conjunctos de doutrinas episodicas, integrando-se na sciencia geral que com tanto amor cultivara e com tal desvelo professou.

É assim que n'elle resultaram incompletas, intuições onde, não obstante, se encontram relances felizes. Pois que venha á collação, fallaremos do seu ensaio sobre a tentativa em materia criminal, em cujo transcurso já Herculano lhe parece capaz de, no *Monge de Cister*, propôr problemas moraes e juridicos arduos, como o da scena que o jurista qualifica de *terrivel*.

Tobias Barreto não se deslinda, para a liberdade de uma idéa superior, da confusão dos casos especialistas que imagina como exemplos.

Comtudo, sobre a theoria da tentativa (difficil thema, na verdade) ha, ainda assim, por onde forragear.

Na Allemanha, e na Italia existe, com effeito, uma doutrina *objectiva* da tentativa, que suppõe que ella não seja punivel senão quando a intenção foi *realisada em parte*, de fórma que essa tentativa não destaque mais do que como um fragmento do delicto que se tractava de commetter, tendo, pois, como este, *um lado objectivo* (Osenbruggen, Geijer).

Outra theoria, mais recente, definiu a tentativa como «uma acção capaz, de per si, de produzir a *consequencia* desejada, e que, *materialmente*, tem o caracter d'um delicto.» (Cohn).

Na França e na Italia exige-se que a intenção criminal se manifeste por meio d'actos d'execução que possuam, *por sua natureza propria*, a possibilidade de produzir o crime.

D'outra banda, para o aspero Garofalo, a sua opinião ácerca da tentativa approxima-se da theoria chamada *subjectiva*. Sustentaram-a diversos publicistas tudescos, taes como Herz, Schwage, von Buri e Liszt. Volveu ao rude, aqui suave, direito romano. Na tentativa, só a intenção tem valor; o facto material é prescindivel no juizo.

Tobias Barreto, n'uma nota, roça pela carne viva do seu problema. É quando diz que um dos pontos que, n'este dominio, mais urge estudar é a psychologia dos motivos. Segundo elle, a sciencia tem necessidade de reunir, ao seu corpo de doutrina, alguma cousa de novo, que se poderia designar pelo titulo de *Theoria da motivação em materia criminal*. Assevera que theoria tal ainda não foi estabelecida, e que apenas existe, declara, «que eu saiba, na respectiva litteratura, um pequeno ensaio, o escripto de Holtzendorff — *Psychologie des Mordes* — que é digno de estudo.»

Todavia, no caso especial, conclusa estava doutrina, e em sua Allemanha dilecta.

Na Italia, adherindo, Garofalo hesita. Tanto é certo que o exame perfeito, integro, subtil da consciencia a julgar escapa á argucia do magistrado. Barreto decide prompto. Mas o proprio barbaro, eminente Garofalo se apressa a declarar que a questão da tentativa com meios insufficientes deixa de ser um problema estudando desde o momento em que,

para elle, é a perversidade do criminoso a bitola por que deva aferir-se a penalidade,

A sua conclusão não póde, pois, (discursa) ser senão a seguinte: «A tentativa d'um crime deve ser considerada como o proprio crime, em si mesmo, quando o perigo que deriva do delinquente é identico.»

Tobias Barreto, ao inverso dos anthropologistas (que consideram o criminoso preferentemente), elle, á maneira tradiccional dos juristas, considera as categorias do crime, em exclusivo.

Menos metaphysico, mais na realidade da humana vida se inspirou o seu conceito sobre *Menores e loucos*.

A responsabilidade que lhes attribue em materia criminal deriva do positivo criterio.

Na nossa contemporaneidade, a intuição directriz procede dos grandes mestres da psychiatria moderna, os Krafft-Ebing, os Schule e os Magnan.

Apezar de todos seus defeitos, a obra geral de Tobias Barreto é assignalavel largamente. Honrando o seu auctor, nobilita a cerebração brazileira, ainda aqui ha pouco tam arredada da cultura geral, europea e americana-do-norte, e já hoje concorrendo com a elaboração mental, mais profunda e elevada, do estrangeiro superiormente civilisado.

D'est'arte, a obra litteraria de Tobias Barreto implica uma gloriosa contradicção, refutando, pelo exemplo pessoal, o asserto do germanophilo, quando, frequentemente discorrendo, por systema, sobre a decadencia da raça latina, offerece a gente portugueza como tendo a triste primazia nos momentos successivos da curva descensional, cujo limite se assegura

haver attingido (e a sua derivada americana, a brazileira), apresentando-se como não merecendo imputação critica. Ao contrario; os productos da intellectualidade lusitana cada vez destacam mais, por um poder, crescente, de comprehensividade e de realisação, quer na arte quer na sciencia.

De maneira que, se não socialmente hoje, espiritualmente pelo menos, não ha, na verdade, immediatas rasões para taxar de paradoxo o conceito patriotico do snr. Horacio Ferrari, portuguez de italiana origem, quando attribue a Portugal, na peninsula iberica, a ulterior funcção hegemonica que, politicamente, na Italia coube ao Piemonte, e á Prussia pertenceu na confederação allemã.

E, no Brazil, se tomarmos para cotejo a psychologia infantil do Garret fluminense, Domingos José Gonçalves de Magalhães, em seus *Factos do espirito humano,* e a compararmos com as paginas, complicadas, pela variabilidade das suggestões simplistas, dos ensaios de Tobias Barreto—quanto caminho andado!

A trama structural da ideação especialista dos *Menores e loucos* resente-se da data de sua elaboração. Não podia chegar á altura de volume lusitano que, a seu proposito, lembra: as *Lições sobre a epilepsia e as pseudo-epilepsias,* do lente da Escholа-Medica de Lisboa, dr. Miguel Bombarda.

N'um e n'outro escriptor, computa-se, relativa, uma erudição immensa. Sobre o avance dos tempos, no portuguez destacam os relevantes dotes de observação directa, adquiridos e estimulados por uma conscienciosa e indefessa pratica profissional.

*Ao livro* de Tobias Barreto não era, ainda, licito

rolar sobre a concepção, de intuição genial, que faz a verdadeira e solida originalidade do desegualissimo Lombroso. Allude-se ao estranho parentesco da epilepsia, e dos modulos epileptoides, com os typos, differenciados, do crime, da imbecilidade moral, do talento e da virtude, da santidade e do genio, da loucura e da irresponsabilidade.

Eis o que imprimiria aos estudos, a que nos reportamos, ácerca de *Menores e loucos* um vasto sentido philosophico e lhe daria um caracter intenso e uma physionomia primordial. Não podia ser.

N'esta alta categoria ainda não integrado, o conjuncto a que Sylvio Romero se applicou, após os volumes typicos e decisivos, já apurados, distingue-se pela prudencia do raciocinio e pelo encanto da limpida fórma litteraria que o reveste. Tobias Barreto possue o dom, de resto, de descobrir formulas syntheticas, eminentemente suggestivas, como quando do retarde da affectividade sobre a cognitividade. Então, encontra essa phrase magnifica de que o coração humano é um relogio que se atraza. Assim, por isso, o interesse dos seus ensaios peculiares excede os limites dos especialistas e invade as camadas do grande publico, intelligente e illustrado.

O merecido elogio que se deva a esse bello trabalho não importa, claramente, de resto, uma acquiescencia plena a todas as affirmativas compendiadas em suas paginas.

Assim, quanto ao implicito desattendimento pelo que toca á acção feminina na zona estudada.

Com todos os requintes da sua amabilidade sensual, Tobias Barreto, no fundo, tem, pela mulher, um

semitico desapego, quanto ao respeito a serio. Vem de longe esse topico. Os *Estudos allemães* rompem com um estudo ácerca da alma da mulher, aproposito de livro de assumpto e titulo identico, por Adolpho Jellineck, a quem o publicista brazileiro qualifica de «distincto israelita allemão contemporaneo.»

Ahi, apezar de tudo, Tobias Barreto rejeita a mulher *sabia*, a prol de se ter mulheres instruidas, *porque é tambem o que basta*.

O portuguez Bombarda foi mais longe, no desdem. Sahiu-se com a coarctada audaciosa de que a mulher é uma degenerada. O proprio sabio a qualifica de paradoxal, na fórma; mas não o será tambem na essencia?

Allega-se, e Tobias Barreto embarra pelo thema, allega-se a falta de altos exemplares femininos no pantheon esthetico. Não seria isso, antes, um effeito social de lacuna de selecção progressiva e de, consequente, insufficiencia de accumulação hereditaria, proprias a crear as condições em que desabrocha o genio? A escravisação domestica secular não será elemento de apreciação, em dominios onde modernamente, conquistada tal qual equiparação civil, principiam de apparecer casos como os das romancistas inglezas, culminantes, conforme George Elliot, na litteratura indigena *à latere* perfeita dos seus collegas masculinos? Não se recorda o nôme, classico já, de George Sand? de M.me Ackermann? Na sciencia, o de Clémence Royer?

E, sobretudo, nas familias predipostas pelo privilegio, não fere o contraste da copiosidade de aptidões *politicas* e governativas na gente feminina, que

orienta Estados e dá o tom especifico de momentos decisivos da civilisação humana? Se não se lembra uma Catharina de Medicis, a quem é permittido esquecer essa formidavel Isabel d'Inglaterra?

O thema é curioso e levar-nos-hia longe; mas cumpre reduzir.

Não se fará, sem que toquemos um argumento original, pelo snr. Bombarda exposto de reforço. É o que elle retira da suspensão de desenvolvimento. Affigura-se-nos crédor de reparo.

O rigôr logico deveria conduzir-nos a estendel-o para quaesquer especies vivas, considerando, pois, degenerescentes todas as fórmas femeas, o que será um pouco surprehendente, pelo menos. Poisque inferioridade na escala não seja degeneração no typo.

Como se sabe, a embryologia é sciencia melindrosa e pouco desenvolvida. O seu estudo apresenta-se difficillimo e, desde Wolff até Baer, desde este mestre supremo até nossos dias, os avances teem sido curtos.

Darwin alargou o campo da ontogenia; e o temerario Haeckel effectuou uma das suas mais originaes e tentadoras systematisações, correlacionando a explicação phylogenetica, com uma *crânerie* que até elle ainda não fôra assim, com seu nitido relevo, firmada. Esse lemma foi o que serviu de base ao conceito ultimo da ideação metaphysica de Tobias Barreto, o qual, discutindo Carl Semper, a proposito do haeckelismo na zoologia, leva os impulsos impetuosos do seu substitutivo, mas constante, fanatismo pelas altas personalidades em vista — a dizer que «elogiar

a Ernesto Haeckel já é cousa que deve soar aos bons ouvidos, como uma tautologia.»

Ora, quanto ao caso particular que nos deteve, foi precisamente na evolução de que se deriva o conceito da supposta degenerescencia feminina, pela suspensão de desenvolvimento, que o eximio professor da universidade de Iena viu desenhados mais fielmente, na anthropogenese, os traços principaes da phylogenia do homem.

Asseverou, consequentemente, que podemos seguir, passo a passo, no embryão humano, pelo que se refere á especialisação organica observada, o mesmo desenvolvimento que nos mostra a serie dos ranheos, dos cyclostomos, dos peixes, dos amphibios; depois, nos mammiferos, dos animaes cloacinos, dos marsupiaes e dos, diversos, de placenta dotados.

Deveriamos alargar, portanto, como indicamos, o conceito da degenerescencia. Mas a que extremos chegariamos então no imperativo dialectico?

Se a intuição haeckeliana nos sustem no declive pelo que toca á intuição suprasensivel da mulher, embargos ha tambem a oppôr á doutrina connexa que, da epilepsia do homem-de-genio, no typo social (estadista, guerreiro, fundador de religiões), deduz para a comprehensão da maneira das determinadas phases historicas da vida, individuada ou de relação, das populações de cujo seio emergiram esses representativos.

Reflexões seriam essas que viriam a um lance, hoje, quasi geral. Tracta-se do juiso, agora commummente feito ácerca, por exemplo, de Napoleão ou Ma-

homed, para não citar outros. Ora, estes dominam não porque sejam epilepticos mas apezar de o serem. Não alludimos ao effeito proximo, de hypnose collectiva ou de superstição herdada; mas á prevalencia historica.

N'estes termos, a epilepsia é-lhes talvez a condição necessaria para o explodir do genio; mas o que os torna fecundos e orientadores é o messianismo revolucionario a um, o messianismo monotheisador a outro. E a este, até, tão só, nos modulos mediocres de especulação intellectual compativeis com a plasticidade rudimentar das raças inferiores, proximamente as semitas, khamitas e negras, sobre que haja de exercer acção.

Com similares noções de ordem naturalistica, constituiu Tobias Barreto a systematisação philosophica da ultima phase da sua vida mental. Ella se accentuou no seu thema, simultaneamente profissional e preferido: a nova intuição do direito, que tomou de Rudolf von Ihering. Este nome illustre é particularmente querido no Brazil; e o filho do cathedratico de Gœttingen palmilhou as ilhas oceanicas do Brazil. Escrevendo d'ellas, quando, em seu relato, falla das terras brazileiras, já lhes chama terras *nacionaes*. Por certo, de resto; elle é o director, e insigne, do Museu de S. Paulo.

Quanto ao mestre tudesco, afeiçoou em diverso typo os entendimentos das novas camadas academicas do curso de direito, especialmente na faculdade do Recife, de cujas cathedras o distinctissimo mestiço era lustre excepcional.

Morto ha oito para nove annos, ainda vibra a

influencia de suas prelecções. D'estas, seus discipulos se recordam com pungente saudade. Fallam ainda, com amor, d'essa «epocha em que, animados pelo enthusiasmo das fortes convicções que só se tem aos 20 annos e electrisados pela palavra illuminada de Tobias Barreto, o grande mestre», elles, os moços de então, se batiam pela propaganda do que o snr. J. C. de Souza Bandeira, que o rememora, considera ainda *as idéas do seculo.*

Ás modernas doutrinas estava dado o vulgarisarem-se pela dicção menos pura, menos sabia, de todos os modos menos alta, mas menos pedante e mais accessivel, de Clovis Bevilaqua, que em 1886 publicava na «Bibliotheca das sciencias modernas» os seus *Estudos de direito e de economia politica,* horrorosamente crivados de gralhas typographicas. Em 1893 accrescentava a sua obra com um excellente *Resumo das lições de legislação comparada sobre o direito privado.* Já em seu primeiro volume, o estudo terceiro dos alli comprehendidos, e versando *O Direito,* era o explanar da intuição de Ihering.

Em 1896, compendiava, no seu volume *Criminologia e direito,* Clovis Bevilaqua alguns dos seus mais incisivos ensaios, espalhados na dispersão de revistas especiaes, e cujo estylo é pessoal e pittoresco.

Na verdade, a Tobias Barreto outros juristas se seguiram no Brazil, continuando a evolução iniciada e derimindo, em seu conspecto, as successivas fluctuações do pensamento europeu. Assim, se tornaram conhecidas as idéas da eschola anthropologica, sobretudo as de Lombroso.

*Lembra,* a proposito, Clovis Bevilaqua os escri-

ptos do dr. Ferrer, de Cyro de Azevedo e do dr. João Vieira. Este, porém, não se limitou a artigos de vulgarisação. Emprehendeu um trabalho de maior vulto, o *Commentario philosophico-scientifico* do Codigo Penal Brazileiro (1889), que aliaz já fôra precedido do *Ensaio de Direito Penal* (1884), onde, se ainda se não nota a completa saturação das idéas da eschola positiva, como no *Commentario,* alguma cousa existe que o distincto cathedratico do Recife assegura devida á influencia de Lombroso, Puglia e Sergi.

Depois appareceram a these inaugural do dr. Marcolino Fragozo sobre o que, á moda brazileira, elle designou esquipaticamente, *Genioide alitrico;* surgiram os trabalhos do dr. Estellita Tapajoz e, ultimamente, os de Pedro de Queiroz, no Ceará. Nina Rodrigues, além do estudo de anthropologia criminal sobre o craneo do famoso Lucas, publicou um livro que Bevilaqua qualifica de original ácerca de as *Raças humanas e a responsabilidade criminal no Brazil* (Bahia, 1894). Viveiros de Castro escreveu um tomo de propaganda, que o mesmo critico já referido assignala como forte e bem trabalhado. Elle se intitula *A nova escola penal,* e appareceu no Rio de Janeiro no mesmo anno de 1894. Adelino Filho, a mais da traducção da *Medida penal,* do dr. Kraeplin, apresentara já em 91 uma exposição dos principios basicos da *Nova escola de Direito criminal,* nas paginas da *Revista Academica,* que nasceu e morreu em Pernambuco no praso curto de 91 a 93. Quanto ao mesmo Bevilaqua, acabou por ser preferentemente influenciado pelos publicistas francezes, com especialidade o arguto G. Tarde. Bem que regimbando. Mas afinal.

Finalmente, Sylvio Romero corrigiu, com os seus *Ensaios de philosophia do direito*, o monismo de Noiré, de que no Brazil fizera obstinada propaganda Tobias Barreto. Regeitou a definição classica de Rudolf von Ihering e, volvendo-se a Kant, ao mesmo tempo adheriu a uma indicação de Gumercindo Bessa, para apresentar a sua intuição peculiar do direito. Em sua trama pensa Clovis Bevilaqua (no interessante volume que em 1897 publicou a proposito de os *Juristas philosophos)* que o douto sergipano esquecera o momento essencial da coacção social. Sylvio Romero proseguira, de resto, em sua faina antiga de acclimatar no Brazil, nos traços genericos de toda sua amplitude, o evolucionismo de Herbert Spencer, contra o qual sempre reagira Tobias Barreto, que não julgava possivel a constituição da sociologia, consoante o procurou frequentemente demonstrar, como, com especialidade, nas suas celebres *Variações anti-sociologicas.*

Quanto á nova intuição, darwinista, do direito, e ao seu apostolo, Ihering, de longa data, Tobias Barreto tinha ensinado á nova geração brazileira que havia «um jurista de estatura romana, de quem se poderia dizer o que Pomponio disse de Labeo, que.... *ingenii qualitate et fiducia doctrinæ, qui et cæteris operis sapientiæ operam dederat, plurima innovare instituit; é Rodolph von Ihering.*»

Seu effeito gravou-se e prolongou-se, como frisamos. No volume de Arthur Orlando, que tem o titulo d'um sabor tam brazileiro: *Philocritica* e que é quasi todo, com piedosa emoção, consagrado á analyse de trabalhos de Tobias Barreto, ha um capitulo votado a *esta* coisa abstrusa: *Physiophilia processual.* É um

estudo apresentado á Faculdade de Direito do Recife, por occasião do concurso que se effectuou para preenchimento de uma vaga de lente substituto de pratica do processo; e tem por objecto a determinação do *momento historico* das leis. Seu criterio orientador é tomado de textos, citados, de R. von Ihering. Não foi esse estudo bem acceite pela Faculdade referida. Houve um lente que, á face d'uma proposição de apparencia mais hirsuta, pediu a Arthur Orlando que lhe explicasse o sentido d'aquella proposição, que elle não comprehendia.

Estribava-se na applicação feita ás sciencias juridicas da lei biogenetica fundamental desbravada por Haeckel, e condensava todo o ensino de Tobias Barreto.

Por isso, sem que o diga, Arthur Orlando se dá por vingado por que, alguns dias depois da semsaboria que archiva, Tobias Barreto, vindo-lhe em apoio, lhe escrevesse «com toda a sua largueza de vistas, com toda a generosidade do seu grande coração.»

A nova intuição do direito devia merecer as attenções de Tobias Barreto e suscitar-lhe a actividade.

Ella era de procedencia allemã; ella introduzia o criterio da relatividade nas sciencias juridicas; ella affirmava a força como alpha e omega de toda a ideação juridica; ella era religiosa no seu finalismo. Tinha as condições todas para satisfazer o espirito ingenitamente vago e confuso de Tobias Barreto.

A brutalidade aryana da guerreira Allemanha victoriosa é consubstancial em o conceito basico de Ihering; inconscientemente, o sangue das raças vencidas que girava nas veias do professor pernambu-

cano o afeiçoava á adoração deslumbrada perante a fascinação da insolencia superior. *La force prime le droit,* attribuiu-se falsamente a Bismark esta phrase como que com cynismo e em francez a houvesse pronunciado no Reichstag. Na verdade, em bom vernaculo tudesco, Ihering professa que a força é o direito, o qual, em aquellas condições de vida social *(Lebensbedingungen der Gessellschaft),* não possa existir nem sequer comprehender-se sem aquella coacção externa pelo poder publico *(ausserer Zwang durch die Staatsgewalt).* É ainda de dizer que Tobias Barreto procurou completar o exclusivismo coercitivo do conceito de Ihering, entendendo que a coacção podia provir de outro orgão que não fôsse o poder publico, como o pae na familia, o director em um collegio, etc., sem que por aquillo a norma imposta perdesse o caracter juridico. Por isso, Bevilaqua condensa bem suas monographias, com estabelecer que na intuição de Tobias Barreto, como na de Ihering, se deu o olvido do momento da liberdade.

Como quer que seja, cá no occidente europeu, o effeito é que, na esteira de Darwin e Haeckel, o conceito de Ihering faz sorrir o parisiensismo de Tarde. Alludindo á obra de Ihering sobre a *Lucta pelo direito,* Tarde ricana que «era bem tempo que a famosa —lucta pela vida— encontrasse sua palavra a dizer em legislação.»

Na verdade, Ihering procurou não se satisfazer de abstracções. A elle lhe coube realisar para a philosophia do direito o que para a economia politica levou a effeito Wagner. O francez Bouglé reputa-o *ainda* talvez mais systematico do que esse.

Seja como fôr, o facto é que a sciencia do direito na Allemanha executou, n'este seculo, proximamente a mesma evolução que a economia politica. Como esta, entrou no historismo e, como ella, quer passar-lhe adeante para tomar a fórma d'uma verdadeira sciencia.

Sómente, o methodo, que é perfeito em seu inicio, póde conduzir facilmente a desvairados corollarios.

No Brazil, o terreno estava preparado pela tradição do ensino auctoritorista do positivismo orthodoxo. Assim, a doutrina germanica alastrou e dominou. Cedo iniciou seu influxo. Refere Clovis Bevilaqua que, quando cursava o seu 4.º anno juridico, em 1881, a proposito de determinar a natureza juridica da posse e dos interdictos possessorios, o professor remettia seus alumnos para o tractado de Ihering, *Fundamento dos interdictos possessorios*. No prefacio do *Direito das Cousas*, de Lafayette Rodrigues Pereira, livro, no Brazil, classico para o estudo das materias do quarto anno juridico de então, citava-se o *Espirito do direito romano*. No mesmo anno de 1881, a Bevilaqua consta que os estudantes de S. Paulo publicaram um pequeno jornal, tendo por titulo o nome do romanista allemão. Em 1887, o conselheiro Pinto Junior começou a publicar uma versão do *Espirito do direito romano*, no *Archivo brazileiro*. A *Lucta pelo direito* foi tambem, no Recife, trasladada pelo já citado dr. João Vieira. Finalmente, em 1891, Clovis Bevilaqua dava á estampa a traducção de um dos opusculos «mais eruditos do preclaro mestre — *A hospitalidade no passado*.» Quando o insigne cathe-

dratico germanico falleceu, em 1872, com as condolencias dos professores de direito da eschola do Recife, foram enviadas á universidade de Gœttingen, vertidas para o allemão, phrases previamente publicadas na *Revista Academica* e que são caracteristicas. «No Brazil — diz-se ahi — é profundo o respeito em que é tido o masculo pensador; são fervorosas as sympathias que as suas idéas agremiaram, mormente entre os moços, e quem tem por si a mocidade é senhor do futuro, disse-o elle um dia: — Wer die Jugend für sich hat, dem gehört die Zukaunft.» Assim, o julga, nobremente fiel á sua admiração juvenil, Clovis Bevilaqua, ainda no 1897 que ha dias acabou. O seu ensaio ácerca de Rudolf von Ihering tem por epigraphe a enthusiastica divisa de M. de Jong: — *Er ist der Jurist seines Jahrhunderts und der Zukunft.*

Porventura haja que reduzir; mas, no lance o que importa é a má tendencia auctoritarista que, apezar de tudo, da doutrina basilar de Ihering deriva, sem remissão logica. Apezar de tudo, dizemos e insistimos. Com implicita contradicção, o desfecho do conceito de Ihering não quadra com a premissa, de que derivou pouco rigorosamente.

*Das Ziel des Rechts ist der Friede,* o alvo do direito é a paz, elle o disse. Mas, mais logico, Tobias Barreto proclama que o estudo do direito implica uma continua guerra defensiva, empregando a sociedade meios e manejando armas, entre as quaes está a pena.

O atrazo e a iniquidade intrinseca d'estas doutrinas e suas congeneres, ou divergentes mas sob criterio similar, proveem de que não derivam funda-

mentalmente do unico conceito realmente basilar:— o economico; em seus stratificados, ultimos, sedimentos:— biologico.

Consideram possivel uma sciencia do direito e este independente e de per si. Quando não logra haver mais do que uma, derivada, historia do direito; quando muito, uma logica do direito. Integra-se essa philosophia na consideração preliminar e anterior que, unica, nos póde orientar.

Assim, depois da de Hegel, succede ruina egual para a philosophia do direito mais poderosamente relevante que tem destacado nos meandros da ideação do seculo; assim acontece ao systema de Ihering.

Quanto, agora, á verdadeira chave da nova intuição, ella está na idéa finalistica que a domina.

Foi escrevendo o *Espirito do direito romano* que Ihering encontrou essa idéa do Fim, que lhe foi depois, como elle o declara em sua obra derradeira, a estrella directriz. Ihering traçou o circulo dentro do qual a finalidade conserva um valor objectivo. Esse circulo é, segundo seu cogitar, tam largo como o da actividade psychica. Assim, o principio de finalidade é tam universal no mundo psychologico como o é no mundo physico o principio de causalidade.

Posto o conceito no cairel do declive que o distingue d'alto, á imaginação prompta o deslisar por elle abaixo é deductiva seducção irresistivel. Cedeu-lhe logo, natural, logicamente Tobias Barreto. A intuição de Ihering vinha perfeitamente integrar-se no monismo de Ludwig Noiré, que a Tobias Barreto parecia «dar melhor conta da realidade das cousas.»

Suppunha o publicista brazileiro que «o monismo de Noiré, que póde ter o nome de monismo philosophico em opposição ao naturalistico de Haeckel, assenta em base mais larga.»

Não eram capitaes e não são irreductiveis as divergencias, como Barreto suppunha; e o que ficara era a tendencia a transportar para fóra do espirito processos logicos que só n'este poderiam ter auctoridade, porque só ahi fôram reconhecidos.

Por isso, Tobias Barreto assevera que «o monismo philosophico é conciliavel com a *teleologia*, não tem horror ás *causas finaes*.»

Naturalmente: desde que «a sua ideia directora é que o universo compõe-se de atomos, inteiramente eguaes, que são dotados de duas propriedades,—uma interna, o *sentimento*,—e outra externa, o *movimento*.»

O numero d'estes atomos é infinito e d'aquellas suas duas propriedades originarias, inseparaveis, resulta todo o *desenvolvimento*.

Nada ha que reprehender na exposição que Tobias Barreto nos deixa explanada da summula do monismo que elle professa e propagou no Brazil. Está perfeita e completa. É assim mesmo.

Sómente, em sua *Introducção ao estudo do direito*, depois de haver, como idéas propedeuticas, estabelecido a posição do homem em a natureza, Tobias Barreto houve de definir a lei geral do movimento e desenvolvimento de todos os sêres. É a intuição de Noiré que foi já apontada. Supponhamos. ...m o germanophilo Barreto não façamos disputas ... allemão.

Mas, logo, elle viu-se forçado a declarar que a sociedade é a categoria do homem, como o espaço é a categoria dos corpos. Immediatamente corrigiu.

«Em rigor, e de accordo com a philosophia *Kantesca* — elle escreve — o *espaço* não entra propriamente na *taboa* das categorias; é uma das duas fórmas puras e originaes, em que a razão molda todo o material sensivel. A outra é o *tempo*. Mas não havemos mister desse rigor.»

Na verdade, ao seu fim, o que alli servia era a idéa elementar de que os corpos não podem ser percebidos, quer em todas, quer em parte das suas propriedades, senão occupando um espaço. E, manifestando-se, succedendo-se ou coexistindo no tempo.

Com effeito, estes conceitos do espaço e do tempo constituiam, com o de infinito atomico, as concepções basilares em que deveria preliminarmente insistir a exposição de qualquer systema monistico, fôsse elle materialista ou idealista, finalista ou efficientista, fôsse ou não teleologico, n'uma palavra.

A bem dizer, essa consideração prodromica é a condição indispensavel de qualquer ideação, poisque seja o prolegomeno evidente de qualquer existencia subjectiva. Sem ella, nem a objectividade se resolve na consciencia nem esta permanece sequer. Tudo se afunde.

Assim, Tobiás Barreto procedeu em sua explanação com exacto rigôr logico. Integrou-se no modulo mental contemporaneo, que procede *ab ovo*, e disseca até ás fibras profundas o seu assumpto.

D'est'arte é que as especulações sobre as categorias fundamentaes do espirito, emergindo das suas

condições originarias indispensaveis, estão, com a analyse d'esta, na ordem do dia.

Mesmo, no seu typo concepcional, puro e extreme, mathematico, ellas alargam-se poisque elasticamente extensivas, preenchendo-o, até o mais amplo campo metaphysico de dialectica transcendental.

Ao parecer, reagem essas especulações contra o objectivo nominalismo da philosophia materialista moderna e pretendem reintegrar na elaboração mental coeva um escholastico realismo subjectivo.

Ainda ha só dois annos, em 1896, appareceu, na collecção bem conhecida da *Bibliotheca de philosophia contemporanea,* editada, de larga data, pela casa parisiense de Germer-Baillière (hoje Felix Alcan), um volume typico para o sentido que procuramos frisar. É o *Estudo sobre o espaço e o tempo,* redigido pelo snr. Jorge Lechalas, engenheiro em chefe das Pontes e Calçadas. Obra de pouco tomo, mas de muita substancia, se bem ou se mal que d'uma exposição arida, presuppondo conhecimentos, simultaneamente vastos e subtis. Isto torna a sua leitura muito difficil.

Começa esse livro pela questão da geometria geral ou não-euclidiana. Assente na analyse da proposição, conhecida pela denominação de *postulado de Euclides,* sabe-se qual haja sido estabelecida a differença entre a *Geometria real,* ou *experimental,* e est'outra Geometria fundada na negação do referido axioma, a que Lobatschewsky deu o nome de *Geonetria imaginaria,* ou *não-euclidiana.* E não se gnora que do renovador criterio derivam corolla-

rios de extremo alcance para os conceitos philosophicos do tempo e do espaço.

Assim, o postulado celebre deu margem a uma critica, das que frisamos, aquellas que se referem em particular ás categorias do entendimento, isto é, como excellentemente definiu Tobias Barreto, quando explicou: «Na linguagem philosophica, a palavra *categoria* é empregada no sentido de uma fórma, um *schemma* de pensamento, ou uma condição *à priori*, sem a qual não ha conhecimento possivel.»

Ora, afastando esse rudimentar apoio especialista tradiccional, afim de attingir a transcendente clausula da possibilidade do conhecimento, o auctor de que fallamos deriva logo para a discussão metaphysica das noções do espaço e do tempo. Immediatamente lhe intercala a consideração mathematica do numero, em sua sequente deducção, como o processo de um inquirimento de ordem transcendental.

Na verdade, chegando com logica, no seu capitulo v, á critica do infinito e do continuo, e antes que analyse os sophismas famosos de Zenão d'Elea contra o movimento, o snr. Lechalas encontra, naturalmente, em sua passagem, o conceito da contradicção implicita na noção d'um numero infinito.

Eis este engenheiro congeminativo a braços com as argucias da metaphysica mais ambiciosa.

Era o que deveria acontecer a Tobias Barreto, quando da exposição do seu monismo. Porque este é impossivel sem o infinito d'aquelles seus atomos a que attribue o movimento e o sentimento. E a impossibilidade do numero infinito conduz, logicamente, segundo eminentes pensadores, a Deus.

Mas a Deus, Tobias Barreto despede-o com um aprumo, cujo comico lhe não pertence porém a toda uma eschola sufficientista.

O philosopho brazileiro decide n'estas ridiculas linhas: «Pelo que toca pessoalmente (sic) a Deus, ao Deus de nossos paes e do povo a que pertencemos — com o devido respeito: — nós o pômos fóra do templo da sciencia.»

É certo que o admitte «como objecto de poesia e de amor no templo da religião.»

Mas a concessão é de favor, porque Tobias Barreto ri grossamente do seu mestre Ihering, quando este, dada mesmo a exactidão indubitavel da theoria darwinica, affirma que isso não lançaria perturbação na sua crença em um pensamento finalistico divino.

Chama, irrisoriamente, a esta idéa um «respeitoso tirar do chapeu á divindade.» Attribue-lhe o mobil interessado da pusillanimidade mental. Ihering fêl-o «para não cahir em contradicção com tanta gente, que está de cabeça descoberta.» N'uma palavra, o asserto do tudesco é «chocamente sediço.»

Todavia, mantendo-nos no modo adoptado por Tobias Barreto, cumpre dizer que Deus não sahe, com essa presteza que Tobias deseja, mesmo «do templo da sciencia». Ha uma pequena difficuldade, que Tobias Barreto parece não haver suspeitado: essa da impossibilidade do numero infinito para a construcção sufficiente do seu monismo finalistico. E essa difficuldade deriva d'um theorema mathematico ou considerado tal. É, pois, de caracter *scientifico*. Seu arredamento deve ser a faina anterior e basilar de qualquer monismo logico.

Com effeito, sabe-se como do theorema da impossibilidade do numero actualmente infinito se extrahe a chamada demonstração mathematica da existencia de Deus.

Crêmos que os leitores se recordam da classificação feita pelo genio de Kant quanto ás provas da existencia do Ente Summo. Pois bem: esta demonstração mathematica tracta, na palavra d'um neo-criticista, de enriquecer a prova denominada cosmologica.

Abstractivamente, funda-se na antinomia, ao parecer, irreductivel, entre a idéa de numero e a idéa de infinito.

Arithmeticamente, quem primeiro exhibira esse contraste parece que fôra Galileu, mas a quem pertence a tarefa de pôr em relevo o corollario metaphysico que resulta de tal conceito mathematico foi ao barão Cauchy, nos nossos dias.

Mais tarde, retomou a proposição, com as suas philosophicas consequencias, o rev.º Moigno, secundado, na replica aos contradictores, pelo seu confrade Guettée.

Por seu lado, procuraram pôr embargos á rasgada deducção, na Italia, o professor Govi, da universidade de Turim; na França, Emilio Goubert e Guilherme Wyrouboff, russo de nascimento e co-director, com Littré, da *Revista de philosophia positiva*.

Claro que marcamos as personalidades typicas no caso e os pensamentos fundamentaes. Outras individualidades, porém, se assignalaram no assumpto. Pela banda propriamente mathematica, Torricelli,

Guldin, Cavalieri, Newton, Leibnitz, Rolle, entre outros. Pela banda especificamente philosophica, Gerdil e Th.-Henri Martin, por exemplo.

Quanto ao theorema de Galileu, desembaraçou-o da sua elementar structura arithmetica o especulativo francez contemporaneo snr. Milhaud. Elle pôl-o em toda a sua philosophica simplicidade conceitual.

Pela maneira seguinte:

Na formação dos numeros abstractos pelo espirito, cada um tem por definição ser um symbolo, succedendo ao ultimo em que o espirito se deteve e precedendo o que se ha-de seguir.

Consoante esta propria definição, a creação d'um numero novo não implica jámais impossibilidade alguma; não seria possivel, portanto, existir um numero apparecendo depois de todos os outros, n'esta sequencia, e maior do que qualquer outro assignalavel; n'outros termos, emfim, um numero infinito.

Quem diz *numero* diz *numero finito,* ou, antes, estes dois vocabulos, reunidos, não significam nada mais do que o primeiro, de per si só.

O snr. Lechalas capitula esta demonstração de excellente. Ella é, com effeito, de uma clareza insigne.

O rev.º Moigno foi, porém, ainda mais contracto. Attingiu uma concisão perfeita.

A expressão de *numero infinito,* diz elle, corresponde a quantidade *finita-infinita.* Conclue, d'esta contradicção, essencial e formal, que não ha passagem possivel do finito para o infinito, que não ha nenhum laço, nenhuma relação assignalavel entre o *numero* e o infinito.

Mas nem da passagem de Milhaud nem da do rev.º Moigno se percebe o corollario metaphysico. Quer dizer, não se vê patentemente o que tudo isto tenha com o problema santo da existencia de Deus.

É estranho que, tractando, em toda a sua complexa minucia, estes formidaveis assumptos, *ex-professo*, o snr. Lechalas pareça ignorar os trabalhos, pró e contra, de Cauchy e Wyrouboff, de Moigno e Govi, Faa de Bruno e Goubert, que nunca cita.

Nós tentaremos, no lance, offerecer certa idéa d'uma das fórmas iniciaes do processo logico que do theorema mathematico de Galileu nos conduz á deducção philosophica de Gerdil.

Começa a surgir assim:

Sendo as coisas constitutivas do universo em numero, são um numero. Sendo um numero, são finitas. Sendo finitas, teem principio e fim. Logo, a materia não póde ser infinita, poisque infinitas não sejam as modalidades da substancia, consoante o vocabulario da ontologia. E infinitas não são, porque são um numero; e está demonstrado, anteriormente, a impossibilidade do numero actualmente infinito.

Logo, emfim, o infinito só se póde consubstanciar na essencia summa, que nem é quantidade nem numero, mas o Ente Perfeito e Absoluto, isto é, por uma designação synthetica, Deus. *Quod erat demonstrandum.*

Do intimo, theista; e humilde adepto do espiritualismo transcendente: na mesma mediocridade do caso pessoal, hoje acreditamos, com o experimentalista Bacon, que pouca sciencia e pouca meditação levam ao materialismo; muita sciencia e muita

meditação levam ao idealismo. Claro que, na hypothese, não é o lance. Mas o que logra a capacidade ampla, consegue-o, relativamente, a aptidão restricta. Isto assim occorre, se o humilde lealismo, na busca da verdade possivel, sinceramente acaba por dominar o absurdo orgulho: no sentido profundo do hybrido mytho satanico, pae do peccado, mãe do erro.

Todavia, a vereda por que segue com entono o padre Moigno é atalho desnorteado, que encaminha mal. A mesma jactancia da attitude do transeunte o castigará, em sua altaneira pompa. Não é por ahi: e, sobretudo, não é assim.

Se, em sua misericordia infinita, apiedando-se da nossa humana miseria, Deus nos consentir socego d'animo, opportunamente proseguiremos para conjecturar como porventura deva ser.

Mas, primeiro, se o tolerar, estabeleçamos como assim não é.

O argumento mathematico da existencia de Deus ficou posto, em sua generalidade perfeita. Esclareçamol-o, fazendo-o mais concreto.

Diz-se que ninguem negará, com effeito, que, sendo as estrellas, os soes, os mundos em um numero qualquer, esse numero, por isso mesmo que é numero, é finito, é um certo, um determinado. Pois que, se na serie dos numeros, por exemplo, se juntar uma unidade a um elemento qualquer, segue-se para uma unidade superior; mas esta depende, evidentemente, da antecedente e da consequente, visto ue se póde d'ella passar por addição para uma e or subtracção para outra.

*Assim, pois*, o numero de homens que existem

sobre a terra é limitado; o numero d'astros que giram no espaço é tambem limitado; a materia, emfim, é limitada.

Desponta, aqui, uma observação já. De que o numero d'astros que giram perante nossos olhos embevecidos, o numero de homens que se arrastam sobre a terra, o numero de fórmas, de modalidades da materia seja finito, por ser numero, não se segue que a materia mesma seja finita, porque a materia, como a unidade substancial do universo (se o é), comprehenda todas essas secções, todas essas limitações, em numero, finitas, portanto.

Antes de nós, independentemente, aliaz, o observou o professor Govi, replicando ao rev.º Moigno.

Na verdade, é precisamente o que affirmam uns tantos, quer dizer que a materia não seja, em sua intuição synthetica, uma somma d'unidades, simples total differenciado, mas um sommatorio coordenado. Emfim, não é um numero obtido por addições de tantos elementos a tantos elementos.

A materia, para esses, é um todo continuo, não é uma somma de partes, de numeros juntos uns aos outros; e um todo continuo, por não ser obtido por addições, póde ter um valor illimitado, conforme a serie de causas, no universo, não tem principio nem fim, e por isso mesmo não é finita, mas infinita, illimitada.

De se dizer que as diversas modalidades da materia, do Grande-Sér comteano, são finitas, limitadas — não se póde, logo, deduzir que a materia, em cujo seio taes modalidades habitam, é finita, por ser a somma de *tantas* unidades, o que não se clarifica

Isso importa um salto, tão inexplicavel que leva ao abuso logico de affirmar que a materia tem limites, quer dizer tem principio e fim, pontos extremos. Mas quaes? Onde? E para além d'esses pontos o que ha? O nada?! Então existe a não-existencia?

A difficuldade procede de que o lemma de que a materia nem é infinita nem eterna era precisamente o que se queria provar. Estamos, pois, enleados nos fios d'uma petição de principio.

Ao lance, objecta o rev.º Moigno, no appendice fructuoso que poz ás *Sete lições de physica geral* do seu mestre Cauchy. Pondera que a materia não é um todo insecavel, continuo, que não passa d'uma somma d'atomos simples e actualmente separados.

Pondera, mais, que, suppondo, por um pouco, o universo material continuo, dever-se-hia provar que o continuo é infinito.

Póde, talvez, objectar-se, quanto ao primeiro ponto, que, de nós sabermos a materia divisivel, secavel, separavel em atomos, não se segue que ella seja, philosophicamente, uma somma d'unidades. A palavra «continuo» tem aqui este sentido mais largo, quer exprimir não que a materia seja um todo, por assim dizer, macisso, inseparavel e inteiro, mas sim que o que existe fórma um grande conjuncto, em cuja essencia tudo se encontra ligado intimamente. Não é uma somma separatista de partes, somma de numeros abstractos, que é a unica somma digna d'este nome, mas uma grande synthese concreta, o maximo ser, a existencia myriaforme.

Pois, se se lembra essa descontinuidade da materia, marcada pelas propriedades phenomenalistas

em que assenta a idéa de atomo e sua derivada molecula, repare-se que isso, sómente, fórma o processo de composição, o modo como as diversas partes do sêr se acham relacionadas entre ellas mesmas. Essa descontinuidade não envolve, porém, a materia, em si. Para as moleculas, isto torna-se evidente, poisque os poros sejam tambem modalidades da materia, fórmas de variabilidade da substancia.

Mostra-se franco o alcance philosophico da intuição dita, desde que se applique a attenção devida ao sentido da lei de periodicidade dos elementos chimicos descoberta em 1869 por Mendeljeff (que a monopolisou, por lhe darem exclusivamente o seu nome) e por Lothario Meyer. Ainda que ella não seja rigorosamente precisa e victoriosos triumphem os reparos, já alludidos, de Schutzenberger. Mesmo que seja, como aliaz todas as verdades scientificas, uma simples approximação do limite. Para o assumpto basta o seu *substractum* philosophico. É o caso. Na massa ponderavel primitiva, isso a que Crookes chamou o protylo inicial, os intersticios, póros atomicos, enchia-os o ether primordial, oceano onde tudo náda e que tudo embebe.

Este ether póde considerar-se como uma substancia continua ou como composto, tambem elle, de particulas discretas. Cumpriria attribuir então a esses atomos de ether uma força intrinseca de repulsão, em contradita com a força attractiva inherente aos atomos da materia ponderavel. Assim se integraria a intuição, confusa, de Trémeaux.

Mas, como quer que seja, o que nos importa, para o caso, é a proposição gravada, com a sua ma-

ravilhosa nitidez expressiva, por Ernesto Haeckel na explendida conferencia que, sobre o monismo, improvisou, a 9 de outubro de 1892, em Altenburgo, durante o jubileu do 75.º anniversario da «Naturforschende Gesellschaft des Osterlandes».

Torna-se, com effeito, incessantemente mais fundado o asserto de que não existe espaço vasio e de que, por toda a parte, os atomos primitivos da materia ponderavel ou da massa pezada são separados pelo ether universal, homogeneo, espalhado no espaço connexamente universal. Se recuarmos a investigação, teremos sempre de chegar, para qualquer sub-ether, a uma noção analoga.

Mas as partes que compõem o universo estão fóra umas das outras, succedem-se, insiste Moigno.

Succedem-se umas ás outras, decerto, e nem poderia deixar de ser, mas não se succedem á materia, o que é um pouco differente. Não estão fóra da materia, estão dentro d'ella, são aspectos d'esse irreductivel todo.

«A materia é uma somma de partes.»

Seja. Todavia, quem diz *somma*, no concreto, diz resultado independente, ás claras, das parcellas, postoque existindo por ellas; porém, existindo de per si, áparte d'ellas.

Assim, o sulfato de zinco, por exemplo, é uma somma de tanto de enxofre, tanto de oxygenio, tanto de zinco. Comtudo, como uma somma de entidades concretas, tem uma existencia áparte, independente do zinco, do enxofre e do oxygenio.

Ora, o universo é isto assim por est'arte? Talvez não.

Se é uma simples somma, deve ter uma existencia *áparte, fóra,* das parcellas. Mas o universo, a materia (que é una, depois dos seis typos de Gustavo Wendt), o Cosmos, Pan — é a *substancia* toda, que não póde estar fóra das parcellas que a constituam. Antes, ellas é que estão n'ella, sob a ordem infinita de causas a effeitos.

Quanto ao segundo ponto, lembraremos que não é preciso provar, como pretende Moigno, que todo o continuo seja infinito. Basta que o seja o unico que é verdadeiramente continuo — a substancia eterna e immensuravel, infinita no tempo e no espaço.

Se isto é assim, porque não será infinito este immenso continuo a que nem se concebe poder marcar principio e fim, este grande todo, dentro de que se encontra tudo, do qual a apparencia objectiva póde a si propria applicar-se a palavra sagrada que da substancia perfeita protessa que n'ella somos, pensamos e vivemos?

Na verdade, consoante acima frisamos, a experiencia — e por esta entendemos não a experiencia vulgar, mas a experiencia scientifica (onde os sentidos são ajudados e quasi que substituidos por instrumentos d'uma delicadeza e d'uma precisão inimaginaveis) —, não logrará nunca verificar a divisibilidade indefinida da grandeza; não poderá nunca observar senão uma divisibilidade finita, para lá da qual haverá sempre a liberdade de suppor a continuidade absoluta.

Não se argumente com o facto de que experiencia alguma póde estabelecer a continuidade do espaço. D'ahi concluem certos geometras, como Dede-

kind, que a hypothese da descontinuidade do espaço real é muito plausivel, tanto mais que ella não excluiria, de necessario, a continuidade do movimento. Concomitantemente, philosophos varios, como Delboeuf, sustentam que o espaço real não é euclidiano, isto é, homogeneo.

Isto tudo, porém, são, por egual, emergencias da dialectica transcendente de Kant, com respeito ao espaço. Os que fallam assim confundem simplesmente a materia heterogenea e descontinua com o meio homogeneo e continuo no seio do qual ella está situada e dispersa e da qual emanou, condensando-se em differenciações successivas e diversas.

Mas, proseguindo na accidentada rota, diz-se: Se, pois, o numero de estrellas, de homens, de modalidades da materia, em summa, é finito, claramente que houve uma primeira estrella, um primeiro homem, uma primeira modalidade creada por Deus, d'onde deriva a exacção do ponto de origem que se busca.

«É impossivel, escreve Cauchy, que o numero de termos, de objectos, de acontecimentos (na serie de causalidade de que temos fallado) se tornasse ostensivamente finito... Logo, houve um primeiro homem, houve um primeiro instante em que a terra appareceu no espaço, e o proprio mundo começou tambem.»

«O numero actualmente infinito é impossivel; logo, o numero de homens que existiram sobre a terra é finito e houve um primeiro homem, sahido forçosamente das mãos d'um Deus creador; logo, o numero de revoluções da terra em volta do sol é fi-

nito, e houve uma primeira revolução e a terra foi lançada na sua orbita por uma vontade soberana; logo, em todas e cada uma das ordens da natureza, houve um prototypo sem predecessores, e os seres não se succederam eternamente sobre a terra», addita, com um prestigio de relevo de eloquencia, Moigno.

Mas, manso, manso. Devagar, que temos pressa.

É, na verdade, interessante a divagação d'estes pensadores.

Exemplifiquemos:

Dizem: O numero de estrellas é limitado; logo, houve uma primeira estrella.

Não reparam em dois embaraços.

Consiste o primeiro em que, quando se mostra que um numero infinito é impossivel, se refere o demonstrante ao numero que fixe uma grandeza, continua ou descontinua, mas não ao numero de termos ou serie de numeros que se succedem uns aos outros, formando um todo synthetico, e que não é finito, porque não se lhe póde marcar limites alguns.

Assim, um numero qualquer na extremidade da serie dos numeros não é o infinito, porque é um numero, porque se póde passar d'elle a outro, por mais a unidade ou menos a unidade. Mas a serie dos numeros, essa, é que é infinita, poisque não seja um numero especificado mas um conjuncto aonde os numeros se alojam, como os atomos dentro da molecula.

É lastima que os devaneios metaphysicos, de eminencias, aliaz, forcem ao tagarellamento de banalidades de tal estofa. Todavia, essas subtilezas deram logar, na alta critica mathematica e philosophica, ao recente

o vasto conflicto entre finitistas e infinitistas, de que ha já hoje nas revistas especiaes e em volumes destacados um catalogo enorme.

Comtudo, o simples bom-senso liquida o pleito. Dessarte, no universo material, sabe-se que é um numero limitado, finito o numero de homens, e antolha-se que o seja o dos soes, dos astros e asteroides. O universo material, porém, é que não é finito, porque não é um numero determinado, mas a categoria dos numeros, sua condição, como um todo continuo, infinito, immenso, absoluto no sentido que comprehende todos os infinitos possiveis, isto é, todos os indefinidos parciaes.

O segundo dos embaraços annunciados reside em que, de o numero de modalidades da materia ser limitado, passar para a noção da primeira modalidade não é tarefa tão corrente que lidimamente se derima.

Supponhamos umas tantas bolas de marfim, atiradas juntas sobre o taboleiro d'um bilhar, onde vão girando em caminhos seus proprios.

Segue-se que de estas espheras serem em numero finito, limitado, houve, antes que todas as demais, no tapete, uma primeira? Não existiram, pelo contrario, alli simultaneamente; simultaneamente, alli, não começaram de se mexer? Deduzir do numero d'ellas uma, antes da qual não havia outra, é confundir noções ou fórmas d'uma mesma intuição, substancialmente identicas, mas que muito cumpre, aliaz, differenciar. Emfim, é não distinguir o schema do espaço do schema do tempo.

Mas não sejamos rixosos de pateos dialecticos. Concedamos.

O numero de astros é finito; logo, houve um primeiro astro.

D'aqui que se segue? Concluir-se-ha, como querem Cauchy e Moigno: — Logo, esse primeiro astro foi creado por Deus —?

Evidentemente que tal não é licito fazer, sem que primeiro se prove que as forças naturaes não podem, por si, explicar a formação d'esse astro; segundo, que a creação *ex-nihilo* não é absurda, por contradictoria.

Note-se, ainda uma vez, que aqui não defendemos o materialismo nem atacamos o espiritualismo. Sómente analysamos o valor logico do argumento chamado mathematico, como o padre Buffier, por exemplo, negou o da prova de Santo Anselmo.

Assim estando entendidos, repetimos que dizer que não é infinito o numero dos homens, e por isso Deus creou o primeiro homem —; — não é infinito o numero das estrellas, e portanto Deus creou as primeiras estrellas — é um tal abuso dos mais rudimentares principios dialecticos que resulta manifesto.

Se tal marcha fôsse certa, poder-se-hia dizer: — O numero dos francezes não é infinito; logo Deus creou do nada o primeiro francez.

O senso-commum revolta-se contra esta usança da doutrina; mas deve reparar-se em que o rev.º Moigno commette o mesmo erro. Recuar a applicação do principio para a formação do nosso globo é afastar o momento difficil. qual o da adaptação do criterio, mas não é justificar a sua certeza.

O rev.º Moigno diz: — o numero dos homens é finito; logo, houve um primeiro homem, sahido das

mãos do Creadôr.* Todavia, o problema permanece, na sequencia da fluctuação universal. Assim, modernos sabios existem que se obstinam na consideração evolutiva dos diversos typos, apparecendo aqui e alli, e descendentes de outros incrementos, successivamente rudimentares. N'este plano são celebres as curiosas tabellas do inventivo Haeckel, *verbi gratia*, que tam deslumbradôramente incitaram as quentes phantasias brazileiras.

Na verdade, por isso que o appellido do professor da universidade de Iena, novamente, nos brotou dos bicos da penna, demoremo-nos, breve, no lance.

Consideremos, um élo qualquer de qualquer fauna extincta, o pterodactylo, por exemplo. Esse typo de organisação existiu em numero finito. D'aqui se vê, claramente, que o primeiro pterodactylo havia de ser feito do nada por Deus. Seria, como exclama e declama Moigno, um prototypo sem predecessôres.

Eis como imprevistamente se complicaria, em copia indefinida, o systema das creações á laia dos quatro typos de Cuvier e von Baer. Estes reduziram; mas agora augmentava-se sem fim, poisque em cada ordem da natureza o limitado numero de cada typo exigiria uma creação especial do prototypo sem predecessores. Volveria, complicadissima, a theoria das revoluções geologicas, desthronada por Lyell.

Mas, em contra, doutrinas subsistem que pretendem explicar a existencia animal por processos naturaes, definidos pelas categorias criticas da dupla selecção (natural e sexual), da herança, da adaptação, da geração espontanea dos primitivos germens *iniciaes*.

Serão tudo phantasmagorias?

Todavia, os creadores de variedades por intermedio de selecções artificiaes, na zoologia e na botanica, obteem, outrosim, essas suas variedades em numero finito. Dir-se-ha, á face do quadro, que houve, tambem para elles, um caso primordial de similhante variedade. Logo, então, esse primeiro caso não fôram elles, evidentemente, que o provocaram, á sombra das leis naturaes, de Deus emanadas e que o explicam. Foi Deus mesmo que o creou [*ex-nihilo*, unico processo (se não intelligivel, possivel, pelo menos) de creação; definição até do proprio vocabulo]. Por isso mesmo que tal caso seja o primeiro.

Assim, de producção anonyma natural, o *phylloxera vastatrix*, que, destacadamente, ostensivamente, cognitivamente, enceta a sua existencia ha uma vintena de annos, seria, segundo a implicita, inacceite logica de Moigno, creado do nada por Deus, n'um primeiro typo, sem predecessôres.

Quer dizer: — continuamos na mesma. Em nada se provou que, de o numero dos modos de ser, abstractamente, sobre si, avaliados, da materia serem finitos, ella mesma o seja.

Vamos, porém, mais longe.

Dado, com effeito, que tal se admitta, não se segue de se ser finito o corollario logico de não se ser eterno. É proposição que pede tambem demonstração, *sui-generis*, de per si. Porque, na noção do *infinito* e na noção do *eterno*, a diversidade dos vocabulos nuanceia, como supra o frisamos, o matiz do pensamento. Ha que vêr que se discorre do *espaço*

e do *tempo,* e que, portanto, urge proceder com differenciadora reserva.

Conclusão final: — A questão quedou no seu pé; quer dizer: falta provar, 1.º) que a materia é finita, 2.º) que a materia não é eterna.

Cauchy prosegue na esteira do triumpho: «Em resumo, escreve, só Deus é infinito: fóra d'elle, tudo é finito. Os sêres espirituaes e os sêres corporeos são em numero finito e o mundo tem os seus limites no espaço, como no tempo. O infinito, a eternidade são attributos divinos, que não pertencem senão ao Creadôr.»

Comtudo, parece que ficou mostrado que, de os sêres espirituaes e corporeos serem em numero finito, não se deprehende que o universo tenha limites no espaço e no tempo, consequencia que Cauchy avança demasiado rapido. Parece que se mostrou que, de o mundo ser finito, em suas modalidades varias, seja o infinito sómente Deus — equivale a suppôr que o mundo, finito mesmo, não póde conceber-se, dialecticamente, como auctorisando-se a persistir, sob o criterio substancial, de per si proprio, o que aliaz Cauchy não logrou ainda deixar fixo, em modo irretragavel.

Não se acredite que nos empenhamos em subtilezas cavillosas. O mesmo Cauchy sentiu a lacuna doutrinal que o prejudica.

Assim, aqui, invocou, em seu amparo, o cardeal Gerdil.

Este auxiliou-o pela fórma seguinte: «É evidente que alguma coisa existe de toda a eternidade; porque, *suppondo, por* um momento, que nada existe, coisa

alguma poderá começar a existir, visto que nada não póde produzir alguma coisa... O que é póde conceber-se existir de duas maneiras. A primeira é a d'um estado de immortalidade absoluta, e invariavel a todos os respeitos; de geito tal que n'esse sêr nunca se dá mudança, nem quanto á existencia nem quanto ao modo de existencia. É sob esta ideia d'uma permanencia eterna, sem mudança e sem successão, que a theologia christã nos faz considerar a existencia de Deus. A segunda maneira de existir é a d'um sêr sujeito á mudança e no qual um estado, um modo, uma situação succede ou póde succeder a outro estado, a outro modo, a outra situação. Ora, a idéa de eternidade é incompativel com a existencia de todo o sêr sujeito a variações e a successões. Logo, se existe alguma coisa de toda a eternidade, como se é obrigado a reconhecer, é preciso que o sêr eterno cuja existencia é necessaria, seja immutavel a todos os respeitos.»

Este raciocinio é, incontestavelmente, bello. Mas, reparando, não é preciso muito attentamente, logo destaca que Cauchy, na piugada de Gerdil, abandona, assim, prestes, o campo stricto das especulações puramente mathematicas. Acolhem-se ambos ao refugio dos postulados ontologicos, o que deve fazer, na hypothese, desconfiar, mais ou menos, da solidez essencial da argumentação.

O brilho expositivo, a immediata clareza, muito impressiva, não são, tambem, de molde ideneo a segurar-nos.

Com effeito, a materia soffre mudança no seu modo de existencia, isto é, na construcção das suas

modalidades e na *disposição* d'ellas. Mas resta saber se a variabilidade formal ataca a substancialidade structiva.

Ou, mais concretamente: com os progressos da chimica quantitativa, estabeleceu-se, até ao logar-commum, que, no seio prolifero de Pan, nada se cria, nada se anniquilla. Tudo se succede, pois, é certo, mas sem alteração de existencia; de essencia, pois. Só de modo, as transformações equivalem-se. A synthese encontra, no resultado, a somma dos elementos da analyse. As forças transmudam-se umas nas outras na ondulação de effeito mecanico, na resolução de movimento, que ainda para a incoercivel luz o apparelho de Crookes se propôz revelar.

A intuição metaphysica (corrigenda) de tal conjuncto observacional (corrigendo) determina, portanto, o conceito synthetico, para a materia, da immortalidade absoluta que demanda Gerdil. Na verdade, o primeiro dos primeiros principios é o da indestructibilidade da materia, poisque a incapacidade que nos impede de conceber que a materia venha a ser não-existente é a consequencia directa da natureza mesma do pensamento. «É impossivel, conclue Herbert Spencer, pensar que alguma coisa venha a ser nada, pela mesma rasão por que é impossivel pensar que nada venha a ser alguma coisa; e essa rasão é que «nada» não se póde tornar em um objecto de consciencia.»

Sem embargo da mudança relativa ao modo de existencia, attingiu-se, pois, aqui a idéa appetecida da permanencia eterna.

Substancialmente, é, mesmo, d'est'arte, o que importa em Deus.

Gerdil não attende a que a permanencia divina não póde implicar inercia. A ideação (e sua consequente volição, pois) é o movimento da substancia summa. E toda a ideação implica (para nos ser intelligivel) successão. Assim, as remodelações differentes nos quatro planos de Cuvier, as creações, outras diversas, após as catastrophes alternadas, são formulas que successivamente se escrevem e apagam na lousa dos tempos.

Não se afasta a difficuldade objectando que em Deus tudo é presente. Ao invez, as contrariedades accumulam-se e avolumam-se.

Lechalas bem se conforta com que a primeira hypothese de Th.-Henri Martin, relativa ao modo do pensamento de Deus, se torne real, sendo effectivamente assim se não se considera senão a ordem das coisas contingentes. Mas resta a das verdades necessarias, das verdades mathematicas, por exemplo, que nenhuma intelligencia temporal poderia esgotar. Essas devem subsistir, pensa Lechalas, de conformidade com a orthodoxia christã,—devem subsistir no pensamento divino, só por uma fórma, por assim dizer, implicita. Em verdade, a sua distincção, sob a nossa maneira costumada, de theoremas numerados e denominados leva á contradicção do numero infinito. De maneira que nada ganhamos em querer fugir ao materialismo, pela guarida do theorema de Galileu. A substancia divina torna-se-nos, egualmente, contradictoria e impossivel, por isso que o numero das verdades que intellectivamente possua teria de ser infinito, e o nu-

mero infinito se declarou, preliminarmente, impossivel. Dizer que elle é implicito em Deus importa tomar uma liberdade logica que, em materia de postulados, a todas as theses antitheticas d'uma antinomia qualquer é permittida com egual direito. D'onde se não marcha.

Não se afastou por essa evasiva a difficuldade, salvo confessando, com Comte e os positivistas, que tudo isto transcende as fronteiras da nossa cognitividade, até mesmo da nossa simples e elementar comprehensão.

De facto, com a mesma auctoridade logica, identicamente, poderiamos fallar da materia, suppondo n'ella, considerada como aristotelica entelechia, tudo presente. Com effeito, raciocinadamente, por marcha dialectica, por processo philosophico e scientifico, ácerca de Deus e da sua eternidade não podemos formar noções senão as que do mundo nos é licito extrahir.

Quem nos assevera, pois, ser verdadeira a distincção de Gerdil, de que em Deus a existencia e o *modo de existencia* são permanentes, emquanto que na materia a existencia não é permanente, por ser uma serie de successões?

Não se vê que esta serie de successões implica o modo de os elementos do grande todo material se comportarem dentro d'elle, mas não o modo substancial d'elle mesmo, que é tão permanente que nada d'elle se perde, nada se cria, antes tudo se conserva sempre e por maneira indefinida?

*Cauchy* pretende, n'este ensejo, reforçar a es-

*tancia.*

Diremos como.

Cauchy redargue que é facil estabelecer a certeza d'esta proposição, a saber que a idéa de eternidade é incompativel com a do sêr sujeito a variações e a successões. A materia não póde ser eterna, professa elle, por ser sujeita a variações e a mudanças em seu modo de existencia.

Seja. Comtudo, ha aqui uma singular quebra de sinceridade logica. Do genero das que ficaram reduzidas á expressão mais simples depois da implacavel analyse de Kant, na *Critica da rasão pura*. É do mesmo typo.

Na verdade, Cauchy deduz, da não-eternidade da materia *no tempo*, a eternidade de Deus *fóra do tempo*. Esta aberração dialectica é fundamental e insanavel.

Passemos, porém. Note-se, tão só, uma ultima vez, a singularidade da doutrina que affirma que uma coisa não póde ser eterna, por ser sujeita a mudanças.

Volvamos a considerar uma d'aquellas bolas de marfim que, precedentemente, suppuzemos arremeçadas, de encontro ás tabellas de um bilhar, pela mão irada de um marcador ideologo.

Esse corpo, sob o criterio do principio (physico, chimico, mecanico) da conservação da materia, da perpetuidade da força, da continuidade do movimento, em toda e qualquer das mudanças por que passar, de um momento qualquer para deante (para deante, é claro, em referencia á mente do observador), conserva o seu *substractum* essencial. D'esse instante para traz, como o principio persiste e as leis naturaes não se suppuzeram alteradas, o corpo não dei-

xou de persistir tambem. Atravez, pois, de todas essas fórmas, d'essas variações, d'essas successões, tal coisa ganhou a eternidade, venceu o infinito no tempo.

Esta concepção da permanencia substancial na variabilidade formal constitue, por assim dizer, o centro organisador, o nexo formativo, o niso fixo do pensamento contemporaneo.

Todas as nossas idéas se pulverisam, caso essa concepção structiva fôr abalada. Por isso repizamos.

Quem, primeiro, a formulou claramente foi a inicial philosophia grega na ingenuidade do conceito de Heraclito. *Tudo existe e tudo não existe.* Chegou ao seu desfecho systematico em Hegel, cujo grande merito consiste, no parecer marxista de Engels, em haver rehabilitado a dialectica como a fórma mais elevada do pensamento. Disciplinada pela positividade scientifica, resolveu-se na theoria da evolução, que destaca como o culminante esforço da intellectualidade humana até hoje.

É curioso e quasi incrivel. Tudo ficaria prejudicado, prevalecendo a orientação critica de Cauchy.

Elle escreve: «É facil estabelecer a certeza d'esta proposição, de que a idéa da eternidade se não póde applicar á existencia d'um sêr sujeito a variações e a successões; por exemplo, á existencia da terra ou de qualquer outro objecto material. Com effeito, como a terra, emquanto existiu, se poderia mover constantemente na mesma orbita, é claro que a possibilidade da existencia eterna da terra arrasta a possibilidade d'um numero infinito de revoluções actualmente effectuadas por esse planeta.»

Mas quem fallou na existencia eterna da terra?

Voltamos á semsaboria do costume? Pois voltemos. Mas para nos despedirmos.

Na verdade, segue-se então que da sciencia certa que possuimos da não-eternidade da terra se derive a da não-eternidade da materia? Segue-se, da não-eternidade d'uma das modalidades da materia, a não-eternidade da materia, que tanto é terra como nebulosa (d'onde, segundo Kant e Laplace, se desprendeu o planeta) — como o modo precedente da nebulosa, como o modo ulterior do planeta?

Que importa que a terra não seja eterna? Que o não seja a lua? Que o não sejam Saturno, Marte, Urano? Infere-se d'aqui alguma coisa? Prova-se d'aqui que a materia, de que se fez a terra, de que se fez a lua, de que se fizeram Saturno, Marte, Urano, todos os globos astraes que conhecemos e não conhecemos, seja tambem não-eterna, finita, haja tido principio e haja de haver termo, claudique entre limites?

Parece, comtudo, istó ferir todos os principios. Quando no espaço se encontra um corpo novo; quando do campo da observação desapparece um elemento conhecido; quando a construcção se revela, ou quando a disposição se modifica, ninguem diz que o novo apparecido brotou do nada, que para o nada convergiu o que sé nos não antolha egual.

D'uma modalidade marchou (para outra divergente) porção certa da materia, una, infinita, eterna.

O ardil de Cauchy, de que a eternidade da terra traria comsigo a existencia actual d'um numero infinito de revoluções, comprehende-se. Urge reverter a applicar o principio mathematico da impossibi-

lidade do numero actualmente infinito. Mas não procede, nem colhe. Bem se sabe que nem a terra é eterna, nem o numero das revoluções por ella realisadas é *actualmente* infinito.

Depois que Cauchy redigiu o seu opusculo havia de calcular que a terra não suspenderia seu movimento. Augmentar-se-hia, pois, o numero das suas revoluções effectuadas já até então.

Mas a outra difficuldade permaneceu tambem. Isto é, que de tal numero de revoluções ser finito não se demonstrou ainda que houvesse uma primeira, determinada directamente pela vontade do Creador.

Cauchy continúa conquistando uma facil victoria, por isso que nada impede de suppôr, diz elle, que, a cada revolução terrestre, uma intelligencia superior imprima um signal qualquer sobre um ponto dado da extensão.

Porém, para que seria precisa essa marcação?

É para o infantil jogo, charada cuja chave se possue previamente, de se derivar a conclusões em que intervem o theorema fundamental sobre as series, vasta e complicada elaboração critica — inopportuna e descabida. Tudo emergindo d'uma supposição que não está Cauchy auctorisado a permittir-se.

Com effeito, é essa intelligencia superior que elle pretende deduzir. Portanto, andamos, parece, em torno da questão; não avançamos terreno.

Sobre o lance, ha para observações. Mas a nós, em nosso departamento e zona apprehensiva, isto nos baste, óra. Repetimos a phrase desconfiada do espi-

rituoso Courier: «Deus nos livre das bexigas e da metaphora.»

Assim, recapitulemos, que vai sendo tempo.

Resumindo e condensando:

Diz-se: — O mundo não é infinito, por taes e taes rasões, já analysadas. Conclue-se: — Logo, só Deus é infinito.

Admittamos (apezar de todas as considerações até á data por nós produzidas) o primeiro termo do raciocinio. Segue-se, da exacção da proposição, ser verdadeiro seu corollario? Quer dizer: logicamente procede do finito do mundo o infinito de Deus?

A consequencia não é legitima. Afastemos o abuso phraseologico, que confunde o espirito. Reduzamos a questão ás proporções mais simples. Descarnemos o syllogismo.

Tracta-se de provar que Deus é o infinito, contra o asserto de que o infinito não é Deus, mas sim a materia.

Cahimos, pois, n'uma fórma simplista de argumentação. Movemo-nos no estreito ambito d'um dilemma.

Isto é: ou Deus é egual ao infinito, ou a materia é egual ao infinito. Mas sempre, em qualquer das hypotheses, para que dialecticamente se attinja conclusão, caso o infinito da primeira egualdade seja *egual* ao da segunda.

Ora, affirma-se que se mostrou que a materia não póde ser o infinito; e que, logo, infinito só póde ser Deus. Mas que infinito? Evidentemente, o que se provou não poder convir á materia e, em consequencia, por exclusão de partes, pertencer só a Deus.

Porém, se logo depois se accrescenta que o infinito da materia, supposto provisoriamente possivel, não é, substancialmente, o infinito de Deus, torna-se claro que se não póde concluir que, de a materia não ser o infinito, Deus seja o infinito *linha*, differente de o infinito. A argumentação deixa de ser uma argumentação por exclusão de partes, para se resolver n'um franco erro de marcha.

Com effeito, o infinito, que convenha ou não convenha á materia, estabelece-se, primordialmente, por definição, que não é o que convem a Deus. Quer dizer: suppondo Deus infinito, este infinito de Deus não é aquelle que se negou na materia. Na materia, o infinito procurado, no especifico momento dialectico, é o infinito condicionado nos conceitos subjectivos do espaço e do tempo, referido a dimensões e a successões, emquanto que em Deus o infinito é a plenitude da existencia, sem dimensões e fóra de successões, dentro da categoria, unica e exclusiva e suprema, que se define na palavra ultima de o Sêr Perfeito.

Acceite, o raciocinio de Cauchy levaria a crêr que em Deus existe, por não poder existir na materia, o infinito que a esta era attribuido erroneamente, dizia-se, pelos sensualistas, ou seja o infinito no espaço e no tempo. Attingir-se-hia o cumulo de que só Deus é, o quê? O numero actualmente infinito.

Os ontologistas distinguiram sempre, aliaz, aquillo que designavam por infinito mathematico e aquillo que denominaram infinito metaphysico. De essencia, nas modalidades pensantes, a sua destrinça residia, syncre-

ticamente, entre quantidade e qualidade. Cauchy acabou por baralhar tudo, n'um embroglio abstruso.

Se, pois, o infinito de que Cauchy despojou a materia para o transferir para Deus (que d'elle não carecia, naturalmente), se esse infinito é o infinito mathematico, esta passagem de attributos implica contradicção com toda a metaphysica espiritualista classica e com toda a theologia christã. Sabe-se que, contra Newton e Clarke, ambas repudiaram sempre em Deus o infinito da materia no espaço, a eternidade da materia no tempo.

De resto, se Deus possue o infinito presupposto, de começo, peculiar na materia, a objecção opposta a esse infinito da materia, pela difficuldade da possibilidade do numero actualmente infinito, persiste, comtudo, em Deus. Importou deslocar o problema; transportal-o do immanente para o transcendente; recuar o enigma. Mas foi só isto. Affastou-se o caso, o que envolve uma injustiça critica e uma iniquidade logica.

Ponderando, em lance similar, o russo Wyrouboff, no folheto *La science vis-à-vis la religion*, registra que «despojar dos seus attributos um objecto em proveito d'outro, é acto d'uma parcialidade evidente; é mais; é, simplesmente, uma carencia de logica.» Confessa, com franqueza, que é «assaz cego para não vêr por que razão *logica* Deus seja infinito, e não assim a materia.»

A confusão de Wyrouboff deriva do mixtiforio engendrado por Cauchy. O erro dialectico d'este é, no fim de contas, o mesmo erro geral da metaphysica classica, com a applicação extra e hyper-objectiva

do principio da causalidade, na serie das provas da existencia de Deus, cosmologicas chamadas. Depois que Kant concluiu esse prodigioso monumento da *Critica da razão pura,* custa a crêr que estes desvios de conducta analytica se reproduzam ainda.

Mais estranhos são, por exemplo, da parte do moderno Renouvier, que, com todos os neo-criticistas, no exame da noção de continuidade, applicando o eterno theorema de Galileu, incorre em identicas abusões.

Para o conceito do Ente Summo, sob o incorrecto modulo classico, pôz, consoante já o frisamos, em relevo a contradicção implicita, na adaptação immanente do theorema referido, o recentissimo Lechalas, com a nota idonea de seu livro ultimo.

Não procrastinando o debate por agora, resulta o residuo final.

Quer dizer que, se o infinito de Deus não é o infinito mathematico, porque o infinito em Deus não seja, como na materia, *successão, dimensão, variação, duração, etc.,* não seja, emfim, no tempo e no espaço, não se segue, conforme parece haver-se visto, que, sendo a materia finita, como successão, dimensão, variação, duração, etc., Deus seja infinito, não na successão, dimensão, variação, duração, etc., mas fóra da successão, fóra da dimensão, fóra da variação, fóra da duração, etc.: quer dizer que, de não ser a materia infinita no tempo e no espaço, Deus seja infinito *mas não no tempo nem no espaço.*

Proceder assim (como Cauchy, como Moigno, como Gerdil, como Th.-Henri Martin) é proceder o mais illogicamente possivel.

Depois, consoante se antolhou, os absurdos implicitos n'esta prova (irrefutavel ao materialismo e ao pantheismo, a conceito de Pillon) não param aqui, antes se topam a cada passo.

Não ficou, pois, pelo menos mercê de tal ordem de considerações, prejudicado o lemma de que o mundo seja um grande todo, sem principio e sem fim, continuo e eterno, infinito no espaço e no tempo.

Quanto aos argumentos adduzidos contra a hypothese da continuidade da materia pela memoria de Saint-Venant e pelos calculos de Poisson e de Cauchy, os quaes se compraz em citar Renouvier, ainda que valor destrinçadamente philosophico possuissem, nenhum teriam para o nosso caso de agora. Isto é, em modo algum elles confirmam a «prova racional pura», isto é a pretensa demonstração *mathematica* e *à priori* da impossibilidade do numero infinito, e, por consequencia, da grandeza continua. Muito menos o seu corollario transcendente para o caracter limitado do universo.

Este assim não é.

Ao contrario. Porventura o caracterisasse perfeitamente aquelle fabuloso Pascal, quando lhe chamou uma incommensuravel esphera de que o centro está por toda a parte e a circumferencia em parte alguma.

A imagem é bella e mereceu a sancção plausivel da contemporaneidade e da posteridade do mais illustre dos de Port-Royal. Todavia, deriva da mesma imperfeição psychica de que procederam o erro da demonstração chamada mathematica e a illusão impotente de que ella emerge.

Com effeito, esse erro e essa illusão procedem d'uma impossibilidade organica insanavel, que unifica todas as objecções do typo observado. É ella, essa impossibilidade, a de construir a idéa de infinito na intuição sensivel.

Mas tal scopo, chimericamente, se pretende sempre. Com lucida perspicacia, caracterisa Couturat esta freima de, como elle diz, «querer poder-se figurar o infinito.»

Sómente, talvez não apercebesse analogo desvio logico, quando o seu enthusiasmo trasborde perante as consequencias da theoria dos conjunctos e dos numeros infinitos, recente, de Jorge Cantor. O alcance restricto da humana cerebração não permitte largas ensanchas, a partir do eliminamento dos dados da intuição sensivel; e, assim, revela a impossibilidade inicial todo e qualquer conceito identico do typo da equivalencia do conjuncto a $n$ dimensões a um conjuncto linear ou da revertencia afinal do novo numero transcendente $\omega$, representativo d'uma collecção de objectos distinctos. As series de Cantor reintegram a difficuldade, e a formula de Santo Agostinho, por elle citada e que Couturat qualifica justamente de bella (se bem que nada contenha de imprevisto), com se repetir, de categoria a categoria, não faz senão reproduzir o problema de começo e a impossibilidade de inicio.

Um horisonte de intimas suggestões se rasga entro em nós, ao golpe de intuições similares, mas ɔncretamente demonstral-as e amostral-as implica ɔntrariedade insanavel. O exame do thema das *superficies de* Riemann, e a intuição theorica de Gauss

condiriam com o asserto, ventiladas convenientemente.

Este sentido exterior cumpria que o apercebesse Milhaud quando, na segunda edição, revista, do seu reputado ensaio sobre as condições e os limites da certeza logica, discutiu as consequencias philosophicas da geometria não-euclidiana. Nenhum auctor referente ou afferente lhe escapou: nem Bolyai, nem Beltrami, nem Klein, nem o subtil e elegantissimo Poincaré (que restabelece a alta gloria da tradição mathematica franceza), nem Helmholtz, nem Lie, nem o reverendo Broglie, nem, finalmente, o eminentissimo Calinon, o qual elaborou as definições essenciaes que podem servir de base para uma geometria do espaço a tres dimensões, geometria geral, de que a de Euclides não seria mais do que um caso inteiramente particular. Só n'este sentido se poderá adherir á conclusão de Milhaud, de que o idealismo bem como o empirismo se não devem lisongear de descobrir nos trabalhos mathematicos de geometria não-euclidiana qualquer argumento decisivo que lhes seja favoravel.

Identicamente cumpriria a Milhaud distinguil-o quando a Tannery toma, do prefacio da sua basilar introducção á theoria das funcções d'uma variavel, o lemma de que Tannery julga que não é licito fazer mysterio em mathematica e concernente á noção de infinito. De resto, havendo reformado, além das alterações de minucia, da primeira para a segunda edição do seu trabalho, o criterio respeitante á deducção do axioma de Euclides, prejudicada pelos neo-geometras, ao cabo da ultimada reforma teve o sentimento

de haver sido ainda, por vezes, demasiado exclusivamente logico. Assim se viu obrigado a prometter segundo volume que siga servindo d'uma especie de complemento. Na verdade, hirto, tarde o logico viu substituir-se á immobilidade statica do principio de identidade a identidade viva e dynamica do pensamento. Quer dizer, á maneira germanica, que, substancialmente, seu conceito fôra mais metaphysico do que dialectico, consoante, aliaz, assim é que convinha.

Tudo isto, como theorema inicial e como corollarios derivados, demandaria longas explanações.

Mas, para agora, do que se tracta é de frisar que á materia se póde, sem discrepancia logica, attribuir a eternidade e a infinidade.

Dir-se-ha, porém, á laia do sorbonnico Paulo Janet, que o infinito não indica independencia nem o eterno existencia por si mesmo?

Mas revertemos á explicação de vocabulos? A philosophia reduzir-se-ha a lexicologia? Teria rasão o sceptico Montaigne, com sua indifferença structiva de judeu portuguez? Todas as pendencias serão verbaes?

Pois, então, não se percebe que Deus, que é infinito e eterno, não será, graças a similhante rasão, não será, por aquelles caracteres, nem independente nem de per si-mesmo? E, não o sendo por força de raciocinio, por que o será demonstrativamente? Se a deducção não basta, chegará a definição, lisa e extreme?

Á definição reduz as proposições geometricas basilares, estudando o entendimento nas suas relações com a linguagem, Paul Regnaud quando resenha o seu resumo de logica evolucionista. A etymologia *indica-lhe o* verdadeiro caracter distinctivo de lemmas

que, ainda nas mais arduas subtilezas metaphysicas, se reduzem, d'ess'arte, a puras tautologias.

Na generalidade, é discutivel; mas aqui vê-se nitido o exemplo.

Isto é: recahe-se na pretensão, primeira e ultima. Almeja-se por fugir, em Deus, á applicação d'esse principio de causalidade que, com correcção e incorrecção, se não perdôa á materia. Soffregamente, eis-nos, de novo, no ponto-de-partida.

Com prejuizo irremediavel da logica e da dialectica, da metaphysica e da psychologia; sem embargo das divagações mathematicas, ou prematuras ou escusadas.

Tambem, sem o escrupulo d'estas e congeneres minudencias preliminares ou subsidiarias, constituiu Tobias Barreto o seu systema philosophico. Elle merecia particular attenção, porque depois do positivismo orthodoxo foi o monismo heterodoxo a doutrina que mais influenciou na moderna geração transatlantica. A ellas duas, as theorias de Comte e de Noiré caracterisam o hodierno Brazil mental. É curioso que, dos dois progonos levantados nos escudos americanos, um, Comte, estivesse esquecido na Europa, e ó outro, Noiré, aqui fôsse e continuasse a ser quasi ignorado. Na Inglaterra, ninguem faz caso da sua laboração e a mesma Italia, tam penetrada de germanismo, desdenha-o rudemente. A sufficiencia franceza, no vasto repositorio que tornou ridiculo o fallecido Floquet por o citar, isto é no armazem onde enfardou sciencia e litteratura, de commandita, Pierre Larousse, á conta de Noiré dedica duas magras linhas relembrando-lhe o nome. Diz-se d'elle que «procurou esta-

belecer uma concepção monistica do mundo, apoiando-se sobre a philosophia de Spinosa e de Schopenhauer e sobre as theorias dos naturalistas modernos.» Eis tudo. Pouca coisa.

Na verdade, a importancia elevada de Ludwig Noiré deriva de zona de mais restricta amplitude. Foi quando expoz, não ha muito tempo, sobre a origem da linguagem *(Der Ursprung der Sprache)* uma theoria nova, que recebeu, salvo algumas reservas, a approvação do illustre Max Müller.

Quanto á essencia da doutrina de philosophia linguistica de Noiré, encontra-a Penjon (na recensão que fez do livro do professor de Moguncia) toda condensada n'um celebre pensamento contractamente expresso. É que «a humanidade explica o homem». A quem pertence esta phrase synthetica e summular, a dentro da qual se contem toda a ethica agora desenrolada pelo russo de Roberty, o qual, no seu neologismo barbaro de o «psychismo social», considera a moral como sociologia elementar? Pertence ao francez Augusto Comte.

Na pormenorisada derivação de suas interpretações, Carrau entende que a theoria de Noiré explica muitas coisas mas que não explica tudo. Conclue, pois, com Max Müller, que, se Noiré descobriu uma fonte nova e importante,—um rio tão grande, tão largo e tão profundo como a linguagem humana poderia bem possuir outras que elle, quiçá, um tudo nada por demais desconhecera.

É certo que o que encontrou, valioso se antolha *ainda* hoje a muitos dos competentes. Assim o vêmos nos resolutivos tentamens, especialistamente

orientados por um criterio monistico geral, em que o professor Karl Abel, nos nossos recentes dias, procura demonstrar a affinidade etymologica das linguas egypcia e indo-europeas. Começa o eminente glottologo por estudar os phenomenos da troca do som *(Lautwechsel)* e do accrescimo do som *(Lautwuchs)* com troca de som *(Lautwechseln der Lautwuchs)*. Ora, ás variações de som e de sentido são associadas outras: o som opposto *(Gegenlaut)* e o sentido contrario *(Gegensinn)*.

Chegamos. Quanto a este thema do sentido contrario, é facto que, desde Heraclito e Aristoteles até Spinosa e Hegel, a sciencia logica reconheceu como a unica possivel a formação das nossas idéas pelos contrarios. E similhantemente, em seus recentes tractados da philosophia das linguas, varios publicistas eximios declararam abertamente que este mesmo processo não era tão só possivel mas, por absoluto, necessario para a concepção das idéas.

Entre estes, Abel reporta-se aos trabalhos de Noiré. Mas conjuga-os com os do compatricio Duboc, e ainda com os do inglez Bain.

Até aqui, n'estes terrenos, estava perfeitamente bem. Agora, como aptidão consummada philosophica geral, elle foi, Noiré, uma gloria tudesca de exportação. Para o Brazil. A orgulhosa *Germania-mater* não estránha. Já teve outra. A de Krause. Para a Hespanha e para a Belgica.

Do monismo de Noiré, os espiritos despreoccupados sentiam-lhe as lacunas.

E Sylvio Romero pretendeu substituir-lhe um singular amalgama, onde a intuição de Herbert Spen-

cer predominava. A tentativa data logo dos começos de sua dedicada propaganda proselytica. A obra de messianica iniciação é *A philosophia no Brazil*. N'ella se empenha Sylvio Romero em tornar conhecida do grande publico brazileiro a renovação litteraria, a revolução philosophica operada por Tobias Barreto. Seu proposito de reveladora homenagem é tam insistente e firme que o snr. A. H. de Souza Bandeira Filho considerou a obra como visando a esse unico alvo.

Pois, apezar de tudo, Sylvio Romero conserva indemne a autonoma integridade do seu espirito, sem embargo de, injustamente, aquelle seu antagonista (que mais tarde com elle e a nova intuição se havia de reconciliar) o suppôr, á data, uma simples superfetação de Tobias Barreto.

Era injustiça de Bandeira Filho. O conceito antinomico pelos dois amigos formado ácerca de Herbert Spencer, sua obra e influxo mostra nitidamente a divergencia fundamental que os separa.

Sylvio Romero resume as suas idéas geraes nas seguintes palavras: «O meu systema philosophico reduz-se a não ter systema algum, porque um systema prende e comprime sempre a verdade. Sectario convicto do *positivismo* de Comte, não na direcção que este lhe deu nos ultimos annos da sua vida, mas na ramificação capitaneada por Emile Littré, depois que travei conhecimento com o transformismo de Darwin procuro harmonisar os dois systemas n'um criticismo amplo e fecundo... Eu não sei si ainda *haverá*, entre homens que se occupem com philosophia, *quem* ignore que Herbert Spencer, que como

pensador é mais profundo do que Littré (apezar deste não ser só para mim o que delle disse Michelet), e cujo monumento philosophico tomado no seu todo é mais imponente do que o do proprio Comte, eu não sei si ainda haverá, digo, quem ignore que elle abraçou muitas idéas deste ultimo e repelliu outras, e que tambem desenvolveu e fecundou sua doutrina pelo darwinismo, de que foi até um dos predecessores.

«Eis ahi a possibilidade da juncção harmonica das duas correntes de idéas, sem duvida alguma, as mais fecundas que o nosso seculo viu surgir... Sou eu, pois, sectario do positivismo e do transformismo? Sim; entendendo-os, porem, de um modo largo, e não sacrificando a minha liberdade de pensar a certas imposições caprichosas que os systemas possam porventura apresentar.»

Mas Tobias Barreto não se contentou com não sacrificar sua liberdade. A Herbert Spencer brindou-o, da Escada, em Pernambuco, com o mais solemne desprezo. Cota-o entre os vulgarisadores, ao lado de Letourneau e Le Bon!

Nunca Sylvio Romero logrou o effeito de hypnose philosophica com que á mocidade brazileira a fascinava Tobias Barreto. Por isso, a intuição spenceriana não abriu larga carreira no Brazil. Travava-a o attrito da propaganda diffamatoria do orthodoxismo comteano, de resto. No seu livro ácerca de Benjamin Constant, o paulista Teixeira Mendes, acrysolado positivista, tem esta petulancia. Chama a Spencer *o superficial Spencer*.

A tanto se não chegou, mesmo em Inglaterra,

que as não perdoa aos seus filhos mais dilectos, e onde hoje em dia é moda, nas revistas pedantescas, desfazer em Spencer. Mas por seu substancial idealismo, nunca por sua superficialidade. Elle é accusado de imprudencias temerarias, não de empirismo exiguo. Ao contrario; essa, a causa de seu actual descredito.

Mas, no Brazil, pelas rasões ditas, é que de credito, largo e seguro, nunca se gabara o philosopho cujo livro de *Os Primeiros Principios* ficará, apezar de tudo, como um dos marcos milliarios do seculo.

Assim, quando rompeu a sua violenta campanha ultima contra positivismo e positivistas, Sylvio Romero viu-se quasi abandonado, sentindo logo a necessidade disciplinar da agrupação solidaria. Prégou-a; implorou-a.

José Verissimo frisou a inanidade do anceio de Sylvio Romero. Este aconselha «com inteira convicção aos sectarios do naturalismo evolucionista, cuja formula synthetica póde ser bebida em Herbert Spencer, a que se organizem tambem em um centro de propaganda e procurem reagir pelo jornal, pelo livro, pela conferencia, pela lição oral contra o neojesuitismo (é como designa o positivismo).» Com reservado empenho descendo ao amago da destrinça, José Verissimo contesta a exequibilidade do anhelo. «Não é possivel, escreve, não é razoavel pretender substituir, para os effeitos praticos — e são os effeitos praticos que visa no seu livro *(Doutrina contrà doutrina)* o snr. Sylvio Romero — a doutrina positivista, que abrange todas as relações humanas e determina regras de conducta para todas as manifestações da

actividade humana,—pelo evolucionismo que é meramente um criterio critico, um methodo scientifico e uma generalisação philosophica.»

Aqui ha um sophisma de bôa-fé. Em primeiro logar, a José Verissimo cumpria ser preciso. Evolucionismo é expressão vaga. Sylvio Romero propoz o spencerismo. Ora, o spencerismo, além de tudo o que Verissimo desenrola, é tambem uma moral e uma politica.

Sómente, o caracter caracteristicamente liberal da doutrina evolucionista não convém á hora de confusa organisação por que passa o Brazil. Inconscientemente, todos se inclinam alli para as theorias da força. Sylvio Romero não ficou isento d'esta corrente tendencial da hodierna *intelliguentia* brazileira. Prova-o o modo por que interveiu na politica de Sergipe; a especie de prologo em que, no seu volume, versa o thema está, na verdade, em flagrante contradicção com todo o livro, encontra-se em manifesta incoherencia com toda a sua obra, consoante severamente julga José Verissimo.

Porém não contradiz as necessidades inconscientes da civilisação brazileira no momento historico actual. Não é sem um significado generico que o principio da auctoridade esteja sendo representado no Brazil, em nossos dias, quasi permanentemente, conforme o registrou Oliveira Lima, pela dictadura.

Todavia, as dictaduras são sempre odiosas, porque, em sua essencia, significam a declaração de incapacidade, vibrada contra a maioria nacional, como inapta a governar-se e impropria a cuidar, de per si, dos seus destinos.

Essa incapacidade, historicamente realista, transitoria, pois, no processo dialectico do *werden* universal, o comtismo acostumou a mentalidade brazileira á deploravel obstinação improgressista de a considerar permanente e irreductivel. O propagandista de *A politica republicana,* de 1882, Alberto Salles, no seu volume de 1891, *Sciencia politica,* considera como uma completa theoria politica, — santo Deus! — o quê? Esta blasphemia de Augusto Comte, de que: «Seria absurdo que a massa quizesse raciocinar.» Pois bem! O talentoso paulista, no seu estylo brunido e engommado, luzente e secco, assegura de tam revoltante maxima que: «A democracia não tem outra cousa a fazer senão applical-a ás instituições.» Isto importa declarar eterna a desegualdade, cujo extirpamento gradual é precisamente a unica funcção da democracia.

Quando a politica se tiver tornado uma sciencia positiva, crê Augusto Comte, e com elle Alberto Salles, que o publico deverá depositar nos publicistas a mesma confiança em relação á politica que elle deposita actualmente nos astronomos em relação á astronomia, nos medicos em relação á medicina etc.

Não se attente na infantilidade do simile e não se recorde o preceito escholar de que comparações não provam, tão só aclaram, quando não confundem. deslumbrando com a intensidade d'um fogo fatuo, consoante na chamma ironica e ephemera do magnesio, com que as creanças brincam.

Descuide-se o coefficiente do erro pessoal do interesse, conforme no caso dos astrologos, que liam as doze casas do ceu os horoscopos dos monarchas,

como a Luiz XIV, ou no dos medicos envenenadores, como Palmer, cujos a confiança em suas sabedorias o publico lh'a offerta n'uma tira de canhamo á roda do pescoço.

E repare-se só em que, feita a politica uma sciencia rigorosa e incontestavel, ella se torna didactismo que se aprenda nas aulas. Vulgarisado o ensino, todos resolverão de per si os problemas sociaes postos, á laia de contas de caixaria que, adquiridas na classe primaria, dispensam, durante o percurso da vida, a intervenção egoistica de professores.

Augusto Comte, porém, não perdoa o intromettimento dos publicistas, analogo á intervenção dos medicos. Só com esta differença, entretanto. É que ao publico «deverá exclusivamente competir a indicação do fim e a direcção do trabalho.»

Mas como? Se a massa não sabe e se seria absurdo que ella quizesse raciocinar?!

Deixe-se a espantosa contradicção; e consigne-se só a de Alberto Salles, que, nas conclusões de sua obra, se não exime das mais acres objurgatorias contra o parlamentarismo, elle, discipulo de Augusto Comte, o qual deseja, aliaz, que o publico indique o fim social e a direcção do trabalho a preencher para o attingir.

Assim, o que se ensina é não só a necessidade irrefragavel como a bondade intrinseca das dictaduras. Detestamol-as, por serem aprendizagem de escravidão, eschola de famulos. Isto, se seu principio absoluto procura, radicadamente, estabelecer-se.

A persistencia, com essas dictaduras, da liberdade civil não contraria, antes corrobora, o asserto. Ten-

dendo a perpetuarem-se, cristallisando, tomando caracter duradouro e permanente, as dictaduras constituem o famoso absolutismo illustrado, que, puro, era a chimerica esperança dos pensadores philanthropos do meado do seculo findo.

Coexistem, com o integro mando supremo, taes quaes garantias, e com o absolutismo politico coaduna-se certa liberdade civil concordante.

Mas isto mesmo é uma das feições distinctivas do governo absoluto, que já não seja o despotismo, extreme e simples. Ninguem confundirá a aringa d'um soba africano com a tenda d'um conquistador tartaro: o estado social em que a lei é o unico capricho, ephemero e diverso, do autocrata — e aquelle momento, já mais alto, da humana civilisação quando despontam os rudimentos d'um conjuncto de preceitos que protegem o homem e lhe asseguram a existencia e a autonomia.

A liberdade civil existe, e bem ampla, no unico governo absoluto europeu; existe na Russia, onde existe aliaz a descentralisação administrativa, onde o principio do jury dignifica a sentença dos tribunaes.

Esse typo especifico do absolutismo illustrado foi já o ideal de sociedades avexadas por seculares e incomportaveis tyrannias. Emergiu das aspirações das almas oppressas e dos doutrinarismos dos tractados philosophicos; realisou-se; consummou-se na effectividade concreta. Ha uma serie de soberanos, gloriosos nas recordações historicas, cujo nome está vinculado a esse momento da evolução politica geral.

Quem se não lembra de José II na Austria? De Carlos III na Hespanha quem se não recorda?

Sem embargo, essa tutoria, por intelligente e leal, degrada, como um conselho de familia posto a um adulto interdicto.

N'este sentido, as dictaduras são sempre funestas, porque o seu exercicio tende a radicar nos espiritos a convicção de que as leis bastem a modificar as condições sociaes, podendo o progresso não só promover-se como executar-se exclusivamente por iniciativa, persistente e systematica, dos que governam.

D'ess'arte se fórma a chimera do Estado-providencia, que redunda na mais tremenda decepção, apezar dos sacrificios que, de sua liberdade e de sua dignidade, hajam os cidadãos feito ao idolo dominador.

Todavia, circumstancias historicas se produzem em que as dictaduras são indispensaveis, como acontece na transição, após o exito revolucionario, d'um regime governativo para outro differente. Então ha que cavar fundo, que dilacerar interesses tanto mais relapsos quanto menos legitimos; ha que proceder com rapidez e com energia, com descaroabilidade de sentimento e com multipla simultaneidade de golpes.

Assim se justificam a dictadura de Mousinho da Silveira, que destruiu o velho Portugal; a dictadura militar do Brazil, que, ha oito annos, autonomisou, real e effectivamente, uma situação nacionalista indistincta e sempre deixada vaga; a dictadura do caboclo Floriano Peixoto,—Juarez menos puro na procedencia politica, mas, como seu rival mexicano, salvando a republica; a dictadura popular da França que, em 1848, não conseguiu fundar solidamente a generosidade das suas aspirações, por lhe não sobrar tempo, em sua curta passagem pelo poder; a dictadura de Gambet-

ta, recuperando para o estandarte da patria a honra mareada.

Mas nem só n'estes lances decisivos da historia das nacionalidades podem as dictaduras exercer effeitos salutares e beneficos. Periodos surgem em que os erros, accumulados pela incapacidade ou pelo desleixo, carecem de prompto remedio e os povos, abatidos, se mostram incapazes de provêr, de seu alvedrio espontaneo, á sua propria salvação.

Urge então que ou genios impressivos e inventivos, suggestionaveis e suggestionantes, promptos, immediatos, creadores; ou, na sua falta, vigorosas capacidades criticas, vastas illustrações, secundadas, como 'aquelles, por uma vontade inflexivel, se apoderem do timão do Estado, sob pena de que tudo se perca.

Foi o que aconteceu com a visinha Hespanha, ao terminar na, irresponsavel propria, imbecilidade supersticiosa de Carlos II (o *Enfeitiçado*) o dominio da casa de Austria. Chegara Castella ao mais espantoso grau de humilhação, decadencia e vergonha. Se as coisas continuassem assim, bastava por mais uma geração, a sociedade desorganisar-se-hia em completo. Á semi-civilisação anarchica de Hespanha succederia a barbaria selvatica, franca e final.

Veio interromper essa fatalidade o advento da casa de Bourbon, que, na serie dos tres reis, Philippe V, Fernando VI e Carlos III, se empenhou em reorganisar a administração e em fomentar o trabalho, promovendo os melhoramentos materiaes mais amplos e efficazes.

Os historiadores philosophos condemnam este processo de civilisação. Asseguram que é nulla, ou

quasi, a acção dos politicos e que, se o progresso dimana dos dirigentes, sem acquiescencia e sem vontade dos dirigidos, elle será prejudicado irremediavelmente, desde que appareça um estadista reaccionario, que use, para o mal, da força de que os seus antecessores se serviram para o bem.

É notavel, ainda que conhecida, a meticulosa critica, a este respeito, no exame da condição social da Hespanha nos seculos XVII e XVIII, feita pelo inglez Buckle.

Como quer que seja, as dictaduras representam sempre uma tam grande responsabilidade, mental e moral, assumida pelos que as exercem — que é, em muito e muito, reprehensivel a leviandade com que se tomam as coisas, por vezes, demasiado frequentes, no Brazil. O caso Valladão, tão esmerilhado por Sylvio Romero, é documento idoneo, se bem que grosso e reles.

Comtudo, em grande, ser dictador, porque acredite um Cesar, um Napoleão em sua estrella; porque se ufane um Robespierre de sua virtude; ou se orgulhe um Cromwell de sua piedade: é admiravel até certo ponto, explica-se e, se se não justifica, póde redundar em utilidades que á usurpação contrarestam os prejuizos.

Mas que a mediocridade cubice os previlegios excepcionaes do fecundo genio; que a impostura impiamente se pretenda investida da graça: é o que não póde tolerar-se. Que se suspenda a normalidade da lei politica d'um povo, para se decretarem necedades e despauterios: eis o que contraria não só o direito publico mas o simples bom-senso.

Quando Cromwell metteu no bolso a chave do

parlamento, deu-se, *ipso facto*, a si proprio a obrigação de fazer da Inglaterra a primeira das nações maritimas e mercantis do mundo. Quando Bonaparte não sossobrou, envolto dos seus granadeiros, livido aos gritos vingativos que o exterminavam para fóra da lei, é porque se sabia destinado a conduzir as legiões da patria até os confins da Europa.

Investir-se quem quer que seja de mandatos especiaes, revindicar-se da tradicção dos Cesares, para elaborar simplesmente diplomas reaccionarios ou fabricar medidas organicas ineptas, importa temeridade tam condemnavel que menos vae pensar na violencia moral dos incapazes tyrannetes do que na inconsciencia vaidosa com que se propoem representar um papel para que não estão habilitados.

Eis o caracter de repetidos lances da generica dictadura federal brazileira. Eis o aspecto de varias das suas localistas dictaduras estadoaes. A de Sergipe tem importancia relevante, pela significação mental d'um dos seus fautores, o publicista Sylvio Romero.

Todavia, sem embargo a intuitos e a meritos, o que fica d'essas, no fundo do cadinho, é mediocridade irreductivel. Mediocridade pedante.

Aurea, ao menos?

Responderá, adeante, com uma pergunta Clovis Bevilaqua. Sob a sinceridade d'uma alma limpida, como de direito áquelle que na classe chamavam, pelos primôres de seu coração, *o meigo Clovis*. Mais tarde, chegado á plenitude da mentalidade representativamente social, Bevilaqua, na abundancia de seus livros, conservou, infelizmente, traços da precipitada

leviandade do adolescente. Por este aspecto, elle é caracteristicamente brazileiro. Prompto a acceitar todas as novidades. Com uma leitura mais ampla do que cuidada. Mesclando a uma originalidade sadia temeridades d'um ethnico mau-gosto insigne. Assombrando, por subitas revelações de ignorancias inacreditaveis.

A todo o instante, commette erros de méra morphologia grammatical. Confunde a preposição *a* com a terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *haver*. Emprega o vocabulo *escorço* no sentido de *esboço*, á laia de litteratos de quarta classe em Lisboa, como o defunto, ainda que vivo, Pereira Rodrigues n'um apontoado de notas biographicas de cantores italianos, famosos em seus leoninos tempos de platea de S. Carlos. Ignora que está estabelecido, de sempre, como regra indiscutivel, que o nôme do jurista francez que se celebrisou a esmiuçar o direito romano n'um intuito mais rasgado do que o extreme proposito pratico se escreva á latina. E, todavia, Bevilaqua reporta-se, frequentemente, como de justiça, á obra, monumental, de Lafayette Rodrigues Pereira sobre *O Direito das Cousas*. Ahi, a todo o momento, encontraria, aliaz, a lição adoptada, como quando, no volume II, a pag. 57, se assegura que Cujacio, sobre a L. *Balneum*, concernentemente versando a hypotheca, interpretara mal os textos, sem embargo de que o sigam Troplong e outros.

É mau, poisque perigoso seja, citar de citações. Comtudo, strictas probidades, qual a do nosso Alexandre Herculano, cahiram n'esse engano. Augusto Comte tornou-se réu de delicto maior, com criticar Kant, vindo a confessar, afinal, como na anecdota, que

nunca o tinha lido, o que destroe basilarmente as conjecturas de Clémence Royer. Mas Bevilaqua vai, ingenuamente, mais longe. Acredita na realidade do Manu do codigo de leis attribuido ao primeiro dos, de começo, considerados sete personagens divinos que, segundo as idéas dos indianos, governaram successivamente o mundo, e denominado Swâyambhuva, isto é emanado do Sêr existente de per si-mesmo.

Na verdade, originariamente — o nôme de Manu designa, para os criticos modernos, quatorze antepassados mythologicos da humanidade, dos quaes cada um governa a terra durante um periodo de 306.720:000 annos, chamado Manvantara (uma edade de Manu). O ultimo traductor francez das leis de Manu, o snr. G. Strehly, considera a theoria de Manu visto como pae da humanidade antes philologica do que brâhmanica; mas, na verdade, não se concilia este asserto com a, justa e exacta, affirmativa que elle mesmo faz concernentemente ao facto de se attribuir o livro alludido ao semi-Deus Manu.

Com effeito, desde os primeiros tempos, o mythico Manu, o antepassado primordial da humanidade, a quem — consoante frisantemente o registra Strehly, os allemães chamariam o *urmensch* —, era considerado como o fundador da ordem social e moral, o regulador dos ritos religiosos e das maximas legaes.

Já no prefacio da edição de 1833, escholiando sua traducção, Loiseleur Deslongchamps registrara dubitativamente a existencia d'um antigo legisladôr chamado Manu; e, ahi mesmo, recordava que havia proximamente então quarenta annos que, em a ver*são ingleza* por elle dada, na peculiar annotação

William Jones approximara esse nôme de Manu dos de Menes e de Minos. Do de seu caboclo Mani, cuja linda lenda da invenção da mandioca elle refere, agora a Bevilaqua lhe cumpria approximal-o, por sua vez. Mas o mais curioso está em que com Manu conjuga Bevilaqua a Vishnu, julga-os uma só e mesma individualidade, e a Vishnu, o segundo deus da trimurti brahmanica, tomou-o por um personagem historico, capitulando-o de emerito jurisconsulto.

Apezar de tudo, Bevilaqua possue um real talento, e sua prosa pertence á especie das realisações formaes de que chispa espontaneamente uma continua sympathia communicativa. Cedo se abalançou aos graves cogitares. Pois já em dezembro de 1885 concluira elle um estudo lucido, frisando o sentido exacto e particular de *Uma lei natural no dominio da economia politica.*

Tractava-se da questão do bimetallismo e deduzia-se a prevalencia tyrannica do ouro. «Ao deixar este assumpto (Bevilaqua exclama) sinto-me um tanto magoado em meu patriotismo. Si a moeda nos dá a medida das energias vitaes de um povo, o que pensar d'aquelle que vive submergido em ondas de papel irresgatavel?»

Desesperadamente se não póde pensar, comtudo, d'esse povo, quando elle possua os prodigiosos elementos de riqueza que o povo brazileiro possue. Sómente, o que ha de necessario é que, na esphera dominadora das theorias professadas pelo alto pensamento orientador do conjuncto social, um criterio susceptivel de derivar em praticas applicações prevaleça. Urge que surja uma concepção doutrinaria

que se afeiçoe ás precisões concretas. Observar-se-ha no Brazil qualquer tendencia abstractiva seguindo este sentido positivo?

Observa; e é curioso que decorra da intuição do mesmo monismo, d'uma apparencia tam transcendental e metaphysica como elle se enxerga.

Mas succedeu que um pensador, de certa originalidade, tractou no Brazil de lhe cercear as arestas que o teleologismo, vago em sua transcendencia atheista afinal, de Tobias Barreto lhe deixara. Foi o snr. Fausto Cardoso, auctor d'uma obra assignalavel por mais de um titulo. É a *Concepção monistica do universo,* como *introducção ao cosmos do direito e da moral.*

A intuição mecanica de Haeckel, que o dr. Fausto Cardoso abraçou como, segundo elle, unica explicação possivel do mundo, fornece-lhe a base para a sua concepção do direito.

O publicista considera o universo como um todo unitario, um monon, que apresenta no espaço tres aspectos distinctos:—o physico, o organico e o social.

Cada um d'estes aspectos se resolve n'um systema especial de forças.

Do conflicto das forças resulta uma fórma correspondente de equilibrio:—a gravitação no mundo physico e a consciencia no mundo physio-psychologico.

No mundo moral, o conjuncto das associações humanas—familias, classes, Estados—constitue um conjuncto de fórmas coexistentes e interchocantes que demandam, a seu turno, uma harmonia. Esse

estado de equilibrio, esse modo coexistencial: — é o direito.

A concepção, nos seus primordios, nada tem de novo nem mesmo de elevado. Mas Fausto Cardoso soube penetrantemente extrahir-lhe consequencias de alcance, pelo que toca á evolução do direito.

Cahiu, com o impeto da mocidade, em exaggero; mas foi seguro na vereda da derivação das fórmas juridicas, promanadas de causaes anteriores.

Assim, no seu capitulo sobre a philosophia do direito, elle integra-se na doutrina mais recente em exito. É quando estuda a lucta das classes, concertando-se successivamente por pactos provisorios. Ahi não transparece o influxo do marxismo, concordante e obstinando desde a juvenil critica da philosophia do direito de Hegel; mas distingue-se uma definição de classe, que é achado primoroso, a unica compativel com a egualdade civil moderna.

Assim, engana-se irreflectidamente J. C. de Souza Bandeira quando a suppõe inintelligivel; mas Fausto Cardoso não poude chegar mais adeante pela falta de preparação na leitura dos diplomas da philosophia politica hodierna. Esta, a causa actual da interrupção dos seus estudos, assaz engenhosos, sobre a *Sciencia da historia*. Não poude ultrapassar a concepção mesologica de Buckle; e a influencia abstractiva de Tobias Barreto continuava exercendo-se funesta. Destaca na excessiva consideração prestada aos esboços da demopsychologia, tentada por Lazarus e Steinthal.

D'ess'arte, como com Comte e Spencer, se principiava a casa pelo telhado. Todavia, o exemplo estava dado pela biologia. Explicado estava o processo

de estudo e constituida se encontrava a sciencia como a natureza, de cuja secção especial havia a dar conta. Vulgarisara-se, para aprendizagem, nos manuaes, qual esse correndo de mão em mão, desde a dadivosa de Letourneau. Ia elle dos phenomenos primordiaes da vida até aos da innervação.

A sociologia prestes aproveitou o criterio; e a nova comprehensão ha-de chegar alfim ao Brazil, tanto mais rapidamente quanto suas condições sociaes, proximas e futuras, a reclamam com instante urgencia, como a theorica idonea d'uma objectividade a definir.

Caracterisemol-a rapidamente.

IV

# CONCLUSÃO

Como se sabe, na classificação dos phenomenos sociaes, duas poderosas escholas dividiram, em nossos dias, os espiritos. Ellas tiveram — muito principalmente uma, cujo influxo foi decisivo — uma acção vasta e profunda no Brazil.

A primeira foi a de Augusto Comte; outra foi a de Herbert Spencer, de cujos principios fundamentaes, desde os Primeiros até á moral, acaba de fazer um excellente apanhado para o publico portuguez o snr. Caldas Cordeiro no volume que, idoneamente, intitulou *Summario da Filosofia evolucionista de Herbert Spencer*. Quanto á doutrina de Augusto Comte, tambem fôra em Portugal proselyticamente condensada em dous volumes, subordinados ao titulo generico de *Principios de Philosophia positiva*, pelo snr. Teixeira Bastos. Este resumo, mais contracto do que o já hoje classico de Jules Rig, é, aliaz, perfeito.

O primeiro d'estes systemas concedeu a primasia á idéa; o segundo, ao sentimento. Entendeu Augusto Comte que, na hierarchia do progresso, as civilisações se differenciavam á medida que as idéas, dominando o conjuncto da actividade, iam successivamente seguindo por uma das tres phases irreductiveis das maneiras do humano pensar: a phase theologica, ou da ficção; a phase metaphysica, ou da abstracção; finalmente, a phase positiva, ou da realidade.

Combatendo o criterio, demasiadamente racionalista, de Augusto Comte, o philosopho inglez Herbert Spencer procurou demonstrar que, na vida do individuo, como na existencia das sociedades, as idéas tinham uma menor importancia do que os sentimentos, e que era, mais especialmente, por effeito d'estes que a evolução geral das coisas se operava.

Emquanto que as duas escholas antagonicas se degladiavam, sem decisiva victoria para nenhum dos lados, ia crescendo obscuramente uma doutrina, inspirada em intuições de procedencia por completo diversas, e que deveria abrir caminho amplo e orgulhoso.

É a chamada concepção materialista da historia. Se a dogmatica sociologica de Comte derivava da cultura das mathematicas, a de Spencer provinha do cultivo da biologia, com o da psychologia, mais em particular. Porém, a nova doutrina procedeu do estudo prolongado e subtil da economia politica. Seu fundador determinativo é o hebraico Karl Marx.

Baseia-se ella no simples facto de bom senso, de que, antes que tudo, o homem precisa do comer.

Toda a theoria que esquece esta consideração preliminar é chimerica. Ella contraria o preceito irremediavel: *Primum vivere, deinde philosophari.*

Posto isto, o exame das condições economicas d'uma sociedade qualquer é a analyse, inicial e ultima, a que deva entregar-se todo aquelle que similhante sociedade pretenda estudar, inquirindo-lhe do passado, apreciando-lhe o presente e prognosticando-lhe o futuro.

A velha concepção idealista da historia, que ainda sobrevive, aliaz, não conhecia, olympicamente, interesse algum material. A producção e todas as relações economicas, d'ella não recebiam (commenta, explicando-nos, o amargo Engels) senão um olhar desdenhoso e furtivo. Ellas não eram, com effeito, mais do que elementos secundarios da historia da civilisação — a seu aristocratico parecer.

No ponto-de-vista da concepção materialista da historia, a structura economica d'uma sociedade dada fórma sempre, pelo contrario, a base real que se deve estudar para se comprehender toda a superstructura das instituições politicas e juridicas. Sobre ella assentam as maneiras de vêr religiosas, philosophicas e outras que proprias e idoneas lhe sejam.

O citado Engels caracterisou perfeitamente o juizo differencial que assignala esta nova intuição historica, dizendo que ella é a explicação da maneira de pensar dos homens d'uma epocha determinanda pela sua maneira de viver, em vez de querer explicar, como até então se tinha feito, a sua maneira de viver pela sua maneira de pensar.

Conforme com este relance fundamental, o dialectico Karl Marx estabeleceu seguidamente que, se a vida social (religiosa, politica, philosophica, etc.) dependia, n'uma sociedade considerada, da sua condição economica, esta, a seu turno, derivava do modo da producção. Apurar como essa se comportava era, pois, o alvo a que devia convergir o esforço scientifico.

Aqui começaram a surgir as dissidencias, as quaes, todavia, não prejudicaram a concepção essencial, que, ella, se manteve integralmente.

O mais illustre dos rebeldes á orthodoxia marxista foi, em nossos recentes dias, o italiano Achilles Loria, espirito subtil mas paradoxal. Este insigne pensador publicou o conjuncto das suas meditações n'uma obra capital, intitulada *Analisi della proprietá capitalista*, em dois grossos volumes. O primeiro dos compendiosos tomos occupa-se das leis organicas da constituição economica; o segundo desenrola as suas fórmas historicas.

Não é este o sitio para demonstrar as affinidades que a Loria o approximam de Marx e as repulsivas contrariedades que d'elle o affastam. Comtudo, para o leitor brazileiro, a theoria basilar de Loria, pelo que toca ao processo capitalista, emanado, em ultima analyse, da apropriação da terra livre, tem uma importancia especial.

Estudando o lucro com a base da escravidão, e da servidão depois, nas colonias e na Europa, os erros de facto de Loria não devem invalidal-o, para o exame. Ainda mesmo enganos estranhaveis, como quando, firme sobre um antigo ensaio do precipitado

Réclus, elle suppõe no periodo *de 1665 a 1672* instituido no Brazil um systema feudal completo.

Então «il proprietario, spesso titolato, ha un potere politico e giudizario sul suo dominio, ha i suoi vassali e non riconosce per sovrano che...»

Quem?

«L'imperatore e il Congresso di Rio-Janeiro.»!

Não se repare.

Porque o que nos importa, no lance, é a correlacionação que, com o germanico, o italiano estabelece entre a evolução geral e o factor economico. Assim, as revoluções politicas dimanam sempre, a seu parecer, d'uma causa economica, ou patente ou dissimulada.

Constituiu este um dos themas d'um livro especial, escripto com o mais vehemente impeto e que teve um exito de livraria extraordinario. Na verdade, seu merito é relevante. O seu titulo importa sua resenha: *As bases economicas da constituição social.* Na primeira parte, expõe o douto professor as bases economicas da moral. Na segunda, as bases economicas do direito. Na terceira, emfim, as bases economicas da constituição politica. O capitulo IV d'esta parte terceira é particularmente interessante. Ahi, estuda Loria as revoluções do reddito e do poder publico. Sua doutrinal propaganda obstina-se. Elle se não cança de definir a differenciação imprescindivel. Assim, suas sympathias vão naturalmente para a recente eschola de juristas que Loria entende que se poderia chamar a eschola do socialismo juridico. Como precursores d'esta eschola considera elle a Fichte, a Ogilvie, a Proudhon, a Stuart Mill, Toullier e Las-

sale, entre outros. Um desenvolvimento mais exacto e uma exposição mais scientifica da doutrina só se encontram, porém, em alguns juristas modernos, que a têm desenvolvido *ex-professo* em muitas obras notaveis. Entre elles basta recordar Menger na Allemanha, e Gianturo e Salvioli na Italia. Mas Loria volta a preconisar que a reforma deve ser, antes de tudo, economica e não juridica, como o defende o socialismo juridico. Repete, d'est'arte, o theorema fundamental da nova intuição. Ella se generalisou pela cultura europea hodierna. Á nossa affastada peninsula chegou já. Assim, a Hespanha acompanhou o movimento que vae arrastando as sciencias juridicas, lá-fóra, pelo fecundo sulco rasgado com a relha do empirismo.

Um dos actuaes publicistas, mais engenhosos e reflexivos, da boa litteratura philosophica franceza, G. Tarde, ufana-se com a traducção para castelhano que, do seu volume sobre as *Transformações do direito*, realisou o professor da universidade de Oviedo, snr. Adolfo Posada. O snr. Tarde argumenta contra Loria; e Posada commenta Tarde, diz este que sabiamente.

Em 1891, já, publicara o professor auxiliar na faculdade de direito na universidade de Salamanca, snr. Pedro Dorado Montero, uma lucida exposição das modernas doutrinas juridicas e economicas dos italianos. Chama-se *El positivismo en la ciencia juridica y social italiana*. Algumas das suas paginas com maior vivacidade conduzidas destinam-se, por signal, á explanação critica do systema de Loria, exactamente,

Se na Allemanha, com Marx, e na Italia, com

Loria, nós deparamos strenuos e auctorisados defensores do criterio segundo o qual o factor economico é o segredo dos episodios politicos da historia,—tambem a Inglaterra sábia nos não desauctorisa em nosso asserto sobre a generalidade crescente da nova doutrina.

Com effeito, o notavel professor de economia politica na Universidade de Oxford, e de sciencia economica e estatistica no Collegio Real de Londres, o ha poucos annos fallecido James E. Thorold Rogers, dotou a litteratura especial do seu paiz com uma obra afeiçoada a identica disciplina. Intitula-se *The economic interpretation of history;* e está redigida com essa reserva prudente que é peculiar ao espirito britannico.

Diffundido o conceito exposto (ou integro, ou em concordantes aspectos parcellares), a erudição franceza exerceu-se em applicações restrictas.

Gomel inquiriu das *Causas financeiras da Revolução;* Blondel foi a mais remota data e apurou a *Historia economica da conjura de Catilina.*

Seu criterio geral ha-de um dia tambem adaptar-se á critica da historia do Brazil, tornando-a connexa com a de Portugal. Sem o concurso reciproco, separatistamente ellas são inintelligiveis, uma e outra. E nenhum exemplo da necessidade indispensavel da interpretação economica da historia tam cabal e completo como o da historia de Portugal, com o seu appendice colonial do Brazil, ou como o da historia do Brazil com a sua indestacavel dependencia chamada Portugal, politicamente, na apparencia, autonomo.

O periodo transcorrido da vida nacional já permitte aos brazileiros os prolificos resumos de conjuncto; quanto mais a nós, velhos e caducos.

Na verdade, até epochas relativamente avançadas da evolução humana, os acontecimentos que se fôram, uns após outros, succedendo não poderam ser considerados senão pelo seu matiz episodico. Sobre elles não era licito exercer mais do que as aptidões rudimentarmente estheticas da faculdade narradôra propria e reencontravel ainda nos povos d'um desenvolvimento psychico primordial.

Assim é que a erudição vae registrando os esboços, cada vez menos imperfeitos, da historia narrativa que se compilou em chronicas. Façanhas dos guerreiros, graciosidades da côrte, a petulancia do sangue fresco, enrubescendo em combates ou acrysolando-se nas galanterias d'uma linguagem concomitantemente ingenua e pretenciosa, todo o relato do drama humano, por ahi se fica e de ahi não pensa ultrapassar. Só mais tarde, quando a sequencia d'uma tradicção se fundamenta no tempo — é que surge a presumpção de que, nas suas linhas geraes, por certa maneira, a acção social se repercuta similarmente; e, então desponta nos cerebros innovadores a temeraria suspeita de que póde bem ser que a relembrança dos successos passados contenha mais do que as futeis vantagens d'um entretenimento ocioso e romanesco.

Eis ahi o primeiro passo dado para a constituição ulterior da philosophia da historia, isto é, d'aquelle corpo de doutrina que nos adverte, pelo que se ultimou já, da provavel tendencia do que ainda está por acontecer, fornecendo-nos, d'est'arte, não só

avisos salutares como admoestações fecundas, se nos fôr permittido o aproveital-as.

Similhantes especulações do espirito seriam inteiramente inuteis com respeito aos vastos interesses concretos, se da sua pureza theorica não derivassem logicamente conclusões que, tarde ou cedo, cumpre imprimam á conducta civica, e mesmo á orientação particular de cada um, seu movimento peculiar, cuja trajectoria haja de ser estrictamente definida e cujo objectivo se determine prefixo, com uma incontestavel nitidez.

Equivale isto a dizer que momentos destacam na marcha das nações em que, a não importa quem, se impõe a necessidade de recapitular o passado politico do conjuncto collectivo a que pertence, afim de (cada qual, na medida das suas forças) propellir a massa commum no sentido que, não sendo seguido, se substituirá por outro, a cujo termo não se avista conscientemente senão a ruina commum.

Em palavras porventura mais accessiveis, occorre que certas gerações são, mercê d'uma fatalidade que se não definiu ainda, chamadas a resolver destinos complexos que escaparam á attenção de outras, se bem que melhor dotadas pelos privilegios do talento ou pelas heroicidades da vontade.

É o que passou hontem no Brazil, antes de 15 de Novembro de 1889; é o que passa hoje em Portugal, depois do 31 de Janeiro de 1891 e antes de...?

Sob pena de inepcia ou de hypocrisia, é inilludivel confessar-se que todos, mais ou menos rigorosamente, sentem que *isto* não póde continuar; que se entrou, de vez, para dentro das grandes responsa-

bilidades e que está na nossa mão, com a cruel inexorabilidade dos momentos unicos, ou interromper, entravando-a, a desmoronada do aggregado ou assistirmos, todos, inertes, ao desfecho irremissivel da annullação de mais uma nacionalidade continental.

N'estes termos—que ninguem de boa-fé contesta—a *politica* deixou de ser a occupação especiosa de classes limitadas, referindo a sua existencia ás rabulices de expedientes transitorios. Não é, mesmo, mais nem o vicio de lunaticos esquecidos de si para esterilmente se occuparem dos alheios interesses, nem é a explosão intermittente de paixões nobres e de idéas doutrinarias.

Reduziu-se; mas, reduzindo-se, penetrou-nos a todos, a todos nos envenenou; nada lhe foge ao influxo, humanisou-se, volveu-se na carne da nossa carne e no sangue do nosso sangue.

Sabemos hoje, por exemplo, que, tractando do orçamento do Estado, é do orçamento da nossa modesta casa que tractamos; sabemos que, se um d'estes quaesquer gabinetes fizer definitiva fallencia, somos nós que havemos de entregar os nossos bens proprios á penhora cosmopolita, e não nos é licito ignorar, já, que, se os poderes publicos houverem de perder a sua independencia internacional, na subalternisação de estranhas fiscalisações, os que hão-de soffrer os aggravos e os vexames são determinadas categorias de nossos concidadãos.

Assim, tractar da vida publica é, agora, tractar da nossa vida; e o patriotismo chegamos a ponto que *não é hoje* mais do que egoismo.

*Esta pobre* gente portugueza tem tolerado suc-

cessivamente tudo: a alienação dos seus bens distantes, que não conhece; o exterminio das suas liberdades proximas, que não preza. Se consentisse, ao menos sem protesto, no restante, ella offereceria o espectaculo original de não se doer sequer n'aquellas fibras extremes em cujas radiculas embebe o instincto da conservação, motivo e garantia da simples animalidade.

Será de crêr? Todavia, repugna, racionalmente, concebel-o. Acaso o defeito proceda menos das vontades do que das comprehensões. Educados na atmosphera viciada d'um sem-numero de preconceitos; sobretudo, vibrantes sempre, desde a mocidade, nossos ouvidos com os clangôres da charanga marcial do seculo XVI, uma certa indolencia nativa predispõe-nos a não acreditar facilmente nos panicos pessimistas dos raros, que, de longa data, nos teem vindo advertindo da proximidade do desastre e da emergencia da catastrophe.

Todavia, o momento parece attingido em que, peze o que peze, custe o que custe, força é considerar que estamos quasi perdidos. Se, por felicidade, a nação se possuir a tempo d'este sobresalto, que, infelizmente, tudo justifica, um esforço de revivescencia não só se torna previsivel, como é, mesmo, a unica força que, legitimamente, se deva esperar.

Povo de densidade insufficiente para o relativamente largo espaço da zona terrestre occupada, os habitos militantes a que a divergencia ethnica e religiosa nos afeiçoou nos primeiros estadios da nossa autonomia revestiram-nos d'um caracter improprio para as beneficas lides do trabalho tranquillo. De

neira que, logo nos cyclos iniciaes da nossa independencia, se constata tenaz repulsa pelo mister agricola. Ella forçou os primeiros reinantes a disposições coercitivas, d'uma severidade que se quedou na letra dos decretos. Este é o geito por que tem de ser interpretada, na cellula ovular, a famosa lei das *sesmarias*, segundo seus capitulos especialmente referentes aos camponezes, de seu trafego. Executada com precisão, exacerbando-se naturalmente no decorrer dos tempos, graças ás rebelliões dos opprimidos e aos interesses dos privilegiados, essa lei, integralmente applicada, terminaria, nos seus implicitos corollarios, por constituir, para os trabalhadores ruraes, uma servidão de gleba. Tal qual como as disposições inglezas sobre o domicilio legal *(Laws of settlement)* que faziam d'aquelles uma pertença da parochia. Concordam no espirito (conforme o viu a perspicacia historica do socialista Marx) com o famoso edito do tartaro Boris Godunov na Russia.

Este primeiro tentamen de fomento agricola, enkystando o homem na terra, prejudicou-se pela successiva expansão afóra das fronteiras e no longe dos mares. Abriu-se o capitulo das aventuras; a raça — se raça se deva chamar — transformou-se de agrariamente submissa em commercialmente, permutadoramente, vagabunda. Ganhou, de seguro, em liberdade pessoal, vantagem incomparavel, quando, como no caso, economicamente garantida. Mas perdeu, ao mesmo tempo, em condições reaes de duradoura estabilidade. Nada gerava; não possuia industrias; não creava agricultura. Vivia da troca usuraria de productos naturaes exoticos pelos artefactos

que tinha de ir buscar ao centro civilisado da Europa. Viveria, se não se lhe defrontassem concorrentes.

Não os teve por certo espaço, emquanto, por um lado, o occidente se degladiava em prélios intestinos; emquanto, por outro, a homogeneidade da obediencia não se fragmentou com a dilaceração da unidade da fé. Sanccionada, pela suprema auctoridade pontificia, a divisão dos mundos descobertos e repartidos entre nós e a Hespanha, restava a nossa ociosidade largamente satisfeita e garantida.

Desde, porém, que o constrangido accordo de meridionaes e septentrionaes, submettidos á unanimidade de identico jugo, se fez pedaços, a recuperação dos mares, usurpados por nós, em nosso exclusivo proveito, havia de ser uma das consequencias da ruptura com Roma. É assim que a antipathia peninsular em contra a Reforma, além de outros, mais nobres, se fundamenta em motivos de necessario egoismo. Ingenuamente, se podem vêr desdobrados no nosso canonista Serafim de Freitas, logo que se esfarrapa nas arestas do rodisio dentado da logica de Hugo Grocio, defendendo a liberdade das aguas maritimas. O paroxysmo da dominação castelhana, no acceso da pugna com os Estados-Geraes, não tem valor essencial. É um thema superfetado, poisque o que se deu então sob esse pretexto e ainda com esse motivo se daria logo depois, sob outro qualquer. E com a constante causal da lei do menor-esforço, que, em economia, nacionalista ou internacional, se define pela dispensa dos escusados intermediarios, cujo agio se poupe no orçamento geral dos gastos.

O que se apura com justeza é que, haurindo pa-

rasitariamente da alheia vida as proprias energias, deveriamos liquidar então. Os derradeiros annos do reinado de D. Pedro II deveriam ser os nossos derradeiros annos. Não succedeu, porém, assim, mercê d'um accidente inopinado: a descoberta das minas do Brazil. Ulteriormente (graças a similhante episodio) assim não aconteceu, mercê da formação d'um nucleo, extra-continental, nas terras de Santa Cruz, de fabricadores de generos que se appellidaram coloniaes, o assucar de preferencia.

Deixamos de viver da India; passamos a viver do Brazil; mas não aprenderamos a viver de Portugal, ainda.

Tudo isto era instavel, fragil, ephemero. De prevêr se tornava que, densificando a grande colonia, não nos poderia nem nos quereria aturar mais, no nosso parasitismo de soffregas sanguesugas; mas a nossa consuetudinaria apathia ia-se congratulando na rotina da solução quotidiana, á laia do jogador que não cura do dia immediato. O desenlace precipitou-se, mesmo, com o episodio intercalar da cautelosa retirada da familia reinante, attonita sob o crugir das aguias napoleonicas. Um tratado de commercio indeclinavel abriu os portos que ciosamente cerramos atélli. E, quando o civismo inexperiente de 1820 tentou reagir contra a opportunidade historica, a separação encarregou-se de confirmar as necessidades triumphantes.

Derivara, esse civismo inexperiente e egoista, de circumstancias de existencia atrozes para Portugal, empobrecido e governado pelo estrangeiro.

*Era*, na verdade, bem vil a condição moral por-

tugueza então; era bem desastrosa a situação politica e economica do paiz, bem precaria a sua soberania.

A posição financeira define-se dizendo que não se pagava ao exercito.

Havia corpos onde os prets tinham sete mezes de atrazo.

Como viveria o povo?

Em exposição dirigida para o Rio-de-Janeiro, pedindo providencias afim de melhorar o miseravel estado da fazenda publica, João Antonio Salter de Mendonça, a 26 de Outubro de 1819, exclama: «Estamos nas mais terriveis e dolorosas circumstancias em que nunca nos vimos, achando-se o erario falto de meios para despezas tão excessivas; o povo, pobre; sem pagamento dos seus vencimentos e vexado sem commercio, sem navegação, quasi sem numerario.» Tal como hoje, com a differença para melhor: que a falta de numerario era então *quasi* completa. Hoje desappareceu o quasi.

Consoante hoje, Salter de Mendonça propõe medidas extremas de salvação publica. Uma d'ellas consistia em suspender o provimento dos logares dos tribunaes, relações e officios que não fôssem de absoluta necessidade.

A soberania era atacada por fórma que o commando superior do exercito portuguez pertencia ao marechal inglez Beresford. Os regimentos eram dirigidos por generaes, coroneis e officiaes subalternos —todos britannicos. Era governador das armas do Minho o general Wilson e parte dos militares—de tal modo vivia na inconsciencia d'esta affronta que a

gloriosa revolução de 24 de Agosto de 1820 esteve para falhar, resolvendo-se n'uma catastrophe, porque, á hora critica, no agudo do momento psychologico, os soldados do 6 de infanteria se recusaram a sahir da caserna, caso não levassem com elles o seu coronel, Maxwell Grant.

A perversão do espirito publico vinha de tão longe e fôra systematisada pacientemente por fórma que não havia que espantar em face dos mais inconcebiveis absurdos. Como hoje, os portuguezes raciocinavam erroneo e sentiam falso.

Ha coisas que, mesmo agora, n'esta cynica degradação que nos approxima do modo de sêr d'aquella epocha e nol-a torna intelligivel, que mesmo agora não chegamos a comprehender.

Assim, tendo fugido o chefe do Estado para o Brazil, abandonando o seu povo á sanha do inimigo francez, que avança furioso, sedento do sangue das carnificinas e avido do ouro dos saqueios, o povo portuguez continúa, comtudo, a venerar o seu rei como um pae. Interpreta a ida para o Brazil como um serviço publico! Com uma imbecilidade que roça pela cachexia senil ou pela idiotia de nascença, cahe na ratoeira que lhe armam as proclamações e explicações interessadas da côrte.

Ao bondoso principe burilam-lhe hymnos heroicos, lavram-lhe epopeas. E não são nenhuns lagalhés os auctores. São os primeiros artistas, os primeiros poetas nacionaes.

O hymno pertence nada menos do que ao grande *compositor* Marcos Portugal; dirigindo-se ao autocrata, diz o ritornello da lettra:

*Aos mares vos destes*
*A bem dos vassallos.*

É fabuloso. Mas seria pouco. Ha mais.

A epopea; com effeito, a epopea; a epopea (profundo Deus!) deve-se a Santos Silva, de quem Costa e Silva cantava ser o *digno rival* de Camões. O poema intitula-se *Braziliada.* Segundo nos refere Innocencio Francisco da Silva, esteve para ser *Napoleada,* tendo por thema, prenuncio da paz geral, a batalha de Austerlitz. Mas, pela refalsada e hostil conducta subsequente de Napoleão, passou a ser *Braziliada.*

Sua acção, diz o poeta constar da *judiciosissima evasão de S. A. R. para os seus estados do Brazil.* Ou isto ou Austerlitz.

Sobre os meritos da obra asserta Camillo Castello Branco que «a epopea fundamentada em successo de tam pedestre heroismo define-se cabalmente só pelo titulo.»

O que nos importa n'este lance não são os titulos litterarios do cartapacio. É a perversão moral, a abjecção collectiva, a desorientação, a inconsciencia, a miseria de sentimentos que elle representa em seu proposito.

Ser possivel. Acceital-o o publico. Que pavoroso documento humano! Até onde tinhamos descido! Onde chegariamos, se mais descessemos?

Mas a melgueira do Brazil acabou.

Então appellamos desesperadamente para o peculio recolhido. A cubiça do Estado em crise lançou as miradas para a *accumulação primitiva,* cristallisada no mysticismo improductivo das grandes fabri-

cas religiosas, stereotypantes do genio melancholico da raça. Saquearam-se as egrejas; desbarataram-se os conventos; o ouro appareceu, circulou. E — consequencia muito mais maravilhosa, por isso que duradoura — surgiu-nos o *credito*.

Soffregamente, corremos a abeberar-nos n'esse torvo manancial moderno. D'elle usamos; d'elle abusamos; sorvemos a inauditos haustos; até ao lodo nos impaludamos d'essa agua salôbra e perfida.

D'este systema falso da vida economica recente do Portugal contemporaneo derivou um corollario, entre outros, nefasto, aquillo que, impropriamente, se chama a *empregomania*, como se onde abastem os processos naturaes da occupação da actividade, pela industria, pelo commercio, pela terra e pelo capital, onde elles abastem ao augmento e á cultura crescente da população se podesse originar uma exclusiva escolha por fainas officiaes, em regra mal retribuidas, de accesso obstruido, de subida difficil e de futuro confinado nos beneficios vexantes e chimericos das pensões e montepios!

Ora, por nossa desgraça — por nossa desgraça? — occorre que o expediente exposto do emprestimo exterior cobrado pelo Estado e por elle redistribuido na nação, esse mesmo, em virtude da propria logica das coisas, que não tolera indefinidamente situações absurdas, esse mesmo se esgotou.

Brutalmente, sacodem-nos do nosso lethargo secular, risonho e manso; intimam-nos não só a que vivamos de nós, mas a que de nós retiremos o que *falha para*, progressivamente, satisfazer os enormes *encargos* dos compromissos que as gerações passa-

das saccaram a descoberto sobre o nosso trabalho, sobre o nosso decôro, sobre a nossa liberdade interior e sobre a nossa independencia internacional.

Havemos de saldar a conta da festa, solver a prodigalidade dos que nos precederam e pôr em nossos hombros a cruz que esses bons amigos tiveram a amabilidade de largar a meio do caminho, á nossa espera, que haviamos de chegar.

Não nos valerão evasivas, desculpas de maus pagadores; nem argucias de aproveitados discipulos de jesuitas nem féros de desaproveitados netos de heroes.

Ao contrario: cumpre que encaremos com magua mas com firmeza a terrivel situação em que nos encontramos e que, na sinceridade das nossas reflexões, topemos com um methodo claro e exacto, preciso e uniforme, que nos desembaráce do meandro que, dia a dia, nos constringe e illaquea.

N'este sentido, a primeira pergunta que, espontaneamente, brota no nosso espirito é se os vicios e os erros que nos trouxeram a similhante confusão são d'aquelles que, não interessando essencialmente os grandes typos organicos de que depende a vida funccional do Estado, se corrigem ao de leve com alterações superficiaes e se curam com mésinhas epidermicas. Ou, se, pelo contrario, existem indevidamente, opprimindo as energias reactivas e salutares da nação,—sobrepostas e abusivas, stratificações institucionaes que só conseguem prolongar a existencia sacrificando a do paiz mesmo e prohibindo-lhe a modelar reconstituição nas categorias sociaes compativeis com as urgencias do mando e com as necessidades da civilisação geral.

Se *isto* não póde proseguir, será *isto* susceptivel de uma correcção parcellar; ou o problema só será resoluvel com a clausula, necessaria e sufficiente, mas imprescindivel, de uma refundição integral?

As populações portuguezas, em sua subjacencia rudimentar, não se preoccuparam com a solução do problema aqui. Ellas não podiam, naturalmente, esperar.

Assim, resolveram o seu caso pessoal — emigrando.

Debandaram e debandam aos magotes.

E, na verdade, é um tremendo quadro, esse do exodo collectivo, quasi, da nossa população agricola e urbana. Portugal despovoa-se.

Emquanto os subsidios do governo brazileiro á emigração duraram, foi um desapparecer continuo de gente. Depois, no acabamento d'essa ajuda de custo, voltaram-se para a Africa, para onde o governo portuguez ou emprehendimentos administrativos locaes destinaram essa sobrepopulação já não encaminhada para o Brazil.

Assim, houve um momento desesperado. No Porto, em Outubro de 1894, sabia-se que estavam inscriptos novecentos emigrantes, que se destinavam á Africa, como colonos. Eram *chair à canon;* regimento de miseraveis votados ao exterminio; iguaria opipara para banquete de devorantes febres.

Creados de servir, caixeiros desempregados, operarios das pequenas industrias urbanas em domicilio — que iam elles fazer para a Africa, sapateiros, alfaiates, ourives, encadernadores? O que fôram.

Morrer á fome. Mas morrer á fome por morrer

á fome, porque não preferiram acabar aqui a triste vida? Se lá não ha industria, se tudo se importa feito da Europa, se o commercio paralysante está servido de empregados: que queria aquella desgraça? Encontrar um louco expediente ao problema formulado nas linhas que precederam.

Para a Africa se precipitaram, pois.

Para a Africa, onde, até para o serviço de remendagem, o operario preto, pela barateza da mão de obra, não permitte logar ao branco!

Santo Deus! Metter-se-ia em cabeça áquelles colonos ir fazer as terras, trabalhar na lavoura, sob o sol d'Africa, mortal ao pelem europeu? Á compita com o negro? Não tinham idéa alguma. Fugiam á tôa. Deitavam-se d'um muro abaixo, desvairados na carreira.

Ou doidamente para a Africa, ou ajuizadamente para o Brazil, o certo é que a debandada proseguia. Hoje dissimulou-se, mas prosegue. Disse-se, até, ser urgente o crear especial policia repressiva da emigração clandestina, afim de reter os menores ainda sujeitos ao recrutamento para o serviço militar. Houve que negociar acção commum com o paiz visinho, de cujos portos se ia então em demanda, na difficuldade do accesso aos nossos. Tudo é baldo. A despovoação marcha, marcha.

Então era patente. No mesmo mez e anno referidos, appareceram publicados nos jornaes de Lisboa uns annuncios reclamando trabalhadores e operarios para as linhas ferreas do Brazil; e ao pedido limitado acudiram em maioria, não dezenas de pretendentes, não centenas, mas muitos milhares, que se agglome-

raram na rua do Ouro, á porta do dr. Silva Sanches, encarregado d'esta missão pela Companhia Ferrea Brazileira, sendo preciso fechar as portas do escriptorio e tornando-se necessaria a intervenção da policia, para convencer os pretendentes de que o numero preciso de operarios já estava mais que completo.

E, ao mesmo tempo que isto alli succedia, as folhas de Coimbra annunciavam que ia lá grande azafama com o preparativo de milhares de emigrantes que, d'aquella cidade e suburbios, partiam para a America nos proximos paquetes d'aquelle mez.

Tambem, por egual, diziam da Guarda que, ultimamente, tinham sido requisitados muitos passaportes no governo civil d'aquella cidade.

Depois, tem ido sendo conforme Nosso Senhor é servido.

N'uns pontos mantem-se o typo tradiccional da nossa emigração.

Parte o homem valido e esperançado, deixando a familia cá. Na zona celtica do paiz, regressa-se aos costumes primitivos da raça. Volve a mulher a effectuar os trabalhos pezados do homem.

Mas é uma lastima. Por maior necessidade, o querer não substitue o musculo; e póde a mulher pegar na rabiça do arado? De modo que a cultura desfallece, a productividade definha. Em sitio aqui do Porto bem perto, nas cercanias de Barcellos, havia, á data, uma povoação importante onde tudo era feito já exclusivamente por femeas, a sacha, a póda, a vindima, a piza nos lagares, os carretos. Os homens fôram todos para o Brazil. Querem saber quantos jornaleiros havia n'esse ponto? Por junto, *quatro*.

Mas esta maneira antiga da emigração é hoje rara. Hoje vae tudo, marcha a familia inteira.

Não é como n'outros tempos: a ida de emigrantes, que isoladamente partiam a procurar fortuna, deixando cá a casa; são familias completas e numerosas que abalam para longinquas terras, com o firme proposito de lá se estabelecerem, fixarem, não voltarem mais.

E não já unicamente das classes trabalhadoras, mas de camadas mais altas socialmente e mais cultas, no peculiarismo individual. Personalidades isoladas, tem sido um despegar de Portugal de innumeros representantes. Alguns, até, notaveis; alguns, mesmo, primacialmente eminentes: Bettencourt Rodrigues, Chrispiniano da Fonseca, Rodrigo Soares, Ricardo Severo, José Barbosa, Julião Machado, Celso Herminio, Pinto Coelho, Henrique Bravo, Joaquim Leitão, Eugenio da Silveira, Cunha e Costa. Ao acaso da reminiscencia.

Mas ainda familias inteiras.

Com effeito, nos ultimos tempos têm-se exilado voluntariamente muitas familias portuguezas, algumas bem conhecidas e cujos chefes occuparam posições distinctas, como as de deputados, governadores de possessões ultramarinas, advogados, medicos, negociantes e outros qualificados. Fôram em busca, além-mar, dos recursos da vida que aqui não encontravam, abandonando a patria, madrasta para elles. Mas não para os sanguisedentos egoismos burocraticos, nos altos cargos, accumulados ainda, que monopolisam esses fartos talheres á meza do orçamento a que, com amarga freima, se reportava uma gazeta lisbonense, desolada perante o facto que frisamos.

Se ao Brazil se dirigem, ajuizadamente procedem os que fogem.

Dissemol-o e repetimol-o, no abandono da Africa, que o Estado desleixa. Doutrina, de resto, já sustentada por Oliveira Martins.

É exacto, na verdade: primeiro, por elles; depois, por nós. Primeiro, pelo justo egoismo da conservação do individuo, quando para salvação da familia; depois, pela solidariedade para com a patria, a lingua, a religião, os costumes e leis, a litteratura e a raça portugueza.

Não é agora pelas armas, como no tempo de Mauricio de Nassau ou de Villegaignon. É pela infiltração pacifica, lenta mas continua, que o perigo reapparece. Hollandezes e francezes já não escorvam os mosquetes; mas italianos e allemães açambarcam as enxadas dos campos, os covados dos balcões, os copiadores dos escriptorios, a ferramenta dos mestres, os pregões das ruas. Pela mão habil do eminente Koseritz e outros confrades compatricios, até já as pennas das redacções.

Entre nós, não se pensa na gravidade de todos estes problemas e de como elles interessam o porvir de Portugal no caracter do porvir do Brazil.

Nos começos do anno indicado, o espirito esclarecido do pernambucano Adolpho Carneiro chamara —em S. Paulo—a attenção de distinctissimas personalidades para o problema que tanto nos affecta, alarmado como se encontrava pelo espectaculo da inundação, extravasante, da Lombardia. Não fôram desattendidas ou menosprezadas as suas judiciosas palavras, sob a inspiração de um criterio previsôr. Al-

gumas deliberações ficaram, mesmo, apontadas em mente para ulterior adopção na devida opportunidade, afim de remediar um mal que, mais, de futuro, ameaça, interessando linguas, raças, nacionalidades. Alli se frisou a necessidade de importar de Portugal sangue bastante a restabelecer o equilibrio, obstando á hegemonia da gente italiana. Depois d'isso, deploraveis conflictos, que promoveram até a intervenção do gabinete de Roma, confirmaram as receosas presumpções.

Mas serão os portuguezes bem recebidos no Brazil? Não os aguardará alli a reviviscencia de sopitados rancôres?

Havendo o advento da republica dado a prevalencia ao elemento nativista, as colonias europeas resentiram-se de sua diminuição politica. É assim que se explicam as sympathias da população franceza no Rio pelo movimento monarchista de Custodio de Mello. Mais se entendem as cumplicidades portuguezas nas tentativas de restauracionismo.

Isto reaccendeu as coleras. Creou-se um partido anti-portuguez, que teve orgão especial na imprensa e possue representante idoneo. Elle chama-se Diocleciano Martyr, e o grupo que capitanea intitula-se *jacobino*.

Mas o jacobinismo brazileiro coisa é differente do jacobinismo portuguez.

Com effeito, usa-se agora em Portugal na imprensa officiosa e, mesmo, na da opposição, ainda quando da chamada liberal, em vaia diffamatória, como se labeo fôra, o epitheto de *jacobinismo*, applicado ás affirmações democraticas recentemente des-

envolvidas na propaganda do crédo republicano, que, no Brazil, mais feliz do que nós, é já uma realidade.

Mas a accusatoria manha vem de longe.

O caso foi oriundo do finado Marçal Pacheco, então deputado pelo Algarve, ou da cópa do chapeu alto do ministro do reino sahido, com os seus camaradas, os granadeiros da maioria, fieis, agradecidos e disciplinados, manobrando certos a uma voz. Da ignominia, cynicamente se prezava; e, com um impudor incrivel, proclamou, em sessão, o feitio caracteristico das massas parlamentares onde se integrara.

Pois bem! Apezar de tudo, este homem teve, uma vez, a audacia de, nas camaras lusitanas, elle, regenerador em publico e conhecido nas conversações pelo exaggerado de seu real indifferentismo politico, teve a audacia de alli dizer que em Portugal não havia republicanos mas tam sómente jacobinos.

Por vezes viu-se depois e vê-se agora produzir esta accusação de jacobinismo contra os democratas lusitanos e mais geralmente contra a mesma idéa republicana. Ella não sahe, essa proterva accusação, do vago de certas formulas litterarias que, parecendo conter uma profunda significação philosophica e critica, nada representam com effeito, pois ou servem de disfarçar, pelo emprego de *clichés* inexaminados, a preguiça cerebral de ir ao intimo das questões, analysando-as e resolvendo-as; ou, peior ainda, ellas não passam, como no caso sujeito, de justificações theoricas de sentimentos inferiores.

O modo de ser politico, economico, moral e religioso dos nossos dias é por tal fórma incompati-

vel com o largo desenvolvimento das sciencias e das lettras no nosso tempo, por tanta maneira offende o criterio positivo que circula nos entendimentos hodiernos, por tal modo representa a fanatica ignorancia peculiar ao passado—que perturba e irrita uma éra erudita tal como a nossa.

Por consequencia, certos espiritos cultos em quem a independencia de caracter, ou o desprendimento do egoismo em typo moralmente injustificavel, não acompanhou a evolução mental sentem-se envergonhados de que os tomem por solidarios e conniventes com o que está. Mas, como este pudor é exclusivamente intellectual, succede que, longe de lhes retemperar a coragem, para abertamente romperem com o existente, elle não lhes suggere mais do que a ancia de colorir com razões de ordem scientifica o que, no fundo, não passa da fallencia da moralidade politica.

Não se lhes dá que os tomem por cynicos, pois do cynismo fazem gala; mas irrita-os que os tenham á conta de estupidos ou ignorantes. É uma simples questão de vaidade pessoal.

E então procuram demonstrar que, se não são republicanos, é porque o republicanismo está condemnado pela sciencia e elles tenham deante dos olhos um horisonte muito mais vasto do que a simples eliminação d'uma realeza qualquer. Identica illusão perturba alguns espiritos, esclarecidos aliaz, no Brazil. É exquisito que incorresse Tobias Barreto n'este erro, duplamente estranho na sua qualidade de monista. Partidario da unidade da materia, já obstinadamente defendida pela alchimica (conforme ao nosso

publico escolar o expôz com insigne elegancia expressiva o mallogrado Ferreira Girão, nos seus trez capitulos de physica geral), custa a comprehender como Tobias Barreto não visse que a fórma de governo seria essencial n'uma doutrina sob cujo criterio todas as variedades existenciaes se não podem interpretar senão como questão de fórma. Os factos da allotropia e da isomeria, precedentemente frisados, não serão, é claro, mais do que aspectos flagrantes d'um conceito cuja amplitude é, frisadamente, generica. Tobias Barreto, na sua independencia dos partidos, era um espirito sincero. Mas o facciosismo combatente e despeitoso do snr. Eduardo Prado *(Frederico de S.)* esgotou, até á saciedade, o interesseiro thema. Com elle, cá e lá, diversos outros publicistas, de varia intelligencia e merito vario, todos teimando na mediocridade do intuito da doutrina republicana.

Mas a perfidia d'estes entendimentos é logo punida, porque, se se lhes pergunta o que é que querem então, nada de definido, de claro, de immediato e pratico apresentam, refugiando-se no confuso tumulto de contradictorias aspirações (fingidas, aliaz) d'um caracter socialista, mais ou menos, indistincto.

Sabem de onde vem esta categoria que se pretende applicar á doutrina republicana, classificada de *jacobinismo?*

Tem a sua origem historica no celebre club dos jacobinos da primeira revolução, o qual foi uma sociedade de patriotas, constituida logo pouco depois da abertura dos Estados-geraes, e que se intitulou modestamente *Sociedade dos amigos da Constituição.*

Acompanhando o rei de Versailles para Paris,

o club installou-se, primeiro, n'uma vasta sala, servindo de bibliotheca, no convento dos frades dominicanos da rua de Saint-Honoré e, depois, na propria egreja do convento, em seguida á destruição da ordem. Como os frades dominicanos eram mais geralmente chamados jacobinos, radicou-se o costume de assim appellidar os *amigos da Constituição* e elles-mesmos não tardaram a decorar-se d'essa etiqueta. Ora, como o club veio a assignalar-se pelo ardor das suas convicções, pela intemerata intrepidez nas resoluções tomadas, pela sua fidelidade aos principios revolucionarios, a reacção universal, possuida de pavôr, fez, na sequencia, da palavra de *jacobinismo* o anathema ao espirito novo. Jacobino era o republicano, o livre-pensador; mas, depois, na restauração, mesmo o simples constitucionalista, até ao mais baço liberal. Era um horror europeu, o espectro da consciencia attribulada do velho-mundo.

Até nós chegou a fama do nome execrado e sabe-se como a plebe, fanatisada, trucidava sem piedade, por *jacobinismo*, aquelle cujo nivel intellectual e moral, cuja aspiração progressista não era já o da turba ignara. Exemplo, o caso de Bernardim Freire de Andrade, assassinado, apezar dos esforços timidos do barão d'Eben, pelas ordenanças e populaça de Braga.

Mal se comprehende como aos nossos dias chegou a ridicula accusação e como é que, em pleno parlamento, a expendia então um homem culto e intelligente.

Não ha republicanos, diz-se novamente agora, quando a feira está a desfazer, — **ha jacobinos**. Mas

que exprimem estas palavras? Que representam? Que querem ellas dizer?

É um enxovalho historico e d'est'arte se pretende infamar a democracia d'este tempo, ligando-a á tradição do club victimado pelos janotas da reacção thermidoriana?

Mas, pondo de lado o que ha de infantil em associar os republicanos portuguezes a uma responsabilidade historica da França, affigura-se, porventura, aos nossos adversarios que nos peja a antecedencia dos jacobinos?

Note-se que, restrictamente no lance, a ignorancia insanavel, e que já com felicidade se denominou encyclopedica, dos nossos antagonistas, mais uma vez, cruamente se patenteia.

Com effeito, os realistas, na flagrancia da revolução, não era para os jacobinos que, de começo, reservavam os seus furores. As suas imprecações dirigiam-se, de preferencia, para a Gironda.

É, exclama o vidente Michelet, o tropheu dos girondinos, são a sua corôa e os seus laureis.

Na verdade, elles mereciam bem similhante honra. Foi a imprensa girondina que fundou a republica. Os jacobinos commettiam o erro, frequentemente reproduzido, de acreditar, mesmo, em 91, que a questão da monarchia e da republica é uma questão de fórma accessoria e exterior. Robespierre dizia ainda n'essa epocha: «Eu não sou nem republicano nem monarchista.»

Todavia, aos nossos adversarios de hoje, diremos *que, pelo* contrario, sem que nos envergonhemos dos *jacobinos,* não lhes acceitando o criterio, como a es-

se, a tantos e tantos respeitos, não os repudiamos nem engeitamos, tambem.

A sua tradição honra-nos.

Pois, realmente, o que fizeram elles, esses hediondos jacobinos?

Responderá um dos inimigos mais violentos da França revolucionaria, Chateaubriand, que, então emigrado, escrevia, em 1797, no seu *Essai sur les révolutions,* que *esses monstros evadidos do inferno tinham todos os seus talentos,* pois força lhe era confessar que «fôram elles que deram á França exercitos numerosos, bravos e disciplinados; que fôram elles que acharam meio de os pagar, de abastecer um paiz sem recursos e cercado de inimigos; que fôram elles que crearam uma marinha como que por milagre, e conservaram, por intriga e dinheiro, a neutralidade d'algumas potencias; que foi sob o seu dominio que as grandes descobertas na historia natural se fizeram e que os grandes generaes se formaram; que, finalmente, haviam dado vigor a um corpo exgotado».

Se se está na supposição de que houve, ou ha ainda, um corpo de ideas politicas conhecidas, no seu conjuncto, pelo nome de *jacobinismo,* isto é um erro de tal amplitude que nos não deteremos, um instante, sequer, em sua consideração.

Os jacobinos não professaram nunca senão os principios da revolução mesma; começaram por um constitucionalismo bem moderado; e, se chegaram ao implacavel doutrinarismo de Couthon e Lebas, se se systematisaram nas rigidas proposições em que era eminente e typico Saint-Just, foi essa a obra das cir-

cumstancias historicas, que, do ministerio Necker, se vae desenrolando até á proscripção engendrada nos conluios de Tallien. Os successos são no Brazil hoje meandricamente conhecidos, após a resenha que das memorias de Barras fez o elegante e claro talento de Oliveira Lima.

Se se entende por jacobinismo a intolerancia das opiniões radicaes, o exclusivismo do modo de vêr, o desconhecimento das necessidades do instante e da fatalidade dos compromissos em politica, pela só obediencia a uma linha ideal traçada, a questão não é de doutrina, é de methodo; e quem diz aos monarchistas lusitanos que o processo, ulteriormente seguido pelos republicanos portuguezes, seja o de que os estão, antecedentemente, increpando? Tam intrinsecamente catholicos ou tam, exteriormente, addictos á Egreja, esqueceriam que é peccado que brada aos ceus o fazer juizos temerarios?

Ou imaginam, realmente, que iremos acordar a sombra de Fouquier-Tinville, para vir lêr funebres libellos accusatorios? Que se decretará a guilhotina em permanencia e que decapitaremos os pansudos burocratas que povoam as secretarias da Arcada?

E, todavia, a traição á patria com que liquida a monarchia era credora d'um d'esses castigos expiatorios que justiceiramente constituiram a phase apocalyptica do Terror.

Como se illudem, sem embargo, julgando-nos tam sanguinarios!

Mas, então, que é, afinal, esse jacobinismo improprio de poderosos espiritos, em que o saber moderno distillou a sua mais rica essencia?

Ah! Sim. Bem sabemos. Vão-nos fallar da monographia do jacobinismo, por Proudhon deixada n'uma das suas numerosas obras em que a gente tem de tudo e para tudo, cerebro poderoso ferido de impotencia pela fenda da contradição, gordurosa infiltração destruidora.

De modo que, na presença, tristemente acabrunhada, de nós-outros, pobres republicanos sem criterio, estreitos e atrazados, é com Proudhon que nos batem em brecha o systema das nossas concepções politicas.

Mesquinha intelligencia a nossa! Nós a suppormos que Proudhon é, apezar da maior estima possivel pelas suas qualidades excepcionaes, um inconsciente metaphysico, cujo socialismo desconnexo e precipitado não póde dar cohesão cerebral nem orientar um homem medianamente disciplinado pela sua mathematica, pela sua physica, pela sua biologia. E, afinal, é ainda Proudhon, com a sua these e a sua antithese; com o seu Hegel defumado pelo ensino de Grun, apud Marx; Proudhon, com o seu credito prodigo e o seu banco gratuito, — quem nos vem. encapotadamente, sahir ao caminho!

Que nos quer elle, a nós, que partimos de Diderot e que, por Augusto Comte, o maior colosso mental do seculo, chegamos á systematisação evolucionista de Spencer, ao socialismo scientifico de Marx, ás intuições sociologicas do americano Giddings!

E, então, fazendo-se os interpretes da absurda sentença, apparecem-nos os periodistas monarchophilos a chamar-nos jacobinos, a nós, cuja repre-

tação do novo methodo applicado á politica se personalisou na serie insigne dos estadistas, empiricos e concretos, que teem feito a força e a gloria da terceira republica franceza!

Sua pratica politica derivou já na construcção organica de conceitos de conducta; e todos os que acompanham a cultura hodierna leram, com ou sem reservas, o volume á *Politica experimental* consagrado por Donnat.

Não! Nós não somos jacobinos, no sentido, abstraccionista e devaneante, que se quer dar á palavra. Não foi uma vaga sentimentalidade que nos firmou republicanos: mas uma convicção de natureza inteiramente scientifica, exercendo-se pela persuasão e symbolisando uma necessidade social indeclinavel.

Se o republicanismo no paiz não tivesse esta base positiva, como explicar o seu desenvolvimento crescente? Por uma creação *ex-nihilo,* da chimera d'um prurido innovador sem raiz na consciencia publica?

O fallecido Marçal Pacheco, o ex-republicano, sentimental e idealista, do *Trabalho,* folha conimbricense dirigida pelo positivista Emygdio Garcia, não chegou a esclarecer os democratas, empiricos e praticos, de quem motejou, n'uma assembleia que, como as suas congeneres, anteriores e posteriores, tanto expressava, moral e politicamente, que toda a gente era conhecedora de que a grande maioria dos seus membros devera o diploma, que lhes dera entrada, á convergencia salutar do sumo das uvas e do fumegante carneiro, lindamente ladeado de batatas.

Em sua memoria, o deixaram ficar mal, não me-

lhormente procedendo com uma demonstração estricta e para nós fulminante, os que continuaram, e continuam, a sua polemica, nossos contradictores de hoje.

O jacobinismo brazileiro, porém, é outra coisa. É a reflexão e a expressão do odio ao portuguez.

Em sua propaganda feroz, encontra-se mesmo, deploravelmente, servido por portuguezes expatriados, fazendo interesseira causa commum com os nativistas, á laia do jornalista lisbonense Eduardo de Salamonde, secretario de periodico em obediencia fiel ás inspirações do ex-romancista Quintino Bocayuva. Esse movimento de hostilidade á colonia portugueza acaba de attingir o seu paroxysmo com o recente attentado commettido contra o presidente da republica Prudente de Moraes e os acontecimentos que se lhe seguiram. O relatorio de inquerito sobre o triste successo de 5 de Novembro do anno findo attribue responsabilidades na cumplicidade dos assassinatos politicos a nada menos do que Manoel Victorino, vice-presidente da republica; Francisco Glycerio, chefe da opposição; Barbosa Lima, antigo governador de Pernambuco; senador João Cordeiro e outros parlamentares do partido federal, que suggestionaram o capitão Diocleciano Martyr, director do *Jacobino* e membro activo da conspiração, a armar o braço de Marcellino Bispo para este assassinar Prudente de Moraes.

Abstraiamos do rancor das paixões partidarias; não acceitemos nem deixemos de acceitar a exacção das accusações que reciprocamente se jogam os grupos em peleja. Resta sempre um residuo inalteravel.

o odio ao portuguez. Esta, a base e a força do jacobinismo brazileiro; o que, por fóra e acima das hypocrisias convencionaes, derivadas da subalternisação economica, a seu turno proveniente das differenciações do temperamento e do caracter, lhe confere o titulo de ser o unico partido verdadeiramente *nacional.*

N'este sentido, elle integra-se no conceito geral do americanismo, entendido como definição de hostilidade substan e subsistencial contra o europeismo.

Reappareceu agora, com poderoso relevo, pelo accidente de Cuba. Esse póde ter uma importancia, mesmo, que geralmente se lhe não arbitra.

O que transparece, de ostensivo, é o seu immediato caracter de conflicto com a Hespanha. Por este aspecto, o problema resulta insoluvel. Mas o mais grave ainda é a consequencia geral do conflicto, possivelmente derivado, do americanismo chocando-se com o europeismo. Póde bem ser esse o corollario da intervenção dos Estados-Unidos da America do Norte no de Cuba.

Desde todo o começo da insurreição, era de advertir a diversidade das condições exteriores da rovolta, comparado o meio ambiente que hoje a cerca com aquelle que, pela sua indifferente frieza, abafou o esforço, immenso aliaz, do vasto movimento decennal que, de 1868 a 1878, comprehendeu nada menos de tres regimens politicos, dois monarchas e alguns presidentes de republicas.

Por esse lance, os Estados-Unidos da America *do Norte* começavam a emergir da passageira pros*tração* em que a larga democracia sossobrara após

os cruentos sacrificios da guerra da seccessão; e Cuba era um estado escravagista. A sua estrella negra não cabia entre as estrellas aureas que luzem no esquartelado canto do pavilhão federal.

De outra banda, supprimir de golpe a escravidão nas grandes Antilhas o mesmo seria que condemnal-as á morte subita, fulminante e irremediavel.

Assim, idealista e pratico, o *yankee* absteve-se; contou, logicamente, com que a força das coisas, a marcha das idéas e a imposição das necessidades da civilisação cosmopolita acabariam, a breve trecho, por obrigar a Hespanha a ser ella que se encarregasse de abolir a escravatura, o que, com effeito, aconteceu, havendo parte relevante, como se sabe, no humanitario proposito o nosso douto amigo, don Rafael Maria de Labra.

Varrido assim o terreno, d'ess'arte simplificado o problema, os Estados-Unidos não perderiam o ensejo de favorecer um movimento que lhes é sympathico e que, dado mesmo que se affirmasse pela via d'uma separação absoluta, lhes seria util, quando mais não fôsse, pela insistente affirmação do principio, fundamental, de que a America seja para os americanos.

De principio, logo, não negou a diplomacia dos Estados-Unidos a sua cumplicidade moral com os insurrectos; antes, altamente, a proclamou, com orgulhoso calor. E, quer alentados os revoltosos pela força da acquiescencia que da federação do Norte lhes advinha, quer simplesmente inspirados pelo enthusiastico fervôr que lhes procede do entranhado odio que aos seus dominadores continentaes elles votam, o certo é que os desastres hespanhoes se fôram avolumando

e accumulando, como em tardia satisfação ás atrocidades de que Cuba ha sido victima, da parte dos tyrannos que, deshonrando o generoso cavalheirismo da fidalguissima Hespanha, teem vindo occupando o supremo governo em Cuba.

Não esqueceremos nunca o fremito de colera, de indignação e de dôr, que um nosso amigo illustre, o dr. Alves da Veiga, provocou, a uma meza de hotel particular, em Paris, citando, a proposito de qualquer episodio da historia contemporanea do visinho reino, o nome do general Caballero de Rodas. Um homem moço, de olhos azues, transparentes e profundos, a barba loira e a mão fina, teve um estremecimento convulso; e ao nosso amigo, que não conhecia, rogou, como obsequio penhorante, que não continuasse a citar similhante besta-fera, cujo só nome era sufficiente para o pôr doido de odio e desespero.

O joven cubano chamava-se don Jacobo de la Pezuela e possuia, de par com uma grande fortuna, uma séria illustração. Contou-nos, reprimindo lagrimas que lhe tomavam a voz, atrocidades espantosas: o fusilamento das creanças accusadas de arrancar as corôas depostas no cemiterio, em honra dos voluntarios ao serviço da Hespanha; o celebre galante feito dos referidos voluntarios entrando inopinadamente na sala do theatro, n'um sarau de festa autonomista, a cruzar o fogo das suas espingardas para os camarotes, em cujo bordo ria a palpitação dos leques das *señoritas*.

Que culpa tem o povo hespanhol; que responsa*bilidade* assiste á Hespanha n'estes horrores? A mes-

ma que a nós-outros, portuguezes, nos erros e abominações da nossa administração colonial. Isto é, quasi nenhuma.

Todavia, mau e justo seja é que os povos venham a liquidar, em seu detrimento, os desmandos e os abusos, a ignorancia e a maldade, de uns dirigentes que não representam senão o favoritismo especial, e nunca a confiança espontanea que só os regimens democraticos possam offerecer.

Vê-se agora como, defendendo a autonomia de Cuba, o nosso eminente amigo Salmeron tinha, como sempre, razão, e como eram absurdos, como sempre, os remoques que, porque fôra sincero, o capitularam, tolamente, de mau patriota. Tarde, após a justiça liberatoria do fanatico Angiolillo, o pseudo-liberalismo de Moret, sacrificando os interesses da industria algodoeira de Barcelona, explicativos dos furores da resistencia, impoz ao incoherente Sagasta o plano autonomista em cujo tentamen se anda. Agora surgiu mal, porque resultou como o corollario da injuncção da nota diplomatica ao governo de Madrid entregue pelo embaixador americano, general Wortfoord.

Era, de resto, bem de prevêr.

A questão exacerbara-se, com effeito, ganhando o seu feitio hyper-agudo com a eleição de Mac-Kinley para a presidencia da republica dos Estados-Unidos da America do Norte.

Graças á energia temeraria d'este perfil politico, sua eleição marca data. Ella inicia phase nova e abre cyclo melindroso.

É, já agora, incontestavel.

E, comtudo, pelo que se refira á politica exte-

rior, os partidos republicano e democrata nos Estados-Unidos da America do Norte mal se differenceam. É certo. É certo que desde Monroe conservam a sua formula para as relações com toda a America, e a sua invariavel *plateforme* para as relações com a Europa. Mas, um ou outro presidente caracterisa com mais ou menos relevo esta tendencia geral. A mesma designação especifica d'esse criterio generico o demonstra. Chama-se-lhe, do nome de um definidor, o principio de Monroe. Monroe foi um d'estes homens afortunados por opportunos. Pertence ao numero dos que teem a dita de encontrar a expressão propria para designar certo conjuncto de idéas e aspirações communs. Proporcionam, assim, corpo a um anhelo indistincto e acabam por passarem por ter inventado aquillo a que deu origem, aliaz, a ideação anonyma da collectividade inteira. Por sua bôcca, d'elles, falla a alma da multidão, e é por isso que a raça a que este, Monroe, de nascimento pertence lhes chama, com rasão, em sua peculiar linguagem: *representative men*. Isto é, homens representativos, symbolicos e syntheticos, que recebem do destino o mandato imperativo de emprestar fórma e imprimir consistencia aos pensamentos e aos desejos dos seus contemporaneos e concidadãos.

Quanto á doutrina celebre que deve o seu nome ao presidente dos Estados-Unidos cujo appellido encabeça o postulado, tornou-se a regra fundamental da politica da grande republica americana. Veio a sêr a norma especial com respeito ás potencias estrangeiras que tivessem velleidades de se immiscuir, *intervindo*, nos negocios do continente transatlantico.

Produziu-se ella, quando, em 1823, a Europa estava em plena reacção absolutista. Então, havendo Canning communicado em Agosto os desejos das potencias a prol da Hespanha, Ruth, ministro dos Estados-Unidos em Londres, escreveu ao presidente Monroe, para o informar de que a Santa-Alliança pretendia estender os seus tentaculos, pseudo-moralisadores, por de sobre as vagas do golfão, em demanda de povos recemlibertos, que convinha submetter de novo á disciplina d'uma sabia tyrannia.

A opinião publica, nos Estados-Unidos, commoveu-se profundamente com similhante noticia. Monroe appellou para um dos venerandos patriarchas da redempção, a sollicitar o seu alvitre; e Jefferson, em replica, remetteu-lhe uma longa carta, protestando que, emquanto o antigo continente trabalhava por se constituir no covil do despotismo, todos os esforços da nova civilisação deveriam convergir para fazer do seu hemispherio a residencia da liberdade.

Retomando a phrase do *sabio de Monticello*, era imitar o papa Alexandre VI, lançando sua bulla para traçar uma linha divisoria em pleno Atlantico entre as possessões de Hespanha e as de Portugal, e fixar os limites inultrapassaveis dos dois hemispherios.

As expressões de Jefferson são bellas, na sua soberba, philanthropica altura, em contra do despotismo vigente na Europa; e tornou-se irrefragavel sua sentença.

Ahi se resume toda a doutrina, que Monroe formulou na celebre mensagem, endereçada ao Congresso, a 2 de dezembro de 1823, documento que

Francis de Pressensé qualifica de «demasiado longo, verboso, diffuso, onde as duas declarações essenciaes estão afogadas n'uma onda de palavreado superfluo.»

Logo, as republicas da America do Sul se encarregaram de lhe dar uma sancção, erigindo-a em laudo de direito publico. No congresso convocado para Panamá, em 1826, os delegados d'essas republicas affirmam a doutrina de Monroe, por meio d'uma declaração solemne.

Em 1853, similhante doutrina recebeu nos Estados-Unidos uma estrondosa consagração, ao lance dos conflictos sobrevindos na America. Sob a apprehensão d'uma guerra entre a America e a Inglaterra, o congresso de Washington alistou-se, por completo, nas fileiras da opinião de Seward, o qual definiu explicita, com rude arreganho, em toda a sua hostilidade implicita, a formula discutida.

Foi tambem, de novo, em nome da doutrina de Monroe que o presidente dos Estados-Unidos protestou, de começo, contra o estabelecimento d'um imperio no Mexico, pelo governo francez. Acabou, ainda em seu nôme, por obrigar o ministerio de Napoleão III, com a ameaça de uma declaração formal de guerra, a retirar as suas tropas, em 1867, abandonando o infeliz Maximiliano de Austria á desventura da sua sorte. Obstinou-se, por ponto-de-honra, o romanesco principe; foi cruel, por systema, imposto pelo medo; victima da felonia d'um favorito desleal, aguardava-o a escolta que o fusilou no quadrilatero de Queretaro, entre os generaes Tomás Mejia e Nicolas Miramon, personagem fatal, em sua equivoca figura de

homem bonito, querido das damas, *jouisseur* e traidor.

Eis, a traço larguissimo, a procedencia e a physionomia do principio politico cujos corollarios, indirectamente a nós, directamente a amigos nossos, interessam, no momento que foge.

Não foi o seu qualificador, Monroe, homem de uma intelligencia e talento superiores. O visinho Verneuill (que compila, na presença de Irving, Spencer, Oreeley etc.) limita-se e contenta-se com assegurar que elle possuia em alto grau a firmeza, a prudencia e mui bom juizo, se bem que pessôa lenta fôra, distinguindo-se, sobretudo, por sua perseverança.

No nosso paiz, o vehemente parlamentar e fogoso jornalista Antonio da Cunha Pereira de Sotto-Mayor, que morreu embaixador de Portugal em Stockholm, depois de o haver sido em Washington, fallou de James Monroe como de um estadista judicioso. É no segundo volume do seu livro ácerca de *Os Estados-Unidos*, esboço historico (consoante modestamente o etiqueta o auctor) que comprehende desde a descoberta da America até á presidencia de Johnson, quer dizer desde 1492 até 1865.

Ahi relembra que a administração de Monroe foi uma das mais populares, e consigna que os seus actos, pela mór parte, receberam a approvação da turba.

N'este capitulo de applauso, entra, primacialmente, a doutrina, sua chamada. Com effeito, ella consubstancia o pensar e o sentir, aqui, homogeneos em todos os americanos.

O mesmo significado teve a eleição de Mac-Kinley, como dissemos.

Pessoalmente, da audacia de Mac-Kinley formou-se juizo pela intrepida insistencia que pôz em obter a adopção do seu famoso *bill*. Resultava, comtudo, na estrategia economica, uma como paralella de cerco, levantada em face da Europa. Ao seu pé, em confronto, o bloqueio continental, com que Napoleão tentou sitiar a Grã-Bretanha, é, no seu formidavel orgulho, plano quasi acanhado e mesquinho, ainda embóra.

Cumpria, pois, a partir do primeiro instante, directamente a uns, indirectamente a outros, estudar, até aos mesmos leves accidentes, esse caso da eleição presidencial ultima nos Estados-Unidos.

Para nós outros, peninsulares, em suas multiplices e transcendentes consequencias, convinha, então, com especialidade, considerar esse facto, occorrido remotamente. Nenhuma influencia parecia exercer sobre os nossos destinos. Sua acção, comtudo, porventura, resultará, para o modulo particular da existencia politica hispano-portugueza, decisivo e fundamental.

As consequencias podem ser até mui mais amplas, dado que a Europa reaja contra os Estados-Unidos; e, unida, lhes prohiba intervir, decisivamente, em Cuba. Então, qualquer que seja o desfecho do gravissimo pleito, entrou-se em nova phase da politica internacional, abriu-se cyclo novo da cosmopolita cultura.

Por todos os motivos, pois, marcara data a eleição de Mac-Kinley.

*Assim*, acontecimentos na apparencia de relativa *importancia* possuem intrinsecamente um valor exce-

pcional. Qualificam epocha e fixam o caracter da historia. Abrem periodo novo na evolução da humanidade.

Foi o caso com o recontro de Valmy, por exemplo, que, sem ser uma perfeita victoria para os francezes e não passando, estrategicamente considerado, d'um simples canhoneio, teve, não obstante, bem maior importancia do que uma grande batalha ganha.

Em seu inicio, por theor similhante a victoria eleitoral de Mac-Kinley.

O seu competidor Bryan distinguira-se, de resto, nos seus discursos, por certos resaibos de socialismo, manifestado hoje em quasi todas as nações do mundo, mas com identico intenso motivo produzido na Norte-America, onde agora já surtem effeito as propagandas industrialistas realisadas com soffrego empenho desde Hamilton até Patten. No capitalismo fabril creado, rebentam já as crises dos operarios, cujas reclamações expendeu Bryan.

Sua derrota, porém, nada representa de sequer duradouro a este respeito. A onda socialista ha-de proseguir alastrando. Ella já invadiu mesmo a America do Sul. Debalde, os theoricos, como Sylvio Romero, pretendem contrarestal-a, argumentando. É que os factos concretos prevalecem, em sua inexorabilidade. Assim para o Brazil.

O Brazil tende, com effeito, a entrar hoje, tambem, na phase industrialista. Já escriptores especiaes, na moderna geração, se lhe consagram ao estudo, como Getulio das Neves, por exemplo. O typo agricola tradiccional obliterar-se-ha. Serão satisfeitos, ainda para o Brazil, os sonhos de Carey. A indepen-

dencia fabril em face da Europa tambem para o Brazil será realidade. Mas crear-se-ha o proletariado, que reclame o seu logar ao sol da justiça. Finalmente, no Brazil, tambem, explodirão as bombas anarchistas. Da America vieram. A propaganda pela idéa lá começou, com o tudesco Most, na *Freiheit*. A propaganda pelo facto lá começou tambem, com os de Chicago.

Será o *corso* e *ricorso* no espaço.

Ora, quando se lêem as espantosas noticias que o telegrapho nos remette ácerca dos successivos attentados dos anarchistas, desde logo duas questões se nos apresentam ao espirito. Uma refere-se á legitimidade dos processos usados para fazerem vingar suas theorias; a outra comprehende, naturalmente, a doutrina, de per si mesma.

Pôr a primeira d'essas duas questões, é não só conhecel-a como resolvel-a. Não passará pela cabeça de ninguem discutir a racionalidade e a moralidade d'um methodo propagandistico que consistiu em, periodicamente, fazer pedaços alguns sêres humanos, cuja responsabilidade nos males sociaes não se pensou sequer em inquirir e que tanto podem ser da classe dos satisfeitos como da categoria dos opprimidos. Por uma ironia atroz,—como nos casos do café Terminus e do restaurante Foyot, de Paris, ou no do theatro Lyceo, de Barcelona—d'est'ultima maneira aconteceu com frequencia, inda a morte escolher, precisamente, d'entre proletarios e famintos.

Os processos anarchistas são, assim, offensivos da justiça e violadores dos rudimentares principios humana equidade. Entregam o castigo dos op-

pressores ao acaso. Formam uma especie de juizo-de-Deus, atheu; constituem a ordalia da dynamite. Offerecem holocausto humano, de que o druida materialista (pontificando a theoria que o collegio sacerdotal praticamente depois applicasse) seja Bakunine.

Ora, portanto, a que insaciando Moloch sacrifica a superstição fim-de-seculo? Ella é, sem embargo, o grande facto social, o formidavel symptoma typico do encerrar d'este cyclo, que parecia, aliaz, chamado á iniciativa das vastas concordias e das largas fraternisações. Mas apure-se o *substractum* doutrinario.

Qual é a theoria, emfim, dos anarchistas? O que é que essa gente quer alcançar, atravez da crueldade fanatica dos seus procedimentos? A truculencia sanguinaria que derruba os outros, — a elles, com heroico e selvatico sacrificio, os trucida, egualmente. Seu ideal, que tanto demanda e tanto consegue, deve, pois, ser altissimo e nobre. É-o, com effeito. É a felicidade pela liberdade.

O seu rotulo, d'elles, acraticos, o diz. Ahi, a utopica, uchronica chimera. Porque querem, desde agora, na sociedade humana a anarchia.

N'isto, manifestamente, por seu primeiro aspecto ostensivo, ha um jogo de palavras; existe uma ambiguidade propositai.

Se ao vocabulo de *anarchia* se dér o sentido da phraseologia commum, aquelle que se encontra no diccionario de todas as linguas: se o tomarmos na accepção de desordem, cahos, confusão, tornar-se-nos-hia incomprehensivel que podesse haver eschola politica, grupo de perversos ou seita de insensatos,

que se atrevesse a proclamar similhante lemma e a inscrever em sua bandeira uma tal blasphemia.

A coisa é, pois, outra; a palavra toma diverso sentido e pretende significar theoria differente.

Assim é; foi posta em circulação, na sciencia politica e na propaganda jornalistica, por um dos sophistas mais argutos e mais perigosos, ainda quando paralogismando, que a humanidade pensante tem procreado. Deve-se a Pedro José Proudhon.

Este homem não era, na profunda e alta rectidão exigente do termo, nem um erudito nem um philosopho; mas possuia os recursos d'uma vasta leitura superficial. Escrevia a lingua como um classico e emprestava-lhe os lampejos romanticos da indignação mais vehemente e da colera amarga e intensa. A sua imaginação scientifica era abundante, torrentuosa; na polemica, percorria, de fóra a fóra, toda a arena do saber das gerações. Por isso, o historiador das almas, Michelet, o definiu dizendo que elle era o maior *remexedor de idéas* que têm deslumbrado e confundido os entendimentos.

Como todos os espiritos, um tanto pathologicos, da sua especie, era, um pouco, affectado da doença que os psychiatras capitulam de *mania raciocinante.* Discutindo a proposito de tudo, e arrastado para o mar largo dos systemas e das transcendencias das philosophias pelo mais chilro regato dos accidentes da vida sua contemporanea, Proudhon gostava de vestir a propria verdade da tunica sulfurada do paradoxo. Era um d'estes homens que experimentam *certo goso* intimo, mesmo quando a justiça lhes assiste, em ter rasão n'uma fórma fóra do alcance do

vulgar do publico. A sua originalidade congratulava-se em encontrar formulas syntheticas, por intermedio das quaes exprimisse pensamentos que, tomados á letra, sob a mascara com que appareciam cobertos, espantassem pelo absurdo apparente, ou revoltassem pela immoralidade exhibida.

D'este incongruente feitio procederam as tres grandes *phrases*, impostas como axiomas, e que, no tempo, tantas coleras irritaram contra o escriptor: *Deus é o mal; a propriedade é o roubo; o governo modelo é a anarchia.* Historicamente, é exacta a segunda, como processo, presente ainda, de acquisição, desde suas fórmas primitivas, conforme do extracto de Lafargue; é exacta a primeira, como modulo passado de instinctiva psychologia, consoante do resumo de Roisel; sel-o-ha a terceira, como intuição actual e prospecto do futuro.

Mas o que se queria era, de logo, o effeito. E elle estava produzido; a attenção, tam difficil de captar em França, essa attenção publica que é a esperança e o desespero da intelligencia *aux abois*, na dependura, e que busca lançar-se, resultava conquistada. Á força. Brutalmente. Mas vencida e reduzida. Por isso, Pelletan qualificou essas tiradas famosas de *tiros de pistola para o ar disparados na rua.*

A meio da via publica, o estardalhaço era então, como oxalá fôra ainda, a fingir, em arremedo, de polvora sêcca.

Pediam-se, emfim, explicações e, contente do seu *truc*, o polemista fornecia-as, sorrindo pezadamente, em copia de fartas glosas.

A sua vaidosa teima recalcitrava, comtudo, com-

tra o burguezismo de chatas retractações; nos torcicolos da sua sophistica ingenua, a sinceridade, porém, acabava por topar com a luz.

Assim, para as proposições concernentes a Deus e á propriedade, ainda no anno do seu fallecimento, 1865, Proudhon escrevia, sem idoneamente se abalançar á larga explicação inclusa, que lhes mantinha o sentido *litteral*. Mas accrescentava logo: «Sem que por isso eu cuide em suppôr um crime a fé em Deus, como não pense tambem em abolir a propriedade.»

O mesmo occorria com respeito ao restante theorema: de que o modelo dos governos é a anarchia.

Que desejava Proudhon exprimir com coarctada tal? Uma coisa bem simples, bem comesinha e, até, bem insignificante.

No exame dos governos que teem existido sobre a terra, o pensador reconhecia dois principios fundamentaes e antitheticos, a que sempre, alternadamente, hajam obedecido todas as organisações sociaes: o principio da auctoridade e o principio da liberdade. Pensa elle que sempre e alternadamente obedecessem, quando o principio da auctoridade tem, aliaz, sido o prevalecente. Mas seja.

Ora, d'estas duas noções primordiaes, segundo a preferencia ou a predilecção concedida a uma ou á outra, deduzem-se dois regimens diversos, o da auctoridade e o da liberdade.

Demais, diz elle, sendo a sociedade composta de individuos, e no ponto-de-vista politico, podendo conceber-se a relação do individuo para com o grupo, de quatro maneiras differentes, resultam quatro fórmas governantes, duas para cada regimen.

No da auctoridade: 1.º) governo de todos por um só, *monarchia* ou *patriarchado*; 2.º) governo de todos por todos, *panarchia* ou *communismo.*

No da liberdade: 1.º) governo de todos por cada um, *democracia;* 2.º) governo de cada um por cada um, *anarchia.*

Cá a temos, afinal, a famosa anarchia, pedantemente com um traço discriminante, para se lhe lobrigar a structura grega: *an-archia.*

A anarchia, isto é a liberdade; isto é a administração de cada qual por si proprio; isto é a divisão dos poderes no apparelho social; isto é a independencia dos grupos; isto é a descentralisação administrativa e a federação autonomica politica. N'uma palavra, — aquillo que os inglezes chamam, parranamente, sem grego erudito mas com o claro bom-senso, méro e simples: *Self-government.* Comtudo, o logico Herbert Spencer desvariou em maneira analoga no seu opusculo celebre, cujo titulo é toda uma exposição: *O individuo contra o Estado.* Mas o pensamento britannico geral conservara-se nas justas medidas. E d'ellas, derivava, afinal, a truculencia apparente do polemista de Paris. Era menos que muito.

Mais geral e remontadamente, o que Proudhon queria dizer na sua é que a humanidade não nasceu livre, como no sonho de Rousseau, revindicador da collectiva dignidade. Ao contrario, procede de tyrannias iniciaes, que lhe vergaram, integra, a actividade, desde as affeições expansivas da familia até aos sentimentos occultos da religião. A base de todo o conceito critico geral tem de ser, interpretativamente, o *medo.* Este criterio imprescindivel escapou,

por completo, a Letourneau quando estuda, sob uma fórma grosseira e objectiva, a evolução dos typos de escravatura. Mas até o proprio Mosso, na sua relevante monographia, se bem que, de passagem, frisasse o quanto o phenomeno psychologico do medo prejudica quasi insanavelmente toda a doutrina darwiniana, não logrou dar amplitude idonea á sua ideação.

Preliminarmente, apuramos que procedemos d'uma tyrannia inicial. Ora, essa tyrannia primeira era indispensavel para conter e reprimir a ferocidade nativa do homem, a impulsão do egoismo selvatico. Todavia, á medida que aquelle se foi civilisando, o principio de auctoridade tem vindo perdendo sempre, emquanto que o principio, contrario, da liberdade vai alastrando e delindo as peas anteriores.

No futuro, a evolução, tanto quanto a perfectibilidade no avance, relativamente, a tolera, estará ultimada; a auctoridade desapparecerá, no limite, por inteiro; a liberdade individual será plena e completa. As relações sociaes manter-se-hão, de per si, mercê dos pactos espontaneos, contractuaes, mutuos, cujo esboço se apercebe desde hoje no principio politico da federação, nas leis civis e commerciaes das companhias, nas associações moraes de soccorro e previdencia.

Mas isto é o limite ideal da selecção da especie; é a perfeição abstracta, para que ainda rasteja, no desmesurado longe, a grosseira condição hodierna.

Transformar similhante aspiração logica n'um corpo de doutrina politica concreto e immediatamente *adaptavel*, importa não entender os auctores; equi-

vale a trelêr nos mestres; é o desvairamento mental (nos cultos e nos repousados, ricos e philosophantes, Réclus, Kropotkine) mais inconcebivel que se possa apprehender, na crepuscular região das chimeras, utopias ou hypotheses, inopportunamente, do somno enlevado, tentadas trazer á realidade da vigilia aspera.

Para que a anarchia, com ou sem traço, a liberdade integral, luminosa e pura, do céu crystallino dos philosophos, onde revoam os archetypos immarcessiveis das idéas, baixe sem mancha a esta terra betuminosa, torna-se irremissivel uma mesquinha clausula prévia. E que a lei moral, pelo reconhecimento dos direitos alheios, dos deveres proprios, domine no coração do homem, com uma tyrannia em tal guisa absoluta que nunca poude conseguir similhante o principio exterior da auctoridade, nem com todas as suas masmorras, nem com todas as suas forcas e polés. Como quer que seja, afim de que nos approximemos d'esta miragem sublime, decerto é licito prescindir do monstruoso assassinato mensal dos freguezes dos botequins, apanhados, de subito, á mão de semear; ou, mesmo, dos actos de justiça, em conciliabulo mysterioso, sentenciada. Á laia de sobrevivencia dos tribunaes secretos, das santas-vehmas, dos francos-juizes.

Entretanto, o Brazil está indemne. Elle se conserva no typo tradiccional, agricola e mercantil, a que a invasão do industrialismo prestes virá pôr termo.

Esse typo o creou a iniciativa, sobretudo, de José da Silva Lisboa, principal instigador do tractado de

1810, com que o principe regente abriu os portos do Brazil á livre intromissão das mercancias europeas. É curiosa a ingenuidade do egoismo inconsciente de Portugal pela bôcca do historiographo Soriano, quando, a proposito, accusa o visconde de Cayru da pecha de ingratidão para com a velha Lusitania.

Ao Brazil esta lhe era antipathica em summo grau; e legitimamente. O facciosismo dos liberaes de 1820, querendo fazer voltar o reino-unido ao puro regime colonial, choca pela contradicção. Assim, o *brazileiro* que, em 1852, com notas de um *bahiano,* discorreu sobre o *Monopolio estrangeiro,* desenrolando as *miserias brazileiras,* referindo-se ás côrtes de 1820, e increpando os portuguezes, diz, com triste verdade: «Eram nossos inimigos por tal modo, que no tempo em que restauravam a liberdade em sua patria, planejavam impôr-nos os grilhões que arrancavam de seus pulsos.»

Ha que distinguir; não era bem assim: inimigos dos brazileiros não eram os portuguezes; eram amigos de si-mesmos. E ao seu interesse sacrificavam a equidade.

Mas todos são assim, emquanto vamos mourejando na ascencional escala.

D'ess'arte foi a Inglaterra, cuja amizade o Brazil, mal liberto de Portugal, logo teve ensejo de apreciar de que quilate era e a que mobil obedecia.

Abolida a escravatura em suas colonias, o impedimento da acção da lei da concorrencia, que lhe era imposto por sua anterior iniciativa, reflectiu-se immediatamente no Brazil pela vilta de incomportaveis *vexames.*

Votado o inacreditavel *bill* Aberdeen, começaram as buscas dos cruzeiros; e ao estadista Eusebio de Queiroz coube a honra de integrar o Imperio nos estimulos da verdadeira e sincera philanthropia.

A publicistica brazileira não tardou a dar fé da perfidia britannica; e as reclamações da justiça succederam-se, em obras por são criterio inspiradas.

Em 1844, na Bahia, publicava o dr. A. J. Mello Moraes, chronista estimado, um opusculo elucidativo sobre a *Inglaterra e seus tractados;* era trabalho rapido e perfunctorio, se bem que condensadamente n'elle tudo o de essencial se resumisse. Mas, em 1868, apparecia, no Rio-de-Janeiro, discutindo a questão do trafico dos africanos, uma obra vasta, ácerca das relações entre *O Brazil e a Inglaterra.* Em suas laudas, eruditas e indignadas, o conselheiro Tito Franco d'Almeida, positivamente, esgotava o assumpto.

D'estas considerações, basilares, indispensaveis, sobre o condicionalismo do trabalho agricola, chegaria tempo em que os brazileiros reparassem no exclusivo typo a que os votava, confinados n'esse mesmo trabalho, o ardil especioso da doutrina britannica do livre-cambio. Estribada em abusiva applicação da lei da divisão do trabalho, o seu sophisma intrinseco havia de destacar, mais tarde ou mais cedo.

Destacou. Começou-se pelas timidas reflexões oppostas em folhetos anonymos, como o opusculo que sobre o *Proteccionismo* estampou Francisco Rebello de Carvalho, no Rio-de-Janeiro, em 1882. Educou-se o espirito nas lições da sciencia geral, consoante as que vulgarisou o advogado Alberto da Rocha Miranda, vertendo para sua linguagem os suggestivos Ele-

*mentos* d'esse Mac-Leod cujo relevo especial consiste em haver reconduzido toda a economia politica á doutrina da troca, e em ter esteado a definição do valor unicamente sobre a relação entre a offerta e a procura. Finalmente, nos nossos dias, attribuindo importancia primacial, no seu paiz, ás industrias extractivas, não lh'a attribue exclusiva o dr. Caminhoá. Esquiva-se, pois, do tremendo corollario exhaustivo, que Carey poz em relevo; e confoge para o axioma economico que elle diz que não devem os brazileiros esquecer. E é que, n'um ponto-de-vista de utilitarismo, financeiro e politico, importa: «Industria nova, riqueza nova para o thesouro.» Tambem, o proprio livre-cambista Lourenço de Albuquerque, que entende que o «proteccionismo é repellido pela sciencia e não se concilia com o espirito democratico do tempo», arrastado na corrente, faz restricções e acceita o systema protector das tarifas alfandegaes, «como expediente ou medida de excepção» em prol das industrias brazileiras «outr'ora tão modestas e agora tão ambiciosas.»

Alargado o ambito de acção do trabalho, melhórmente se antolha o recurso que o portuguez no Brazil busca á sua miseria de casa.

Alli não vae esmolar, nem sequer pedir favores; antes augmentar a riqueza collectiva por o simples effeito da sua actividade individualista.

A economia portugueza se resentirá beneficamente d'este transporte de actividades. que, se não no todo, em parte refluirão para este paiz, a titulo *gratuito,* como pensões, subsidios, ou integral reverten*cia* de redditos lá adquiridos.

D'esta dependencia nos temos valido até agora. Valer-nos-ha ainda?

O que seria se assim não fôsse, hoje que a circulação metallica desappareceu entre nós, stigma d'um depauperamento profundo dos tecidos economicamente connectivos?!

Ora, são já hoje geraes os clamores, que se levantam na presença da angustiosa situação publica, demonstrada pelo crescente aggravamento cambial e testemunhada por mil documentos da atroz miseria de que soffrem as classes populares, sem remedio a seus males nem consolações sequer em suas angustias.

Entretanto, com uma inconsciencia que toca as raias do cynismo mais alvar, poisque proceda e se firme n'uma estupidez fundamental, crassa pela ignorancia e odiosa pela petulancia, os governos proseguem em sua rota triumphal, desde a ominosa data do *ultimatum* inglez, n'uma dictadura permanente, altivos como se marchassem, entre palmas e saudações, sobre a estrada augusta que conduz os vencedores ás consagrações das apotheoses.

Investidos de todas as faculdades; despreoccupados de quaesquer opposições; havendo rasgado, com uma solercia espantosa, cada um sua tira, o codigo essencial das mediocres liberdades constitucionaes,—a responsabilidade, moral, politica e historica, dos dirigentes, de então para cá, é prodigiosa.

Todos, elles se substituiram aos restantes cidadãos portuguezes, afim, diziam, de salvar a nacionalidade, resgatando a patria de calamidades tremendas de que só elles se julgaram, a si mesmos, capazes

de nos livrar. Tão grande confiança parece que, alternativamente, depositaram em seus meritos que não toleraram, nem uns nem outros, conservadores chamados e chamados progressistas, reaccionarios ambos, não toleraram a discussão das suas palavras, nem permittiram o exame dos seus actos.

Armaram-se de poderes draconianos; perseguiram, a torto e a direito, os seus adversarios; allegaram, para justificar arbitrios e abusos, as necessidades implacaveis da gravissima situação do paiz; e, afinal, o que é que fizeram em bem da patria, ameaçada de ruina; que conta darão, no tribunal da historia, da audaciosa temeridade da sua permanente dictadura?

A resposta é triste para elles, poisque attesta a radical nullidade de seus merecimentos. Nenhuma grande medida, rasgada, fecunda e patriotica, procedeu da iniciativa dos successivos ministros, e aos conselhos dos gabinetes successivos presidiu, com lastimosa insistencia, a mais lamentavel de todas as inopias criticas.

Assim, lentamente chegou-se a um ponto desesperado e desesperadôr. Queixa-se a agricultura; lamenta-se o commercio; e geme a industria. Mas as officiosas folhas affectas ás deplorandas situações officiaes ainda teem o desplante de attribuir as culpas ao paiz, accusando-o de assustadiço sem razão nem motivo, e de chimerico em suas pessimistas presumpções que, por ventura, nenhuma rasão tenham de existir.

Todavia, a penuria attingiu os extremos pavorosos em que parece renovarem-se na Europa esses tre-

mendos desastres periodicos das grandes fomes que assignalaram o sombrio pezadello da edade-media.

Suppunha-se que só a Russia offereceria hoje, no extremo oriente, espectaculo tam tragicamente accusador da incapacidade dos governantes.

Mas, no extremo occidente, as populações ruraes de Portugal revindicaram essa abominavel originalidade. Não é só o mugich slavo que succumbe de pura mingua na desolada steppe; aqui, tambem, sob um céu esbrazeado, o camponez alemtejano disputa aos porcos, na morta charneca, os instantes breves que lhe affastem a extrema inanição.

Para que o paiz chegasse a apresentar este panorama de desespero, que acorda impetos de raiva nos corações mais tranquillos, é que nos cercearam quasi todas as liberdades; e esses nefastos ministerios, de janeiro de 90 para cá, pompearam e pompeam na affrontosa gala de nos insultarem com todas as violencias, collectivas ou pessoaes, dissolvendo associações, encarcerando publicistas, prohibindo o que lhes appetece e permittindo, tão só, o que muito bem lhes dá na gana, incoherente e bizarra.

Não só esses governos não pensaram em accudir com remedio idoneo á crise financeira que, desde o negregado emprestimo dando por hypotheca uma garantia especial, a do rendimento dos tabacos, abriu a bancarrota. Mas á crise economica que vem lavrando no paiz, agravaram-a com os seus constantes absurdos tributarios e nepotismos politiqueiros.

Os ministros do interior (do reino) distinguiram-se, então, pela sua faina. O empenho d'elles consistiu em corromper, ainda mais, estes já tam des-

moralisados cidadãos (?) portuguezes. Assim, desenvolveu-se prodigiosamente essa immunda praga da policia secreta, isto em um regimen, aliaz, de paz pôdre, de tranquillidade absoluta e perenne.

Creou-se d'est'arte uma nova fórma de anichar protegidos e alargou-se o favoritismo por um processo, senão novo, pelo menos ainda não systematicamente usado.

Dos protervos gabinetes coevos, um dos males sociaes, de sua obra e gestão, mais perniciosos é, por certo, este. Assim se depravou ainda para peor o caracter nacional, imprimindo pusillanimidade n'uns e villania n'outros. Assim, se apartou o paiz em duas castas de gente, uma de medrosos, outra de espiões. E para esta desgraça, para se obter tão grande calamidade publica, não se olhou a gastos; despendeu-se, despende-se, despender-se-ha (até quando!) com largueza, opulencia e prodigalidade.

Entretanto, os lavradores do Alemtejo sustentam-se de bolota. Mas uma infecta canalha, escoria das escorias, vai cobrando, ás escondidas, pingues honorarios, para cujo pagamento nunca o thesouro se confessa em carencia de recursos; ao contrario.

Ah! Quando bem se considera na degradação a que toda esta sociedade portugueza chegou: sem riqueza, sem credito e sem liberdade; quando se pensa que se vive ou, antes, se vegeta, á mercê, na falta inteira de garantias liberaes; quando se calcula não só quanto distamos dos cidadãos estrangeiros mas até quanto descemos na posição, quer de *relativa* felicidade material quer de relativa dignidade moral, que, ainda assim, apezar de todos os pe-

zares, occupavamos, ha, tão só, coisa d'uma escassa duzia de annos, se muito, antes de se iniciar este feroz movimento de reacção, em cujo apogeu, se, porventura, nos não encontramos hoje, quiçá ámanhã nos encontraremos: quando tudo isto se pondera e medita, uma onda do sangue da vergonha só não tingirá a face d'aquelle que fôr, completa e radicalmente, estanhado!

Quem teria a audacia de acoimar-nos de exaggerado nos conceitos de que derivamos? Haverá quem negue, impiamente, a verdade conhecida por tal?

As tristes provas estão patentes. E o facto é que o clamôr de desgosto é intenso e unanime.

Por isso, desesperando da propria terra, anciadamente se olha, primeiro, para a patria affin. De Portugal repellido Portugal, o Brazil, tambem, o aguarda. Com a Africa, a America absorverá a Europa.

Já o Brazil, official e social, como que suggestionado pelo inconsciente, que o sollicita, começa, intermittentemente, de tornar menos duras as condições moraes de recepção dos adventicios.

Assim, o puro conceito, radical e extreme, do americanismo principia, no Brazil, sem embargo do nacionalismo do *jacobinismo*, de soffrer, d'onde a onde, sensatas restricções. No movimento, accentuou-se, por obediencia doutrinaria, entre os novos criterios, o positivismo.

Em suas *Soluções positivas da politica brazileira*, o dr. Luiz Pereira Barreto, sustentando a eligibilidade dos acatholicos, o que integraria na sociedade brazileira todo o copioso elemento germanico, já

propugnava pela *grande naturalisação*, a qual seria, a seu parecer, o meio de supprimir o problema odioso do commercio a retalho. O monopolio d'este ramo da actividade pelos indigenas, offendendo todas as leis civis de todos os povos cultos, custa a crêr como, em seus *Estudos brazileiros*, um homem illustrado e intelligente, qual o paraense José Verissimo, viesse a consideral-o viavel. Melhórmente o inspirava o positivismo ao dr. Barreto, quando o fazia confessar que tam estrangeiro era no Brazil afinal o brazileiro como o portuguez. Sómente, residia alli ha mais tempo. Nada mais. O commercio a retalho deveria monopolisal-o, pois, o selvagem das ribas do Amazonas.

Felizmente que o preconceito de revindicta nacionalista se vai esbatendo, apezar das odientas e odiosas revivescencias como as dos ultimos mezes, n'um systema de idéas melhormente humanas e rasoaveis. Assim, conforme dissemos, a intuição geral do americanismo cede o passo a uma comprehensão mais vasta e equitativa.

Em ensaio de não mais tarde do que ha dois annos, 1896, e especial, precisamente sobre esse thema de *O espirito americano*, Magalhães de Azeredo reconhece que «a Europa ha-de ter ainda por muito tempo a missão augusta de mestra do universo». E o seu anhelo por que a America se esforce por attingir o ulterior equiparamento com a Europa não representa senão uma convergencia de utilidade incontestanda na cultura geral.

Aos trocos miudos, nos simples problemas de *detalhe*, nos aspectos parcellares de uma questão

ampla e generica, é grato ir vendo a orientação scientifica predominar crescentemente sobre as grosseiras impertinencias d'um nativismo desatremado.

Relevam os estudos de grammatica portugueza — nas columnas da 3.ª serie da *Revista Brazileira* insertos pelo snr. M. Said Ali. Exhibem a transição entre o ponto-de-vista *politico* da pseudo-sciencia de um Paranhos da Silva para uma livre doutrina, independente de antipathias ou sympathias de nacionalidades. Assim, na questão da collocação dos pronomes pessoaes na linguagem corrente, Said Ali, da sua analyse, conclue que a regularidade lusitana é correcta em Portugal; a liberdade de collocação é correcta no Brazil, «conforme (diz) já está sanccionada na linguagem litteraria pelos escriptores brazileiros.»

Ainda ficou atrazado; mas já avançou caminho. Esquece que escriptores brazileiros existem correctissimos a proposito. Ou por sciencia do idioma, conforme Machado de Assiz; ou, por influxo ethnico de procedencia, consoante Varnhagen. A abolição da escravatura e o consequente eliminamento do factor negro, cuja influencia domestica se oblitere e cujo reflexo social se annulle, como corollario, — eis o que ha-de tender a approximar o portuguez-brazileiro do portuguez-portuguez. Então, emancipada de influencias deleterias inferiores a linguagem, é que poderá seguir o seu independente curso, que porventura seja rythmico, consoante o cuida o recentissimo Victor Henry, cuja theoria interpretativa do monosylabismo chinez, á face do exemplo das regressões nas grammaticas do allemão e, com especialidade, do inglez, é

particularmente engenhosa e interessante, contribuindo para resolver a contradicção que já impressionara Quatrefages com respeito ao desconnexo conflicto de superioridade reciproca entre raças e idiomas.

Porém só então. E não só pelo que toca á linguagem, mas ainda pelo que á gente, mesma, respeito diz.

Á lei litteraria, de Sylvio Romero: de que o brazileiro constituiria um typo mestiço, elle mesmo se encarrega de lhe fixar o alcance transitorio, mostrando como o elemento europeu ha-de desembaraçar progressivamente, cada vez melhor, o Brazil social dos elementos caboclo e negro.

Na verdade, um factor de afinamento heterogeneista, de differenciação progressiva existe que reage, sem inquirir por quê, graças a um inconsciente estimulo, contra todos os prejuizos e contra todos os interesses do aggregado politico estabelecido. Esse elemento é a mulher. Ella busca, de preferencia irresistivel, o macho de raça superior; sem o saber, o casamento é um posto de padreação anthropologica; ahi se apura a raça.

Assim, não duram hybridos humanos; assim, se não constituem civilisações mestiças. A convergencia é, sempre. para a raça pura mãe e, de escolha, para a superior. A identidade da linguagem dará a prevalencia, d'entre os brancos, ao portuguez. E a unidade, syncretica, emfim synthetica, para que se marcha, vencerá os attritos que lhe opponha o estupido orgulho antagonico dos portuguezes contra os brazileiros e dos brazileiros contra os portuguezes. É a *mulher* brazileira quem decide a contenda.

Isso, a percuciente perspicacia da trova po-

pular divisou, nas terras de Santa-Cruz, com clareza plena, o cachopo dos rancores tradiccionalistas e sociaes. O refrem, raivoso, grita ao portuguez, que, pela familia constituida, se torna sedentario no Brazil:

*Oh gallego, pé-di-chumbo,*
*Calcanhar di frigideira,*
*Quem ti deu atrevimento*
*Di casar com brázileira?*

Foi ella, a brazileira mesma, quem lhe deu esse atrevimento, que encolerisa. Foi ella, a brazileira mesma, cujo amor, servindo a raça, serve a causa do Brazil.

Tobias Barreto escreveu algures que a brazileira é mais intelligente do que o brazileiro.

A interpretação, oriunda e derivada, não serviria, porém. O caso é outro.

Elle está explicado desde Schopenhauer, em sua *Metaphysik der Geschlechtsliebe,* que, sem embargo, elle tinha, realmente, rasão de considerar como «uma perola».

Abordando o temeroso problema do amor, o mysanthropo mostrou que esta paixão é *especifica,* de sua natureza. O individuo não passa, na verdade, de um instrumento. As gerações presentes tratam, inconscientemente, das gerações vindoiras, ra e rectificadas. É a hypothese do lance.

E d'ess'arte se enxertou Portugal no Brazil. D'ess'arte encetou o Brazil sobre Portugal seu psychico influxo. Hoje, este já se resolveu, até, em factos con-

cretos. Já determinou successos. Já inspirou commettimentos.

A influencia da Nova-Lusitania nos destinos da velha transcendeu, na verdade, da simples região economica; ella se accentuou nos dominios da aspiração social e da pratica politica.

O exito magnificente da mutação, como de scenario de magica, do 15 de Novembro de 1889 despertou o prurido das imitações. Pensou-se possivel a substituição institucional por meio da revolução sem sangue. Assim se produziu o 31 de Janeiro de 1891.

Mas o destecho do tentamen só o póde commemorar o 2 de Novembro de cada anno.

Dobram então os sinos, implorando a piedade dos homens para a lembrança dos seus irmãos já chamados a contas; e o campo-santo touca-se das tristes grinaldas do luto.

A multidão saudosa acode aos cemiterios, em severa visita, cuja pratica, nos ultimos annos, imitativamente tomou dos costumes francezes. Adoptara (sem o conhecer, decerto, aliaz) o conselho que, de volta da sua primeira digressão á capital do mundo civilisado, lhe suggeriu, enternecido do ineffavel encanto da novidade, relatando o que, maravilhado, alli vira, o snr. Ramalho Ortigão, no seu volume *Em Paris*, impresso por 1868.

Pelos mortos, badalam, então, longo, moroso, cavado, fundo, os sinos, chamando-os por um instante á vida, fremente nas doloridas almas que os amaram.

*Pelos* vivos, tambem os campanarios retumbaram, n'aquella fatal madrugada, chamando-os de vez

á morte, gloriosa nos annaes das civicas dedicações.

Sobre a relva rasa choram então os olhos afflictos; tambem n'esse brumoso crepusculo cahiram sobre as cabeças dos combatentes as lagrimas do céu compadecido.

Noite de esperança, noite de angustia, menos caliginosa e turva do que o claro dia subsequente, ensolelhado, em demoniaco sarcasmo.

Noite enfebrecida e cruel, onde o clangôr amarello do rebate, afeiçoando-as, poz nas almas em sobresalto a nota romanesca das catastrophes. Noite densa, noite escura, ai de nós, a noite luminosa e viva.

Noite de sonho, noite de anhelo, em que pelo ar espesso perpassou a candida imagem da liberdade e fulgurou, crepitante, o clarão sagrado do futuro. Noite de pezadello, noite de agonia, em que rangeram os ferrolhos das prisões, avidas da pitança, e o anjo-da-guarda da patria, soluçando, escondeu o rosto, na dôr, desesperada e allucinante, da derrota.

O anjo-da-guarda da patria! Da patria? Sem ella não podemos subsistir, na verdade. Mas será esta bem a nossa?

Assim como se não póde viver sem pão, diz o poeta que tambem se não póde viver sem patria.

Porém entendamo-nos: — a Patria não é uma zona qualquer onde accidentalmente nascessemos, povoada por gente que comnosco não participe idéas e sentimentos, que ria da nossa afflicção e rejubile com a nossa desdita. Um homem não está preso pelo pé ao humus como uma hortaliça, e a terra d'onde proveio é-lhe bem indifferente, se essa leira, dura e in-

grata, nem sequer se deixa infiltrar de suas corrosivas lagrimas.

A Patria é um principio de solidariedade collectiva. A Patria é uma religião. Ora, se no templo não temos ingresso, consoante no campo não soffrem que construamos a tenda, sômos, evidentemente, de mais. A hostilidade moral expulsa os que escapem á intimação economica de prompto despejo. Para outros é que luz o sol; escorraçados como leprosos infectos, mendigos moraes, teremos de deitar a sacola aos hombros, volver as costas, partir.

Nós, republicanos, estamos hoje, na sociedade portugueza legal, proximamente como n'ella se achavam os christãos-novos no seculo XVII. Curiosa contradicção, que a nossa pusillanimidade explica. Constituimos, de secção consciente, a maioria, e não temos direitos; sômos provisoriamente permittidos, por tolerancia e como que por caridade. Mas não fallaremos, não escreveremos, não nos associaremos, sob pena de purgarmos na cadeia o delicto de possuir sangue na cabeça para conceber idéas, sangue no coração para as propagandear.

Com a pressão governativa em cima de nós; á nossa roda com a indifferença bésta de certa parte do publico e a covardia morbida d'outra parte: a situação, dia a dia, tinha de ser para cada triste diabo de jacobino (o qual ingenuamente viu irmãos em conterraneos, dos quaes uns se converteram em algozes crueis, outros em gelados espectadores do supplicio inflingido) tinha de ser, para esse macillento, *chimerico* jacobino, a situação moral, dia a dia, mais precaria e insupportavel e humilhante e absurda.

Como quem d'um sonho de felicidade primaveril despertasse na algidez das catacumbas, peza-nos, de ha muito, sobre a consciencia (que deveria ser autonoma, de cidadão livre) peza-nos uma abobada salitrosa, em cujo reconcavo esvoaça a aza immensa e negra da morte.

Urge irromper, por vida nossa!, da masmorra hedionda em que começou a agonia do nosso espirito. Na tarefa periodistica, já descendo alguns dos immundos degraus d'uma escadaria lugubre, rojamos a dignidade do pensamento, esquivando-o, afrouxando-o, reduzindo um pharol oceanico ao bruxulear supplicante d'uma lamparina de alcova. Degradamo-nos n'esta ingloria faina; envilecemos, sem o suspeitarmos, sequer, que não, bofé, por o querermos; talvez já tenhamos sido abjectos sem dar por isso; prostituimos o talento e, coactos, perdendo mesmo no simples renome de escriptores, a nossa prosa abastarda-se, deroga no tom, empallidece, murcha, como um jasmim aos effluvios d'uma cloaca; sem liberdade, somos os castrados do ideal.

Assim — não, não, não!

Não é uma facha de terra, ingrata e dura, que nem sequer tolera que se lhe infiltrem suas lagrimas, a patria do judeu, até hoje disperso aos quatro cantos do mundo. Seus filhos, amamentados na dôr, batidos do vendaval furioso, no recesso do coração erguem o altar sublime, que não demanda pedra, que não requer paramentos, que o incenso não perfuma, mas d'onde se evola até á Providencia o hosanna, prolifico de bençãos. *De profundis clamavi ad te, Domine!*

Não tinham patria os protestantes que Luiz XIV acossava da França; não tinham patria os hereticos sobre cuja tremula cerviz São Domingos arrancara do fanatico gladio da sua Inquisição; não tiveram patria os crentes jámais, os dedicados, os innovadores, os homens de progresso e de justiça jámais.

Que muito que a não tivessemos nós agora tambem? Que muito, quando nos não aconteça senão reatar uma tradição de honra e dignidade e benemerencia para o paiz?

Ainda não correu mais de meio seculo depois que portuguezes, de tão acrysolada fé como a que nos sutura, fôram expiar na vermina de Plymouth o haverem imaginado para a sua terra uma éra de ordem, de trabalho, de prosperidade.

Geração fatal, o insondavel destino não nos concede o pousio dos periodos, por isso normaes. Alguem determinou que proclamassemos um credo novo; que alarmassemos os interesses illegitimos; que fôssemos a esperança dos opprimidos; que nos sacrificassemos pela redempção alheia; e que nos punisse na civica virtude, na abnegação e na lealdade todo um mundo a que trouxeramos o verbo do resgate.

É a velha historia, que paira no azul, quando o combatente se chama John Brown e salda, pelos negros, no triangulo da forca; que topeta no céu, quando ao lidador (ungindo-o da fé e da esperança) lhe chamam o Christo e paga pela humanidade inteira, na vertical da cruz.

*Alguem* o determinou, sim; mas esse alguem é

A severa sentença não nos faz, todavia, sossobrar. Que importa?

*Ubi libertas ibi patria;* onde a liberdade, ahi a patria.

Onde o pensamento não esteja á mercê; onde á segurança não a sobresalte a suspeição; onde o organismo moral possa, sem attritos, expandir-se; onde a palavra escripta não sirva de antecamara ao ergastulo; onde não seja crime vulgarisar opiniões; onde uma atmosphera de sympathia intelligente vivifique o espirito individual: — ahi é que está a patria. N'outra parte, nunca!

O nativo d'um paiz de tyrannia, se revindica os direitos ingenitos, não lhe pertence, porque na cidade do despotismo ha sómente famulos. Estrangeiro na sua nação, o homem de caracter é, n'esses momentos, como se nado fôra nas terras da liberdade. O exilio não o apavora, porque prefira ser um cidadão faminto a um escravo gordo.

Mas para quê? Não haverá necessidade, ainda, de tal. Não bateu quiçá a hora irreversivel.

*Faciamus hominem. Faciamum patriam.* Á deusa sobranceira, ainda a invoquemos; confiados ainda:

— Oh Liberdade, virgem-mãe! Apieda-te dos teus pobres filhos. Bronzea-lhes o peito; tempera-os na hora da provação, que vai longa; tempera-os no instante do martyrio, que talvez vem breve. Modera-os e ennobrece-os no minuto do triumpho. Não desvies d'elles teus olhos. Que as dobras da tua bandeira sacrosanta os cubram e incitem, se é necessario combater; que ella lhes sirva de mortalha, se é necessario morrer! —

Novamente; como a essa luzida vanguarda que já cahiu.

Na quietude libertadora dos cemiterios repousam agora os vencidos, menos mortos, pois que a historia os consagra, do que os vivos que aguardem os vilipendios das gerações vindoiras, que seu egoismo e sua covardia sacrificam. No descontentamento de si proprios, arrastam, os que vão vegetando, a incomportavel grilheta que chumba, nos corações timoratos e frios, a inexoravel severidade da consciencia, incorruptivel e insubornavel juiz.

Das campas ascende o effluvio da magnanimidade, que espiritualisa o pus, e nas faces descarnadas dos cadaveres paira o sorriso, mysterioso e sublime, que divinisa os heroes. Mas cerram-se os labios dos vivos, como que sepulchros ambulantes, a dentro dos quaes, consoante os do Evangelho, só habitam a podridão e o negrume.

Decerto que vivem a vida superior, a unica propria do sêr consciente, aquelles que, na caracteristica, profunda palavra do poeta, por obras valorosas, sadias e puras, se vão libertando da lei da morte. Assim os que legaram lição e exemplo; assim os que conformaram, até o desinteresse radical e extreme, as suas idéas com os seus actos; assim os que, pela abnegação, demonstraram a sinceridade exacta e a lealdade perfeita.

Entretanto, prostrados e abatidos, capitulando sem pelejar, fazemo-nos surdos, porque não queremos ouvir; e cegos nos fazemos porque teimamos *em não* vêr.

Forcejamos por nos estontear com testarolas so-

bre festejos; esturdiamos; dansamos; rimos ás gargalhadas. Qual o desgraçado que um cancro roe ou uma decepção acabrunha, e que nos venenosos vapores do alcool busca a ephemera illusão d'um esquecimento vingativo.

Bem sabemos; bem calculamos; bem conhecemos que estamos perdidos, se nos não dispuzermos ao arranque d'um impeto salvadôr.

Mas uma atonia desorganisante impossibilita-nos, paralysa-nos na polé da tortura. Comprehendemos, mas não queremos. O mal não é da intelligencia; é da vontade. Nós não podemos querer; santo Deus!, nós não podemos querer. E, assim, não sabemos viver nem sabemos morrer. É atroz.

D'est'arte, a propaganda resulta quasi esteril, porque as convicções estão feitas, mas os animos é que não estão dispostos. Covardes, covardes que sômos!

Em sua allegoria a antiguidade classica representou altivamente a emergencia do pensamento — fazendo brotar da fronte do pae dos deuses Minerva-armada. A idéa, porém, nas gentes apalpadas pelo castigo, nasce escrophulosa e coxa, envolta nas faxas fetidas de medicamentosos pensos. Sabe a insipido; mas cheira a iodoformio. Engulha.

Não é a *idéa* que Hegel viu, com assombro, a dominar o mundo; periclitante, ella, essa pseudo-idéa arrasta, viscosa lesma: não força as intelligencias; não reconstitue os caracteres; antes, estes veem dotados, naturalmente, de um azedume esteril, que se irrita em aggressões contra aquelles que insistam na exhibição das desgostantes verdades. Amua-se;

acceita-se a abjecção; preferem-se as acquiescencias vergonhosas, mas não se quer que nos mostrem a propria indignidade; afflige-nos que nos incitem á acção, mansos e quietos, já costumados, no esterquilinio. Porém, por que sejamos assim, tam mediocres, tam insusceptiveis, tam aviltados, tam pobres e tam frouxos, — não é razão para que nol-o digam. Ah o indiscreto, o inconveniente, o mal-educado que, nos flagella com a nossa mesma conducta e nos adverte d'aquillo precisamente de que nós repudiamos as admoestações!

Será indefinidamente á laia? Deixem-nos não o crêr. Deixem que nos inspiremos de certa maxima que um tam poderoso conhecedor das fluctuações historicas, como Alexandre Herculano, deixou registrada, para consôlo dos que lograram a desdita de apparecer em epochas, congeneres, de relaxado indifferentismo. Elle profundou o sentido logico dos acontecimentos; elle esmerilhou-os com escrupulo. Julgamos assim, ao menos.

Tobias Barreto, no Brazil, julga-o indigno, é certo, da camaradagem de Ranke. Mas Morse Stephen, na Inglaterra, entende que «the modern school of historians, which derived its first impulsion from Niebuhr and Ranke, found a brilliant representative in Alexandre Herculano.» Comparando-o com Schaefer, não decide como Tobias Barreto; ao contrario, exactamente. Diz: «Herculano undoubtedly owed much to Heinrich Schäfer...; but he went much further than Schäfer.»

Ora, do seu longo, acurado, indefesso exame, *Herculano* extrahiu conclusões praticas, como regra

de conducta e alento dos animos. Por isso, professou, á luz de multiplo exemplo, que «ainda no cairel do vortice, uma crise oppurtuna póde fazer d'um povo extincto uma grande nação.

Nós mesmos o verificamos repetidas vezes: com o advento do ramo de Aviz; em 1640; nos muros de Tolosa; quando, no memoravel dia d'agosto de 1820, formaram em quadrado os regimentos insurrectos a meio do campo de Santo Ovidio; sobre as linhas do Porto, promettido a saque pela realeza tradiccional.

Portanto, *sursum corda!* Aprendamos a proceder. Aproveitemos, para as civicas exhortações, todos os ensejos. Bem como, a todas as datas, as aproveitemos, ainda áquellas dedicadas ás piedosas invocações. Recordemos, então e sempre, os nossos heroes obscuros, os nossos inolvidados martyres; para que a grande sombra dos seus espectros queridos povôe d'uma indignada nobreza o terreno safaro onde se remexe o inquieto chatinismo das nossas mesquinhas preoccupações.

Que as lapides funerarias sejam inscripções votivas; que a melancholia dos cyprestes se transmude, a dentro das imaginações, no fragrante jubilo das accacias que enfloram os jardins de Academus. Em seus penetraes, venham, logo, as novas gerações adquirir os fortificantes themas d'uma philosophia varonil.

«Isto dá vontade de morrer»? Vibra certo o pungente grito? Teria rasão o pessimismo final do nosso hirsuto solitario?

Pois bem. Que a morte nos ensine a vida e que os tumulos fiquem livro aberto.

*Mors liberatrix?* Não. *Mors-vita.*

De certo. Seguramente.

Porque, na vida dos povos, como na dos individuos, surgem instantes providenciaes, quando os proprios interessados menos os esperam e nada os presumem, os quaes os alevantam da dôr curtida, e do abatimento, supposto inexoravel, os redimem. Propellem-os, esses momentos salvadores, em caminho novo, que lhes ha-de premiar os esforços pelo explendôr da sancção das victorias.

O jesuitico tentamen do trespasse definitivo, sob disfarçada fórma, como acabou de nol-o prevenir o *Figaro,* ou mesmo *crânement* ás claras, a alienação, por qualquer maneira, de Lourenço Marques será o desfecho, conforme foi o preludio em 1881? Á maneira da Grecia, o *contrôle* financeiro vingará vencêr a sopitante modorra?

Por que será? Como será?

Seja por que fôr e como quer que seja, o certo é que uma lei de justiça governa o orbe moral, consoante, egualmente, uma força de attracção regularisa, outrosim, o mundo planetario. É impossivel que em definitivo a força sobrepuje o direito; e que a virtude civica seja de eterno o escarneo dos infames. Para o azulado dos céus acabariam por se erguer maldições, quando, desde a candidez (diminuida, aliaz, por o renovador Bergaigne), desde a, mitigada, candidez do Hepta-Sindu, a humanidade encontrou, na sua consciencia e na observação da correspondente analogia objectiva, motivos para entoar *psalmos* e hymnos como essas maravilhosas endeixas *que,* reveladas á Europa culta, fazem a magnificen-

cia ingenua do primeiro dos quatro livros santos dos *Vedas*.

Todas as aspirações de verdade, todos os anceios de equidade, as reclamações do animo afflicto, as furias da miseria impotente, a necessidade suprema da harmonia progressiva e da concordia civilisante, em cada momento da humana evolução se concretisam n'uma palavra symbolica e synthetica, poisque toda a causa, doutrinaria e pratica, careça d'uma formula typica. Sobre qualquer legião combatente urge que fluctuem as divisas legendas d'um estandarte definido.

N'este instante do nosso lusitano desenvolvimento collectivo, o mote reveladôr está encontrado. Tam manifesto e evidente elle se antolha que os proprios estranhos que de nós, eventualmente (consoante ha dois annos a imprensa italiana), de fugida, se occupam, o descortinam tambem. A imprensa italiana, ha dois annos. Ha dois dias, no periodismo hespanhol, Alfredo Vicenti. No jornalismo francez, Paul Ginisty.

O lemma enxerga-se ostensivo.

É elle o da Republica, esperança final, cujo aborto significaria indefectivelmente a morte da nacionalidade.

Se ella não succumbir antes do advento da republica; se politicamente não terminar ás mãos d'uma, mais que fiscal, administração estrangeira, longe de provocar a insurreição, acceite, com infamia de clero, nobreza e povo; acatada pelo rei e pela grey; obedecida pelo exercito e pela marinha.

Para que tal monstruosidade não seja, é preciso

que a Republica seja. A Republica é, pois, o recurso *in extremis*. Não ha outro.

Ou volveriamos ao absolutismo, pelo principio de que o bom filho a casa torna? Mas, em nossa gandaia constitucionalista fômos mais que o filho prodigo, fômos o filho indecente e relaxado. Da bandalheira passada, só rigorosa provação nos limpará. E, purificados, carecem os nossos pulmões de ar oxygenado e livre. Na parca atmosphera viciada da legitimidade, asphyxiariamos.

A Republica não é, portanto, já uma utopia de sectaristas terrenhos, de puritanos, absorvidos pela logica dura de principios, hierarchicamente, dialecticos. A Republica é hoje a aspiração final, a expressão da angustia commum, o esforço ultimo do moribundo que appella para o remedio extreme, cuja, unica, synergia o poderá, só, soerguer do miserando catre. Eis o (derradeiro) estimulo por que se affirme essa virtude curativa da natureza, transposto o esforço do inconsciente para os dominios da historia, a guiar a therapeutica social, a corrigir a pathologia collectiva. Assim, sob teleologico criterio, se demonstre o optimismo immanente, que não logrou vencer a desesperança irreductivel de Hartmann, já professando em 1869, se antes de Sédan depois de Sadowa, morbida tendencia da raça, submissa, musical, enlanguecida e lagrimejante. O caracter activo da gente latina, fundadora do direito, romanamente politica, de sua condição structural, grave-se, uma vez mais, em *contraste*, com pujante relevo, como cumpre e é, *não indispensavel*, mas sim urgente. Funde-se, pois, *a Republica*.

O critico fluminense da *Patria*, por Guerra Junqueiro, ri, comtudo, do republicanismo portuguez, poisque elle seja ainda um messianismo sebastianista. «O D. Sebastião agora chama-se Republica, não como um resultante da evolução historica, uma necessidade social, mas como um remedio magico, uma formula mystica.» Como se todas as raças não tivessem tido, não tenham o seu D. Sebastião! Como se a Republica não houvesse sido, ha meia duzia de annos, o D. Sebastião da lépida e intrepida cariocada do Rio! Sua combatividade deveria servir, aliaz, de exemplo á sufficiencia infundada dos que, finando-se de susto, teem o topete de chamar *bananas* aos brazileiros, por sua supposta molleza. Os factos se encarregam de pôr em destaque a bravura de populações que se batem com encarniçada furia; frequentemente, mesmo, com a ferocidade peculiar ao aborigene de cujo sangue gira a percentagem de uns tantos havos em suas cobreadas veias. Confessemol-o: os *bananas* sômos nós, abundosos de arremettidas e feros, mas cuja leiva ainda não conseguiu parir um maréchal Deodoro e um almirante Vandenkolk. Por isso, calocio. Até vêr. Prudentemente. Circumspectamente. Não obstante, tambem, por sua banda, os criticos brazileiros leve se precipitem em suas temerarias presumpções. Assim, não julguem que a Republica em Portugal seja um artificio mystico de cerebros ardidos, sem raizes naturaes e espontaneas. Não. Ao contrario.

Não. O motivo da aspiração rebenta de profundo.

Parece, na verdade, que é demasiado; a todas as almas bem nascidas affigura-se affrontosa uma insen-

sata farandola similhante á actual, cujo cynismo apenas encobre a structiva imbecilidade. Indefinidamente, tyrannia no interior, humilhações no exterior; indefinidamente, a involuntaria insolencia inaproveitada dos exemplos nobres lá-de-fóra — dos quaes o mais deprimente foi o que archivou a vexante lição, á nossa prosapia educativa e iniciadora, inflingida pela, em geral, inesperada e surprehendente, pois, iniciativa do Brazil. Inaproveitados e inuteis, estereis e infecundos, tantos e tantos: termina por cançar.

Dado mesmo que longamente se demorasse o *resto* — que está á porta.

Ora, tão baixo desceriamos que não possamos reassumir jámais, se não uma posição gloriosa e dominante, pelo menos uma situação meritoria e digna — eis o que, no fim, seja intoleravel. Não declamemos, monotonamente, ácerca de passados triumphos; aprendamos a proceder de modo a habilitar-nos a que de nós mesmos com honra se falle.

Respeitemo-nos, que nos respeitarão. No intimo, determinemo-nos, que conseguiremos victoria, ainda que remota; obteremos triumpho integral, ainda que longinquo, reconstruindo-nos, porém, recompondo-nos e galardoando-nos, elle, com nova actividade remuneradora e remunerada. Assim se haja de coròar o intemerato dos esforços sinceros.

*Sursum corda! Haut-les-cœurs!*

Rompamos com os maus habitos; calquemos aos pés, em vergonha e em furia, as tradições enervantes; reorganise-se o nosso sêr subjectivo; façamos sacrificio e remodelemo-nos na eschola terrivel onde se reeduque quem abandonado, revoltoso e colerico,

das illusões. Aprendamos a ser outros; que um futuro amplo e radiante nos compensará da momentanea, ou mesmo longa, agonia que nos perturbe e dilacere. Mal acabemos de rasgar as entranhas, ficaremos em paz comnosco mesmo. Palavra cruel, palavra divina. Se tanto á tradição queiramos;—que não ha, na verdade, de quê. Eis, comtudo, estranha realidade essa a do fascinado deslumbramento da victima. Ella beija, grata, a mão do algoz.

Mas haja força. Rompamos. Rompamos com a tyrannia, com a traição, com o egoismo. Reconheçamos o amor, prezemos a amizade; porém extirpem-se os parasitismos; porém reajamos contra a preguiça, contra os nossos vicios proprios. Castiguemo-nos. Que venceremos. Nobilitemos os outros; nobilitar-nos-hemos a nós. Elevemos e elevemo-nos. Saibamos aprender e saibamos ensinar. Vida nova—para todos.

*Sursum corda! Haut-les-cœurs!*

Confiança e trabalho. Paciencia e persistencia. Que o nosso orgulho seja feito de humildade e a humildade se amasse na dignidade reciproca.

Deus nos não abandonará. Elle nos veja e nos julgue; misericordiosamente nos ajudaria sua graça.

Ha, para o impio duvidoso, ovante exemplo.

É, até, a recuperadôra honra da França contemporanea.

Batida, derrotada, vilipendiada e escarnecida; com a sua capital profanada pela invasão do inimigo secular; rebentando na avenida do Grande-Exercito os estrepitos sabios da marcha que á victoria sagrou o genio de Wagner; desfilando, cautelosamente, aliaz, desconfiados, de resto, os uniformes pardos dos ca-

beças-quadradas pelas beiras do entaipado Arco-do-Triumpho, caricatura grotesca da apotheose que, certo, fez sorrir de desdem as mascaras tragicas dos grupos de Rude; retalhado seu mappa; exhaustos os cofres do Estado: — eil-a, essa França, inicial e promotora, de pé e respeitavel, á sombra e sob a egide do systema politico que ella teve o méro bom-senso de preferir, para sua recomposição preliminar e para seu ultimo remodelamento.

Os povos disse alguem que só se resignavam á verdade depois de haverem esgotado todas as forças do erro.

Mas nós, pobres portuguezes, vimos fatigando a paciencia do destino, poisque de bom grado esgotemos as fezes do calice immundo.

O tripudio é já hoje excedente.

Demais tem fervido o sol para a canalha.

Principia a ser tarde. Logar emfim, logar para os homens de bem.

Revindiquemol-o, aqui mesmo? O revindicamos, sim, — poisque de necessidade urgisse que encerrassemos idoneamente estas paginas especiaes.

Discorrendo do Brazil, d'um paiz novo fallamos; e, discreteando a proposito de gerações tocadas da aspiração (parcellarmente realisada), com a effectividade da fé, no acto se consummando, incorremos.

Que este livro terminasse, pois, já não com uma palavra de esperança, mas sim com um grito de combate — era mais que um direito, era um dever.

Retiramo-nos satisfeito. Cumprimol-o.

FIM

# INDICE


| | Pag. |
|---|---|
| Nota preambular . . . . . | v |
| Advertencia expositiva . . . . . | vii |
| I — Introducção . . . . . | 1 |
| II — O positivismo . . . . . | 101 |
| III — O monismo . . . . . | 299 |
| IV — Conclusão . . . . . | 389 |

## WENCESLAU DE MORAES

*Vida Japoneza*, br. 800, enc. . . 1$000

## THOMAZ RIBEIRO

*D. Jayme*, ed. completa, broch. 800, enc. . . . . 1$000
*D. Jayme*, edição popular, br. 400, enc. . . . . 600
*Sons que passam*, br. 600, enc. 800
*Delfina do Mal*, br. 800, enc. . 1$000
*Vesperas*, br. 1$000, enc.. . . 1$300
*Dissonancias*, br. 600, enc. . . 800

## ALFREDO DE MESQUITA

*De cara alegre*, br. . . . . 500

## SILVA PINTO

*De Palanque*, br.. . . . . 600

## REBELLO DA SILVA

*Mocidade de D. João V*, 3 vol. . 1$500

## LUIZ DE MAGALHÃES

*Brazileiro Soares*, romance, br. 700
*Cantos do estio e outomno*, br. 500

## FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

*Poesias*, br. . . . . 1$000
*Novas Poesias*, br. . . . . 1$000
*Poesias Posthumas*, br. . . . . 1$000

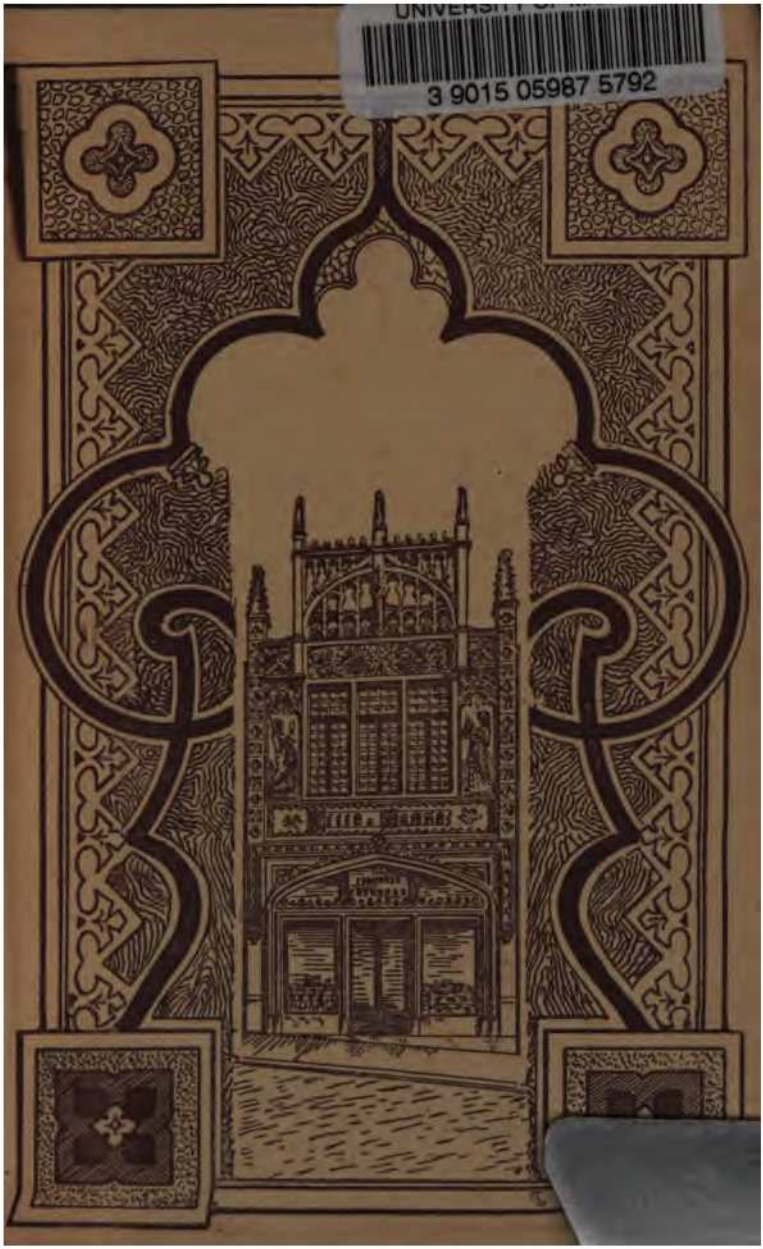
## JOÃO DE LEMOS

*Cancioneiro*, br. . . . . 600
*Serões d'Aldeia*, br. . . . . 600

## LUIZ A. PALMEIRIM

*Galeria de figuras portuguezas*, b. 800

## VISCONDE DE BENALCANFOR

*Na Italia*, br. . . . . 500
*Phantasias e escriptores*, br. . . 500
*De Lisboa ao Cairo*, br. . . . 600

UNIVERSITY
3 9015 05987 5792